



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

CHRISTINE DA SILVA PINHEIRO

**CONCORDÂNCIA NAS SENTENÇAS
COPULARES SEM CÓPULA EXPRESSA:
DOIS CAMINHOS.**

CAMPINAS
2023

CHRISTINE DA SILVA PINHEIRO

**CONCORDÂNCIA NAS SENTENÇAS
COPULARES SEM CÓPULA EXPRESSA:
DOIS CAMINHOS.**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de Campinas
como parte dos requisitos exigidos para obtenção
do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Lazzarini Cyrino.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA CHRISTINE
DA SILVA PINHEIRO. É ORIENTADA PELA PROF.^a DR.^a SONIA MARIA LAZZARINI CYRINO

**CAMPINAS
2023**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

P655c Pinheiro, Christine da Silva, 1980-
Concordância nas sentenças copulares sem cópula expressa : dois caminhos / Christine da Silva Pinheiro. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Sonia Maria Lazzarini Cyrino.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua Portuguesa - Concordâncias. 2. Genericidade (Linguística). 3. Sentenças copulares. 4. Small clauses livres (SCLs). 5. Discordância de gênero (Linguística). 6. Gramática comparada e geral - Gênero. 7. Língua Portuguesa - Concordância de gênero. I. Cyrino, Sonia Maria Lazzarini, 1957-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Agreement in copular sentences without visible copulas : two paths

Palavras-chave em inglês:

Portuguese language - Agreement

Genericalness (Linguistics)

Copular sentences

Free Small Clauses (FSCs)

Gender mismatch (Linguistics)

Grammar, Comparative and general - Gender

Portuguese language - Gender agreement

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora:

Aquiles Tesconi Neto

Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais

Patrícia de Araujo Rodrigues

Marcelo Amorim Sibaldo

Data de defesa: 21-11-2023

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4022-1724>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0087338463644967>



BANCA EXAMINADORA:

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Aquiles Tescari Neto

Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais

Patricia de Araujo Rodrigues

Marcelo Amorim Sibaldo

**IEL/UNICAMP
2023**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Dedicatória

Dedico esta teste à Providência Divina e todo suporte D'Elas recebido, a minha Mãe do Céu e a minha Mãe terrena, Irene, fundamentais no suporte dessa complexa e nada linear jornada. Ao meu pai, José Pinheiro (*in memoriam*), que infelizmente não pode ver a conclusão deste trabalho e a minha tia/ madrinha Nydia Pinheiro (*in memoriam*) que também não soube desta conquista, mas sempre incentivou minha jornada acadêmica.

Agradecimentos

Não há como contemplar em um pequeno espaço toda o auxílio, apoio e condução que nos levam à conclusão de um trabalho de grande porte, sem deixar de cometer algumas injustiças por limitação de memória e espaço. Nesse caso, já adianto as minhas desculpas àqueles(as) que, por limitações da minha memória no momento da redação desses agradecimentos, acabei esquecendo de mencionar literalmente. Saibam que têm também minha gratidão e reconhecimento!

Começemos pelos companheiros dessa —LONGA!— jornada acadêmica.

Em primeiro lugar àquela sem a qual não teria chegado a esse ponto: minha orientadora, Prof^a Dr^a Sonia Cyrino. Sem sua enorme paciência em minha orientar, corrigir, aguardar, confiar e, por vezes, acalmar, certamente não teria conseguido chegar a esta tese. Sua experiência, calma e orientação foram fundamentais para me auxiliar na ordenação do(s) caos que, por vezes, tomou conta da minha trajetória (tanto no sentido figurado como literal!).

Em segundo lugar, àquele que sempre esteve presente desde o início da trajetória da Pós-Graduação: Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto. Quero deixar o meu agradecimento mais que especial por ter encontrado essa pessoa inigualável em meu caminho. Suas palavras, seu apoio, conversas de WhatsApp e risadas foram fundamentais nessa minha jornada. Vou precisar repetir, aqui, o que já tinha mencionado na Dissertação: “Agradeço muito a Deus por ter te colocado em diversos momentos no meu caminho” e complemento não sei se teria retornado ou chegado ao final da jornada sem seu constante incentivo e suas palavras carinhosas. Não tenho palavras para agradecer. Você é uma pessoa e tanto e merece muito sucesso e reconhecimento!

Por falar em incentivo, fundamental também agradecer a dois ícones dessa área que despertaram meu interesse pela pesquisa gerativista: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes e Prof^a Dr^a Mary Aizawa Kato. Prof. Dr. Jairo Nunes que, ainda na minha graduação, causou um verdadeiro encantamento pela teoria gerativista e suas árvores. Prof^a Dr^a Mary Kato que tão generosamente me apresentou seu *paper* ainda não publicado sobre SCLs. A leitura daquele material ficou

ecoando em minha cabeça e “abriu” meus ouvidos para reparar que também se falava aquilo sem concordância!

Um agradecimento também mais do que especial àqueles que dispuseram muito do seu precioso e escasso tempo para participar das bancas de qualificação e de defesa, contribuindo para a melhoria do trabalho e para uma riquíssima discussão acadêmica que certamente acrescentou muito em minha formação: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo, Prof.^a Dr.^a Patrícia de Araújo Rodrigues, Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Torres Morais, Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto, Prof. Dr. Maurício Sartori Resende, Prof.^a Dr.^a Luana de Conto e Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar. Agradeço imensamente também a todos/todas professores que participaram do debate do trabalho em alguma instância em que foi apresentado no congresso. Os *feedbacks* foram bem importantes para chegar à versão que apresento hoje desta tese.

A todos/todas docentes do IEL que tiveram papel fundamental na minha formação e, certamente, se fosse nomear um a um, cometeria grandes injustiças.

Aos colegas que estiveram junto na minha longa formação, por esses anos, agradeço a companhia e as trocas sempre ricas, alegres e produtivas. Eu sempre acho que o IEL tem os/as estudantes mais animados, simpáticos, acolhedores e gentis...rs

Quero destacar uma iniciativa (que virou até mais de uma) e que, para mim, além de uma grande ideia, criou uma parceria incrível de “meninas” fortes e empoderadas na sintaxe. Meninas, agradeço muito a vocês e espero poder continuar compartilhando do Gem-Phi. Que esse grupo cresça e produza muitos frutos. Foi muito especial poder contar com todas vocês. Muito agradecida à Aline Pires (a primeira a me chamar para o grupo e me socorrer nos B.O.s acadêmicos), Giovana, Juliana Vignado, Raíssa Santana, Raquel, Letícia, Thuany e Willi Coroa. Vocês são incríveis, meninas! Que oportunidade fantástica podermos contar com nosso grupo sobretudo durante a pandemia! Um viva e vida longa ao grupo!

Aos funcionários do IEL, em especial ao Cláudio, ao Miguel, à Raiça e a Rosemeire a quem dei bastante trabalho em uma trajetória bem incomum. Muito muito obrigada pela paciência, pela competência e pela gentileza de sempre!

À instituição onde trabalho, a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em especial à Pró-Reitoria de Graduação (ProGrad), que concedeu algumas parcelas de afastamento legal para que pudesse conduzir meu trabalho e pesquisa e a todos(as) que me substituíram nesse tempo assim como às diversas chefias que se mostraram compreensíveis com o processo: meu muito obrigada!

Por fim, deixo registrado aqui também a importância do apoio, parceria e força da minha mãe Irene Pinheiro, sem a qual eu também não sei se teria tido força para seguir com os tropeços do

caminho. E sem sombra de dúvidas, aqueles que infelizmente não estão mais presentes, mas sempre torceram e fizeram de tudo para que eu mantivesse minha caminhada no conhecimento e minhas conquistas: meu pai José Pinheiro (*in memoriam*) e minha tia/madrinha Nydia Pinheiro (*in memoriam*). Espero que vocês estejam comemorando onde quer que estejam! Vocês sempre estiveram em minhas lembranças em todo esse complexo processo!

Resumo

No paradigma das ausências de concordância de gênero no Português Brasileiro (PB), para além das variações dialetais específicas, há registro de apenas um tipo de sentença copular denominado de sentença “panqueca”. Usando, como metodologia para julgamento das sentenças, a intuição do falante, seguindo a práxis da Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa e tomando, em especial, o *framework* Minimalista (Chomsky, 1993, 1995, 1998, 1999), identifiquei, nesta tese, outra construção no português brasileiro (PB) que exibe um modelo similar de concordância de gênero: as *small clauses* livres (doravante, SCLs). Uma SCL é uma sentença exclamativa em que o predicado é “fronteado” para a posição inicial e não há a presença de um elemento copular visível. Na presença de um sujeito com gênero marcado, por exemplo, o feminino — indicado pelo morfema *-a* — as SCLs podem exibir tanto um predicado com gênero marcado como sem gênero marcado. Não há pesquisas científicas suficientes, no entanto, que mostrem, em SCLs, a existência dessa possibilidade de haver um predicado com uma forma não marcada, mesmo na presença de um sujeito com forma marcada (feminino). As SCLs com um marcador de gênero feminino no predicado serão referidas, nesta tese, como “SCLs com concordância” por simplicidade, enquanto as SCLs sem um marcador de gênero feminino no predicado serão referidas como “SCLs sem concordância”. SCLs sem concordância podem ter sujeito nulo ou sujeito indeterminado, enquanto SCLs com concordância, não. SCLs sem concordância possuem leitura coletiva quando há conjunção de sujeito, mas SCLs com concordância possuem leitura distributiva no mesmo ambiente. Além disso, existem leituras distintas entre SCLs sem concordância e SCLs com concordância em diversos ambientes (elipse, partitividade, coordenação e outros). Esses comportamentos distintos entre SCLs com concordância e SCLs sem concordância levaram-me a propor estruturas diferentes para cada tipo de SCL. SCLs sem concordância possuem um elemento interveniente entre o sujeito e o predicado com o qual concorda. Proponho que este elemento seja um pronome nulo, semelhante a um pronome resumptivo. Esse pronome nulo equivaleria ao pronome neutro ‘*isso*’ em português e funcionaria como um hiperônimo ou nome geral ligado ao sujeito da frase, com o qual formaria uma cadeia. Tal pronome não apenas permitiria a genericidade, mas também seria um operador que poderia selecionar espécies, ocorrências específicas ou situações, dependendo do contexto. As leituras de situação são a principal, mas não a única, relação estabelecida entre sentenças “panqueca” e SCLs neste trabalho. No contexto do paradigma maior de discordância, a estrutura proposta para a SCL também tem a vantagem de introduzir um fenômeno paralelo ao descoberto em francês por Martin, Carvalho e Alexiadou (2020) ao paradigma das discordâncias. O pronome nulo proposto para as SCLs sem concordância do PB funcionaria como um operador coberto paralelo ao ‘*ce*’ do francês, que, segundo Martins e colegas, serviria como um operador aberto de generalidade.

Palavras-Chave: *small clauses* livres, concordância de gênero, discordância de gênero, leitura situacional, operador de genericidade.

Abstract

In Brazilian Portuguese (BP), beyond dialect-specific variations, the paradigm of gender mismatch includes only a type of copular sentence known as “pancake” sentences. Employing the data analysis methodology grounded in the speaker’s intuition, following the *praxis* guide of the Theory of Principles and Parameters of Generative Grammar, particularly within the Minimalist framework (Chomsky, 1993, 1995, 1998, 1999), I identified, in this dissertation, another construction in Brazilian Portuguese (BP) that exhibits a similar pattern of gender agreement: the free small clauses, hereafter referred to as FSC or SCL in BP. This construction is an exclamative sentence where the predicate is “fronted” to the initial position and lacks a visible copular verb. In the presence of the subject with marked gender — e.g., in BP, feminine, for example, visible by the presence of morpheme -a — the FSCs can have a predicate with or without a gender marker. However, there is limited scientific research on FSCs where the predicate shows an unmarked form, despite the presence of a subject with a marked form (e.g. feminine). Free small clauses with a feminine gender marker in the predicate will be referred to as “FSCs with an agreement” in this dissertation for simplicity, while free small clauses without a feminine gender marker in the predicate will be referred to as “FSCs with mismatch”. FSCs with mismatch can have a bare noun or indetermined subject while FSCs with mismatch cannot. The FSCs with mismatch have a collective reading when there is a subject conjunction, but FSCs with agreement have a distributive reading in the same environment. Moreover, there are distinct readings between FSCs with agreement and FSCs with mismatch in manifold environments (ellipsis, partitivity, coordinations, and others). Those distinct behaviors between “FSCs with agreement” and “FSCs with mismatch” led me to propose different structures for each type of FSC. Sentences with mismatch have an intervenient element between the subject and the predicate with which the predicate agrees. I propose that this element is a null element, akin to a resumptive pronoun. This pronoun, which is equivalent to the neuter pronoun ‘isso’ in Portuguese, functions as a hypernym or a general term connected to the subject of the sentence, thereby forming a chain with it. Not only would this pronoun enable genericity, but it would also be an operator that could select types, specific occurrences, or situations depending on the context. Situation readings are the primary, but not the only, relationship established between ‘pancake’ sentences and FSC in this dissertation. In the predominant paradigm of disagreement, the proposed structure also has the advantage of introducing a phenomenon parallel to that discovered in French by Martin, Carvalho and Alexiadou (2020) for the paradigm of mismatches. The null pronoun proposed for BP would function as a covered operator parallel to the French ‘ce,’ which, according to Martins and colleagues, would serve as an open operator of generality.

Key Word: free small clauses, gender agreement, gender disagreement, situation readings, genericity’s operator

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Estrutura canônica da predicação.	94
Figura 2 - - Estrutura com inversão do predicado.	94
Figura 3- Representação alargada de bolos de laranja feitos pela minha mãe	107
Figura 4 -Representação estreita de bolos de laranja feitos pela minha mãe	107
Figura 5 - Denotação alargada.....	109
Figura 6 - Representação da denotação de ocorrência.	110
Figura 7 - Representação da denotação de ocorrência	111
Figura 8 - Denotações possíveis com a cópula estar	111
Figura 9 -Denotações possíveis com cópula ser.....	111
Figura 11 - Representação com destaque à leitura genérica de "essa" e "aquela"	112
Figura 12 - Leitura de apontamento (ocorrência) de "essa" e "aquela"	113
Figura 13 -Denotação de referência com exclusão da denotação de apontamento	114
Figura 14 - Três dimensões de tempo (E, F e R).....	115
Figura 15 - Possibilidade semântica de pronomes referenciais.....	193

Lista de Abreviaturas e Siglas

*	<i>Sentença julgada agramatical</i>
?	<i>Sentença julgada com baixo desvio de gramaticalidade</i>
??	<i>Sentença julgada com alto desvio de gramaticalidade</i>
#	<i>Sentença com desvio semântico ou pragmático</i>
AP	Sintagma Adjetival (<i>Adjectival Phrase</i>)
AspP	Sintagma Aspectual (<i>Aspectual Phrase</i>)
AgrP	Sintagma de Concordância (<i>Agreement Phrase</i>)
CP	Sintagma Complementizador (<i>Complementizer Phrase</i>)
DegP	Sintagma de Grau (<i>Degree Phrase</i>)
DP	Sintagma Determinante (<i>Determiner Phrase</i>)
ECM	Marcação de Caso Excepcional (<i>Excepcional Case Marker</i>)
I	Flexão (<i>Inflection</i>)
INFL	Flexão (<i>Inflection</i>)
Force P	Sintagma de Força
Focus P	Sintagma de Foco (<i>Focus Phrase</i>)
FP	Sintagma de Foco
GB	Teoria de Regência e Ligação (<i>Government and Binding (GB)</i>)
GU	Gramática Universal
IL	Predicado de Indivíduo (<i>Individual Level</i>)
NegP	Sintagma de Negação (<i>Negation Phrase</i>)

<i>NP</i>	Sintagma Nominal (<i>Nominal Phrase</i>)
<i>NPI</i>	Item de Polaridade Negativa
<i>NSA</i>	Não se aplica
<i>SC</i>	Miniorações (<i>Small Clauses</i>)
<i>SCLs</i>	<i>Small Clauses</i> Livres
<i>SCics</i>	<i>Small Clauses</i> Invertidas Com Cópula
<i>PB</i>	Português Brasileiro
<i>P&P</i>	Teoria de Princípios e Parâmetros
<i>PF</i>	Forma Fonética/Fonológica (<i>Phonological Form</i>)
<i>PGP</i>	Predicado de Gosto Pessoal
<i>PP</i>	Sintagma Preposicional (<i>Prepositional Phrase</i>)
<i>SCLconc</i>	<i>Small Clauses</i> Livres que apresentam marca de concordância de gênero
<i>SCLdisc</i>	<i>Small Clauses</i> Livres que apresentam “discordância” de gênero
<i>SL</i>	Predicado de Cena (<i>Stage Level</i>)
<i>Spec</i>	Especificador
<i>VP</i>	Sintagma Verbal (<i>Verbal Phrase</i>)

Sumário

Dedicatória	5
Agradecimentos.....	6
Resumo	9
Abstract	10
Lista de Ilustrações.....	11
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	12
Sumário	14
INTRODUÇÃO	16
1.SCLS suas propriedades e os principais trabalhos sobre essa construção.....	33
Considerações iniciais.....	33
1.1.Propriedades das SCLs.....	34
1.2.E o que a literatura de SCLs nos diz.....	86
1.3.Resumo e assunções teóricas dessa tese	118
Considerações finais.....	120
2.SCLs sem concordância: mais do que apenas ausência de marcação redundante do feminino	122
Considerações iniciais	122
2.1.Diferenças marcantes entre SCLs com e sem concordância: como funcionam as “não concordâncias” visíveis em SCLs.....	122
Considerações finais.....	146
3. SCLs sem concordância: uma proposta	149
Considerações iniciais	149

3.1.Evidências do comportamento distinto e de interveniência na estrutura de SCLs sem concordância	149
3.2.Propondo estrutura para SCLs sem concordância	167
3.3.Uma incursão nos pronomes: Explicando o “isso”	177
3.3.1. Pronomes: definições	178
Considerações finais.....	197
4.Relação das SCLs com os casos de “ausência de concordância” encontrados na língua.....	199
Considerações iniciais	199
4.1.Sentenças “panqueca”: quais ingredientes a compõem?	200
4.2.SCLs e Sentenças “Panqueca”: resultados da retomada anafórica	207
4.3.Oposição quanto ao tipo do sujeito: É apenas essa a diferença entre SCLs e sentenças “panqueca”?	209
4.4.Leitura de evento e ambiguidade de leituras.....	213
Considerações finais.....	216
5.Conclusão	218
Referências:	221

INTRODUÇÃO

Sentenças copulares “com” e “sem concordância” são instigantes por apresentar diferenças que vão além da mera visualização de marca de concordância de gênero no predicado. Abaixo, reproduzimos uma amostra do paradigma a ser trabalhado nesta tese.

(1)

- (a)^{Ok} (Que) Rápida, essa menina da lanchonete!
 (b)??^{(Ok}Que) Rápido, essa menina da lanchonete!¹

(2)

- (a)^{Ok} (Que) Rápida, essa impressora!
 (b)^{Ok} (Que) Rápido, essa impressora!

(3)

- (a)^{Ok} Que alta, essa menina!
 (b)*Que alto, essa menina!

(4)

- (a)^{Ok} Italianíssima, essa massa!
 (b)*Italianíssimo, essa massa!

¹ Foi utilizada a representação dos sinais parentéticos (parênteses) para os operadores ‘que’ a fim de indicar possíveis distinções de gramaticalidade na presença ou ausência do item como é corrente em diversos trabalhos de teoria sintática gerativista. Dessa forma, a indicação no interior dos parênteses refere-se ao julgamento de gramaticalidade expresso necessariamente com a presença do operador na sentença. O sinal externo aos parênteses, por sua vez, serve para indicar o julgamento de gramaticalidade na ausência de tal item lexical. Quando não houver nenhum indicativo de agramaticalidade no interior dos parênteses nem fora dele, há uma opcionalidade no uso do operador que não interfere no julgamento da sentença. O uso do ‘^{Ok}’ tem apenas um efeito didático para auxiliar o leitor a identificar a gramaticalidade da sentença.

(5)

(a) ??(Que) Gostosas, umas cervejas!

(b)^{ok} (Que) Gostoso, umas cervejas!

(6)

(a) *(Que) Gostosas, cervejas artesanais!

(b)^{ok} (Que) Gostoso, cervejas artesanais!

Nos exemplos (1) - (6) acima temos duplas paralelas de exemplos com versões de SCLs “com concordância” (alíneas (a)) e “sem concordância” (alíneas (b)). As sentenças nas *alíneas (a)* apresentam predicados em que se visualiza a mesma marca distintiva de gênero marcado (feminino) no predicado e no sujeito, também conhecido como marcação redundante de concordância de gênero. Para fins de simplificação, faremos referência a essas sentenças como sentenças ou SCLs ‘com concordância’.

As alíneas (b), por outro lado, trazem o que estamos chamando de versão “sem concordância”, nas quais vemos exemplos de sentenças em que há um predicado sem expressão distintiva de marca morfológica de gênero masculino (o que, em português brasileiro, corresponde à forma masculina, salvo exceções) e a presença de um sujeito com marca de gênero feminino.

Preliminarmente poderíamos analisar a variação entre sentenças “com” e “sem” concordância como fortuitas ou fruto de opcionalidade. Caso, porém, essa variação de marcação redundante de concordância de gênero no predicado fosse aleatória ou representasse apenas uma opção em que haveria uma perda de marca morfológica de concordância deveríamos vislumbrar a uniformidade entre os pares de construções com e sem marcação redundante de gênero no predicado diferente do que percebemos no paradigma apresentado em (1) - (6). Não esperaríamos, assim, encontrar as agramaticalidades ou desvios de gramaticalidade vistos em (1)(b), (3)(b), 4(b) das sentenças “sem concordância” em contraposição à total gramaticalidade do seus pares “com concordância” (1)(a), (3)(a), (4)(a). Ou ainda a gramaticalidade de sentenças “sem concordância” como as apresentadas em (5)(b) e (6)(b) *versus* a agramaticalidade de (5)(a) e (6)(a).

Apenas as sentenças apresentadas no exemplo (2) mostram um padrão em compatível com uma proposta de “opcionalidade” de uso da concordância. Tal contraste é especial da construção apresentada no nosso paradigma inicial.

As sentenças copulares apresentadas no nosso paradigma inicial e que serão o ponto fulcral de análise nesta tese são denominadas de *small clauses* livres (doravante SCLs). São sentenças exclamativas que apresentam descritivamente um predicado preposto ao sujeito², isto é, na ordem linear PREDICADO> SUJEITO e sem a presença visível de um verbo copular (*ser/estar*). Tais sentenças podem ou não ser iniciadas por ‘que’³ como exemplificado abaixo.

- (7) (Que) linda, essa bolsa!
- (8) (Que) viciante, essa série!
- (9) (*Que) Bem chata, essa entrevista!
- (10) (*Que) Um porre, esse contrato!

Vemos, nos exemplos acima, que, enquanto sentenças como as exemplificadas em (7) e (8) apresentam um elemento *que* inicial opcional, sentenças como (9) e (10) são agramaticais na presença de tal elemento (vide o asterisco indicador de agramaticalidade no interior dos parênteses). Os exemplos apresentados mostram também que o predicado pode conter, do ponto de vista morfológico, tanto classes gramaticais adjetivais típicas como *linda* em (7) e *chata* em (9) – e que, do ponto em gramáticas normativas (cf. (Bechara, 2009, p. 296–297; Cunha; Cintra, 1986, p. 96) – têm sido denominado tradicionalmente como adjetivos primitivos, como aquelas consideradas como derivadas tais como *viciante*, presente no exemplo (8) e *um porre*⁴ em (10), considerado um nome com função adjetival.

² Não estamos tratando aqui da derivação da sentença nem apresentando uma análise sobre sua estrutura, portanto o termo “preposto” deve ser tomado estritamente como a aposição do predicado na primeira posição da sentença.

³ Neste trabalho, como explicaremos no capítulo seguinte, não adotaremos a distinção de Sibaldo (2009) entre SCLs e que-SCLs. Também não detalharemos a categorização de ‘que’, entendido como um operador de grau. Para uma proposta do ‘que’ como operador das SCLs em distribuição complementar com o nulo e outros, remetemos o leitor a Pinheiro (2019). Para uma visão alternativa remetemos à Lima (2020a, 2020b) para quem ‘que’ é um elemento *wh-* que identifica a tipologia das sentenças.

⁴ Na prática, *um porre* seria um nome – um substantivo no termo das gramáticas normativa – que comporta o que, nessa visão, denomina-se como “função adjetiva”. No fundo, trata-se de formas distintas

O predicado de tais sentenças apresenta algumas características, que podem ser melhor visualizadas nos exemplos abaixo ((11)-(12)): (i) parece comportar certo grau, (ii) não permite a ordem canônica SUJEITO > PREDICADO (vide agramaticalidade de (11)) e (iii) apresenta restrições sobre o tipo de predicado (contraste (12)(a) com (12)(b)).

(11) *Essa bolsa (que) linda!

(12)

(a) * (*Que) bibliográfica, essa revisão!

(b) ^{ok} Salgada demais, essa torta!

SCLs têm ainda restrições relacionados ao o tipo de sujeito presente nas sentenças (contraste (13)(a) com (13)(b) abaixo) como detalharemos no Capítulo 2. 1)(b)

(13)

(a) * Que fofa, criança!

(b) ^{ok} Que fofa, essa criança!

A literatura (Kato, 1998, 2007; Lima, 2020a; Pinheiro, 2019; Sibaldo, 2009, 2011, 2016; Zendron da Cunha, 2011, 2016a; Zendron da Cunha; Carpes, 2015) que discute tais construções, no entanto é lacunar sobre a possibilidade de não visualizarmos essa marca morfológica de concordância redundante no predicado. Sibaldo (2009) considera que, em SCLs, a concordância é sempre deflagrada, quando a SCL envolve adjetivos, excetuando, destes, os casos envolvendo DPs (Sibaldo, 2009, p. 79–80). Já Pinheiro (2019) observa, em nota de rodapé, não só a existência de “não concordância” entre predicado adjetivais e sujeito em SCLs, como ainda indica a melhora em tais casos quando há um sujeito que é um nome nu.

Sibaldo (2009) defende que, na existência de sentenças que envolvem um predador que é exclusivamente⁵ um DP, há o que chama de “não compartilhamento

de parâmetro para definição da classificação dos adjetivos. Os predicados podem, assim, conter nomes que aparecem acompanhados de um determinante (*um porre*) ou sem ele (*linda, chata, viciante*). Nesse segundo grupo, podemos ter adjetivações que são dignas de nota não apenas por trazerem um sufixo derivacional, mas por trazerem, atrelado a isso, uma alteração de valência (veja-se que *viciante* traz uma estrutura de eventualidade distinta dos demais adjetivos).

⁵ O autor assevera que tanto no que denomina de que-SCLs como em SCLs a concordância é sempre deflagrada (SIBALDO, 2009, p. 79).

dos traços-*phi*” seja de número (vide exemplo (14)), seja de gênero (vide (15)) ou ambos (vide (16)).

(14) Uma merda essa novelas da Globo!

(15) Uma merda aquele programa!

(16) Um luxo as bolsas da Maria!

(Sibaldo, 2009, p. 80 exemplos 125b, 126b e 127b)

Pinheiro (2019) mostra que há uma melhora da gramaticalidade quando há sujeitos nus pode ser constatado com os exemplos (17) e (18) abaixo.

(17) ? Muito bom, propostas! (cf. * Muito boas, propostas!)

(18) ? Muito bom, diversas propostas! (cf. Muito boas, diversas propostas!)

(Pinheiro, 2019, p. 64 adaptados)

Observando a literatura supracitada que trata das SLCs, observamos que, se a maioria dos autores sequer menciona a possibilidade de não termos a marcação redundante no predicado e no sujeito, os dois trabalhos que mencionam essa possibilidade, a saber Sibaldo (2009) e Pinheiro (2019), não o fazem de forma ampla. Sibaldo (2009) considera existir um condicionamento ao tipo de predicado, desconsiderando a possibilidade de termos sentenças agramaticais como apresentamos em nosso paradigma inicial e, entre as quais selecionamos (2)(b) e (5)(b) para ilustramos abaixo como (19) e (20).

(19) (Que) rápido, essa impressora!

(20) (Que) gostoso, umas cervejas!

Já Pinheiro (2019) embora aponte, em nota de rodapé, poderem existir essas “discordâncias”, centraliza a discussão em torno da melhora da gramaticalidade das SCLs “sem concordância” comparado àquelas que exibem a marca redundante de concordância em relação em relação ao tipo de sujeito existente (vide (17) e (18) acima). Além de não aprofundar o tema por fugir do escopo do trabalho da autora, nada é mencionado sobre SCLs com sujeito determinado e específico como o que temos em (1)(b) e (2)(b), repetidos abaixo como (21) e (22).

(21) ??(okQue) Rápido, essa menina da lanchonete!⁶

(22) Ok (Que) Rápido, essa impressora!

Podemos ver, assim, que nem os exemplos e nem as propostas citadas abordam, de fato, o tema que estamos propondo como central nesta tese, a saber, a possibilidade de termos ou não essa marca de concordância no predicado e as distinções entre as chamadas sentenças “sem concordância” e aquelas a que denominamos “com concordância”.

Uma vez identificado que a literatura da construção aqui analisada não contempla a discussão que abordaremos nesta tese, nosso passo seguinte para tentar melhor compreender e se aproximar dessa temática seria observarmos a existência de outras construções similares na língua. Há, na literatura, um vasto estudo sobre sentenças copulares sem marca redundante de concordância de gênero no predicado (Carvalho, 2015, 2017a; Conto, 2015, 2016, 2018; Foltran; Rodrigues, 2013; Martin; Carvalho; Alexiadou, 2020; Rodrigues; Foltran, 2013, entre outros.).

Trata-se, porém, de construções copulares que não estão condicionadas a um dialeto e que envolvem, *via de regra*, nomes nus. São construções encontradas não apenas no português brasileiro (doravante, PB), mas também em outras línguas como as línguas nórdicas (Enger, 2004, 2013; Josefsson, 2009, 2014; Wechsler, 2013) e o francês (Martin, Carvalho e Alexiadou, 2020).

Sentenças como as apresentadas em (23) - (24) são exemplos clássicos, em PB, do fenômeno abordado nessa literatura. Como se pode verificar, são sentenças copulares contendo uma predicação no formato SUJEITO > CÓPULA > PREDICADO em que temos um sujeito com marca morfológica distintiva de gênero feminino (ou “marcado” a depender da perspectiva teórica adotada), uma cópula (para a qual não se vislumbra marca de concordância de número mesmo na presença de um sujeito plural

⁶ Foi utilizada a representação dos sinais parentéticos (parênteses) para os operadores *que* a fim de indicar possíveis distinções de gramaticalidade na presença ou ausência do item como é corrente em diversos trabalhos de teoria sintática gerativista. Dessa forma, a indicação no interior dos parênteses refere-se ao julgamento de gramaticalidade expresso necessariamente com a presença do operador na sentença. O sinal externo aos parênteses, por sua vez, serve para indicar o julgamento de gramaticalidade na ausência de tal item lexical. Quando não houver nenhum indicativo no interior dos parênteses, há uma opcionalidade no uso do operador que não interfere no julgamento da sentença.

quando seria esperado que tal concordância fosse deflagrada, como é o caso da sentença em (24)) e um predicado que não apresenta nem marca de gênero, nem de número (quando relevante).

(23) Cerveja é gostoso!

(24) Crianças é divertido!

Sentenças como as acima ilustradas são conhecidas como sentenças “panqueca” em referência ao sujeito (‘*Pannekaker*’ ou ‘*Pannkak-or är*’⁷) “panqueca” no feminino e plural que compõe o clássico exemplo⁸ de falta de concordância, discordância ou incompatibilidade (*disagreement* ou *mismatch*). A diferenciação dessas sentenças com sentenças em que há uma concordância deflagrada (como as apresentadas nas letras b das duplas de exemplos abaixo) e aquelas que tal concordância está ausente (alíneas (a) dos exemplos abaixo) não é similar à encontrada nas SCLs.

(25)

- (a) ??Menina de lanchonete é rápido!
- (b) Menina de lanchonete é rápida!

(26)

- (a)? Impressora é rápido mesmo!
- (b) Impressora é rápida mesmo!

(27)

- (a)? Menina é alto mesmo!⁹
- (b)* Menina é alta mesmo!

(28)

- (a)^{Ok} Massa é italianíssimo!

⁷ Menção do sujeito ‘panquecas’ respectivamente no norueguês e no sueco conforme exemplos ilustrativos dos trabalhos de Enger (2004b) e Josefsson (2009a, 2014a).

⁸ O exemplo clássico a que se refere é “panqueca é gostoso!” (“*Pannekaker er godt*” em Sueco (Josefsson, 2009a, p. 36) ou “*Pannkak-or är go-tt*” em (Josefsson, 2014a, p. 62)).

⁹ Observe-se que há uma melhora com a inserção de “mesmo”, que enfatiza a genericidade da sentença. Tal acréscimo não traz efeito de gramaticalidade nas sentenças “com concordância”

(b) * Massa é italianíssima!

(29)

- (a) Cerveja é gostoso!
 (b) ? Cerveja é gostosa!

(30)

- (a) Cervejas artesanais é gostoso!
 (b) Cervejas artesanais são gostosas!

Se compararmos com as sentenças “panqueca” (exemplos (25) - (30) repetidos como alíneas (a) e (b) nos exemplos (31) - (36) abaixo) com as SCLs ((1) - (6) repetidos nas alíneas (b) e (d) nos (31) (36) abaixo¹⁰), identificamos que não há correspondência total entre o julgamento de gramaticalidade para boa parte dos exemplos paralelos. Tal resultado indica que, do ponto de vista empírico, uma explicação sobre o fenômeno das sentenças “panqueca” não poderia ser diretamente aplicada às SCLs, como se tais sentenças comportassem apenas operações de “movimento” e apagamento de cópula que não se refletissem nos mecanismos de concordância estabelecidos entre sujeito e predicado e/ou outras restrições próprias quer das SCLs, quer das sentenças “panqueca”.

(31)

- (a) ??Menina de lanchonete é rápido!
 (b)^{ok} Menina de lanchonete é rápida!
 (c) ??(^{ok}Que) Rápido, essa menina da lanchonete!¹¹
 (d)^{ok} (Que) Rápida, essa menina da lanchonete!

(32)

¹⁰ Invertemos as letras (a) e (b) do paradigma apresentado em (1) a (6).

¹¹ Foi utilizada a representação dos sinais parentéticos (parênteses) para os operadores *que* a fim de indicar possíveis distinções de gramaticalidade na presença ou ausência do item como é corrente em diversos trabalhos de teoria sintática gerativista. Dessa forma, a indicação no interior dos parênteses refere-se ao julgamento de gramaticalidade expresso necessariamente com a presença do operador na sentença. O sinal externo aos parênteses, por sua vez, serve para indicar o julgamento de gramaticalidade na ausência de tal item lexical. Quando não houver nenhum indicativo no interior dos parênteses, há uma opcionalidade no uso do operador que não interfere no julgamento da sentença.

- (a) ? Impressora é rápido!
- (b)^{Ok} Impressora é rápida!
- (c)^{Ok} (Que) Rápido, essa impressora!
- (d)^{Ok} (Que) Rápida, essa impressora!

(33)

- (a) ? Menina é alto mesmo!¹²
- (b)* Menina é alta mesmo!
- (c) *(Que) alto, essa menina!
- (d)^{Ok} (Que) alta, essa menina!

(34)

- (a)^{Ok} Massa é italianíssimo!
- (b)* Massa é italianíssima!
- (c) *Italianíssimo, essa massa!
- (d)^{Ok} Italianíssima, essa massa!

(35)

- (a)^{Ok} Cerveja é gostoso!
- (b) ? Cerveja é gostosa!
- (c)^{Ok} (Que) Gostoso, umas cervejas!
- (d) ??(Que) Gostasas, umas cervejas!

(36)

- (a)^{Ok} Cervejas artesanais é gostoso!
- (b)^{Ok} Cervejas artesanais são gostosas!
- (c)^{Ok} (Que) Gostoso, cervejas artesanais!
- (d) *(Que) Gostasas, cervejas artesanais!

Outro ponto importante para observar sobre essas construções diz respeito ao escopo em que a predicação é interpretada. Para as sentenças “panqueca”, há uma discussão frequente sobre a leitura existente nas predicações dessas construções. Grande

¹² Observe-se que há uma melhora com a inserção de “mesmo”, que enfatiza a genericidade da sentença. Tal acréscimo não traz efeito de gramaticalidade nas sentenças “com concordância”

parte das propostas gira em torno da percepção de que tais construções não parecem trazer uma predicação que incida diretamente no sujeito.

Assim, a característica de “gostosura” (vista nas sentenças (35) e (36) acima) poderia não ser necessariamente uma propriedade privativa da/ de cerveja, mas de uma situação ou evento envolvendo as cervejas. Já, para as predicações apresentadas nas sentenças (33) - (34), a natureza italiana (34) e a propriedade de altura (33) seriam menos aptas a serem interpretadas como condicionadas a um evento ou situação.

Há ainda aquelas, como (32), em que, a princípio, poderíamos atribuir a propriedade tanto ao sujeito como a um evento ou situação. Porém, para (31), temos maior restrição a termos essa dupla leitura nas sentenças “panqueca”. A “rapidez” da menina da lanchonete dificilmente poderá ser atribuída a uma situação na versão “com concordância” ((d)).

De forma paralela, (b) também mantém uma leitura que não deixa de atribuir uma propriedade a uma determinada menina da lanchonete, porém, parece trazer uma limitação temporal a um evento. A interpretação de propriedade não seria de uma propriedade inerente à menina da lanchonete denotada, mas à menina da lanchonete naquela circunstância (por exemplo, anotar o pedido). Também podemos ter a leitura em que a propriedade da rapidez não seria atribuída à menina da lanchonete, mas a um evento ao qual “essa menina da lanchonete” está relacionado.

Para melhor visualização apresentamos, abaixo em (37)(b) e (37)(c), a duas paráfrases possíveis para (31)(b) e (31)(d) (repetidas como as alíneas (a) dos exemplos (37) e (38))

(37)

- (a) ??^{ok}Que) Rápido, essa menina da lanchonete!
- (b) Essa menina da lanchonete está tão rápida!
- (c) Essa menina da lanchonete foi tão rápida (para trazer os pedidos)

(38)

- (a) ^{ok} (Que) Rápida, essa menina da lanchonete!
- (b) Essa menina da lanchonete é/foi rápida!
- (c) # Essa menina da lanchonete está rápida (ao trazer esses pedidos)!¹³

¹³ É possível que a menina tenha sido julgada/considerada rápida na circunstância em que trazia os pedidos, contudo, a atribuição da propriedade não está condicionada a essa situação.

Essa distinção de leituras não é uniforme em todas as SCLs como podemos identificar para o outro único par de sentenças gramaticais do nosso paradigma, a saber, (32b) (repetida abaixo para conveniência do leitor como (39)(a)) e (32)(d) (repetida em (40)(a) abaixo), para a quais se tem indistintamente as leituras apresentadas em (b) e (c) dos referidos exemplos.

(39)

- (a)^{Ok} (Que) Rápido, essa impressora!
- (b)Essa impressora é rápida se comparada às outras/a minha expectativa!
- (c) Essa impressora é rápida para puxar o papel (não para imprimir).¹⁴

(40)

- (a)^{Ok} (Que) Rápida, essa impressora!
- (b)Essa impressora é rápida se comparada às outras/a minha expectativa!
- (c) Essa impressora é rápida para puxar o papel (não para imprimir).

Há ainda aquelas duplas de SCLs, em que a “versão sem concordância” não apresenta a leitura em que a predicação é atribuível diretamente ao sujeito da sentença. É o caso de (41) abaixo:

(41)

- (a)^{Ok}(Que) Tortinho, essa linha!
- (b)#Essa linha é torta
- (c) Essa linha está torta (no momento x)
- (d)# Uma situação envolvendo a linha causou o “entortamento” da linha

A leitura de que é uma propriedade intrínseca daquela linha ser torta, representada na paráfrase (41)(b) não é a leitura saliente. Por outro lado, uma situação em que teríamos uma leitura paralela a que identificamos em sentenças “panqueca” em que

¹⁴ Não abordaremos esse ponto aqui, mas, algumas predicções que contemplariam adjetivos poderiam, na realidade, abrigar um modificador adverbial do evento na versão “sem concordância”. A leitura de “Que rápido, essa impressora! seria a equivalente à “Essa impressora imprime rápido”

fazer algo com o sujeito é o evento ao qual se atribui a propriedade também não é uma interpretação adequada para (41)(a) como podemos identificar em (41)(d).

Ficamos, portanto com uma leitura em que há uma atribuição de propriedade não inerente (41)(c)) entendendo que uma paráfrase com a cópula *estar* parece ser mais adequada para esses casos do que uma cópula *ser* (41)(b). Esse painel de leituras não é o mesmo, porém, que encontramos com outros predicados como ‘gostoso’, visualizado abaixo em (42).

(42)

- (a) ^{OK}(Que) gostoso, essas cervejas!
- (b) Essas cervejas são gostosas!
- (c) Essas cervejas estão gostosas (no momento de referência)!
- (d) Estar numa situação com cervejas é gostoso!

Vemos que, no caso de (42)(a), virtualmente poderíamos ter todas as leituras, incluindo leituras convencionalmente (Faarlund; de Sutter, 1977; Josefsson, 2009a) entre outros) atribuídas às sentenças “panqueca” como àquela apresentada em (42)(d). Ao mesmo tempo em que a interpretação de genericidades de eventualidades ou situações, nos termos de Conto (2018), podem ou não estar disponíveis em SCLs ditas “sem concordância”, elas são condição *sine qua non* para a caracterização das sentenças como “panquecas” na definição do referido trabalho.

A inexistência de leituras particulares e não generalizantes como àquelas apontadas nas leituras expressas nas alíneas (c) dos exemplos anteriores em sentenças “panqueca” também se apresenta como um obstáculo para a mera extensão das propostas de análise das sentenças “panqueca” às SCLs “sem concordância”. De igual monta parecem ser as interpretações apontadas em (b).

Fica claro, portanto, que, seja pelas leituras existentes em SCLs e não disponíveis para sentenças “panqueca”, seja pela própria diversidade nos parâmetros de interpretação das SCLs ou mesmo pela presença de sujeitos determinados em SCLs *versus* a exclusão de expressões definidas em sujeitos de panquecas, as SCLs “sem concordância” precisam de uma análise, até então, inexistente na literatura.

Por outro lado, há características dessas construções (SCLs e sentenças “panqueca”) que parecem confluir: (i) possibilidade de uma leitura eventiva e situacional;

(2) preferência por predicados avaliativos; (iii) decréscimo de gramaticalidade no uso de predicados que recaem sobre indivíduos¹⁵ e (iv) restrição em ligações de anáforas. Diante dessa proximidade, mas também do distanciamento relatado anteriormente entre os fenômenos, abrem-se dois campos importantes de investigação.

Cabe, portanto, em primeiro lugar, investigar como funcionam essas SCLs “sem concordância”, suas propriedades e o diálogo que estabelecem com as SCLs “com concordância”. Por outro, cabe investigar um possível paralelismo entre SCLs “sem concordância” e sentença “panqueca”, sobretudo considerando que ambas as construções fazem parte de um quadro de “discordância” do PB e podem compartilhar não somente propriedades, mas possuírem um mecanismo em comum que permita generalizar o fenômeno no PB.

A partir do que vimos acima podemos sumarizar as seguintes generalizações:

1. SCLs “com” e “sem concordância” não se comportam da mesma forma e apresentam restrições tanto semânticas (interpretação) como sintáticas (restrição com elipses, restrições nos usos de pronomes e anáforas, entre outras a serem apresentadas no decorrer do trabalho) que indicam a existência de algo além da simples seleção de um item não marcado.
2. SCLs parecem poder construir um interessante paradigma com outro caso de “ausência” de concordância que já conta com boa descrição inclusive no PB: as sentenças “panqueca”
3. Apesar da generalização apresentada em 2, SCLs “sem concordância” apresentam não só propriedades distintas (excluem nomes nus e muitos indefinidos) como comportamentos distintos (por exemplo, nas coordenações e na elisão como veremos oportunamente).

¹⁵ Nos termos de Martin, Carvalho e Alexiadou (2020) corresponderiam aos adjetivos do tipo preocupado (*worried-adjectives*) e adjetivos do tipo preguiçoso (*lazy-adjectives*). Respectivamente adjetivos que tem um argumento extra de um sujeito experimentador e adjetivos não tem um argumento experienciador. Tal classificação foi um refinamento proposto por Martin e colegas para os adjetivos avaliativos. Tal refinamento permite uma distinção da aceitabilidade dos adjetivos em sentença panqueca superior a que se teria ao adotar simplesmente a noção de *i-predicates*, isto é, predicados que incidem sobre sujeitos.

Esta tese pretende, portanto, abordar um fenômeno ainda não consistentemente¹⁶ abordado na literatura até onde se têm conhecimento: as SCLs “sem concordância”. Diante de tal ineditismo, temos duas preocupações centrais nessa tese:

(A) Ressaltar quais são as características e propriedades exclusivas das SCLs “sem concordância” e

(B) Compreender como tais sentenças se encaixam em um paradigma maior de “discordâncias” no Português Brasileiro (doravante, PB).

Para explorar os dois pontos acima descritos, teremos as seguintes questões como norte:

- I. SCLs “com” e “sem concordância” estão em uma variação livre e/ou diferenciam-se apenas quanto a um traço morfológico mais ou menos especificado presente no predicado?

Hipótese: Não. Os diferentes ambientes em que tal “alternância” (supondo-se que se tratasse exclusivamente disso) pode ocorrer, assim como restrições em ambientes pronominais e de retomada anafórica embasam esta hipótese nula.

- II. Há uniformidade naquilo que chamamos de SCLs “sem concordância” especialmente quanto às leituras?

Hipótese: Sim. As possibilidades de leituras diferentes em SCLs estão correlacionadas ao tipo de predicado e sujeito envolvido em tais construções.

- III. Qual a generalização que podemos fazer com relação ao comportamento da “discordância” em SCLs?

Hipótese: SCLs com discordância são visíveis em ambientes em que haja a possibilidade de uma leitura de evento e/ou uma leitura generalizante sobre um grupo do qual se especifica um item.

¹⁶ Encontramos apenas três trabalhos listados em anais de congresso abordando o tema. O primeiro, “Miniorações livres com gênero “discordante” no Português Brasileiro: similaridades e heterogeneidades com o Hebraico e o Escandinavo” apresentado no Grupo de Estudos Linguísticos (GEL) em 2017 e outros dois apresentados em um congresso virtual denominado III Encontro de Gramática Gerativa Homenagem a Sonia Cyrino e Eugênia Duarte, a saber Pinheiro (2021) e Pereira (2021). Desses, apenas os dois primeiros restringem-se a abordar a construção com um pouco mais de detalhes, ainda assim com limitações. O terceiro trabalho citado Pereira (2021) não diferencia tal construção ou a aborda com profundidade, já que propõe a existência de um nome silente *algo* para todas as construções do PB, independentemente de serem panquecas ou SCLs, ignorando as distinções que apresentamos aqui, para além, da existência de nomes nus.

IV. Como SCLs “sem concordância” compõem o quadro das discordâncias no PB “padrão”^{17, 18}?

Hipótese: SCLs têm similaridade, mas não identidade com as sentenças “panqueca”. Um indício para a similaridade vem da presença de leituras situacionais/eventivas em SCLs “sem concordância”. Há também uma restrição comum em relação a predicados adjetivais apontada por de Conto (2018): a avaliatividade dos adjetivos. Outro indício oposto estaria na vedação, em SCLs, mas não em sentenças “panqueca”, do uso de nomes nus sujeitos e um suposto acarretamento de genericidade desses sujeitos *versus* a especificidade dos sujeitos de SCLs.

V. O fenômeno da “discordância” pode ser entendido como um epifenômeno?

Hipótese: Sim. Em uma perspectiva como a apresentada por de Conto (2018) e de Conto e Carvalho (2022), haveria um outro tipo de sentença não panqueca com uma estrutura de topicalização possível. A análise dessa construção postularia a existência de anáfora superficial em que tal “discordância” poderia ocorrer. SCLs também parecem permitir uma multiplicidade de leituras em ambientes de “discordância” sendo, apenas parte delas, passíveis de serem atribuídas às leituras de situação¹⁹.

Para investigarmos as questões levantadas acima precisaremos percorrer, nesta tese, uma trilha de abordagens parciais sobre o fenômeno. Em primeiro lugar, precisamos reconhecer o que são SCLs e construir esse paradigma entre SCLs “com” e “sem concordância”. Para tanto, apresentaremos, no Capítulo 1, as propriedades das SCLs, considerando, nesse momento, as SCLs “com concordância” e os principais trabalhos apresentados na literatura sobre o tema.

No capítulo seguinte (Capítulo 2), destacamos aquilo que é próprio das SCLs “sem concordância”. Tratamos, assim, das características e peculiaridades das SCLs “sem concordância” sobretudo confrontando-as com as SCLs que apresentam manifestação

¹⁷ Por padrão, está se considerando uma abstração mais geral da língua e excluindo fenômenos restritos a dialetos bem determinados (por exemplo, a (falta) concordância de gênero registrada no português da Helvécia e outras comunidades específicas).

¹⁸ Sobre essas concordâncias não “padrão” vide (Agostinho; Lamberti; Santos, 2021; Antonino, 2007; Dettoni, 2003; Karim, 2004; Lima, 2008; Lopes, 2014, 2016; Lucchesi, 2009; Navarro, 2004) entre outros.

¹⁹ Segundo as referidas autoras, as demais construções com discordância, especialmente àquelas com determinantes definidos incluídas como “panqueca” por Siqueira (2017) diriam respeito, na verdade, a uma construção contendo anáfora profunda e topicalização.

morfológica de concordância. O paradigma a ser apresentado será composto por juízos de gramaticalidade de dados de intuição, como recorrente na práxis gerativista.

Considerando o paradigma formado pelo conflito das SCLs “com” e “sem concordância”, apresentaremos, no Capítulo 3, nossa proposta de estrutura para SCLs “sem concordância”. Mostraremos como ambientes de anáfora, elipses, partitividade e coordenação corroboram para a proposição de uma estrutura para SCLs “sem concordância” contendo um elemento interveniente entre o predicado que enxergamos movido à esquerda e o sujeito à direita.

Além disso, mostraremos como SCLs “sem concordância” são capazes de disparar diversas leituras, sobretudo na presença de predicados de gosto pessoal (PGPs). Uma dessas leituras, a saber, a leitura de situação, é encontrada especialmente em outro caso de “ausência” de concordância já bastante discutido na literatura: as sentenças “panqueca” (cf. Carvalho, 2015, 2017; Conto, 2015, 2016, 2018; Foltran; Rodrigues, 2013; Martin; Carvalho; Alexiadou, 2020; Rodrigues; Foltran, 2013 entre outros).

Sendo assim, dedicaremos o Capítulo 4 a mostrar como tais sentenças “dialogam” com nossas sentenças de interesse e como SCLs “sem concordância” compõem o grande paradigma da ausência de concordância no PB. Para tanto, iniciaremos o capítulo apresentando exemplos e característica de sentenças “panqueca” assim como o estado da arte sobre o tema. Após identificarmos as propriedades individualizadas dessas sentenças, analisaremos como se dá a relação entre elas e as SCLs. Identificaremos que, embora — ou em decorrência de²⁰ — as sentenças copulares do tipo panqueca pareçam opostos complementares das SCLs “sem concordância”, elas mantêm alguma relação. No bojo desse paralelismo, defendemos também a existência de dupla interpretação de ambos os tipos de discordâncias para boa parte, mas não para todas as sentenças.

Identificamos que, a depender da interação entre predicados e sujeitos, podemos ter, em SCLs, tanto argumentos direcionados à espécie como argumentos direcionados a ocorrência. Argumentos relacionados à espécie trazem um “sabor” de

²⁰ Adotando a noção cara à Fonologia com respeito a distribuição complementar, somos capazes de postular que fenômenos em distribuição complementar podem ser caracterizações diferentes de um mesmo epifenômeno.

genericidade. Já argumentos relacionados à ocorrência podem trazer tanto uma leitura de atribuição de propriedade a um sujeito denotado, como uma leitura situacional.

Em virtude das distinções apresentadas em SCLs “com” e “sem” concordância quanto a presença de anáforas, construções partitivas coordenações, entre outras, propomos que as chamadas SCLs “sem concordância” tenha um elemento pronominal nulo similar a “*isso*” com o qual o sujeito forma uma cadeia.

Esse elemento pronominal funcionaria como uma espécie de hiperônimo ou nome geral, atuando como um operador coberto que realizaria a mudança de tipo e habilitaria a genericidade nessas sentenças. A proposta caminha de forma similar à asserção do *ce (isso)* presente nas sentenças “panquecas” do Francês como apontado por Martin; Carvalho e Alexiadou (2020).

Dessa forma, apresentaremos não só um novo tipo de construção de discordância no PB, destacando suas propriedades, propondo uma estrutura, como conseguiremos mostrar de que forma tal construção poderia ser encaixada no paradigma já existente das “discordâncias”. Por fim, explicaremos como uma construção com sujeitos determinados poderia manter uma relação de genericidade, tal como a apresentada pelas sentenças panquecas, mesmo na ausência de sujeitos nus.

1. SCLS suas propriedades e os principais trabalhos sobre essa construção

Considerações iniciais

Antes de passarmos a apresentar e discutir o que estamos chamando de *small clauses* livres (doravante, SCLs) “sem concordância”, precisamos fazer uma discussão e um alerta. Começaremos pelo alerta.

Para efeitos de simplificação, quando nos referirmos à falta de concordância ou falta de concordância marcada/expresa não estaremos fazendo referência à ausência de mecanismo sintático de concordância de gênero necessariamente, mas a não visualização do morfema indicador de gênero feminino (-a)²¹. Corresponde ao fenômeno que a discussão das sentenças “panqueca”, por vezes, denomina de concordância não marcada (De Conto, 2018; De Conto; Carvalho, 2022), falta de concordância (De Conto, 2015, 2016; Siqueira, 2017), disparidade de concordância ou disparidade morfológica de concordância (Pereira, 2020a, 2020b), discordância (Pereira, 2020a, 2020b), ausência de concordância (Foltran; Rodrigues, 2013), concordância relativizada (Carvalho, 2016a, 2018), *mismatching agreement* ou incompatibilidade de concordância (Foltran; Rodrigues, 2013; Martin; Carvalho; Alexiadou, 2020; Rodrigues; Foltran, 2015)²².

Feito o alerta, passaremos à discussão. Abordar as SCLs “sem concordância” exige um aprofundado conhecimento também daquelas que possuem concordância²³. Para além disso, como veremos, olhar alguns exemplos gramaticais ou com melhora de gramaticalidade nas SCLs “sem concordância”, faz com que identifiquemos com maior

²¹ Quando não estivermos nos referindo à uma notação descritiva e sim ao(s) mecanismo(s) de concordância tornaremos a questão e a terminologia explícita. Nos demais casos usaremos falta de concordância (de gênero) e ausência de concordância marcada como sinônimas à ausência de marca de concordância do feminino expressa.

²² Na literatura das sentenças “panqueca” em outras línguas, há ainda outros termos, como, por exemplo, *quebra* (*lack*) usados para se referir ao fenômeno. Escolhemos apresentar aqui apenas os termos usados nos trabalhos que abordam o português brasileiro (PB). Embora saibamos que as diversas formas de nomear o fenômeno são forte indicativas da abordagem proposta (*quebra* pode indicar uma concordância que não ocorre, *relativizada* por conta dos traços relativizados, etc.), optamos por usar um termo que tente evocar apenas o aspecto descritivo e superficial do evento, isto é, a ausência de marca morfológica distintiva de gênero feminino redundante no predicado e no sujeito, sem que isso signifique, por ora, uma assunção teórica maior sobre o mecanismo de concordância desencadeado.

²³ Daqui por diante a menção ao termo “concordância” deverá ser subentendido, salvo expressa menção contrária, como concordância de gênero.

clareza a necessidade de rever e refinar alguns apontamentos sobre as propriedades das SCLs “com concordância”.

Somos levados, portanto, a abordar diversos temas ausentes na discussão tradicional presente na literatura. (cf. (Kato, 1998, 2007; Pinheiro, 2019; Sibaldo, 2009, 2011, 2013, 2016; Zendron da Cunha, 2011, 2016a). Para maior didática, esse capítulo trará duas seções: uma destinada à relacionar as propriedades das SCLs (1.1) e outra destinada à revisar as propostas principais relevantes para esse trabalho presentes na literatura (1.2).

A seção destinada à revisão da literatura trará as propostas relevantes para nossa análise e se concentrará no que já não foi abordado durante a apresentação das propriedades das SCLs. Esse capítulo será essencial para podermos discutir, na sequência, algumas distinções identificadas em SCLs relacionadas às características das SCLs “sem concordância”.

Antes de passarmos às seções, apontaremos uma restrição que faremos nos dados a serem analisados para torná-los mais didático ao leitor. Na introdução apresentamos exemplos de SCLs mostrando que há certa variação na gramaticalidade dessas sentenças com e sem o emprego do elemento *qu-* inicial. Ilustramos ambas as condições com o uso de sinais parentéticos.

Daqui, por diante, porém, escolheremos ilustrar nossos exemplos apenas com a versão em que há a presença do elemento *qu-* para melhor visualização da (a)gramaticalidade dos exemplos e do contraste entre as sentenças quando for o caso.

1.1. Propriedades das SCLs

Nesta seção, veremos algumas das principais características das SCLs, com foco nas SCLs “com concordância”. Sentenças exclamativas dessa natureza, como as apresentadas em (1) e (2) abaixo, apresentam peculiaridades.

(1) Que linda, essa bolsa!

(2) Que idiotas, essas garotas!

Vemos, nos exemplos acima, sentenças que apresentam as seguintes características: (i) um predicado preposto (respectivamente “Que linda” para (1) e “Que

idiotas” para (2)), (ii) não apresentam cópula expressa e (iii) têm um sujeito definido (em (1) temos “*essa bolsa*” e não, por exemplo, *uma bolsa*, assim como em (2) temos “*essas garotas*” e não *as garotas*). Possuem, além disso, uma restrição temporal sobre o predicado.

Para uma facilitação didática, abordaremos cada característica citada em uma subseção abaixo. É importante lembrar que, nessas subseções, trataremos das SCLs sem considerar propriedades específicas das sentenças que estamos denominando como “sem concordância”, isto é, àquelas em que o predicado não apresenta uma marca de concordância de gênero idêntica à do sujeito²⁴.

1.1.1. Restrições do predicado

SCLs assemelham-se às sentenças copulares que tiveram seu predicado deslocado à esquerda. Encontramos, assim, em aparente variação livre, tanto sentenças com a cópula expressa como sem. Sentenças como as apresentadas em (3) são exemplos de SCLs²⁵, enquanto (4), que possuem cópula expressa, são o que Pinheiro (2019) denomina de *Small Clauses Invertidas Copulares* (SCICs), isto é sentenças com cópula, cujo predicado encontra-se preposto ao sujeito.

(3)

(a) Linda, essa novela!

(b) Gostosa, essa panqueca!

(4)

(a) É linda, essa novela!

²⁴ Por “não apresentar marca de concordância de gênero idêntica à do sujeito” estamos considerando a presença de uma marca morfológica idêntica à do masculino que poderá ser uma espécie de neutro exibida na predicação frente a um sujeito feminino.

²⁵ São igualmente SCLs, as sentenças iniciadas por *qu* apresentadas em (i) e (ii). Como expusemos no início deste capítulo, optamos por realizar nossas análises e apresentar nossos exemplos exclusivamente com sentenças precedidas por tal elemento para melhor visualização. Neste ponto do texto, porém, apresentamos as sentenças em (3) despojadas do “*que*” para facilitar a comparação com as sentenças com cópula expressa.

i. Que linda, essa novela!

ii. Que gostosa, essa panqueca!

(b) É/Tá gostosa, essa panqueca!

Nem toda predicção, porém, pode ser deslocada sem cópula como apontado por Pinheiro (2019). Abaixo, vemos que alguns predicados são agramaticais sem a presença de cópula. Assim, de SCICs como as exemplificadas nas alíneas (a) dos exemplos (5) e (6) não podemos “gerar” uma versão “sem cópula” — ou com cópula não pronunciada — como vemos pela agramaticalidade dos exemplos (5)(b) ou (6)(b) abaixo.

(5)

(a) Tá quadrada, essa pizza!

(b) *Quadrada, essa pizza!

(6)

(a) Tá cansada, essa plantonista!

(b) *Cansada, essa plantonista!

Não entraremos em maiores detalhes por ora, mas considerar que SCLs são apenas sentenças copulares que optam por elidir a cópula não parece ser suficiente. Há outras restrições sobre o predicado em jogo. A mais conhecida delas²⁶ diz respeito à agramaticalidade das sentenças na ordem SUJEITO> PREDICADO como constatamos nos exemplos. Se sentenças sem cópulas como as apresentadas nas alíneas a dos exemplos (7) e (8) são agramaticais na ordem SUJEITO> PREDICADO, nenhuma agramaticalidade, porém, é visualizada na presença de cópulas (vide exemplos (7)(b) e (8)(b)). Ao mesmo tempo, também não se visualiza qualquer impedimento para a inversão do predicado²⁷ como se pode constatar em (7)(c) e (8)(c).

²⁶ Os trabalhos clássicos sobre o tema, a serem apresentados nas seções seguintes, destacam essa característica. Para maiores detalhes, remetemos o leitor à Kato (1998, 2007) Sibaldo (2009, 2011, 2013, 2016), Zendron da Cunha (2016a) e Pinheiro (2019) chama de inversão de sujeito. Enquanto o trabalho de Kato (1998, 2007) e Sibaldo (2009, 2011, 2013, 2016) optam por explorar também a relação das SCLs com as *small clauses* complementos de verbos ECM (*Excepcional Case Marker* – ‘*Marcador de Caso Excepcional*’), o trabalho de Pinheiro (2019) fulcralmente investiga a diferença entre as construções com e sem cópula expressa.

²⁷ Estamos utilizando os termos “preposição de predicado” e “inversão do predicado” como sinônimos, nesse ponto. O entendimento aqui é não só de que há descritivamente e visualmente uma ordem outra que não a ordem SUJEITO> PREDICADO, mas que temos uma expectativa em termos derivacionais de que há algo na estrutura que permite a “recuperabilidade” do predicado na posição “tradicional” (isto é, SUJEITO> PREDICADO). O termo “inversão” têm maior tradição em movimentos relacionados à chamada inversão locativa, sobretudo relacionado à proposta de Moro (1997) e, por vezes, apenas relacionado ao movimento-A. Como Belletti (1999) e Denn Dikken(2021) ponderam, o termo *inversão* é muito mais um

(7)

- a. *Essa novela linda!
- b. Essa novela é/está linda!
- c. É/ Está linda, essa novela!

(8)

- (a) *Essa panqueca gostosa!
- (b) Essa panqueca é/está gostosa!
- (c) É/ Está gostosa, essa panqueca!

A restrição de ordem não é única restrição existente. Há também uma restrição semântica relacionada ao tipo de predicado presente em tais construções. Sentenças serão agramaticais se contiverem um predicado não avaliativos desprovido de intensificador ou qualquer modificador que coercitivamente induza a uma escala e, por conseguinte, torne o predicado passível de avaliação quanto ao grau.

Nesse contexto, enquanto predicados descritivos como àqueles relacionados à forma (por exemplo, “*quadrado*”), cor (exemplificado por “*roxa*”), étnicos/gentílicos (como “*baiana*”) e outros adjetivos relacionais (exemplificado pelo classificativo “*conceitual*”) são agramaticais nessas construções, a coerção a um contraste ou avaliatividade, decrementa a agramaticalidade desses predicados. Tal fato já foi analisado em Pinheiro (2019), como verificamos a seguir (vide exemplos (9) - (11) adaptados dos exemplos originais).

Abaixo, portanto, temos, até (11), os exemplos de Pinheiro (2019) acrescidos de exemplos originais desta tese ((12) - (14)). Complementamos os exemplos para que o raciocínio a ser desenvolvido não se restrinja aos dados contendo adjetivos descritivos de forma e cor, como ocorre nos exemplos da autora no referido trabalho, mas também traga para a discussão outros adjetivos como o adjetivos relacionais no sentido de Bosque e Picallo (1996)²⁸.

rótulo descritivo. Adotaremos esse viés, assim como não consideraremos que haja uma restrição no “movimento” do predicado para posições A-barra.

²⁸ Tradicionalmente relacionais opõem-se aos qualificativos. Seguindo Bosque e Picallo (1996) e Bosque (1993) (entre outros), os relacionais subdividem-se ainda em classificativos e argumentais. Adjetivos relacionais são conhecidos como não predicativos formando compostos. Moreno (2018), ao historicizar o

(9)

(a) *Quadrado, esse pote!

(b) *Roxa, essa framboesa!

(10)

(a) Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente quadrado, esse pote!

(b) Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente roxa, essa framboesa!

(11)

(a) Quadradaço/ Quadradão/ Quadradinho esse pote!

(b) Roxona/ roxinha/ultraroxa, essa framboesa!

(PINHEIRO, 2019, p. 100–101 exemplos (27) e (28) adaptados)

(12)

(a) *Baiana, essa pimenta/ cocada!

(b) *Conceitual, essa escultura!

(13)

(a) Bem/ Meio/ Super baiana, essa pimenta!

(b) Conceitual pra caramba, essa escultura!

(14)

(a) Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa pimenta/cocada

(b) Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa escultura!

Vemos, nos exemplos acima, que as sentenças (9) e (12) são agramaticais por conterem exclusivamente o adjetivo descritivo (9) ou adjetivos relacionais nos casos de (12). As sentenças em que os mesmos adjetivos aparecem modificados por

uso das nomenclaturas, aponta que tal classe frequentemente é associada à classe nominal. Ao se filiar a essa linha de argumentação, a autora assevera, contudo, que tal classe não é uma classe sintaticamente homogênea. Utilizando-se da divisão de Bosque e Picallo (1996) – que também já aparecia em Bosque (1993) – a autora argumenta que os adjetivos temáticos são argumentos de nomes deverbais, enquanto os adjetivos classificativos não têm a absorção de papel theta, funcionando como modificadores restritivos. Frequentemente se assume que há uma homonímia/homofonia ou ambiguidade – a depender da teoria - nos nomes que podem ter versões não relacionais quando estão modificando adjetivos não deverbais (cf. Bosque(1993), Bosque e Picallo (1996), Alexiadou e Stavrou (2011), Moreno (2018), entre outros). Conforme exporemos no texto, adotamos essa classificação e explicaremos a relação da melhora na gramaticalidade como forma de seleção do item homônimo não relacional.

intensificadores (vide (10) e (13)) ou graduados pela expressão de diminutivos ou aumentativos (cf. (11) e (14)) são gramaticais²⁹.

Se o sujeito é, contudo, um nome deverbal como *definição* – como se ilustra em (16) – ou um nome que comporte um traço [+humano] como proposto desde Chomsky (1965), tal como *dançarina* — ilustrado em (15) — não se observam os mesmos resultados anteriores.

(15)

- (a) *Baiana, essa dançarina!
- (b) ? Bem/ Meio/ Super baiana, essa dançarina!
- (c) ?? Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa dançarina!

(16)

- (a) *Conceitual, essa definição!
- (b) ? Conceitual pra caramba, essa definição!
- (c) ?? Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa definição!

Vemos que as modificações (quer por indutores de graduabilidade, quer por intensificadores), que nos exemplos (13) e (14) geraram gramaticalidade nas sentenças, não têm o mesmo efeito nos exemplos paralelos (15)(b) – (c) e (16)(b) - (c).

Identificamos, portanto, que, mesmo na presença dos modificadores, há uma considerável degradação. A explicação descritiva para tal distinção pode ser encontrada na ambiguidade lexical de tais adjetivos.

Adjetivos considerados tipicamente relacionais — nos quais os adjetivos étnicos estão inclusos — são apontados como tendo tanto a “versão” relacional como a “versão” qualificativa (cf. Bosque (1993), Bosque e Picallo (1996), Alexiadou e Stavrou (2011), Moreno (2018)³⁰, entre outros). Adjetivos relacionais seriam subclassificados em

²⁹ Há alguns modificadores que tornam alguns exemplos marginais, contudo certamente há uma diferença de gramaticalidade considerável quando contrastados com a versão sem modificador.

³⁰ Moreno (2018), adota tanto um framework de morfologia distribuída quanto premissas de processamento natural da linguagem (*NLP*), sendo assim, não há – exceto no âmbito descritivo – que se falar em ambiguidade de item lexical. A autora denomina essa possibilidade de transcategorização, mostrando que, enquanto relacionais poderiam tomar interpretações qualificativas, qualificativos não

temáticos e classificativos. Como definido em Bosque (1993), adjetivos relacionais seriam, por definição, não predicativos, diferindo dos classificativos — complementos restritivos — e dos adjetivos temáticos que seriam argumentais. Apesar dessa distinção mais didática, como o próprio autor aponta, há muita ambiguidade de leitura entre as classes.

Os adjetivos de SCLs, presentes nos exemplos (12), a saber, *baiana* e *conceitual*, necessariamente precisariam ser predicacionais, posto estarmos diante de um ambiente predicacional. Contudo os adjetivos presentes no exemplo enquadram-se justamente na classificação dos relacionais que, por definição, não seriam predicacionais. Esperaríamos, de fato, agramaticalidade das sentenças em que tais adjetivos estão presentes. De fato, é o que vemos como os presentes em (12), (15) e (16).

Contudo, seria necessário uma análise para os casos de (13) e (14) bem como uma reanálise para os casos apresentados por Pinheiro (2019) e reproduzidos acima como (10) e (11). Proporemos que a gramaticalidade das sentenças (10) e (11), reproduzidas abaixo como (17) e (18), assim como a melhora na gramaticalidade com a presença de modificadores apontada por nós em (13) e (14) (e abaixo repetidas como (19) e (20) para comodidade do leitor) estaria só acidentalmente relacionada à inserção desses modificadores e à coerção ao grau.

(17)

- a. Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente quadrado, esse pote!
- b. Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente roxa, essa framboesa!

(18)

- (a) Quadradaço/ Quadradão/ Quadradinho esse pote!
- (b) Roxona/ roxinha/ultrarrosa, essa framboesa!

(19)

habilitariam uma interpretação relacional. Não há assim, proposição de um morfema nulo ou de um sincretismo morfológico, mas lança mão de uma arquitetura modular que permite atrasar a decisão de um módulo particular aguardando a análise de alguns outros módulos para prosseguir. A morfologia tem, na visão adotada, uma distribuição do trabalho entre uma composição exocêntrica no léxico e uma composição endocêntrica na sintaxe. A autora atribui os rótulos de adjetivos prototípicos para os adjetivos que trazem qualificação, deixando o rótulo de “marginal” para adjetivos como os relacionais que apresentam uma caracterização nominal no componente semântico, mas não no módulo sintático, em que falham em atribuir/chechar número e caso. Comportam-se, assim, como adjetivos para o componente sintático.

(a) Bem/ Meio/ Super baiana, essa pimenta!

(b) Conceitual pra caramba, essa escultura!

(20)

(a) Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa pimenta/cocada

(b) Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa escultura!

A distinção entre os pares de exemplos (13) e (14) *versus* (15) e (16) evidenciam que a gramaticalidade ou a diminuição da agramaticalidade não é causada exclusivamente pela presença dos modificadores, já que ambas as duplas possuem modificadores. Contrastando as alíneas (a) e (b) dos exemplos abaixo, vemos que apenas a mudança do sujeito não conduz ao mesmo resultado de melhora de gramaticalidade produzido pela inserção dos modificadores junto aos adjetivos “não palatáveis” para SCLs.

(21)

(a) Bem/ Meio/ Super baiana, essa pimenta!

(b) ? Bem/ Meio/ Super baiana, essa dançarina!

(22)

(a) Conceitual pra caramba, essa escultura!

(b) ? Conceitual pra caramba, essa definição!

(23)

(a) Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa pimenta/cocada

(b) ?? Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa dançarina

(24)

(a) Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa escultura!

(b) ?? Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa definição!

Ficaria, assim, difícil considerar que há apenas uma indução a grau envolvida nesses predicados que possuem a modificação tal como a literatura aponta. Nesse

momento, para simplificação didática³¹, adotemos uma versão lexicalista da teoria. A partir dela, poderíamos lançar um novo e amplo olhar sobre essa melhora. Considerando a já apresentada dualidade de leituras possíveis em muitos adjetivos, a melhora poderia vir não de uma graduabilidade do predicado, mas da seleção de uma leitura qualificativa do adjetivo presente em uma das derivações convergentes (não desconsiderando a possibilidade de uma derivação não convergente em que a “versão” relacional estaria presente).

A melhora com a inserção dos modificadores não se daria, assim, apenas por conta da inserção do grau, mas pelo fato desse modificador selecionar adjetivos com “interpretação” qualificativa. Veja-se que os casos em que tais melhoras são visualizadas referem-se a sujeitos comuns.

Quando o sujeito era deverbal (“*definição*”) ou, quando havia um adjetivo étnico envolvido (exemplificado com o uso de “*baianinha*”) e o sujeito comportava um traço [+humano] (“*dançarina*”), a modificação não reproduzia a mesma melhora tal qual identificamos nas alíneas (b) dos exemplos (21) - (24) acima³².

O contraste dos pares suprarreferidos permite-nos também observar uma correlação entre tipo de adjetivo, tipo de sujeito e (a)gramaticalidade. Nas sentenças com agramaticalidade temos ou um sujeito deverbal ou um sujeito [+humano]. Qual seria, portanto, a relação entre esses sujeitos que bloquearia a leitura qualificativa desses adjetivos?

Sujeitos deverbais (assim como alguns denominais) trazem, na raiz ou no item lexical, uma estrutura argumental ou eventiva. Embora a existência dos denominais não seja condição necessária e suficiente para a presença de adjetivos relacionais (cf. McNally;

³¹ Sem adentrar em maiores detalhamentos computacionais, numa versão não-lexicalista como a da Morfologia Distribuída, também teríamos as derivações paralelas, sendo convergentes apenas aquelas em que ou a raiz adjetival contém traços semânticos qualificativos ou há um morfema contendo tais traços adicionados à raiz e para os quais é possível a graduação através dos modificadores quer com graus intermediários (“bem”, “meio”, “super”, “pra caramba”, “-inha”), máximos (“demais”, “-íssima”, “super”, “pra caramba”) ou mínimos (“-inha”, “nada”).

³² É possível que o leitor observe alguma pequena distinção no julgamento de gramaticalidade, contudo, não é esperado que ela chegue a representar o oposto do se está desenhando, desconstruindo a argumentação. Tal fato, pode estar ligado a um traço diferente desses itens lexicais no léxico do falante que apresenta um julgamento de gramaticalidade diverso do que aqui se apresenta. É possível que algumas gramáticas não tenham os itens lexicais homônimos com traços distintos, mas com um único traço. Nesse caso, espera-se não encontrar a distinção de gramaticalidade apresentada.

Boleda, 2004, p. 183), certamente facilitam a leitura relacional –especialmente com adjetivos temáticos – mas também com classificativos.

Sujeitos [+humanos], por outro lado, ganham essa condição associados à adjetivos étnicos. Adjetivos étnicos, na definição de Alexiadou e Stavrou (2011), são formados por grupos de entidades animadas que compartilham uma característica referente a uma subdivisão geográfica, de raça, religião, política ou etnia.

Na proposta das autoras, existem dois tipos de adjetivos referentes à etnia, ambos relacionais. Um diz respeito ao adjetivo que serve para denotar um nome a partir de uma propriedade local, agindo como um classificativo. O outro grupo, o dos chamados de adjetivos étnicos propriamente ditos, diz respeito à característica iminente de um conjunto. Nesse caso, tais adjetivos seriam necessariamente modificadores de nomes deverbais, absorvendo o papel theta e não podendo ser usados predicativamente.

Ao testarmos os adjetivos étnicos em (13) repetidos abaixo para conveniência como (25) e (26), além de forçarmos o uso predicativo, uma vez que os inserimos em estruturas SCLs, fizemos tal uso modificando um nome [-animado] e não um deverbal. Nessas condições, além de excluirmos o uso dos adjetivos étnicos propriamente ditos como definido por Alexiadou e Stavrou (2011) – e apresentado no parágrafo anterior – fazemos um uso do adjetivo que também não se adequa à definição de classificativo, já que não identifica um subconjunto, mas atribui uma propriedade ao sujeito. Veja-se que o uso de um deverbal como *invasão* (25) ou *triagem* (26) também modificam a gramaticalidade das sentenças.

(25) *Bem/ Meio/ Super baiana, essa invasão!

(26) *Conceitual pra caramba, essa triagem!

Se entendemos que a leitura que gera gramaticalidade é a classificativa, consideraríamos estar ocorrendo uma operação subconjuntiva na predicação de tais construções. Para a manutenção da noção subconjuntiva e, portanto seu uso classificativo, em (10) e (11), assim como em (13) e (14), teríamos que propor uma estrutura como a esquematizada em (27)³³, na qual o adjetivo modificasse um elemento

³³ Logicamente poderíamos também ter a duplicação da propriedade no formato apresentado em (i) abaixo, e que os índices indicam correlação e o elemento sombreado e tachado indica que o termo não é pronunciado naquele ponto.

nulo ao modo comumente proposto para coordenações de adjetivos (cf. entre outros, Kester(1996), Bosque e Picallo(1996) ou Sleeman(1996)).

(27) ec_i PREDICADO, SUJEITO_i!

A estrutura apresentada acima, traria uma condição de subsectividade em relação à denotação do referente perante o qual a propriedade é avaliada. O predicado faria referência, portanto, ao grupo ao qual o elemento presente e denotado pelo sujeito está sendo comparado. A predicação estabeleceria, portanto, a avaliação da proximidade ou não das propriedades atribuídas a esse sujeito em comparação com propriedades desse grupo. Sentenças como as apresentadas em (28) seriam similares às de (29), nas quais o sombreamento indica a presença de um elemento não pronunciável.

(28)

- (a) *Baiana, essa moqueca!
- (b) *Vermelha, essa pimenta!

(29)

- (a) *Moqueca baiana, essa moqueca!
- (b) *Pimenta vermelha, essa pimenta!

A estrutura gerada assim também não seria predicativa. Teríamos, em tal caso, uma sentença equativa/identificacional equivalente a (29) enfatizando a noção de subclasse própria dos adjetivos classificativos. Como veremos a seguir e já apontado por Pinheiro (2019), tais estruturas não são possíveis em SCLs, sendo agramaticais e podendo, portanto, ser a razão da agramaticalidade de sentenças como (28). Para esses casos propomos uma estrutura como (30), similar a estrutura de (29), uma sentença identificacional.

(30)

- (a) * ec_i Baiana, essa moqueca_i!
- (b) * ec_i Vermelha, essa pimenta_i!

(i) ~~SUJEITO_j PROPRIEDADE_i, SUJEITO_j PROPRIEDADE_i!~~

Resta-nos, desse modo, entender qual a relação entre o tipo de sujeito e a habilitação — ou não — da versão avaliativa do predicado na presença do modificador. Ou, em outros termos, porque (31) é gramatical, mas (32) é, no mínimo, bastante degradada.

(31)

(a) Bem/ Meio/ Super baiana, essa pimenta!

(b) Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa pimenta/cocada

(32)

(a) ?Bem/ Meio/ Super baiana, essa dançarina!

(b) ?? Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa dançarina!

Ao modificar um nome [+humano] a versão qualificativa do adjetivo é menos saliente e o resultado, mesmo na presença dos modificadores (vide (32) acima³⁴), não é o mesmo que se visualizou quando o nome não tinha o traço [+ humano]. A presença do nome [+humano] como sujeito da sentença parece implicitamente habilitar a comparação do nome com a uma subclasse do nome, independentemente da existência de modificadores. Em outros termos, o predicado traria não uma propriedade a ser atribuída àquela dançarina, mas uma tipificação do tipo de dançarina (*baiana*)³⁵. Teríamos, portanto, uma interpretação como em (33).

(33)

(a) ?Bem/ Meio/ Super dançarina baiana, essa dançarina!

(b) ?? Dançarina baianinha/baianíssima/ ? nada baiana, essa dançarina!

Nesse sentido, a leitura saliente seria a classificativa, o que não ocorre com nomes [- animados] exemplificados em (31). Quando um sujeito [- animado] está presente, o adjetivo pode predicar diretamente sobre o sujeito como se transferisse

³⁴ As sentenças apresentadas no exemplo (32) são as mesmas apresentadas anteriormente em (21) e repetidas aqui para conveniência do leitor.

³⁵ É possível também que se trate de uma subcategorização da origem como “pessoa baiana”.

características prototípicas do nome atribuindo-as diretamente ao nome denotado de forma extensional³⁶.

(34) Bem/ ?Meio/ Super baiana, essa moqueca!³⁷

(35) Baianinha/Baianíssima/ Nada baiana, essa moqueca!

Baiana já não seria a origem do prato, mas uma qualificação como, por exemplo, ser apimentada. Dessa forma, o modificador não alteraria o grau do adjetivo, apenas facilitaria a seleção de adjetivos qualificativos.

Nessa linha, agora precisamos entender como funcionam os adjetivos temáticos. Quando temos tais adjetivos, a imersão da versão classificativa com os modificadores está relacionada a inexistência de um nome deverbal como sujeito. Vemos que quando, ao invés do nome “*escultura*” (cf. (36)), temos um deverbal como “*definição*” (cf. (37)), a gramaticalidade induzida pelos modificadores também desaparece a exemplo do que ocorria com os adjetivos étnicos (conforme já observamos no contraste entre (31) *versus* (32)).

(36)

(a) *Conceitual, essa escultura!

(b) Conceitual pra caramba, essa escultura!

(c) Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa escultura!

(37)

(a) *Conceitual, essa definição!

³⁶ De um ponto de vista semântico, teríamos uma denotação extensiva do classificador que selecionaria propriedades prototípicas e, partindo dessa seleção, aplicaria intensionalmente a predicação ao nome. Em outros termos, uma das propriedades do nome seria tomada como um novo conceito a ser aplicado sobre o sujeito, de uma forma que, por exemplo, *baiana* equivaleria a alguma propriedade como *apimentada*, *bem temperada*, etc.

³⁷ Veja-se que há certo desvio de gramaticalidade com relação à modificação por uma graduação intermediária “*meio*” para o adjetivo *baiana*. Não entraremos em detalhes, mas o efeito parece advir do contraste entre o que seria esperado da moqueca (inclusive sua origem) e o caráter baiano. O modificador não parece conseguir habilitar, à primeira vista, uma versão qualificativa desse adjetivo, sendo necessário uma contextualização muito especial para sua gramaticalidade (exemplo: um restaurante que diz oferecer comida típica baiana, mas apresenta um prato sem pimenta, sem dendê e outros elementos típicos do prato baiano). De forma paralela, seria possível em uma cozinha considerada inovadora e de pratos típicos capixabanos. A necessidade de contextualização para a gramaticalidade dos exemplos reforçaria a tese de que se trata de um problema que afeta as condições pragmáticas sendo pertinente que esteja relacionado à questão de surpresa/admiração ou abertura (widening) típica das exclamativas.

(b) ? Conceitual pra caramba, essa definição!

(c) ?? Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa definição!

O motivo que parece “salvar” as sentenças com modificadores (como apresentadas no paradigma original em (13) - (14)) da agramaticalidade está, assim, relacionado ao uso qualificativo do adjetivo. A modificação pelos intensificadores ou outros modificadores de escala é correlacionada, mas não condicional, à melhora de gramaticalidade. Se nossa proposta de atribuição, apresentada em (30), estiver correta, esperaríamos fomentar uma “versão” qualificativa do adjetivo e alterar o nível de gramaticalidade.

É o que testamos em (38)- (43) abaixo. Para cada par de sentenças contendo o exemplo do adjetivo étnico (alíneas (a)) e do adjetivo temático (alíneas (b)), seguimos com uma sentença em que se testa a gramaticalidade da sentença com a explicitação do elemento nulo, inspirado no modo proposto por Levi (1978). Assim, apresentamos abaixo o confronto dos pares de sentenças (38) *versus* (39), (40) *versus* (41) e (42) *versus* (43). O par de sentenças (38) - (39) serve para ilustrar o funcionamento do teste proposto fazendo uso das sentenças do paradigma originário (sentenças em (12), repetidas em (38)) e sentenças com explicitação do elemento nulo em . Já os pares de sentenças seguintes ilustram, nos números pares ((40) e (42)), os exemplos originais com modificação dos intensificadores e, nos números ímpares ((41) e (43))³⁸, as respectivas sentenças com a explicitação dos sujeitos no elemento preposto.

(38)

(a) * Baiana, essa pimenta/ cocada!

(b) *Conceitual, essa escultura!

(39)

(a) * Pimenta/cocada baiana, essa pimenta/ cocada!

(b) * Escultura conceitual, essa escultura!

³⁸ O destaque no texto serve para representar a categoria não pronunciada (EC correferencial) presente no texto auxiliando a interpretação desejada, isto é, para que se possa ter uma leitura relacional mais dificilmente alcançada sem essa coação. Para efeitos didáticos, consideramos mais interessante apresentarmos a duplicação fonológica do item, ao invés da presença do nulo, a fim de realçar a leitura de classificação desejada.

(40)

(a) Bem/ Meio/ Super baiana, essa pimenta!

(b) Conceitual pra caramba, essa escultura!³⁹

(41)

(a) ? Bem/ Meio/ Super pimenta baiana, essa pimenta!

(b) ? Bem/ ?Meio/ ??Super escultura conceitual, essa escultura!

(42)

(a) Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa pimenta/cocada!

(b) Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa escultura!

(43)

(a) ?? Pimenta Baianinha/Baianíssima/? Nada baiana, essa pimenta/cocada!

(b) ? Escultura Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa escultura!

Acima, pudemos, portanto, constatar uma queda de gramaticalidade se o sujeito é explicitado à esquerda do adjetivo e mantida uma replicação desse sujeito à direita. Observemos, a seguir, no contraste entre (44) *versus* (45) e entre (46) *versus* (47), que a replicação não é a causa da agramaticalidade. Mesmo que se tenha um elemento pronominal resumitivo à direita como *isso*, a indicação de agramaticalidade permanece.

(44)

a. ? Bem/ Meio/ Super pimenta baiana, essa pimenta!

b. ? Bem/ ?Meio/ ??Super escultura conceitual, essa escultura!

(45)

³⁹ No paradigma anterior usamos, como intensificador, *pra caramba*. Aqui usamos os mesmos modificadores do exemplo anterior, a saber, *bem*, *meio* e *super* não só visando para facilitar o paralelismo, mas também porque a posição do modificador influencia o teste da explicitação desse elemento nas frases. Com o modificador ao final da sentença *pra caramba* também pode ser “incorporado” à tipificação do nome. Dessa forma, *conceitual pra caramba* não teria uma intensificação da propriedade de *conceitual*, mas traria a seleção de um tipo de “conceitualidade”. O resultado, pode ser comparado nos exemplos abaixo.

i. Conceitual pra caramba, essa escultura!

ii. ^{ok} Escultura conceitual pra caramba, essa escultura!

iii. ??Bem/ Meio/ Super escultura conceitual, essa escultura!

- (a) ? Bem/ Meio/ Super pimenta baiana, essa daí!
- (b) ? Bem/ Meio/ Super pimenta baiana, essa coisa/ isso!
- (c) ? Bem/ ?Meio/ ??Super escultura conceitual, essa daí!
- (d) ? Bem/ ?Meio/ ??Super escultura conceitual, essa coisa/isso!

(46)

(a) ?? Pimenta Baianinha/Baianíssima/? Nada baiana, essa pimenta/cocada!

(b) ? Escultura Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa escultura!

(47)

(a) ?? Pimenta Baianinha/Baianíssima/? Nada baiana, essa daí!

(b) ? Pimenta Baianinha/Baianíssima/? Nada baiana, essa coisa/isso!

(c) ? Escultura Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa daí!

(d) ? Escultura Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa coisa/isso!

Podemos identificar a queda do nível de gramaticalidade visualizado nos exemplos em que os testes de replicação foram feitos (exemplos (39), (41) e (43)). Nessa condição, vemos se repetir o desvio de gramaticalidade presente quando tínhamos um denominal, no caso dos adjetivos classificativos (exemplos (37)), ou, no caso de adjetivos étnicos, o uso de nomes com traço [+ humanos] (exemplos (32)).

A razão pela qual adjetivos relacionais não são relevantes em leituras contendo modificadores ou indutores de grau está relacionada à restrição apontada por Fábregas (2007), segundo a qual, semanticamente, adjetivos relacionais não aceitam modificação de grau por não exibirem tal informação⁴⁰. Como Bosque (1993) observa,

⁴⁰ Como apontaremos a seguir, autores como Bosque e Picallo (1996), Moreno (2018) e, indiretamente, McNally e Boleda (2004) propõem uma diferença estrutural, sintática nos relacionais quando contrastados aos qualificativos. Para McNally e Boleda (2004) relacionais estão ligados às espécies (*kind*) semânticos, formando subespécies (*subkinds*). Dessa forma, também correlacionados à literatura dos nomes nus (*bare noun*) para os quais comumente se propõe existir subespecificação de traços. Moreno (2018),

há certa recorrência no que denomina de recategorização⁴¹ de relacionais para qualificativos.

Retomando os dados de Pinheiro (2019), apresentados em (9) - (11) (repetidos abaixo como (48) - (51) para melhor visualização), caberia perguntarmos: haveria alguma relação entre os adjetivos descritivos que causam agramaticalidade sem modificação e os adjetivos étnicos e classificativos apresentados até aqui? A qual classe, de fato, estariam pertencendo os adjetivos relacionados à cor e forma? Até que ponto um *pote quadrado* poderia ser interpretado como um pote que tem a propriedade de ser quadrado (qualificativo) e não um tipo de pote (pote do tipo quadrado)? Cores também poderiam ter essa ambiguidade mesmo na ausência de um nome deverbal? Para as cores, é relevante observar que uma *maçã verde* não seria exclusivamente uma maçã que está verde, mas um tipo de maçã e, portanto, *verde* seria um classificativo. Observemos os exemplos abaixo:

(48)

(a) *Quadrado, esse pote!

(b) *Roxa, essa framboesa!

(49)

(a) Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente quadrado, esse pote!

(b) Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente roxa, essa framboesa!

partindo do pressuposto de que o componente semântico poderia analisar adjetivos relacionais como nominais independentemente de “falhas” no componente sintático - notadamente na atribuição de traços referente à caso e número – propõe que ambas as subdivisões dos adjetivos relacionais propostas por Bosque e Picallo (1996), a saber, adjetivos temáticos e adjetivos classificativos, sejam tipos diferentes de nomes nus. Após estabelecer um paralelo entre os nomes nus e as modificações “nuas” (modificações de subespécie realizadas por intermédio dos adjetivos relacionais), a autora propõe que adjetivos temáticos sejam nomes nus argumentais e, adotando a correlação proposta por Dobrovie-Sorin; Bleam; Espinal (2006), DPs. Já adjetivos classificativos seriam modificadores restritivos não argumentais e, como tais fundamentado também na proposta de Dobrovie-Sorin; Bleam e Espinal (2006), nPs. Ambas as classificações adjetivais, porém, não difeririam do ponto de vista semântico, tendo uma interpretação não específica e não identificacional. A analogia com os nomes nus seria, conforme a autora, extensível à não ocorrência com predicados de indivíduo na leitura de espécie. A diferença essencial entre as duas classes, recairia, portanto, na subespecificação de número.

⁴¹ O uso do termo recategorização se dá pela assunção de uma teoria lexical, em que os adjetivos têm uma classificação pré-definida. A existência ou não de duplicações de item lexicais para contemplar os diferentes traços que desencadeiam operações nas interfaces relevantes é uma questão recorrente das teorias lexicalistas. Em versões não lexicais da teoria, há uma importância menor em apresentar a categoria, já que, no léxico, haveria apenas raízes. A noção seria, portanto, muito mais uma questão puramente descritiva.

(50)

- (a) Quadradaço/ Quadradão/ Quadradinho esse pote!
- (b) Roxona/ roxinha/ultrarroxá, essa framboesa!

(PINHEIRO, 2019, p. 100–101 exemplos (27) e (28) adaptados)

Com a reflexão prévia em mente, podemos caminhar para as respostas induzindo os adjetivos descritivos como cor e forma e sobre os quais recai a dúvida sobre as leituras possíveis a comportarem-se como classificativos. Para tanto, podemos lançar mão de nomes que facilmente formem subespécies e adquiram uma leitura classificativa, como *rosto* em *rosto quadrado* (ao invés de *pote quadrado*) ou situação ao usar *situação roxa* no lugar de *framboesa roxa*.

Com tais construções, vemos que o paradigma anteriormente encontrado tanto com étnicos como com adjetivos tipicamente classificativos repete-se (vide teste em (51) a (53)). A presença de modificadores deixa de ser condição suficiente para salvar a sentença como ocorria em (49) - (50).

(51)

- (a) *Quadrado, esse rosto!
- (b) *Roxa, essa situação!

(52)

- (a) ? Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente quadrado, esse rosto!
- (b) ?Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente roxa, essa situação!

(53)

- (a) ??Quadradaço/ Quadradão/ Quadradinho esse rosto!
- (b) ??Roxona/ roxinha/ultrarroxá, essa situação!

Vemos, acima, que, mesmo na presença de modificadores e indutores de graduabilidade, como temos em (52) e (53), evitando-se a interpretação qualificativa, a sentença é degradada. Ratificamos, dessa forma, que o cerne dessa aceitabilidade reside no tipo de adjetivo presente em tais predicados. Podemos, assim, encaminhar algumas respostas para as questões apresentadas.

Quando nos questionamos se haveria alguma relação entre os adjetivos descritivos que causam agramaticalidade sem modificação e os adjetivos étnicos e

classificativos apresentados, a resposta é que possivelmente eles apresentam a mesma ambiguidade, podendo ter tanto a versão classificativa quanto a qualificativa. Tal ponto também já nos responde a questão sobre a natureza quadrada do pote. Costatamos ademais que, mesmo na ausência do deverbal, a leitura classificativa poderia ser habilitada, ainda que não tenhamos uma resposta clara sobre a natureza do sujeito que habilitaria uma ou outra possibilidade.

Para compreendermos melhor teoricamente o fato, lançaremos mão de algumas propostas adjetivais da literatura que auxiliam na distinção que viemos visualizando.

1.1.1.1. A literatura sobre predicados relacionais

Há, na literatura, duas propostas principais que abordam, de uma perspectiva mais estrutural, a diferença entre os tipos de adjetivos envolvidos nessa construção. Autores como McNally e Boleda (2004) e, parcialmente⁴² Moreno (2018), associam as diferentes classes de adjetivos às noções de espécie (kind). Em seu trabalho supracitado de 2004, as autoras aliam-se às críticas da inexistência de adjetivos relacionais como predicativos pós-copulares.

Tradicionalmente adjetivos como aqueles que aparecem em *solar* contido na expressão *calor solar*⁴³ são tidos como exclusivamente pós-nominais em línguas como o Francês e o Catalão. Dessa forma, tais adjetivos teriam as seguintes características: (i) não seriam predicados de sentenças copulares, (ii) não seriam graduáveis e (iii) teriam um comportamento similar ao nome, podendo saturar posições temáticas. Adjetivos em posição pós-nominal, conforme as autoras observam, eram associados à intersectividade e a presença copular. Com isso, a existência de relacionais em tais posições era descartada.

⁴² Usamos o termo *parcialmente* porque a proposta da autora une a noção de intersectividade/subsectividade com a noção de nomes nus e subespecificação de número. Por essa associação, a autora correlaciona as diferentes classes descritivas a diferentes configurações sintáticas, uma vez que ora representam nomes de massa, ora nomes nus plurais e ora nomes definidos/específicos.

⁴³ Exemplo remetido a Bally (1994 *apud* (MCNALLY; BOLEDA, 2004))

As autoras, além de constatarem a existência de tais sentenças (como em “*O congresso é internacional*”⁴⁴), julgam inapropriadas proposições que defendam tal correlação por lembrarem que adjetivos relacionais compartilham propriedades com os adjetivos intersectivos. Observam que, em algumas propostas como a de Levi (1978), para a manutenção da distinção descritiva, a inserção de um nome elíptico junto ao adjetivo pós-copular é necessária, justificando, assim, a condição não predicacional de tais casos (algo como *O congresso é **congresso** internacional*).

As autoras interpretam que propostas como as de Levi (1978), ao discernirem entre aquilo que se identifica como verdadeiros adjetivos (correspondendo largamente a uma função intersectiva) e aquilo que entendem como um nominal com “função” adjetival (que as autoras chamam de substantivo disfarçado (no original: “*nouns in disguise*”)), acabam por postular um mecanismo dessa natureza para defender a inexistência de relacionais não só em função predicativa pós-copular como também sua não graduabilidade.

McNally e Boleda (2004), porém, mostram que as generalizações são falhas. Assim como há adjetivos relacionais que são intersectivos e apresentam a mesma distribuição sintática dos intersectivos típicos (adjetivos predicativos, verdadeiros predicativos ou qualificativos a depender da classificação adotada), a graduabilidade é condição necessária, mas não suficiente para definir os classificatórios. Alguns adjetivos claramente intersectivos como *solteiro* não são sujeitos à graduabilidade (na concepção/língua das autoras⁴⁵).

As autoras propõem uma heterogeneidade na chamada classe de relacionais. Para elas, há, em tal classe, tanto intersectivos como, por exemplo, *vergonhoso* (*vergonyós*) como subsectivos, exemplificados por adjetivos eventivos como *ocasional*

⁴⁴ Exemplo traduzido o exemplo (10)b de McNally e Boleda (2004) no original: “*Aquest congrés és internacional*”. (MCNALLY; BOLEDA, 2004, p. 182).

⁴⁵ Em PB podemos ter graduabilidade – exceto em contexto *out-of-the-blue* - até mesmo de adjetivos que, a princípio, admitiriam apenas grau extremo (ou opção sim/não) como *grávida*, *disponível*, *impossível*, *fotográfica*, entre outros. Assim, podemos coagir a grau – e optar por uma versão classificativa – como segue abaixo.

- i. A Júlia? Ela já tá grávida agora. (Contexto: Resposta sobre como está Júlia para alguém que conhece a Júlia e há muito tempo não a vê, podendo ou não saber que ela era tentante).
- ii. Super disponível, essa atendente! Bem diferente daquela outra da semana passada!
- iii. Bem impossível, né, essa tática do MacGyver!
- iv. ? Excessivamente fotográfico, esse videobook/ esse insta!
- v. Bem solteira, essa atriz, hein?!

(*ocasional*) e denominais que só mantêm tal relação diacronicamente como *bélico* (*bèlic*) ou *botânico* (*botànic*). Utilizando uma análise tipicamente larsoniana, as autoras propõem que a diferença entre os adjetivos considerados verdadeiros/ típicos (correspondendo aos qualificativos na maior parte das classificações mais recentes) e os adjetivos relacionais estaria em denotarem propriedades de espécie (*kind*) e não de indivíduos.

Predicações envolvendo adjetivos relacionais poderiam ser analisadas de um ponto de vista intersectivo de forma similar aos chamados verdadeiros adjetivos, porém essa intersectividade seria intermediada por espécies. Com isso, adjetivos classificatórios denotariam propriedades de espécies e não de indivíduos. Tal análise seria mantida mesmo que a adjetivação ocorresse frente à nomes comuns.

McNally e Boleda (2004) propõem que todos os nomes comuns tenham um argumento de espécie (*kind*) implícito. A predicação sobre o nome individual seria intermediada pela relação R proposta por Carlson(1977), transformando os objetos em espécies que os nomes descrevem. Ao transformar o nome em espécie (*kind*), a modificação selecionará uma subespécie (*subkind*). Se o sujeito não denotar uma espécie, ele não poderá ser usado predicativamente. Essa proposta explica a dualidade encontrada nessa classe (adjetivos que poderiam e os que não poderiam ser usados predicativamente).

Se relacionais são propriedades de espécies, que serão modificados formando subespécies, como proposto no referido trabalho, seriam incompatíveis com nomes próprios. A denotação de *singleton* (unitária) dos nomes próprios não permitiria a subcategorização esperada por uma modificação com um relacional, gerando a incompatibilidade visualizada como agramaticalidade na presença de sujeitos nomes próprios.

Algumas incompatibilidades — como a referente aos nomes próprios tratada no parágrafo anterior — residiria na incapacidade de alguns sujeitos que denotam indivíduos preencherem todas os requisitos que tais adjetivos impõem ao predicado. As autoras argumentam que a raridade dessas construções estaria relacionada a um condicionamento muito mais pragmático do que ao tratamento semântico normalmente imputável a tal fato.

Feita essa incursão na literatura adjetival, voltemos a nossa restrição de predicado, agora olhando-a com as ferramentas propiciadas pela literatura.

1.1.1.1.1. Aplicando a literatura sobre predicados relacionais aos nossos dados

Com o que apresentamos da literatura na seção anterior, percebemos também uma curiosa assimetria com relação à gramaticalidade das sentenças contendo os modificadores/intensificadores e o uso de nomes próprios. O uso de um sujeito que seja um nome próprio também gera agramaticalidade nas sentenças anteriormente julgadas gramaticais e apresentadas no paradigma do início deste capítulo, a saber, sentenças (10) - (11) e (13) - (14) repetidas abaixo como (54) - (57).

(54)

(a) Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente quadrado, esse pote!

(b) Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente roxa, essa framboesa!

(55)

(a) Quadradaço/ Quadradão/ Quadradinho esse pote!

(b) Roxona/ roxinha/ultraroxa, essa framboesa!

(PINHEIRO, 2019, p. 100–101 exemplos (27) e (28) adaptados)

(56)

(a) Bem/ Meio/ Super baiana, essa pimenta!

(b) Conceitual pra caramba, essa escultura!

(57)

(a) Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, essa pimenta/cocada

(b) Conceitualzona/Conceitual demais/ Nada conceitual, essa escultura!

É o que identificamos com o uso de sujeitos como “*Marinex*”, “*Nubank*”, “*Pitty*” e “*London Fashion Week*” como apresentado nas sentenças em (58) - (61) abaixo.

(58)

(a) ??Mega/*Tremendamente/? Muito /? Perfeitamente quadrado, (o/esse) Marinex!⁴⁶

(b) *Mega/*Tremendamente/?? Muito /? Perfeitamente roxo, (o/esse) Nubank!

(59)

(a) *Quadradaço/?? Quadrado/ ?Quadrado, (o/esse) Marinex!

(b) *Roxão/ ??Roxo/??Ultrapuro, (o/esse) Nubank!

(60)

(a) ?Bem/ Meio/ Super baiana, a Pitty!

(b) ?Conceitual pra caramba, a London Fashion Week!

(61)

(a) ?Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, a Pitty!

(b) ??Conceitualzona/?Conceitual demais/ ?Nada conceitual, a London Fashion Week!

Vemos nos exemplos acima ((58) - (61) paralelos a (54) - (58)) que o uso dos nomes próprios, assim como ocorria com os deverbais e com nomes com traços [+humanos], parece também não habilitar uma versão compatível com a “versão” qualificativa do adjetivo, mantendo exclusivamente a “versão” classificativa. Cabe, aqui, o mesmo que apontamos anteriormente quanto ao uso de sujeitos deverbais e nomes [+humanos]: a suposta melhora com modificadores e intensificadores não se dá também nesses casos.

O resultado do teste com sujeitos contendo nomes próprios reforça a tese de que não é a presença de modificadores/ intensificadores, a responsável por “salvar” tais sentenças. A modificação apenas parece agir, em algumas predicções, como um salientador de uma leitura do predicado que é aceito em SCLs.

A razão pela qual obtivemos o resultado acima, pode ser encontrada na literatura. Nomes próprios, como observam McNally e Boleda (2004), a princípio, não deveriam ser compatíveis com nomes classificatórios se considerarmos que a denotação de um nome próprio já indica a seleção de um conjunto *singleton* (unitário) não cabendo,

⁴⁶ A sentença é boa na leitura em que *Marinex* é nome comum, associado à travessa/pote.

portanto, uma função de classificação para a seleção de um conjunto. A simples denotação do nome já comportaria previamente essa definição.

O esperado, portanto, era que, na existência de ambiguidade de leituras, a presença dos nomes próprios selecionasse a versão qualificativa dos adjetivos usados no nosso teste. Tal versão, como vimos, é largamente favorecida com o uso de intensificadores/modificadores. Se essa seleção ocorresse, esperaríamos ver completa gramaticalidade em SCLs com – e até mesmo sem! – os modificadores indutores de grau. Como adiantamos no parágrafo anterior e pudemos constatar nos exemplos testados acima, a presença de um nome próprio causa o efeito inverso do esperado: traz uma piora na gramaticalidade das SCLs (quando comparadas às sentenças com sujeitos contendo nomes comuns).

Diante disso, há duas possibilidades de análise para o resultado inesperado no paradigma apontado: ou (i) estamos diante de um leitura classificativa do adjetivo e, por algum motivo não completamente conhecido, os nomes próprios são compatíveis com tal leitura de forma a anular o efeito de “coerção” à leitura classificativa geralmente vista com a presença dos modificadores/ intensificadores, ou (ii) estamos diante da leitura qualificativa dos adjetivos, mas a presença dos sujeitos nomes próprios seria condição suficiente para disparar a agramaticalidade das sentenças por questões que nada teriam a ver com o tipo de adjetivo presente nessas construções.

Se a última possibilidade – a saber, a presença de um nome próprio ser condição suficiente para a agramaticalidade – estiver no caminho certo para a explicação do fenômeno, esperaríamos encontrar agramaticalidade nas sentenças com espécies em que figurassem adjetivos inequivocamente qualificativos tais como *velho* ou *importante*. Não é o que vemos ocorrer nos exemplos em (62) abaixo, em que foram testados os adjetivos⁴⁷ “*velhinho*”, “*prático*”, “*descolada*” e “*importante*” juntamente com sujeitos nomes próprios (“*Marinex*”, “*Nubank*”, “*Pitty*” e “*London Fashion Week*”).

(62)

(a) Bem velhinho, o/esse Marinex!

⁴⁷ Fizemos o “teste” com a troca de adjetivos procurando diversificar os adjetivos do ponto de vista morfológico. Contudo, é possível que os adjetivos usados em (62)(b) e (62)(c) possam ter uma leitura relacional também. Não identificamos, contudo, diferenças significativas para esses dois exemplos e, portanto, optamos por manter tais dados até mesmo para riqueza da exemplificação e um reforço da generalização possível. Essa percepção poderá ser reforçada no teste apresentado em (64).

(b) Bem prático, o/esse Nubank!

(c) Bem descolada, A/Essa Pitty!

(d) Muito importante, A/ Essa London Fashion Week!

Vemos que as sentenças acima são gramaticais⁴⁸, logo descartamos parcialmente a explicação de que a agramaticalidade dos casos anteriores ((58) - (61)) era exclusivamente devida à existência dos nomes próprios. Na hipótese de que nomes próprios, por si só, desencadeariam a agramaticalidade, esperaríamos que os exemplos acima fossem agramaticais, o que não se mostra factual. Passaremos, assim, a explorar a segunda hipótese. Antes, porém, precisamos fazer um alerta sobre os sujeitos presentes nas sentenças acima.

Sujeitos inanimados, como os apresentados em (62), apresentam uma leitura de “Marinex”, “Nubank” ou “London Fashion Week” que não faz especificamente referência a um pote de vidro com tampa de determinada cor e um número de série específicos ou a uma agência específica de banco ou mesmo à 22ª edição de um desfile específico. Ao contrário, elas equivaleriam a uma marca e, portanto, a uma espécie (*kind*).

Uma sentença como (62)(d) aponta para a importância de uma categoria, de um tipo de desfile. Há, assim, uma prototipicidade em jogo na interpretação da sentença. Da mesma forma, (62)(b) dificilmente tem uma interpretação que não se refira a uma espécie de banco e não a uma forma especificada como um *app* (banco “tipo” o *Nubank*). Já quando olhamos para a sentença (62)(a), mesmo com o uso dos determinantes “o” ou “esse”, a denotação poderia recair sobre um espécime cujo referente são potes com determinadas características, não afastando, portanto, totalmente a noção de espécie em uma forma metonímica (equiparável à maizena ou bombril). Tal noção pode ser reforçada se olharmos a incidência da predicação. Há, em (62)(a), uma leitura de que a velhice não é referente ao objeto, mas atribuída à marca através do objeto.

⁴⁸ Nos casos das sentenças em (62)(a) e (62)(b) é possível que sejam gramaticais até mesmo quando os sujeitos não estão precedidos do determinante ou do pronom, já para (c) e (d) a ausência de tais elementos parecem gerar agramaticalidade. Não aprofundaremos na questão, mas é possível que, nas sentenças (62)(a) e (62)(b) os nomes *Marinex* e *Nubank* possam ser usados como nomes comuns.

A questão seria a relação entre a noção de espécies e a presença de nomes próprios, em caso de sujeitos animados. Nomes próprios animados⁴⁹ como o que figura no sujeito da sentença (62)(c), a saber, “Pitty” tendem a ter uma leitura mais específica sobretudo quando precedidos pelo determinante *a*”. Com o determinante *essa*, o mesmo não ocorre e a leitura similar às demais fica mais evidente.

Não podemos descartar, contudo, a constituição de uma marca como denotação desses nomes próprios. Assim, já não se trataria da denotação da pessoa física “Priscilla Novaes Leone”, mas de uma marca associada à cantora. Em todos os casos, porém, a inversão do predicado colabora para a existência de um foco informacional⁵⁰ na

⁴⁹ No caso de animados, não trataremos dos não humanos. Nomes animados [– humanos] quando referenciados por nomes próprios frequentemente acabam adquirindo uma conotação humanizada, o que poderia dificultar a análise. Com isso, deixaremos o assunto para pesquisas futuras.

⁵⁰ Não entraremos, nesse momento, na discussão sobre o *status* do elemento deslocado à esquerda do ponto de vista sintático. Usando uma definição de Lee (2006a, 2006b) seriam espécies de tópicos predicativos contrastivos (*Contrastive Predicate Topics*). Como o autor nota, são casos em que o conceito de tópico é menos próximo do que ele denomina como sentencial - que se aproxima do conceito de assunto ou tema da sentença (*aboutness*) - e mais afeito a uma noção de discursividade. Nesse sentido, o reconhecimento da temática não viria da sua preposição ou vinculação a uma menção anterior, mas viria pragmaticamente daquilo que era esperado. Em predicados tópicos há um acarretamento que é discursivo, podendo ser mencionado ou apenas presumido. No caso das nossas sentenças de interesse, a saber, as SCLs, seria presumida uma expectativa contrária àquela expressa pelo predicado. Essa presunção viria primeiramente do emissor/falante, sendo o motivo da surpresa que geraria a expressão por meio de uma exclamativa. Porém também seria presumida para o receptor/ouvinte, para quem a exclamativa traria uma pressuposição automática de negação ou inferiorização da escala do predicado. Diferentemente do foco contrastivo, em que há um elemento disjuntivo apontado no contraste; tópicos contrastivos podem trazer um conjunto aberto ou um valor escalar. Focos contrastivos seriam exaustivos enquanto os tópicos negariam apenas a escala. Não haveria, assim, um reconhecimento denotativo de uma unidade ou de um evento, mas de um *rol* de unidades ou eventos. Não entraremos em detalhe, mas a existência de um predicado tópico, diferentemente de um foco, gera uma escala proposicional que extrapola a noção de implicatura conversacional (Lee, 2003, p. 360). Um predicado tópico contrastivo, independentemente de estar em um contorno prosódico específico ou um marcador morfológico específico, induz a criação de uma escala de eventos contrários relacionados a um fundo comum (*common ground*). Não nos aprofundaremos nesse ponto, mas os tópicos contrastivos predicativos licenciariam um item de polaridade negativa fraco existencial (*weak existential NPI*) e teriam uma interação com negação. Adotando máximas conversacionais gricenianas e a chamada escala de Horn (1972), a partir das quais temos uma escala do mais especificado (no topo) ao menos especificado (na base), presume-se que o que é predicado para algo mais especificado deveria ser, por implicatura, predicado para os níveis inferiores da escala. Em outros termos, num contexto discursivo-pragmático em que, por exemplo, (usando o exemplo do autor) haveria uma escala incluindo chegar (menos específico) e ir ao palco (mais específico), a predicação do menos específico, a princípio, não pressuporia a do específico (ir ao palco), enquanto a do mais específico implicaria no evento mais genérico (a mesma lógica seria aplicável a nomes). Porém, em tópicos contrastivos predicativos, a topicalização induziria ao não-p. No exemplo, um tópico em chegar, implicaria em não ter ido ao palco. A negativa da condição mais “baixa” da escala, a saber, chegar, portanto, implica também na negativa da sentença mais alta. O que é diferente, porém, em relação aos tópicos contrastivos é que a afirmação de uma predicação mais baixa na escala traria a

sentença relativamente ao predicado. Não seria difícil, portanto, presumir que a presença do foco informacional aliada à exclamatividade presente nas SCLs traria uma concepção de surpresa em relação ao elemento exclamado⁵¹.

Sob uma ótica de restrição pragmática como a trabalhada por McNally e Boleda (2004), seria válido considerar que pragmaticamente estaríamos sempre diante de uma leitura em que o nome próprio funcionasse como formador de uma classe, de uma espécie. Como as autoras alertam, é possível o uso de subclassificação em discursos específicos e condicionados a uma restrição pragmática. Nesse caso, um nome como “Pitty” ou “Marinex” não seriam usados apenas com a denotação de um elemento único no mundo, mas com uma denotação extensiva que traz as propriedades de “Pitty” ou “Marinex” para a denotação.

A proposição acima traz um estofamento para a nossa percepção de que os casos de nomes próprios podem facilmente incorporar uma noção de marca. Nesse ambiente, os nomes próprios testados poderiam não ser incompatíveis com relacionais, nem com adjetivos classificativos. Logo, poderiam dizer pouco sobre a “força” do sujeito na agramaticalidade dessas SCLs.

pressuposição da negativa da mais alta (se há uma topicalização contrastiva sobre um predicado como “chegar” em um contexto cuja especificação máxima seja “estar no palco”, há uma implicatura que ela também não está no palco) o que necessariamente não aconteceria em sentenças com predicado não topicalizado. Já a negativa do predicado mais alto, “não estar no palco”, no exemplo que estamos assumindo, implica a afirmação do predicado mais baixo em uma inversão de polaridade (que prevê que o que se aplica ao mais específico deveria ser aplicado ao menos específico, mas não o inverso). Em suma, como conceitualmente sintetizado pelo autor, quando temos um predicado p (um predicado mais baixo na escala) em tópico contrastivo, imediatamente constrói-se um não-q (predicado mais alto). Se um não-q é dado, constrói-se contrastivamente um p (predicado mais baixo). Nessa escala, a negativa do predicado mais especificado funciona como se a expectativa de implicatura sempre do ponto mais alto ou mais específico da escala fosse invertido. SCLs (excluindo-se as chamadas que-SCLs) apesar de serem refratárias às negações com modificadores como *não* se comportam de forma similar. Uma sentença como “(Bem) Pouco linda, essa festa!” traz um contraste com o esperado que não é negação da beleza, mas a própria beleza, ao mesmo tempo em que afirma um item baixo da escala de beleza, algo como “bonitinha”. Há, além disso, um contraste interessante referente a aceitabilidade de predicados contraditórios. Enquanto uma frase não exclamativa os permite criando uma leitura em que a graduação da atribuição decresceria na escala, SCLs rejeitam-nas (Vide “Essa sobremesa é/está um gelado(a) meio quente”. *Que/ Bem gelado(a) meio quente, essa sobremesa!). Vemos que poderia haver, também nesses casos, um efeito de polaridade como subjacente a essa interação com grau e exigência de grau extremo. Não exploraremos em detalhes esse ponto neste trabalho. Outro ponto que merece atenção, mas que também não será aprofundado neste trabalho, diz respeito a possibilidade de entendermos o sujeito como um foco contrastivo (no exemplo anteriormente, teríamos “essa sobremesa” (e não a outra)). Nesse caso, haveria uma exaustividade necessária, o que em parte explicaria algumas restrições de sujeito que encontramos em usos não especificados/ determinados. A condição de contrastividade e foco apresentada nesse ponto mereceria um trabalho aprofundado que será deixado para trabalhos futuros.

⁵¹ Essa condição é explorada por Lima (2020a) em termos de miratividade.

Nessa direção, ficaria a questão de como se comportariam verdadeiros nomes próprios. Testamos, por isso, a seguir, sujeitos que são mais dificilmente interpretados como marcas ou espécies como, por exemplo, *Zé das Couves*, *Joaninha etc.* Veja-se que, na presença de um nome comum sem um contexto que possa dar uma leitura de marca ou espécie a esse nome próprio, a gramaticalidade fica prejudicada, especialmente com determinantes (cf.(62) repetido abaixo como (63) para facilitar a comparação *versus* (64), em que temos nomes próprios sem contexto de marca).

(63)

- (a) Bem velhinho, o/esse Marinex!
- (b) Bem prático, o/esse Nubank!
- (c) Bem descolada, *A/Essa Pitty!
- (d) Muito importante, *A/ Essa London Fashion Week!

(64)

- (a) Bem velhinho, ?o/esse Seu Zé!
- (b) Bem prático, ?o/esse Zé das couves!
- (c) Bem descolada, ?a/essa Joaninha!
- (d) Muito importante, ?o/esse Zé Leôncio!

Ao mesmo tempo em que a presença de um sujeito com espécie é totalmente compatível com adjetivos classificativos, explicando diretamente a gramaticalidade encontrada em (62) (repetidas acima como (63)), a presença de um nome próprio que mais dificilmente se configuraria como uma marca ou espécie, como se vê em (64), apresenta resultado idêntico. Um destaque importante, quanto a (64), incide sobre a inexistência de um determinante precedendo o nome próprio.

A presença do determinante, como apresentaremos na seção 1.1.3, gera decréscimo de gramaticalidade em SCLs quando comparado ao uso de pronomes referenciais⁵². Uma vez identificada a possibilidade de nomes próprios configurarem-se

⁵² Embora não nos aprofundemos nesse ponto, é interessante notar que, em oposição ao que identificamos com relação aos determinantes *o/a* em oposição aos pronomes *esse/ essa* em (64), as sentenças de (63) não apresentam a mesma distinção entre o uso dos determinantes e dos pronomes. Veremos no capítulo seguinte que, em alguns casos de predicados com a forma masculina singular, temos outro tipo de leitura possível e, nesse caso, há maior compatibilidade com espécies e com determinantes. Nos casos de (63), como o sujeito também se encontra no masculino singular não podemos identificar tão

como espécies frente a adjetivos qualificativos e tal fato poder alterar o resultado visualizado, faz-se necessário testar a troca dos sujeitos utilizados também nos casos de adjetivos relacionais.

Resta, portanto, identificarmos como seria a relação dos nomes próprios apresentados em (64) quando ambientados em uma sentença como aquelas vistas em (60) e (61) (repetidas abaixo como (65) e (66)). É o que testamos com a inserção de nomes próprios em (67) e (68)

(65)

(a) ?Bem/ Meio/ Super baiana, a Pitty!

(b) ?Conceitual pra caramba, a London Fashion Week!

(66)

(a) ?Baianinha/Baianíssima/ ? Nada baiana, a Pitty!

(b) ??Conceitualzona/?Conceitual demais/ ?Nada conceitual, a London Fashion Week!

(67)

(a) ??Bem/ Meio/ Super baiana, a Joanhina!

(b) *Conceitual pra caramba, o Seu Zé!

(68)

(a) *Baianinha/??Baianíssima/ *Nada baiana, a Joanhina!

(b) *Conceitualzão/*Conceitual demais/ *Nada conceitual, o Seu Zé!

Contrastando (65) ao (67) e os exemplos em (66) aos de (68), acima, vemos que os nomes que podem se configurar como subespécies tem um menor nível de agramaticalidade quando comparados aos nomes próprios “mais típicos”. O resultado nos traz uma dupla confirmação. Além de ficar reforçado que a mera presença de nomes próprios não é condição suficiente para a agramaticalidade das sentenças, o exemplo nos indica que “verdadeiros” nomes próprios trazem total agramaticalidade quando aparecem

claramente a situação que vemos ocorrer quando há “incompatibilidade” entre a marca de gênero exibida no predicado e aquela existente no sujeito.

como sujeitos de sentenças com adjetivos relacionais, não sendo impactados nem mesmo com a presença de modificadores ou intensificadores.

Os dados apontam, portanto, para uma relação entre sujeito e o predicado presente nas construções. De fato, vimos não só que nomes próprios “típicos” são insuficientes para definir a gramaticalidade das sentenças como estão condicionados a uma relação com os predicados presentes. Nem mesmo a presença dos modificadores/intensificadores “salva” a sentença nesses casos.

Estaríamos, assim, diante da primeira proposta explicativa encontrada, isto é, diante de uma leitura classificativa do adjetivo que — por algum motivo anteriormente não completamente conhecido — era compatível com os nomes próprios. A compatibilidade com os nomes próprios fica explicada com o contraste apresentado nos últimos exemplos, sobretudo (65) - (66) versus (67) - (68). Vimos que alguns nomes próprios podem ser coagidos a funcionar como subespécies.

Nessa configuração, o efeito de “coerção” à leitura classificativa geralmente vista com a presença dos modificadores/ intensificadores, não se reproduziria. A explicação viria alinhada à proposta de McNally e Boleda (2004): adjetivos relacionais com uma leitura de intersectividade são possíveis na existência de subespécies (subkind).

Resta compreendermos por qual razão, com subespécies, a presença de modificadores não contribui para a saliência de uma leitura classificativa. Tal empreitada, será, contudo, deixada para trabalhos futuros. Neste ponto é suficiente percebermos que o ponto fulcral com relação aos predicados é o tipo de adjetivo presente e a possibilidade de ambiguidades, cujas leituras podem ser salientadas quer pelos modificadores presentes, quer pelo tipo de sujeito existente na sentença.

Exploraremos, na seção seguinte, outra característica inerente ao predicado das SCLs, a pouca aceitabilidade de negação e itens de polaridade negativa.

1.1.1.1.2. Negação, Itens de Polaridade Negativa (NPIs) e os predicados de SCLs: há relação com os status sentencial?

Predicados de SCLs têm, também, restrições quanto ao uso de negativas, mas apresentam algumas peculiaridades quanto à implicatura. Desde o trabalho de Sibaldo (2009), apontam-se algumas restrições relativas à negação em SCLs. Um exemplo dessa

incompatibilidade aparece, por exemplo, no uso de uma negação de predicado como exemplificado em (69), abaixo:

(69) *Não bonita, essa bolsa!⁵³

Sibaldo (2009) observa uma incompatibilidade de SCLs com negação como resultado da origem exclamativa de tais sentenças (descartando a negativa do teste como indício de inexistência do nó TP). O autor apresenta a possibilidade de existirem itens de polaridade negativa em tais sentenças.

No trabalho de 2011 do autor, a existência de itens de polaridade negativa (NPIs) como *nem um pouco* ou *nada* é entendido inclusive como evidência de que não haveria movimento para uma posição A-barra (Sibaldo, 2011, p. 234). Observação similar é encontrada no trabalho de 2016, “Semelhanças e Diferenças entre duas Sentenças Exclamativas Do Português Brasileiro”. No referido trabalho, há, porém, uma observação em nota de rodapé sobre a inaceitabilidade desses itens no sujeito (Sibaldo, 2016, p. 121 nota de rodapé 6).

Zendron da Cunha (2016a) reanalisa os dados apontados por Sibaldo (2009) não como indício de que uma incompatibilidade generalizada entre SCLs seria oriunda do caráter exclamativo de tais sentenças, mas como sendo resultado da não adequação do teste para identificação do nó TP. Para a autora, tal fato não leva em conta que há uma assimetria ente SCL e que-SCLs (SCLs iniciadas com “*que*”).

SCLs, de um modo geral, são gramaticais com itens de polaridade negativa ainda que agramaticais com a negação, mas que-SCLs são, *via de regra*, agramaticais com ambos (negação e itens de polaridade negativa). Zendron da Cunha (2016a) analisa essa diferença como fruto de uma distinção entre as sentenças terem ou não, de fato, um caráter sentencial. Nesse sentido, a autora rejeita uma proposição como a de Munaro (2006)⁵⁴ por entender que alguns operadores como, por exemplo, *muito* e *um pouco* não

⁵³ Não entraremos nessa discussão, mas é interessante observar que, mesmo que degradada no contexto *out-of-the-blue*, a sentença abaixo contextualizada e com recorte entonacional é possível, o que não se vê acontecer no exemplo do texto.

- (i) Bonita não, essa bolsa! (ELA É MARAVILHOSA!)
- (ii) Bonita não, essa bolsa! (ELA É HORROROSA!)

⁵⁴ Para Munaro(2006) intensificadores como *bel/lo* (“belo”) *gran/gran(de)* (“grande”) seriam equiparados ao “*che*” (que) e pela descrição do autor, poderíamos comparar seu funcionamento com os

podem adequadamente serem tratados como um operador *-wh* como proposto por Zanuttini e Portner (2003).

Ainda com relação à negação, Pinheiro (2019) analisa os exemplos do fenômeno com relação ao seu escopo. Na visão da autora, a agramaticalidade vista nos exemplos com negação pode ter maior relação com a semântica e pragmática de uma negativa não sentencial e adstrita ao adjetivo. A negação atingiria a graduabilidade adjetival mais do que sua existência ou mesmo sua temporalidade.

intensificadores do PB. O autor mostra que a presença facultativa desses modificadores estaria condicionada à presença de um adjetivo no predicado preposto. Segundo a análise do autor, na presença do que denomina como um nome nu (na realidade, nomes adjetivais como podemos verificar nos exemplos 40 e 471 do autor reproduzidos, abaixo, como (i) e (ii)), na ausência do *che* seria requerida a presença de um dos demais intensificadores citados. Como argumento, mostra que uma paráfrase dos exemplos contendo adjetivo tornaria a presença do *che* opcional sem requerer outros modificadores (*vide* iii).

- (i) (a) *Che/Gran divertimento, guardare la TV!* (Italian)
Que/Grande diversão, assistir(infinitivo) a TV!
- (b) *Um divertimento, guardare la TV!*
Uma.masc. diversão, assistir(infinitivo) a TV!
- (ii) (a) *Che/Bello spreco, usare questa carta!*
Que/Grande desperdício, usar(infinitivo) este(feminino) papel(feminino)!
- (b) *Uno spreco, usare questa carta!*
Um desperdício, usar(infinitivo) este(feminino) papel(feminino)!
- (iii) (a) *(Che) divertente, guardare la TV!*
(Que) divertido, assistir(infinitivo) a TV!
- (b) *(Che) antieconomico, usare questa carta!*
(Que antieconômico), usar essa carta

(MUNARO, 2006, p. 204–205)

Observe-se que as sentenças acima contêm explicitamente uma predicação que incide sobre um evento explicitado pela forma infinitiva do verbo. Logo, seria uma sentença não necessariamente similar à SCLs. No trabalho citado, contudo, o autor não faz maiores distinções entre as sentenças apresentadas acima e uma sentença SCL como os exemplos em (51) reproduzidos em (iv), sendo, ambas, exclamativas sem verbo (em oposição à proposta de Zendron da Cunha (2016a) que desconsidera sentenças com *bel/lo* (“belo”) *gran/gran(de)* (“grande”) como exclamativas verdadeiras).

- (iv) a. *Che interessante, questo libro!*
Que interessante, este livro!
- b. *Interessante, questo libro!*
Interessante, este livro!

(MUNARO, 2006, p. 203)

Para o autor, apenas as sentenças sem o modificador teriam diferença no status interrogativo, afetando inclusive sua interpretação. Embora tenhamos notado haver uma clara distinção entre os exemplos de (i) a (iii) com o exemplo em (iv) no que se refere à possibilidade de denotação de eventos, também tratada neste tese, não temos dados de não concordância da língua italiana e um trabalho de investigação com dados dessa língua fugiria ao escopo do nosso interesse, portanto, não nos aprofundaremos nos dados e na discussão do trabalho de Munaro (2006, 2016), apenas observaremos que seria necessário fazer essa distinção também para os dados apresentados em (iv), nos quais o autor ainda aponta haver uma distinção entre *stage level* e *individual level* na possibilidade de omissão do elemento *qu-* (*che*).

Nessa visão, tanto uma sentença em SCLS com NPI considerada gramatical por Sibaldo(2009) (vide reprodução do exemplo em (70)), como uma que-SCLs julgada agramatical pelo autor (cujas reproduções do exemplo visualizamos em (71)) teriam um escopo restrito.

(70)

(a) Nem um pouco bonita a Maria!

(b) Nada gostosa a sua irmã!

(Sibaldo, 2009, p. 79 exemplo 122 do original)

(71)

a'. (* que) nem (*que) pouco bonita a Maria!

b'. (*que) nada (*que) gostosa a sua irmã!

(Sibaldo, 2009, p. 79 exemplos a' e b' do original)

Vemos que os itens de polaridade negativa aceitos em uma sentença como (70) não indicam necessariamente uma negativa das propriedades respectivamente da beleza de Maria (em (a)) e da gostosura da irmã do interlocutor (em (b)), mas uma ponderação em uma escala baixa da graduação dessas propriedades. Dentro do contexto exclamativo em que tais sentenças se encontram, a negativa pode facilmente adquirir o sentido de que a beleza de Maria ((a)) e a “gostosura” da irmã do interlocutor ((b)) podem não ser objeto de admiração/ espanto, algo esperado de uma sentença exclamativa, mas apenas ter a propriedade em um grau bastante baixo.

Nesse sentido, a incompatibilidade nas que-SCLs estaria na presença simultânea de indutores de gramaticalidade⁵⁵. Veja-se, em (72) - (75), que há também incompatibilidade de SCL com outros indutores de grau, algo não totalmente explicitado no trabalho de Pinheiro (2019).

(72)

(a) (*Muito) nem um pouco (??muito) bonita a Maria!

(b) (*Muito) nada (?muito) charmosa a sua irmã!

(73)

⁵⁵ Essa análise, embora não seja exatamente a apresentada por Pinheiro (2019), caminha em direção muito similar.

(a) (*Super) nem um pouco (? super) bonita a Maria!

(b) (*Super) nada (?? super) charmosa a sua irmã!

(74)

(a) (*De jeito nenhum) nem um pouco (*de jeito nenhum) bonita a Maria!

(b) (*De jeito nenhum) nada (*de jeito nenhum) charmosa a sua irmã!

(75)

(a) (*Zero) nem um pouco (*zero) bonita a Maria!

(b) (*Zero) nada (*zero) charmosa a sua irmã!

Testamos, acima, as sentenças consideradas gramaticais por Sibaldo (2009)⁵⁶ com outros modificadores de grau. Utilizamos em (72) os modificadores *muito*, em (73) *super*, *de jeito nenhum* em (74) e *zero* em (75). Todos os modificadores foram testados em posição pré-NPI e pós-NPI. Embora não devamos aprofundar nesse ponto de análise, notamos, nos exemplos, que há uma melhora na posição pós-NPI com alguns modificadores. Tal melhora, contudo, é insuficiente para que tais sentenças se tornem gramaticais.

Recorrendo à análise de Pinheiro (2019), observamos que a autora defende que a agramaticalidade do modificador no tipo de sentença discutida acima não parece estar relacionada propriamente com a configuração de exclamatividade⁵⁷ dessas sentenças. O argumento da autora reside no fato de que em sentenças copulares paralelas a essas - denominadas SCICs no referido trabalho - há gramaticalidade. Os exemplos⁵⁸ que apresentamos abaixo ((76) para SCLs e (77) para SCICs) ilustram essa distinção.

(76)

(a) *Não fantástica (*não), essa série!

(b) *Não calor (*não), nessa cidade!

⁵⁶ Alteramos o adjetivo *gostosa* por *charmosa*, uma vez que, entre outros, *gostosa* seria polissêmica (vide nota 112) e poderia interferir no julgamento de gramaticalidade.

⁵⁷ Seria necessário considerar que as sentenças chamadas de SCICs (*Small Clauses Invertidas com Cópula*), como por exemplo, “Não está (nada) fantástica, essa série!” não fossem sentenças exclamativas, enquanto uma SCL “Nada fantástica, essa série!” seria uma exclamativa. Esse ponto mereceria um aprofundamento, mas não parece adequado sobretudo se considerarmos SCL como estruturas que mantêm um elemento similar a uma cópula nula.

⁵⁸ Exemplos não são os originais da autora supracitada. Foram adaptados para serem similares aos que vínhamos trabalhando.

(77)

- (a) Não está fantástica (não), essa série!
- (b) Não está/faz calor (não), nessa cidade!

Considerando os dados apresentados acima, concluímos que NPIs são possíveis em SCLs, mas devemos estar atentos ao escopo dessa negação. Pinheiro (2019) aponta haver um efeito de superioridade com uma inversão de sentido inclusive na graduação da escala adjetival. Para a autora, por existirem dois operadores (*Force P* e *Focus P*) similares a *wh-* (*qu-*) e, estando *ForceP in situ*, a existência do item de polaridade negativa causaria uma interveniência entre os dois elementos, posto se ter assumido a necessidade do operador de *Focus P* c-comandar o operador em *Force P*.

Assumiremos aqui, não a noção explorada pela autora, mas a noção de que a negativa não consegue verdadeiramente ter escopo sobre a predicação, mas apenas à graduação do predicado. Nessa direção, pudemos constatar, em (76), que uma negação como *não* que não teria escopo sobre a graduação do predicado não é gramatical em qualquer posição. Observamos, assim, que a interpretação de uma sentença como (78) ou (79) não é necessariamente a de que não há a propriedade.

(78)

- (a) Nada fantástica (*não), essa série!
- (b) Nada calor (*não), nessa cidade (não né)!
- (c) Nada parado, esse trânsito (não)!

(79)

- (a) Nem um pouco fantástica, essa série (não)!
- (b) Nem um pouco *(de) calor, nessa cidade (não né)!
- (c) Nem um pouco parado, esse trânsito (não)!

Sentenças como (78) ou (79) longe de indicarem que a série não é fantástica ou que não faz calor na cidade ou ainda que o trânsito não está parado, indicam a majoração dessas propriedades com um tom de ironia. Conquanto seja possível encontrarmos sentenças com esses modificadores de forma não irônica— como as

apresentadas em (80) — questionamos sobre a existência, de fato, da concepção de negação da propriedade ou apenas da sua graduação no ponto mínimo de uma escala de gradação adjetival. Tal ponto, já abordado quando mencionamos sobre NPI, não será, todavia, abordado em profundidade neste trabalho, posto fugir do escopo principal e não ter variação significativa quando pensamos no confronto entre SCLs “com” e “sem concordância”.

(80)

- (a) Nada legal, essa nova ação do grupo!
- (b) Nem um pouco inteligente, essa garota!

A interpretação das sentenças em (80) não é a de que necessariamente a ação do grupo seja a negação da propriedade de ser legal (no exemplo (a)) ou a garota não seja inteligente (no caso de (b)). Há uma tendência a interpretarmos ambas as sentenças como representando o ponto mais baixo da escala de inteligência ou da propriedade de ser legal. Tal argumentação é reforçada se tivermos um NPI que dificilmente possa funcionar como um modificador adjetival como “*sequer*” testado em (81) abaixo.

(81)

- (a) * Sequer fantástica, essa série!
- (b) * Sequer calor (*não), nessa cidade (não né)!
- (c) * Sequer parado, esse trânsito (não)!

Vemos que, com um NPI que não alcança modificação sobre o grau/escala adjetival, temos agramaticalidade das sentenças, corroborando a noção de que a gramaticalidade de NPIs está relacionada a um escopo adjetival, funcionando como um operador na escala adjetival. Não é à toa que, na ausência de sintagmas adjetivais, como teríamos em (82) e (83), as sentenças são agramaticais ou bastante degradadas.

(82)

- (a) *Nada uma porcária (*não), essa série!
- (b) ??Nada um forno (*não), essa cidade (não né)!
- (c) ??Nada um tédio, esse trânsito (não)!

(83)

- (a) * Nem um pouco uma porcaria, essa série (não)!
- (b) * Nem um pouco um forno, essa cidade (não né)!
- (c) * Nem um pouco um tédio, esse trânsito (não)!

Fenômeno similar, pode ser visualizado se houver uma sentença copular em que há cópula expressa, tornando gramaticais sentenças similares às SCLs agramaticais modificadas por “*sequer*” apresentadas em (81)⁵⁹. É o que constatamos abaixo, nas sentenças em que temos cópula visível tanto ao final da sentença ((84)) como entre o modificador e o adjetivo ((85)).

(84)

- (a) Sequer fantástica, essa série está!
- (b) Sequer calor (*não), nessa cidade está/faz (não né)!
- (c) Sequer parado, esse trânsito está(não)!

(85)

- (a) Sequer é/(es)tá fantástica, essa série!
- (b) Sequer é/(es)tá calor, nessa cidade!
- (c) Sequer *é/(es)tá parado, esse trânsito!

Comprovamos, mais uma vez, que há uma centralidade na natureza do predicado das SCLs e não de outras copulares assim existe uma relação com a graduabilidade do predicado.

Passaremos, na seção seguinte, a abordar outro ponto comumente relatado como fonte das diferenças de gramaticalidade dos predicados: a característica de permanência ou transitoriedade dos predicados.

1.1.1.1.3. Restrição semântica: Predicados Individual Level X Stage Level ou Tipo adjetival (relacional X qualificativo).

⁵⁹ Haveria a necessidade de explorar melhor essa pretensa similaridade entre as sentenças. Para os fins da argumentação necessária aqui, nesse ponto, a noção de similaridade é suficiente, já que o intuito era mostrar a relação entre o modificador e uma sentença/predicação como um todo ou uma modificação mais restrita à modificação adjetival. Nesse contexto, é significativo que a existência de uma cópula expressa na construção “salve” a sentença.

Há autores como Kato (1998, 2007) e Sibaldo (2011, 2013, 2016), que defendem que a propriedade de predicado de indivíduo seria relevante para a aceitabilidade das SCLs.

Para tais autores, predicados que poderiam ser unicamente predicados de indivíduos (*individual level*) como *disponíveis*, *pronto*, *bêbado* e *grávida* seriam agramaticais em SCLs.

(86)

- (a) *Disponíveis os bombeiros!
- (b) *Pronta a tese!
- (c) *Bêbado o teu pai!
- (d) *Grávida essa mulher!

(Sibaldo, 2009, p. 64 exemplo 79)

Ainda que Sibaldo (2011, 2013, 2016) não descarte a avaliatividade, há, na explicação do autor, uma intrincada relação entre avaliatividade e o tipo predicacional de indivíduo (*individual level*). O requerimento de uma predicação *individual level* (doravante, IL) se daria em termos semânticos de seleção.

Contudo, essa postulação parece vácuca se, como o próprio autor assume, a razão desses predicados não serem aceitáveis é sua não graduabilidade, testável pela modificação de grau (por exemplo, com o modificador *muito*, *bem* ou outras).

(87)

- (a) ?Super disponíveis esses bombeiros!
- (b) Super pronta/ Toda pronta/ Prontinha, essa sua tese!
- (c) Super bêbado, esse teu pai!
- (d) Grávidona, essa mulher!

A razão final seria, de tal modo, não a caracterização *individual* desse predicado, mas sua não avaliatividade. Portanto, alinhamo-nos a autores como Zendron da Cunha (2011, 2016) e Pinheiro (2019) ao contra-argumentar que a agramaticalidade visualizada em predicados de estado (*stage level(s)*, doravante SL(s)) está, na realidade, relacionada simplesmente à falta de avaliatividade presente nos exemplos.

A simples coerção ao grau torna tais sentenças gramaticais e, por conseguinte, dispensável a restrição à predicados individuais. Se não encontramos um caso de predicação individual em que haja avaliatividade e ainda assim haja agramaticalidade – que foi o objetivo do teste da coerção ao grau realizado no exemplo acima – a manutenção dessa condição de restrição ao tipo de predicados é vácuca. Em última análise, o que temos é a exclusão de predicções classificatórias e relacionais em que não há, por definição, um contraste implícito no próprio item lexical.

A razão disso é que tais predicados não trazem uma escala implícita, nem imprimem uma clara gradação de uma propriedade, independentemente dessa propriedade ser transitória ou permanente. Quando há gradação, esses mesmos predicados têm, no mínimo, um abrandamento da agramaticalidade. Outro bom argumento para não considerarmos tal distinção é apresentado por Pinheiro (2019) quanto à agramaticalidade de predicados *ILs* como *vermelho* ou *redondo* em SCLs. Cabe dizer que podemos, nesse ponto, avançar sobre a já estabelecida noção de obrigatoriedade de implicação correlacionada com uma escala para adjetivos aceitáveis em SCLS, trazendo nova luz sobre a análise do fenômeno.

Como viemos tratando há algumas páginas, não podemos descartar haver uma correlação entre modificadores e a seleção de uma determinada “leitura” adjetival. Não é difícil, ao revermos os dados de modificação analisados em (87), percebemos que os adjetivos presentes – a saber, *disponíveis*, *prontas*, *bêbado e grávida* – são facilmente enquadrados na classe das relacionais e nos remetem à discussão presente nos exemplos (9) - (11) (repetidos como (88) - (90)).

(88)

- a. *Quadrado, esse pote!
- b. *Roxa, essa framboesa!

(89)

- (a) Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente quadrado, esse pote!
- (b) Mega/Tremendamente/muito /perfeitamente roxa, essa framboesa!

(90)

- (a) Quadradaço/ Quadradão/ Quadradinho esse pote!
- (b) Roxona/ roxinha/ultraroxa, essa framboesa!

(Pinheiro, 2019, p. 100–101 exemplos (27) e (28) adaptados)

Ou seja, a graduabilidade de tais predicados, apontada nos exemplos acima e que também aparece se tomarmos como foco a discussão sobre *ILs X SLs* parece estar relacionada com o que já discutimos anteriormente a respeito da leitura ambígua de certos adjetivos assim como da possibilidade de uma leitura intersectiva de adjetivos relacionais vinculada à presença de espécies. Embora fique nítida a relação entre o tipo de predicação selecionada e (a)gramaticalidade das SCLs, ainda restam dúvidas sobre qual/quais são, de fato, as restrições apontadas para a gramaticalidade e as relações de causa-efeito existente entre elas.

Não podemos descartar um possível efeito do tipo de sujeito presente nessas construções como elemento desencadeador do baixo de grau de gramaticalidade das sentenças em que esses sujeitos estão presentes. Abordaremos as restrições sobre o sujeito em 1.1.3, mas já adiantamos que nome próprios como nomes nus singulares (*bare singulars*) com leituras de espécie causam agramaticalidade em SCLs.

Se McNally e Boleda (2004) estiverem no caminho certo, a interligação entre adjetivos relacionais usados predicativamente e as espécies (*kinds*) poderia ser a chave para explicar a restrição de predicados de uma maneira elegante. Se espécies são excluídas de SCLs, essa poderia ser a origem da agramaticalidade das sentenças. Portanto, as agramaticalidades notadas na presença de adjetivos relacionais seriam fruto dessa “indigestão” de SCLs a espécies. Essa explicação, porém, pode não ser 100% acurada, uma vez que há condições específicas em que algumas espécies podem ser aceitas em SCLs (como exploraremos em 1.1.3).

Antes, porém, de abordarmos as restrições do sujeito, trataremos das restrições temporais existentes nessas construções. A presença ou ausência de cópula não está apenas relacionada a uma discussão de escopo dos modificadores e NPIs (como abordado nos exemplos (84) - (85)).

A ausência de uma expressão de cópula, elemento tradicionalmente portador do morfema temporal, nos faz questionar sobre o funcionamento da temporalidade nessas sentenças. Antes de abordarmos, portanto, a discussão da literatura sobre a (in)existência e a natureza das cópulas nas SCLs, faz-se fundamental descrevermos o funcionamento da dimensão temporal nessas construções, como faremos a seguir (1.1.2).

1.1.2. Restrições temporais

Se a assunção de uma cópula omitida ou a presença de um relator ainda é um fator em discussão, há outra questão que precisaria ser mais bem considerada: a dimensão temporal.

Há certo consenso sobre a existência de um sentido *default* de tempo presente em SCLs como apontado por Sibaldo (2009, 2011, 2013, 2016). Porém tecnicamente duas são as implementações possíveis: enquanto, para Pinheiro (2019), haveria um tempo defectivo; para Sibaldo (2011, 2013, 2016), a interpretação de SCLs seria, por *default*, sempre presente.

A interpretação de futuro ou passado seria conseguida mediante modificação temporal como em (91). Assim, teríamos uma interpretação de passado em (91)(a) parafraseável por “Estava bonita a sua roupa ontem!” ou “Estava uma merda aquele programa de televisão semana passada” em (91)(b).

(91)

- (a) Bonita a sua roupa ontem!
- (b) Uma merda aquele programa de televisão (da) semana passada!

(Sibaldo, 2009, p. 71 exemplos 101)

Devemos notar, contudo, que a mudança não é apenas temporal, mas também aspectual. Enquanto as sentenças sem modificador não apresentam necessariamente um aspecto temporal demarcado podendo ser durativas, as sentenças com modificação apresentam uma limitação.

Em outros termos, uma sentença como (91)(a) sem o advérbio *ontem* não teria uma limitação no predicado “bonita”, podendo ser entendida como uma propriedade durativa que se estenderia sobre um período não delimitado. Com a modificação temporal, porém, há uma mudança nessa duratividade.

A presença do advérbio *ontem* não apenas localiza a predicação no passado como também delimita o final dessa propriedade. Observe-se que (91)(a) nada diz sobre

a roupa de hoje (ou sobre o *status* atual dessa mesma roupa julgada como bonita ontem). De forma equivalente, (91)(b) não implica nenhuma qualificação ao programa de tv atual. Não entraremos em detalhe sobre tal ponto, mas não há sequer a presunção da manutenção da existência do sujeito no tempo presente nessas sentenças.

Apesar de algumas notas de rodapé em seus trabalhos apontando diversas exceções, Sibaldo (2009, 2011, 2013, 2016) afirma haver uma restrição não só dessa temporalidade como também da aspectualidade desses predicados⁶⁰. Para o autor, a impossibilidade de termos tanto interpretativa como expressivamente sentenças com gerúndio, como vistas em (92) abaixo, corroborariam a estatividade.

(92)

- (a) *(Que) sendo lindo, esse dia!
- (b) *Cantando, essas crianças!

A existência de um contexto contrastivo (cf. (93)), porém, é suficiente para tornar gramaticais sentenças como as acima apresentadas a depender do tipo de predicado envolvido. Além disso, formas de particípio passado também podem ser aceitáveis — veja-se (94) — desde que introduzam um contexto contrastivo.

(93) Contexto: Maria acha que João e Pedro estão estudando piano, mas Júlia exclama:

Cantando, essas crianças! Isso, sim!

(94) Contexto: Márcia acredita que Joana chegou bem em casa após a terapia no dia anterior e pergunta como foi a noite anterior para a interlocutora Maria, que exclama:

Acabadíssima, a Joana! Coitada!

Não nos aprofundaremos nessa questão neste trabalho, mas cabe ressaltar que a interpretação de habitualidade ou genericidade em oposição a uma leitura situacional pode ser uma chave relevante para entender a questão de aspectualidade ainda pouco explorada. Testes com gerúndio não colocam apenas a temporalidade em pauta, mas trabalham de forma conjunta com outra variável: a aspectualidade.

⁶⁰ O autor trata o tema como restrito a temporalidade verbal, não mencionando explicitamente a aspectualidade.

Adotando uma terminologia proposta por Travaglia (2016) com base em estudos aspectuais anteriores, enquanto a categoria de tempo seria dêitica e ligada a noção de momento de fala, a noção de aspecto também se correlacionaria com o tempo, mas não de uma maneira dêitica (Travaglia, 2016, p. 40–41).

Teríamos, na realidade, uma predileção por interpretações situacionais e não habituais dos predicados. Seria possível ter o estado ocorrendo antes (passado), concomitantemente (presente) ou posteriormente (futuro) ao tempo de fala, mas não o prolongar por entre esses tempos. A predileção seria por eventos estativos pontuais. Um dos argumentos para essa predileção estaria no uso de participípios passados e a rejeição de gerundivas. Enquanto os participípios representariam um evento acabado no tempo, as gerundivas apresentariam esse aspecto continuativo rejeitado nas SCLs.

Vemos que há uma possibilidade marginal de aceitação de gerundivos quando eles mantêm a faculdade de serem interpretados como estativos e pontuais como em (95).

(95)

- (a) Raciocinando bem, essa garota hoje!
- (b) Cansando rápido demais, esse menino da Luiza!

Nas construções contendo formas participiais, advérbios aspectuais que poderiam induzir a um aspecto continuativo como *permanentemente* reduzem a gramaticalidade (cf. (96)(a)) ou até mesmo tornam as sentenças agramaticais, como ocorre com o modificador *por uma hora*⁶¹ (vide (96)(b)). Diferentemente desses, advérbios que podem representar, não um estado continuativo, mas a iteração de estados de forma a torná-lo habitual, como é o caso *frequentemente* (presente no exemplo (97)(a)) ou o modificador *toda hora* ((97)(b)), não apresentam o mesmo resultado, como vemos na comparação entre (96) *versus* (97).

(96)

⁶¹ Embora se pudesse argumentar que a agramaticalidade viria da incompatibilidade entre o modificador e o predicado aspectual, tal argumento pode ser afastado posto que a sentença é gramatical com algumas cópulas como vemos abaixo (cf. i e ii). Ademais, mesmo com a ausência de cópula, a inserção de modificadores que limitam o caráter continuativo/ durável a um determinado tempo melhora a gramaticalidade da sentença (vide iii).

- (i) Fica cansado permanentemente, esse garoto!
- (ii) Está permanentemente cansado, esse garoto!
- (iii) Permanentemente cansado essa semana/ nos últimos tempos, essa menina!

- (a) ??Cansado permanentemente, esse garoto!
 (b) *Cansado por uma hora, esse garoto!
- (97)
- (a) Frequentemente cansado, esse garoto!
 (b) Cansado toda hora, esse garoto!

Veja-se, ainda que a distinção entre caráter temporário e caráter permanente que, segundo Travaglia(2016) seria lexicalizada respectivamente pelos verbos *estar* e *ser* não parece se aplicar igualmente nas chamadas SCICs (aparentes versões de cópula expressa das SCLs). Observamos, abaixo, que os predicados *estreito* (exemplos (a) e suas alíneas) e *vermelho* (exemplos (b) e suas alíneas) ainda que sejam considerados adjetivos objetivos e relativamente estáveis temporalmente se comparados a adjetivos mais dinâmicos como os de temperatura (*quente*) e velocidade (*rápido*), em SCICs, não parecem uniformes quanto aos uso e leituras das cópulas *ser* e *estar* ((98)) em comparação com as sentenças copulares na ordem “direta”, isto é contendo sujeito-cópula-predicado ((99)).

- (98)
- (a) É estreita, essa porta!
 (b) É muito vermelha, essa sua roupa!
 a'. Está estreita, essa porta!
 b'. Está muito vermelha, essa sua roupa!

- (99)
- (a) Essa porta é estreita!
 (b) Essa sua roupa é muito vermelha!
 a'. Essa porta está estreita!
 b'. Essa sua roupa está muito vermelha!

Esperaríamos que sentenças com cópula *ser* trouxessem um caráter permanente para propriedade, enquanto *estar* tivessem o caráter de transitoriedade. Contudo, vemos que a cópula *estar* associada a esse tipo de predicado não torna a

característica predicada transitória para o sujeito, ao contrário, seleciona uma leitura situacional.

Há uma diferença semântica além dessa característica. Sentenças como (98)(a) e (98)(b) apresentam uma avaliação do falante sobre um objeto que tanto pode ser uma admiração sobre a propriedade respectivamente da porta e da roupa como também poderia ser atribuída indiretamente a uma situação envolvendo a porta ou a roupa em questão. As versões com o estativo ((98)a' e (98)b'), porém, dificilmente poderiam ser interpretadas como uma admiração sobre um estado provisório dos sujeitos.

A interpretação *out of the blue* de uma sentença ((98)a'), não seria a de que a porta está menor do que o esperado em um contexto como, por exemplo, uma reforma e sim que a porta seria estreita para uma situação que a envolvesse (por exemplo, passar um móvel). Tal interpretação estaria mantida para (98)b', sentença na qual a predicação indicaria prioritariamente uma inadequação da cor da peça, ficando secundarizada a interpretação de uma situação de admiração pela cor adquirida pela peça (em um caso hipotético de tingimento da roupa).

Essa saliência situacional com o uso de estar não aparece nas sentenças copulares diretas⁶² (cf (99)a' e (99)b' em contraste com (98)a' e (98)b') Porém, se a predicação envolver adjetivos mais subjetivos (*apertado* e *velho*), assim como àqueles mais dinâmicos (*rápido* e *quente*), o comportamento será distinto como vemos em (100) - (101).

(100)

- (a) É rápida/quente, essa van!
- (b) É muito apertada/velha, essa sua roupa!
- a'. Está rápida/quente, essa van!
- b'. Está muito apertada/velha, essa sua roupa!

(101)

- (a) Essa van é rápida/quente!
- (b) Essa sua roupa é muito apertada/velha!
- a'. Essa van está rápida/quente!

⁶² É possível que seja pragmaticamente inferível, porém não é condição necessária para a interpretação da sentença.

b'. Essa sua roupa está muito apertada/velha!

Nessas sentenças, não vemos a mesma diferença notada em (98) *versus* (99). A noção de temporalidade da propriedade atribuída ao sujeito é mantida com o uso da cópula *estar*, quer na SCICs ((100)a' e (100)b'), quer na copular “direta” ((101)a' e (101)b')⁶³. Adicionalmente, o paradigma acima reforça a assimetria entre as classes de adjetivos tratada na seção anterior (cf. relacionais em (98) - (99) *versus* qualificativos em (100) - (101)).

A ausência de concordância no adjetivo colocará novas restrições nesse tratamento, conforme veremos em 2.1.2. Por ora, vemos que o uso de cópulas *ser* ou *estar* não parece suficiente para definir as SCLs (e as que-SCLs que tratamos indistintamente aqui). Tal insuficiência pode ser reforçada se observarmos que poderíamos encontrar até mesmo existenciais em estruturas tipo SCLs como já apontado por Pinheiro (2019) e exemplificado em (102) - (103). Nesses casos, não caberia falarmos em termos de cópulas *ser* e *estar*, mas seria natural ponderarmos a existência de uma cópula existencial como *ter* ou *fazer*.

(102) Quanta areia, nessa praia!

(103) Que calor, nesse apartamento!

Por outro lado, os exemplos indicam que a noção aspectual parece ter um caráter importante, havendo a exclusão de um aspecto continuativo das propriedades. Quanto ao tempo, essas sentenças, por serem exclamativas, apresentam duas marcações de tempo: o tempo da enunciação (sempre presente) e o tempo da existência da propriedade afirmada sobre o sujeito. No caso das sentenças “com concordância”, os dois tempos coincidem e há uma tendência a presentificar a avaliação do evento/objeto como detalharemos melhor ao contrapor as sentenças com e sem marca de concordância do feminino expressa.

Antes disso, contudo, passemos às restrições dos sujeitos encontradas nas SCLs.

⁶³ Na seção 1.2.2.1, veremos que, na proposta de Marques e Basso (2017) que em predicados de gosto pessoal, as cópulas *ser* e *estar* poderiam ter diferentes argumentos. Sendo a cópula *ser* mais restrita quando comparada à cópula *estar*. Por SCICs não serem o foco desse trabalho, não discutiremos a questão neste trabalho.

1.1.3. Restrições do sujeito

Nesta seção, trataremos dos sujeitos das SCLs, enfatizando as restrições encontradas. Como já bastante relatado na literatura (cf. (Pinheiro, 2019; Sibaldo, 2009, 2016, entre outros), vemos que nem todo sujeito é bem aceito nessas construções.

Sujeitos indefinidos como *uma(s)*, *qualquer* ou *certas* são excluídos das SCLs como identificamos pela agramaticalidade dos exemplos em (104) abaixo.

(104)

- (a) *Linda, uma/ qualquer/ novela!
- (b) *Gostosas, certas/umas panquecas!⁶⁴
- (c) *Linda(s), novela!
- (d) *Gostosas, panquecas!

A impossibilidade de identificação do referente, mais do que uma indefinidade quantificacional, é uma inespecificação. Essa propriedade será também a responsável por excluir, dessas construções, sujeitos nus como visto com a agramaticalidade de (104)(c) e (104)(d), em que figuram respectivamente um sujeito singular nu (*bare singular*), a saber, “novela” e um sujeito nu plural (*bare plural*), “panquecas”.⁶⁵

Os chamados nomes de massa falsos (*fake mass noun*) como “móvia” em (105), assim como os chamados *pluralia tantum*⁶⁶ (como o caso de “férias” em (105)(b)) não parecem gerar por si só agramaticalidade. A agramaticalidade estaria vinculada a

⁶⁴ Não está se considerando aqui o uso de *certa* como definido e já previamente mencionado/conhecido no discurso (similar à expressão irônica de “certas pessoas” em *certas pessoas não mudam nunca mesmo*).

⁶⁵ Não faremos aqui uma discussão sobre a motivação dessa exclusão por estar fora do escopo de interesse. Para um detalhamento maior, remetemos o leitor a Pinheiro (2019), Lima (2020a) entre outros.

⁶⁶ Nomes *pluralia tantum*, em PB, têm passado a serem usados como nomes singulares. A marca do plural do nome acaba, nessas condições, ficando cristalizada. Tal situação é similar ao que se têm com nomes da gramática periférica como conceituado por Kato (1986) ou qualquer nome finalizado em *s*, para os quais, tal marca não representa um plural como é o caso respectivamente de *jeans* e *óculos*. A intenção do teste é verificar como se comportam, em SCLs, nomes que podem representar uma pragmática de coleção, mas uma sintaxe (e semântica) de um único elemento como é o caso dos nomes falsos de massa e aqueles em que a marca de plural presente no nome não representa a denotação de mais de uma singularidade, como é o caso de *férias*. Poderíamos também denominar tais caso como pseudo-*pluralia tantum*. Veremos que as SCLs “sem concordância” apresentam um comportamento ligeiramente diferente nesse sentido.

inexistência do determinante associado a esses nomes, como podemos ver pelos exemplos sem pronome/determinante paralelos às sentenças (105), apresentados em (106).

(105)

(a) (Que) Linda(s), essa(s)/a(s) mobília(s)!

(b) (Que) Fantástica, essas férias!

(106)

(a) * (Que) Linda(s), mobília(s)!

(b) *(Que) Fantástica, férias!

Retomaremos, aqui, a discussão sobre a inaceitabilidade dos nomes nus. Como já adiantamos na seção 1.1.1, há uma interação entre a presença de nomes nus e os adjetivos não qualificativos (relacionais de uma maneira mais geral, incluindo os classificativos). Relacionais, na proposta de McNally e Boleda (2004), diferentemente de qualificativos, funcionariam como propriedades de espécies. Como acabamos de identificar acima, espécies são agramaticais como sujeitos de SCLs. Logo, poderíamos considerar que a presença de uma leitura classificativa em SCLs, por *default*, geraria agramaticalidade por conta da “indigestão” a sujeitos não definidos que SCLs apresentam⁶⁷.

Sentenças que trazem adjetivos não qualificativos são frequentemente apontadas como agramaticais. A origem dessa agramaticalidade, portanto, poderia ser resumida à existência de um sujeito genérico como *kind*. Essa generalização tornaria a restrição das espécies adjetivais muito mais simples e a proposta muito mais elegante. Contudo, devemos ponderar sobre os casos em que não classificativos são aceitos.

Como defendemos na seção 1.1.1 na mesma linha de McNally e Boleda (2004), predicados classificatórios ou relacionais que aparentam funcionar em tais contextos, na realidade adotam uma leitura qualificativa, selecionando uma “versão” do item lexical com traços qualificativos. Os “indutores” de grau, na realidade, nada mais fariam do que, quando selecionados em sentenças com dupla possibilidade de interpretação, resultarem no *crash* da derivação da “leitura” em cuja numeração, houvesse o adjetivo classificatório.

⁶⁷ Outra forma de analisar essa “indigestão” seria considerar que a presença de sujeitos nus poderia selecionar a leitura classificativa quando ambas estivessem disponíveis.

O paradigma de (a)gramaticalidade das sentenças “esconderia”, portanto, todas as derivações agramaticais geradas pela construção de sentenças com adjetivos classificatórios. Por outro lado, se não houvesse, no léxico, um item lexical homônimo qualificativo disponível para a numeração, não haveria uma derivação convergente. Como resultado, veríamos apenas sentenças agramaticais no paradigma. Já na presença de modificadores como *mega*, *tremendamente*, diminutivos e aumentativos vemos as derivações gramaticais oriundas de uma numeração em que há um adjetivo qualificativo presente na numeração.

Em resumo, o efeito de agramaticalidade do predicado é uma consequência da agramaticalidade das espécies (*kind*), sendo todas as demais restrições decorrentes dela. Isso traz uma previsão forte sobre SCLs “sem concordância”. Como veremos no capítulo seguinte, a versão “sem concordância” teria menores restrições relacionadas ao sujeito do que as versões “com concordância”.

Como abordaremos nas seções seguintes e no próximo capítulo, sujeitos aceitos em panquecas parecem ser os mesmos excluídos de SCLs “com concordância”. Porém, as SCLs “sem concordância”, parecem ser exceção, pois aceitam, parcialmente e com restrições, tais sujeitos.

Antes, porém, de apresentarmos a distinção de SCLs “com” e “sem” concordância, ou mesmo de passarmos por uma rápida revisão das principais propostas sobre SCLs, apresentaremos, a seguir, mais uma propriedade incontestável de SCLs: a ordem.

1.1.4. Ordem e cópula

Como largamente apontado nos trabalhos sobre SCLs (cf. (Kato, 1998, 2007; Pinheiro, 2019; Sibaldo, 2009, 2011, 2016; Zendron da Cunha, 2011, 2016a; Zendron da Cunha; Carpes, 2015 apenas para citar alguns), tais sentenças só são gramaticais na ordem PREDICADO> SUJEITO, sendo agramaticais na ordem frequentemente chamada de “direta”, isto é, SUJEITO> PREDICADO.

É o que constatamos no paradigma abaixo. Nos exemplos de (107) temos as SCLs; já (108) exhibe exemplos de sentenças exclamativas paralelas com a ordem

SUJEITO > PREDICADO não intermediadas por cópula⁶⁸. Vemos que as sentenças sem cópulas expressas são agramaticais.

(107)

- (a) (Que) Linda, a sua bolsa!
- (b) (Que) Rápida, essa van!
- (c) (Que) Apertada, essa blusa!

(108)

- (a) * A sua bolsa (que) linda!
- (b) *Essa van (que) rápida!
- (c) * Essa blusa (que) apertada!

Como apontamos em 1.1, Pinheiro (2019) ressalta que nem toda sentença copular do tipo SCIC, isto é, contendo cópula + predicado + sujeito corresponde a uma SCL. Para ilustrar tal assimetria, retomamos os exemplos apresentados anteriormente como (3) - (6), reproduzidos abaixo de forma reorganizada⁶⁹ como (109) - (112).

(109)

- (a) Linda, essa novela!
- (b) Gostosa, essa panqueca!

(110)

⁶⁸ O termo *cópula* evoca a nomenclatura usual da linguística para descrever o elemento responsável por conectar sujeito e predicado, respondendo, *grosso modo*, àquilo que se denomina como *verbo de ligação* da Gramática Normativa, seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (cf. Bechara 2009; Cegalla, 2008; Cunha; Cintra, 1986) assim como em algumas gramáticas tradicionais descritivas Neves (2000) . Como apontando por Pustet (2003), há uma tradição de considerar a questão semântica (sem conteúdo semântico) em detrimento da questão funcional (“ligador” do sujeito ao predicado), que por si só, não justificam a presença do elemento já que muitas línguas como o Tagalog não exibem tal item lexical em seu inventário. Frequentemente entendido com um elemento *dummy* (*manequim*) que porta os traços morfológicos verbais (como tempo e modo), segundo Pustet (2003), pode ter sua ocorrência “dispensada” (*copula dropping*) tendo as seguintes variáveis facilitadoras: parâmetro semântico de estabilidade temporal (porém sem exclusividade de tal parâmetro), dinamicidade, transitoriedade e dependência.

⁶⁹ Reorganizamos os exemplos (5) e (6) de forma a criar um paralelismo com os exemplos (3) e (4) de forma a apresentarmos as sentenças SCLs agramaticais em (111) e as SCICs em (112).

- (a) É linda, essa novela!
 (b) É/Tá gostosa, essa panqueca!
- (111)
- (a) *Quadrada, essa pizza!
 (b) *Cansada, essa plantonista!
- (112)
- (a) É/Tá quadrada, essa pizza!
 (b) Tá cansada, essa plantonista!

Para uma proposta que considere existir uma cópula elidida nas SCLs (similar ao que é proposto por Kato (2007), a impossibilidade de omissão da cópula em sentenças como (111) apresenta-se como uma questão.

Como Pustet (2003) mostra, há translinguisticamente casos em que pode haver uma “dispensa” da cópula (*copula dropping*) mesmo em línguas que exibem as cópulas no seu inventário léxico. Segundo a autora, há uma escala hierarquicamente estruturada tipologicamente com relação ao uso de cópulas. Tal escala iria dos nomes (na posição mais à esquerda) aos verbos (na posição mais à direita): nomes > adjetivos > verbos. Cada língua teria um ponto de corte nessa escala de copularização. À esquerda há copularização; à direita, não. Não se poderia, desse modo, ter uma língua em que verbos e nomes são copularizados, mas adjetivos não.

Contudo, há um fato que a autora denomina como *copula dropping* (dispensa/despojamento da cópula): a possibilidade de línguas que usam cópula deixarem de usá-las em alguns contextos (omitindo-as mais do que as deletando gramaticalmente, nos termos da autora). Entre os fatores geralmente relatados como favorecedores dessa “dispensa” estão a existência de um tempo presente, a terceira pessoa e a predominância de ocorrência em adjetivos ou nomes que estejam na mesma condição dos adjetivos (Pustet, 2003, p. 13).

SCLs contemplam adjetivos ou nomes assemelhados (o que tradicionalmente se costuma chamar de nomes com funções adjetivas), considerando o tempo presente. Quanto à pessoa, precisaríamos de um maior aprofundamento no conceito. Além de termos frequentemente, nos sujeitos, pronomes possessivos (*meu(s)*, *seu(s)*) entre outros) e demonstrativos (*aquela(s)*, *esse(s)*) entre outros), podemos ter pronomes pessoais de

primeira pessoa como vemos em (113)(a), porém seu uso é muito restrito. Uma entrada pluralizada, como a que vemos em (113)(b) é agramatical.

(113)

- (a) Que linda, eu!
- (b) *Que espertas, a gente/nós!

Uma sentença como a apresentada em (113)(a) tem o uso bastante diferenciado, pressupondo um diálogo em que há uma versão projetada de primeira pessoa (*eu*) quer por um espelho, câmera ou por uma foto. Sendo assim, há a primeira pessoa que identifica deitivamente o falante, mas há também um “eu” que identifica o referente da imagem no espelho, na foto, ou na câmera⁷⁰. Embora haja um mesmo referente, há uma duplicação espacial desse referente no discurso.

Não aprofundaremos nesse ponto, mas o uso pronominal tem restrições que mereciam um maior aprofundamento. A sentença acima apesar de trazer uma primeira pessoa gramatical, é usada discursivamente em um ambiente de diálogo com um *eu* imaginário. Observemos que o uso da forma pronominal de terceira pessoa — como a que apresentamos em (114) — tem uma tendência forte a indicar, na realidade uma pessoa incluída no discurso, fazendo as vezes de uma segunda pessoa e indicando o interlocutor.

(114) Que linda, ela!

Ao mesmo tempo em que não podemos desconsiderar a existência de formas de primeira e segundas pessoas nas SCLs, podemos perceber uma tendência a interpretar esse sujeito de quem se predica como presente no discurso, trazendo, mesmo ao pronome de terceira pessoa, a característica de participante. Se essa terceira pessoa for baseada na participação no discurso sendo considerada como uma “não-pessoa” no sentido de Benveniste (1995), os sujeitos não seriam caracterizados como tal.

Por outro lado, se a presença da terceira pessoa estiver mais propriamente associada a uma determinação do referente, o traço associado seria outro e, portanto, outra seria a divisão das formas. Não nos aprofundaremos nesse ponto, contudo.

⁷⁰ Usando os termos de Schlenker (2009) há uma fala sobre uma imagem de si (uma leitura *de re*, nesse sentido) , cuja denotação aponta para uma leitura *de re*. O índice refere a uma terceira pessoa, cuja denotação no mundo é a mesma do falante.

Vemos, portanto, que SCLs teriam alguns requisitos propostos por Pustet(2003) — ou, a depender da definição, todos — para a omissão de cópulas, já que os piores resultados/restrições são encontradas no uso da primeira pessoa, ainda que tal fato mereça melhor investigação.

Após termos apresentado, acima, as principais características das SCLs, passaremos muito brevemente a abordar as principais propostas da literatura para as sentenças, evitando, tanto quanto possível, repetir o que já foi abordado enquanto apresentamos as propriedades das SCLs nesta e nas seções anteriores.

1.2.E o que a literatura de SCLs nos diz...

1.2.1. O ineditismo dos trabalhos de Kato

A autora traz um trabalho pioneiro⁷¹ sobre as construções SCLs, sendo a responsável por nomeá-las como tal. Em seus trabalhos sobre o tema, assume a construção de predicação como uma minioração (*small clause*) em que o adjetivo seleciona o sujeito diretamente. O termo “livre” aparece como oposição a outro tipo de sentença em que a minioração (*small clause*) aparece em contexto de “dependência” de outra sentença.

Como a referida autora aponta no trabalho de 2007, SCLs são sentenças como as apresentadas em (115) e que se contrapõem às sentenças apresentadas em (116), em que temos uma construção de alçamento invertida⁷² (vide (116)(a), uma sentença representando constrições ECM (vide (116)(b)) e, em (116)(c), adjuntos.

(115)

(a) Bonita a sua casa!

⁷¹ O primeiro trabalho sobre o tema foi uma apresentação no GT de Teoria da Gramática de 1988, cujo *handout* não publicado circulou de forma impressa. O trabalho foi publicado em 2007 com o título “*Free and dependant small clauses in Brazilian Portuguese*” na Revista DELTA de 2007. Antes dessa publicação, contudo, a autora compartilhou um manuscrito denominado “A terceira cópula no PB”, cuja proposta foi incorporada ao texto de 2007.

⁷² Chamamos de construção de alçamento invertida por termos o verbo na posição inicial e, linearmente, sem a presença do sujeito à frente do verbo (“*Os soldados continuam feridos*”). A primeira impressão seria a de que não houve o alçamento do sujeito, mas a análise, inclusive da autora, seria a de que há um “movimento” de “*continuum/parecem feridos*” para uma posição mais alta do que “*os soldados*”. Chamamos, assim, essa construção de “invertida” considerando uma possível “inversão do predicado” (essa “subida” que acabamos de descrever).

(b) Muito competente o seu secretário!

(116)

(a) Continuam/ Parecem feridos os soldados

(b) Maria acha um gênio o João

(c) Eu como cruas as cenouras

(Kato, 2007, p. 86–87 adaptados)

Em (116), tal como nas SCLs, há uma *small clause* constituída por um adjetivo que seleciona o predicado – respectivamente [os soldados feridos] para (116)(a), [o João um gênio] para (116)(b) e [as cenouras cruas] para (116)(c). Nos casos de (116), essas miniorações, formadas pelas predicções acima destacadas, estão “presas” a outras sentenças matrizes, por meio de seus verbos, a saber, respectivamente “*continuam*”, “*acha*” e “*como*”. Ressaltemos que, para Kato (2007), as sentenças exemplificadas em (116) são possibilidades de inversões de sujeito e predicados das sentenças apresentadas abaixo em (117).

(117)

(a) Os soldados continuam/ parecem feridos

(b) Maria acha o João um gênio

(c) Eu como as cenouras cruas

A autora aponta – como já fizemos na seção 1.1.4 – que SCLs curiosamente apresentam apenas a forma “invertida”. Assumindo uma hipótese clausal para as SCLs, defende que a propriedade de inversão livre em sujeitos de SCLs não pode ser atribuída à hipótese de reestruturação ou incorporação, nem a hipótese do movimento de V para Comp, sequer à hipótese da inversão românica ou à hipótese inergativa/ergativa, mas atribuída à presença de um tipo de cópula que denomina como “terceira cópula”.

Essa cópula seria, nos termos de Kato (2007) um pequeno *v* (*vezinho*) com menos conteúdo substantivo que um *V* (*vezão*) e sem a possibilidade de ter predicados incorporados a ele. Não havendo extensão FP (*Focus Phrase*⁷³ ou *Sintagma de Foco*) no AP (*Adjectival Phrase* ou *Sintagma Adjetival*), o conjunto cópula + predicado sofreria um movimento para [Spec, FP] onde checaria seus traços “+F” ((121)).

⁷³ FP, na proposta de Harley (2009), é o local de checagem de caso para o qual se movem obrigatoriamente, em inglês, todos os objetos acusativos.

A cópula + INFL seriam também a sonda para os traços *-phi*. Após a “subida” da cópula, em razão da checagem ((122)), haveria um apagamento dessa cópula em P, originando a “inversão” do predicado em SCLs.

Abaixo, reproduzimos os passos da derivação proposta pela autora.

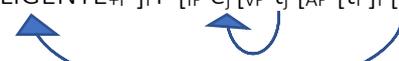
(118) [AP inteligente +F [este menino]]

(119) [AP [INTELIGENTE+F]_i [AP t_i [este menino]]]



(120) [VP é [AP [INTELIGENTE+F]_i [AP t_i [este menino]]]]]

(121) [FP [INTELIGENTE+F]_i F [IP é_j [VP t_j [AP [t_i]_i [AP t_i [este menino]]]]]]]]⁷⁴



(122) ~~São~~ [FP [INTELIGENTES]_i F [IP t_j [VP t_j [AP [t_i]_i [AP t_i [estes meninos]]]]]]]]⁷⁵



(Kato, 2007, p. 107 adaptado)

(123) É [FP[INTELIGENTE+F]_i que+F [IP o menino é t_i]]]

(Kato, 2007, p. 107 adaptado)

Em (118) acima, temos o passo inicial da derivação com a geração da relação de *small clause*. Assumindo um paralelo entre as SCLs e a estrutura apresentada por sentenças clivadas, a autora considera que uma sentença SCL como (118) seria paralela a uma clivada, tal qual (123). Com isso, assim como uma clivada teria o movimento do predicado para a esquerda (120), SCLs também comportariam tal movimento(119).

Ao invés de uma sentença finita com complementizador “*que*”, a autora defende que, poderíamos ter uma *small clause*. Tal como a clivada tem um movimento de predicado para a posição focal adjacente à cópula, SCLs teriam o predicado movido para tal posição focal ((121)). Havendo posteriormente, como apresentado no passo (122), não só o movimento relacionado com a sonda dos traços de concordância, como o apagamento da cópula em PF.

⁷⁴ Na representação da autora, não há, em (121), o passo intermediário de movimento de AP para Spec.

⁷⁵ A representação da autora é mais genérica do que a apresentada. Mostra o apagamento em PF da cópula e o desencadeamento, a partir da checagem realizada no passo anterior ((121)). Para exemplificar isso, inclusive, há a apresentação de sujeitos plurais que não estavam presentes antes.

Para Kato(2007) predicados de cena/estado (*stage level*) não seriam compatíveis com a terceira cópula e uma cópula como *estar* não poderia ser apagada em PF (forma fonológica). Em resumo, a autora assume a existência de três cópulas: (i) cópula *ser*, (ii) cópula *estar* e (iii) um *v* homófono a *ser*. Essa terceira cópula teria as seguintes propriedades: sintaticamente selecionaria um complemento verbal que poderia ser um CP ou uma *small clause*, caso fosse uma SCL, excluiria alçamento; semanticamente possuiria uma leitura de foco no predicado e fonologicamente seria apagado em PF.

Nesse trabalho, a autora ainda contrapõe essas construções às *small clauses* infantis defendendo que, diferentemente das últimas, SCLs do adulto são sentenças ordinárias finitas clivadas.

Na seção seguinte, passaremos à análise proposta por Sibaldo em seus trabalhos, dando especial atenção à proposta apresentada na tese do autor.

1.2.2. A proposta agregadora de Sibaldo

Sibaldo (2009) apresenta a primeira exploração mais abrangente e aprofundada sobre o fenômeno apontado por Kato (2007). O autor não restringe o fenômeno ao PB e, ao reexaminar as sentenças copulares e não copulares em diversas línguas, apresenta uma descrição detalhada sobre as propriedades dessas sentenças.

Entre as propriedades elencadas tanto no trabalho de 2009 supracitado como nos trabalhos seguintes (Sibaldo (2011, 2013, 2016)) encontramos: as restrições de especificidade do sujeito, a restrição semântica de avaliatividade dos predicados, restrições de ordem e restrições temporais não morfológicas. A especificidade do sujeito está relacionada à saliência no discurso e forte referencialidade. Essa saliência é trabalhada em Sibaldo (2009) em termos das noções de rema, uma “informação velha” presente no sujeito das SCLs.

Essa seria a razão da exclusão de DPs não específicos, exemplificados, pelo autor, por sujeitos contendo o quantificador *qualquer*, DPs plurais nus, itens de polaridade negativa e baixo acarretamento, incluindo, porém, indefinidos que tenham uma saliência discursiva, como no caso de inclusão de pronomes dêiticos (Sibaldo, 2009, p. 61–62). Nos trabalhos seguintes, há algumas pequenas alterações nas descrições das classes

excluídas como discorreremos brevemente a seguir, mas sempre mantendo o espírito de que a razão da exclusão seria a falta de especificidade e referencialidade.

Em Sibaldo (2013), repete-se, em grande parte, as exclusões nomeadas⁷⁶ na tese de 2009: indefinidos, singulares e plurais nus além de itens de polaridade negativa (exemplificados com *nenhum/ pouco*), tal como quantificadores de grau. Já no trabalho subsequente (Sibaldo, 2016), retoma-se a ênfase na saliência e se discrimina os plurais singulares ao lado dos plurais nus como sujeitos não aceitos em SCLs.

Quanto às restrições de predicado, o autor considera haver a necessidade de termos predicados *individual level*, que sejam avaliativos. Adiciona uma restrição referente à seleção categorial dos predicados de SCLs. PPs (Sintagmas Preposicionais), AdvP (Sintagmas Adverbiais) e VPs (Sintagmas verbais) seriam excluídos como predicados dessas sentenças. O predicado de SCLs, por excelência, seria o AP (Sintagma Adjetival) avaliativo, mas DPs (Sintagmas determinantes) similares a eles, denominados pelo autor como “DPs avaliativos” também gerariam sentenças gramaticais.

Os trabalhos do autor reforçam ainda a necessidade de graduabilidade do predicado. Tal requerimento é visto como uma consequência da necessidade de avaliatividade dos predicados e explicado pela necessidade de seleção de DegPs (Sintagmas de Grau) em exclamativas. O autor enfatiza a exclusão de expressões referenciais como predicado – o tipo de construção que, em Pinheiro (2019) e neste trabalho, é analisada como sentença equativa.

Ainda quanto ao caráter de predicado de cena (*stage level*) ou de indivíduo (*individual level*), o autor condiciona a gramaticalidade de modificação que indique grau máximo, a uma atribuição de natureza de predicados de indivíduo (*individual level*) aos predicados presentes em tal condição. Para o autor, alguns adjetivos tipicamente *stage level* exemplificados por *grávida* ou *rusa* seriam incompatíveis com advérbios de grau. Tal agramaticalidade seria resultante da incompatibilidade de tais adjetivos com noção de grau. O autor demonstra tal fato usando o advérbio *muito* (cf. (124)). Observe-se, contudo, que, na presença de outros modificadores que também pode implicar grau (*bem, pra*

⁷⁶ Ainda que os exemplos tragam o mesmo tipo de sujeito, literalmente não há, no trabalho de 2013 a referência ao baixo acarretamento nem se menciona explicitamente a saliência discursiva, mas tão somente a “forte referencialidade”.

cacete, pra lá de, colossalmente), adjetivos tipicamente *stage level* também são aceitos (cf.(125)).

(124)

- (a) *Muito russa, a Maria
- (b) *Muito inumeráveis os artigos do Chomsky.

(Sibaldo, 2009, p. 66 exemplos 86 a e c adaptados)

(125)

- (a) Bem Russa (mesmo)/ Russa pra cacete, essa vodca!
- (b) Pra lá de inumeráveis/ Colossalmente inumeráveis, essas atrocidades dos extremistas!⁷⁷

Não entraremos em detalhes aqui, mas há três problemas nos exemplos do Sibaldo que levam a essa conclusão: (i) usam-se sujeitos definidos que o próprio autor aponta gerar agramaticalidade, (ii) usa-se apenas um tipo de modificador e (iii) com exceção do exemplo (b)⁷⁸, usam-se adjetivos atributivos a humanos que, como discutimos na seção 1.1.1, dificultam a imersão de predicados gramaticais em SCLs.

Logo, questionamos a inexistência de modificações apresentada pelo autor como decorrência da caracterização de predicado *stage level* pelos motivos acima relacionados. Essa caracterização dos predicados é ainda aliada a outra propriedade na definição da (a)gramaticalidade: a avaliatividade como veremos melhor a seguir.

No trabalho “Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro” (Sibaldo, 2016), enfatiza-se a preponderância da avaliatividade na aceitabilidade das sentenças, mostrando que uma sentença contendo um adjetivo *stage level* como (126) poderia ser gramatical na presença de um modificador adjetival avaliativo (vide gramaticalidade de (127)).

(126)

- (a) * (Que) Bêbado o João!

⁷⁷ O uso do adjetivo um pouco menos coloquial “*inumeráveis*” torna mais restrito o número de intensificadores possíveis.

⁷⁸ Há um terceiro adjetivo nos exemplos do autor: *grávida*. Ainda assim, há uma aceitabilidade marginal de exemplos como (i).

- (i) Grávidona, a Maria (contexto. O interlocutor fica sabendo de uma fofoca da Maria que não vê há muitos anos e pergunta: Sério que a Maria está grávida?)

(b)*(Que) Grávida essa menina!

(127)

(a)(Que) Bêbado chato o João!

(b)(Que) Grávida feia essa menina!

(Sibaldo, 2016, p. 119 exemplos 12 e 13 adaptados)

Ressalte-se, desde já — vide seção 1.2.2.1 para maiores detalhes — que a proposição da propriedade de *individual level* como uma propriedade requerida para predicados de SCLs fica implicitamente contra-argumentada pelo próprio exemplo apresentado pelo autor: se a propriedade de *individual level* fosse requerimento de SCLs, teríamos que pressupor que a modificação adjetival seria capaz de afetar a propriedade do predicado, o que não é fato.

Os predicados *bêbado* e *grávida* teriam que ser predicados *stage level* em (126), mas *individual level* em (127). Porém a modificação adjetival apresentada não muda a propriedade semântica de transitória em (126) para inerente em (127), tampouco os adjetivos *chato* ou *feia* seriam capazes de selecionar uma versão homófona dos predicados que fossem inerentes, isto é, *individual levels*⁷⁹.

⁷⁹ Ainda que, no trabalho de 2016, o autor adote a mesma posição de sua tese de 2009 (“A Sintaxe das Small Clauses Livres do Português Brasileiro”), usando os termos de *individual level* e *stage level* sem seu caráter semântico e mais como uma forma de rotular a existência de determinadas categorias funcionais, há um apontamento que se faz necessário. O autor afirma que a distinção entre permanência e transitoriedade é meramente acidental, assumindo as propostas de Raposo e Uriagereka (1995). Não há, porém, maior consistência a essa assunção. Um dos pontos cruciais na proposta dos autores, para além da simples opção pelo uso da terminologia de Kuroda (1972), reside na existência não só estruturas funcionais diferentes, como formas de concordância distintas entre os predicados. Em “*Two types of small clauses (Toward a syntax of theme/rheme relations)*”, os autores propõem que a distinção entre predicados téticos e categóricos ecoa na concordância a ser desencadeada: concordância categorial (C-*agr*) ou concordância argumental (a-*agr*). Como bem explica Basilico (2003), predicados téticos apresentam um evento no discurso sendo tradicionalmente sem tópico enquanto predicados categóricos elegem um tema sobre o qual se falará sendo tipicamente tópicos. Predicações categóricas (que grosseiramente correspondem, em parte, aos predicados *individual level*) seriam, na visão de Raposo e Uriagereka (1995), uma subclasse das topicalizações. Logo, não haveria vinculação necessária ao sujeito gramatical da sentença, ainda que não exclua essa possibilidade. Para além disso, propõem a existência de dois tipos de concordância: Categorial-*agr* (C-*agr*) e Argumental-*AGR* (A-*GR*). Enquanto a primeira (C-*agr*) marcaria um argumento tópico em LF, o segundo (A-*AGR*), não. Adotar, porém, uma maior adesão a proposta dos referidos autores seria incoerente com a proposta de Sibaldo, para quem SCLs estão abaixo de IP. Tal assunção não consegue ser conectada à possibilidade de haver tópicos em predicações categóricas (que são aquelas reconhecidamente permitidas em SCLs), como proposto por Raposo e Uriagereka (1995). Ao contrário, as predicações que excluem tal condição, a saber os predicados téticos, são justamente aquelas que são excluídos dessas sentenças.

As demais propriedades apontadas pelo autor, são: restrições de ordem e restrições temporais não morfológicas. A restrição de ordem corresponde ao que tratamos em 1.1.4, isto é, a impossibilidade da ordem SUJEITO > PREDICADO. Já a restrição de tempo não morfológica, conforme o autor, diz respeito à interpretação de tempo presente, à impossibilidade de formas gerundivas e à estratégia de modificações temporais/adverbiais como, por exemplo, *ontem* ou *semana passada* como meios de alterar o tempo *default* do presente para o passado. (Sibaldo, 2009, p. 69–72)

Conforme apresentamos na seção 1.1.2, há dois pontos temporais nas SCLs que precisam ser considerados: o momento da enunciação e o momento do evento. Embora o predominante seja o entendimento de uma paráfrase copular de presente do indicativo da cópula (*é/são*) (cf. (Sibaldo, 2009, p. 70), nem sempre a presença dessa forma indica que ambos os pontos estão no presente.

Para um melhor detalhamento dessa questão, reservamos uma seção específica, mais a frente, voltada para o debate dessa noção de temporalidade (1.2.2.1)

De forma sintética, além de apresentar as propriedades das SCLs de uma forma bastante estruturada e mais consistente do que vemos nos trabalhos de Kato, os trabalhos de Sibaldo (Sibaldo, 2009, 2011, 2013, 2016) apresentam três grandes inovações nas propostas de SCLs: (1) representar a cópula como um relator seguindo a proposta de den Dikken (2006); (2) propor a geração do predicado já invertido na base e (3) considerar que SCLs distinguem-se de que-SCLs⁸⁰ quanto a “altura” do predicado.

Começando pela primeira inovação citada, o autor propõe que a chamada terceira cópula nos termos de Kato (Kato, 1998, 2007) de SCLs — e que-SCLs — seja um “apagamento” de cópula em uma configuração não direcional⁸¹. Essa cópula, na proposta do autor, só seria apagada quando selecionada por uma categoria funcional TP que fosse raiz e não fosse selecionada por DP. Tais condições recobrem justamente a estrutura proposta pelo autor para contemplar as SCLs.

⁸⁰ Que-SCLs é a denominação dada às SCLs precedidas por “*que*” consideradas, pelo autor, distintas das demais SCLs. Não tomaremos tal distinção no presente trabalho, visto que não há propriedades suficientes para sustentar que tais construções devam ser tratadas de forma independente. A distinção tem sentido dentro da proposta do autor, que considera que tais sentenças tem um local de pouso de predicado distinto.

⁸¹ A não direcionalidade foi considerada como equivalente à configuração da ordem linear PREDICADO > SUJEITO (cf. Sibaldo, 2009, p. 164)

Essa generalização de condições de apagamento, contudo, pode ser analisada como mera adequação da observação de elisão das cópulas transposta das propostas de Kato (Kato, 1998, 2007) para a proposta do autor contemplando a adoção do sintagma relator (RP) de den Dikken (2006). A estrutura funcional, denominada de sintagma relator é adotada por Sibaldo (2009) em substituição às tradicionais propostas de elisão copular. O autor propõe, no trabalho supracitado e seguintes, que as predicções de SCLs sejam estruturas assimétricas relacionando sujeitos e predicados e mediadas por uma estrutura funcional: o relator proposto por den Dikken (2006).

Esse elemento funcional e abstrato garantiria a relação entre dois termos. Tal “conector” funcional permitiria também que a predicção se estabelecesse, de forma abstrata, tanto na forma representada na Figura 1 quanto na forma representada na Figura 2.

Figura 1 - Estrutura canônica da predicção.

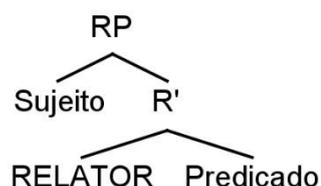
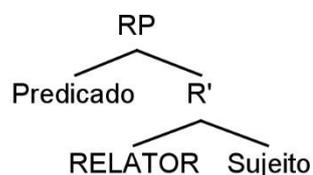


Figura 2 - Estrutura com inversão do predicado.



(Sibaldo, 2009, p. 101)

Como vantagem sobre as tradicionais propostas de *small clause*, a proposta da projeção funcional traz o respeito à endocentricidade e apresenta paralelismo com

outras construções copulares, ponto em que se assemelha a outras propostas tais como as de Kreps (1994), Moro (1997), ou Taveira (2007) para o Português apenas para citar alguns. A possibilidade da ordem diversa igualmente pode ser vista no trabalho de Moro (1997) para quem não existem verdadeiras sentenças equativas.

Tratemos agora da segunda inovação trazida pela proposta de Sibaldo (Sibaldo, 2009, 2011, 2013, 2016), isto é, da possibilidade do predicado ser gerado na base e permanecer em uma posição A e não em uma posição A-barra. Essa definição de posições é sustentada pela aceitabilidade de itens de polaridade negativa nos predicados das SCLs como apresentado abaixo (Sibaldo, 2009, p. 137).

(128)

(a) Nem um pouco bonita a Maria!

(b) Nada gostosa a sua irmã!

(Sibaldo, 2009, p. 137)

O autor argumenta que itens de polaridade negativa (NPIs), assim como quantificadores, não seriam aceitos em posição A-barra. Dessa forma, caso os predicados fossem movidos para uma posição A-barra, não se esperaria sentenças gramaticais com NPIs à esquerda dos predicados. O dado apresentado em (128) sustentaria, assim, o principal argumento do autor para a hipótese de que os predicados de SCLs - mas não os de que-SCLs – estão na posição de base e tal posição seria fora da periferia esquerda.

Segundo o autor, se o predicado estivesse em uma posição A-barra esperaríamos que os exemplos em (128) fossem agramaticais por conterem NPIs. Sua gramaticalidade, vista no exemplo reproduzido, seria um forte argumento de que o predicado estaria na posição de especificador do relator.

A argumentação do autor quanto à altura é ratificada, ainda, por um teste de advérbio, presente nos trabalhos de 2009, 2011, 2013 e 2016 em que o advérbio *sempre* é usado, de forma isolada, como indicador da altura do predicado. Desse modo, o autor considera que a gramaticalidade de um advérbio linearmente presente na posição inicial de uma SCL, exemplificado em (129), versus a agramaticalidade de sentenças em que o advérbio está linearmente entre predicado (à esquerda) e sujeito (à direita) tal como as reproduzidas em (130) seria um indício dessa posição *in situ* do predicado.

(129)

(a) [SC Sempre [SC bonita a sua roupa]].

(b) [SC Sempre [SC muito chata essa aula]].

(130)

(a) *Bonita sempre a sua roupa.

(b) *Muito chata sempre essa aula

(Sibaldo, 2011, p. 234–235)

Sentenças como as apresentadas em (130), nas quais há agramaticalidade com a presença do mesmo advérbio (*sempre*) na posição intermediária entre predicado e sujeito são tomadas pelo autor, como uma condição suficiente para considerar que tal advérbio, típico de VP e, assumido pelo autor como fruto de adjunção, indique a impossibilidade do predicado ter sofrido algum tipo de “movimento” a partir da sua posição de origem.

Há diversos problemas nessa análise que perpassa os quatro trabalhos citados. A primeira diz respeito a não se considerar uma possível questão de escopo da negação. Outra questão diz respeito à própria caracterização de “nem um pouco” e “nada” nas questões apresentadas. Veja-se que nem todos os NPIs comportam-se da mesma forma:

(131)

(a) *Jamais bonita a Maria!

(b) *Sequer/ Nunca gostosa a sua irmã!

Em (131) vemos que, se o NPI tiver uma relação temporal (*jamais* ou *nunca*) ou modal (*sequer*), a agramaticalidade ressurgiu mesmo na posição inicial. Outro contra-argumento relevante pode ser encontrado quando olhamos para uma sentença como (129) em que há a presença de cópula. Em tal caso, como apresentado em (132) abaixo, há uma degradação que enfatizaria a necessidade de uma melhor explicação para motivar o porquê da presença de cópula exigir um movimento adicional do predicado. Observemos que nas copulares, diferentemente das SCLs, as sentenças são com o predicado abaixo do NPI são degradadas, tal qual se pode observar em (132) abaixo.

(132)

(a) ??Nem um pouco bonita é a Maria!

(b) ?? Nada gostosa é a sua irmã!

A possibilidade seria argumentar que a presença expressa da cópula obrigaria o movimento de todo o predicado para uma posição mais à esquerda. Contudo, ainda restaria explicar por qual motivo as SCLs teriam um comportamento mais próximo ao das copulares com predicados extrapostos (cf (133)) em comparação às copulares sem extraposição (cf. (132)), considerando a estrutura proposta por Sibaldo na qual não há “movimento” do predicado. Para facilitar a comparação retomamos o exemplo (128) como (134)

(133)

- (a) Nem um pouco bonita, a Maria é!
- (b) ? Nada gostosa, a sua irmã é!

(134)

- (a) Nem um pouco bonita a Maria!
- (b) Nada gostosa a sua irmã!

(Sibaldo, 2009, p. 137)

Perceba-se que os dados empíricos que apresentamos fortalecem nossa argumentação de que o escopo no NPI dos dados apresentados pelo autor - e aqui reproduzidos em (134) - não são válidos para o teste desenhado por ele.

Observe-se que, na presença de outros advérbios como *obrigatoriamente*, *frequentemente* ou mesmo *normalmente* não temos o mesmo comportamento de *sempre*, conforme verificamos abaixo.

(135)

- (a) Obrigatoriamente bonita a sua roupa!
- (b) Obrigatoriamente muito chata essa aula!
- a'. Bonita obrigatoriamente a sua roupa!
- b'. Muito chata obrigatoriamente essa aula!

(136)

- (a) Frequentemente bonita a sua roupa!
- (b) Frequentemente muito chata essa aula!
- a'. Bonita frequentemente a sua roupa!
- b'. Muito chata frequentemente essa aula!

(137)

- (a) Normalmente bonita a sua roupa!

- (b) Normalmente muito chata essa aula!
 a'. Bonita normalmente a sua roupa!
 b'. Muito chata normalmente essa aula!

Testamos o uso dos advérbios *obrigatoriamente* (135), *frequentemente* (136) e *normalmente* (137) precedendo (exemplos ((a)) e ((b))) ou seguindo (exemplos a' e b') linearmente o predicado na sentença. Podemos ver que os advérbios terminados em *-mente* não apresentaram o mesmo padrão do advérbio *sempre*, logo poderíamos questionar se, de fato, a afirmação do autor de que a posição do advérbio marcaria a posição dos predicados das SCLs poderia ser mantida.

Não podemos desconsiderar que a razão pela qual as SCLs sejam agramaticais com a ordem linear PREDICADO > *SEMPRE* seja de outra natureza que não a altura do predicado. Aventamos a possibilidade dessa distinção estar conectada com a diferente natureza dos elementos e a distinção entre advérbios e pseudo-advérbios proposta por Lima(2006)⁸²

Quanto à altura do predicado, interessante notar que, em um caso de coordenação de uma SCL e uma sentença com a cópula expressa, a posição defendida pelo autor não é gramatical, como vemos abaixo. A gramaticalidade é obtida apenas na ordem em que o adjetivo precede não apenas o sujeito, mas também a cópula. Há, assim, evidência para considerarmos que existe um movimento da predicação para a posição mais alta e não sua manutenção na posição de base como defende Sibaldo. (*op. cit.*).

(138)

- (a) *Que linda essa bolsa e que cara é ela!
 (b) Que linda essa bolsa e que cara ela é!

Caso SCLs permanecessem na base não haveria motivação para a agramaticalidade de (138)(a)), já que teríamos uma SCL e uma copular que manteriam paralelismo de construção, também não haveria uma questão de ligação em relação

⁸² Para Lima (2006) advérbios verdadeiros seriam aqueles terminados em *-mente*, enquanto os demais seriam pseudo-advérbios. Segundo o autor haveria um comportamento sintático distinto entre as duas classes. Como nos apontou Aquiles Tescari Neto (comunicação pessoal), é possível que a natureza possa estar na natureza esclarecer de alguns predicados testados. Como sugerido por Tescari Neto, uma visão cartográfica poderia auxiliar no ajuste fino da posição à esquerda para a qual se sugere que esse predicado esteja deslocado. Tal empreitada, contudo, foi deixada para trabalhos futuros.

ao pronome, visto tratar-se de uma anáfora profunda⁸³, como a gramaticalidade de (139)(b) abaixo demonstra.

(139)

(a) *Que linda essa bolsa e que cara são elas!

(b) Que linda essa bolsa e que cara elas são!

Quanto ao mapeamento da altura do predicado por meio do advérbio, vale ainda notar — embora não seja nosso foco neste trabalho — que um teste de elipse adaptado de Zocca (2003), traz um elemento adicional para questionarmos a estrutura proposta por Sibaldo (2009, 2011, 2013, 2016). Baseada na distinção entre anáforas profundas e anáforas superficiais propostas por Hankamer e Sag (1976), a autora testa a anáfora profunda com anáfora superficial com o uso de “fazer isso” (equivalente ao *do so* do inglês).

Anáforas profundas distinguem-se das anáforas superficiais, na proposta original de Hankamer e Sag (1976). O cerne da distinção está na forma como o elemento anafórico recupera seu antecedente. Enquanto a anáfora superficial envolve processos sintáticos maiores, a anáfora profunda tem um forte caráter contextual/pragmático. Para anáforas superficiais, há um requerimento de identidade, sob o qual o elemento pode ser realizado o apagamento. Anáforas profundas, por outro lado, tem uma inserção mais livre já que “nascem” com potencial anafórico.

Zocca (2003) mostra que a elipse de VP é uma anáfora superficial em que o elemento “*fazer isso*” não permite a retomada como antecedente por outro elemento, tornando a sentença agramatical. Ao adequarmos *fazer isso* para a realidade das nossas sentenças com *idem* ou *eu acho o mesmo*, teremos o resultado abaixo.

(140)

(a) ^{OK}Que linda, essa bolsa e essa carteira também!

(141)

⁸³ Anáforas profundas e anáforas superficiais são termos que ficaram conhecidos pelo trabalho de Hankamer e Sag, (1976). Os autores diferenciam as anáforas que mantém uma relação sintática, daquelas em que a correlação é meramente pragmática. Assim, enquanto anáforas superficiais são usadas para relações anafóricas em que há um requerimento de antecedente sintático, as anáforas profundas teriam controle pragmático. Enquanto a anáfora superficial requereria identidade para o apagamento não sendo possível um controle pragmático e não sendo necessária a coerência semântica, a anáfora profunda poderia ser substituída por outra unidade semântica com a qual tenha coerência (Hankamer; Sag, 1976, p. 421–422)

- (a) ? Que linda, essa bolsa e idem essa carteira!
 (b) *Que linda, essa bolsa e eu acho o mesmo dessa carteira!

Em (141), temos portanto o teste com a retomada do predicado da sentença que parece como segundo item da coordenação usando “*idem*” em (a)⁸⁴ e “*eu acho o mesmo*” em (b). A interpretação a ser conseguida seria a de que tanto a bolsa como a carteira são lindas conforme se apresenta em (140).

Caso estivéssemos diante de uma sentença na ordem PREDICADO > CÓPULA > SUJEITO na posição de base similar ao que temos abaixo em (142). Conforme visualizamos abaixo, (142) pode ou não apresentar a cópula da segunda sentença expressa. Não esperaríamos, portanto encontrar a agramaticalidade em (141), já que ela não emerge nem em (143)(a), em que o predicado seria retomado por um termo semântico na mesma posição proposta por Sibaldo para o predicado de SCL e nem em (143)(b) em que a posição da elipse permite recuperar a predicação mesmo em uma posição em que o operador *que* é agramatical (cf. (144)).

(142)

- (a) ^{OK}Que linda é essa bolsa e essa carteira também (é)!

(143)

- (a) Que linda é essa bolsa e idem para essa carteira!
 (b) Que linda é essa bolsa e eu acho o mesmo dessa carteira!

(144)

- (a) ^{OK}Que linda é essa bolsa e eu acho que é linda essa carteira!
 (b) *Que linda é essa bolsa e eu acho que que linda o mesmo dessa carteira!

Assim, vimos que não há a possibilidade de recuperar o predicado da sentença por uma proforma senão ao final da sentença. A posição de base proposta pelo autor não é uma posição em que tais elementos possam figurar sem causar agramaticalidade. Esse seria mais um argumento para defendermos que a posição “final” desse predicado não é a posição de base, mas uma posição movida para a

⁸⁴ Há uma melhor se há uma pausa e uma ênfase em “*o mesmo para*” . Esse é mais um indicativo de que a posição defendida por Sibaldo em seus trabalhos supracitados pode não estar no caminho certo, posto não ser possível construir uma coordenação com uma estrutura que mantenha um paralelismo em termo de construção sintática.

esquerda. Veremos, no capítulo seguinte, que o mesmo comportamento não se aplica às SCLs “sem concordância” o que é mais um indício de que as estruturas de SCLs “com” e “sem concordância” não são idênticas.

Para finalizar essa seção, faremos, a seguir, um pequeno aparte sobre a questão de temporalidade apontada pelo autor.

1.2.2.1. A restrição de temporalidade apontada em Sibaldo e além

Nesta seção abordaremos a questão temporal mencionada *en passant* anteriormente. Para a análise aqui empreendida, destacaremos a importância da distinção dos diferentes tempos envolvidos em uma exclamação da natureza das SCLs.

Com isso em mente, adotaremos a proposta de Oliveira (2003), inspirada em Reichenbach (1947), que propõe a existência de três “tempos”: um relacionado ao momento de enunciação (ponto de fala, doravante “F”), outro relacionado ao tempo do acontecimento descrito (o, ponto de evento, doravante “E”) e um terceiro relativo ao ponto de referência a partir do qual o fenômeno é descrito (ponto de referência, doravante, “R”).

Em SCLS, o *default* é termos *F* e *R* no momento dêitico e, em geral, *E* como um habitual. Temos, contudo, a possibilidade de não termos esses tempos “alinhados”. Sibaldo (2009), em nota de rodapé refere a um exemplo sugerido por Marcelo Ferreira (reproduzido em (145) abaixo) que, demonstra bem como o desalinhamento desses pontos pode acontecer até mesmo sem um modificador temporal explícito.

(145) Bem no alvo esse tiro

(Sibaldo, 2009, p. 69)

Vemos que há um desalinhamento claro entre *F*, representado pelo presente dêitico; *E* com o momento no passado (anterior ao *F* e ao *R*) em que o tiro foi efetuado e um momento *R* que poderia ou não coincidir com *F*, mas certamente é posterior a *E*. Avaliação similar teríamos nos casos das modificações temporais induzidas por advérbios, como as que Sibaldo (2009) apresenta como formas de indicar tempos verbais diferentes do *default*.

(146) Lindo o dia hoje!

(147) Bonita a sua roupa ontem!

(148) Uma merda aquele programa de televisão (da) semana passada!

(Sibaldo, 2009, p. 71–72)

Em (146), os tempos de *F* e *R* coincidem com o dêitico, porém *E* tem término no mesmo ponto, mas não necessariamente abrange o mesmo tempo⁸⁵, já (147) também mantém *F* e *R* coincidindo com o dêitico e o ponto *E* estando no passado. Em (148) o ponto *E* encontra-se deslocado uma semana antes do ponto *R*.

Note-se, porém, que, caso o modificador não estivesse ao final da sentença, essa relação temporal seria afetada como vemos em (149) abaixo.

(149) Bonita ontem a sua roupa!

Algo equivalente acontece com (148). Com o modificador temporal *semana passada* ao final da sentença, temos o ponto *E* deslocado uma semana antes do ponto *R*. *F* é o tempo dêitico e *R* também estaria no tempo dêitico a depender da interpretação (escopo) do modificador “*semana passada*”. Haveria duas leituras possíveis nesse caso: uma primeira leitura em que existe um programa de televisão que se constitui como uma série e, especificamente o da semana anterior, foi ruim e outra leitura em que um programa ocasional de televisão que se passou na semana passada e não se constitui como uma série rotineira é ruim.

Mais do que uma questão de escopo, temos, em jogo, uma relação diferente entre predicado e sujeito. No caso de uma série, a predicação focada em um episódio específico é acidental, podendo ou não ser transitória. Porém, no caso do programa de tv ser um evento único, a propriedade por ser considerada como ‘constitutiva’ do programa e não acidental.

Em outros termos, um programa de tv que se constitui como um evento único especificamente localizado em um espaço/tempo poderia ter o predicado *uma merda* como um *individual level* e ter a paráfrase do verbo *ser*. Já no caso de termos uma série, na qual o programa de tv referido é um episódio, temos uma predicação para a qual tanto se pode atribuir uma leitura episódica como uma inerente. Essas leituras indicam algo além: há, nesse caso, uma seleção de diferentes tipos de sujeito. Em uma delas, na qual há especificidade, o sujeito indica um exemplar específico enquanto, na outra, há um exemplar de uma espécie (o programa de tv).

⁸⁵ Há ainda a possibilidade de “E” ter um tempo estendido para além do ponto *F*. Seria um sentido de um estado permanente ou de longa duração.

No sujeito específico o modificador *semana passada* teria, não apenas a função temporal, como serviria para especificar/identificar o programa de televisão, participando de seu processo de referência. Já, no caso genérico, o modificador apenas ajudaria a selecionar um dos exemplares do genérico “programa de televisão” que está sendo referenciado.

Tal constatação, encontra eco na proposta de Marques e Basso (2017), sobre predicados de gosto pessoal (PGP). Para os autores, mais do que estarem relacionados à seleção de predicados de indivíduo (*individual level*) ou predicados de cena (*stage level*), esses predicados estariam relacionados ao tipo de indivíduo selecionado: genérico (espécie/ *kinds ou type*) ou individualizado (ocorrências individuais ou *tokens*).

Além dessa relação, haveria também uma relação entre o argumento selecionado e o tipo de cópula apresentada (*ser* ou *estar*). A tabela dos autores, reproduzida abaixo, mostra melhor essa relação. Vemos que a modificação, portanto, incide diferentemente caso tenhamos a interpretação prevista na 2ª coluna 4ª linha ou na 3ª coluna 4ª linha.

Tabela 1 - Argumentos e cópula em PGP

Tipo de argumento	Estrutura	
	ser + PGP	estar + PGP
espécie	sim	sim
ocorrência	não	sim

(Marques; Basso, 2017, p. 146)

Para melhor compreender a relação entre a seleção apontada acima e sua relação com os diversos momentos temporais, apresentaremos, a seguir, algumas sentenças inseridas em um contexto. Para indução temporal usaremos advérbios posicionados linearmente entre o predicado e o sujeito e ao final da sentença. Concomitantemente, testamos a interação dos pronomes demonstrativos com essa temporalidade, da seguinte forma: sem pronome demonstrativo em *a*, *essa* em *b* e *aquela* em *c*.

Enquanto no contexto de uma referência discursiva prévia a um conjunto (contexto A), as sentenças em que o advérbio está entre o predicado e o sujeito são melhores, em um contexto de contraste explícito entre a apreciação do objeto no ponto *E* e no ponto *R* (contexto B), as sentenças com o advérbio ao final são melhores.

Abaixo, apresentamos as sentenças com os referidos contextos.

Contexto A: Interlocutores conversam sobre a mudança de estilo/ a renovação do guarda-roupa de um deles. Aquele que mudou o guarda-roupa quer saber a opinião do outro sobre as mudanças.

(150)

- a. Bonita ontem a sua roupa!
- b. Bonita ontem essa sua roupa!
- c. Bonita ontem aquela sua roupa!

(151)

- (a) ? Bonita a sua roupa ontem! (compare com: Bonita a sua roupa de ontem!)
- (b) # Bonita essa sua roupa ontem! (compare com: Bonita a sua roupa de ontem!)
- (c) Bonita aquela sua roupa ontem! (acarreta pressuposto sobre opinião não favorável quanto à mudança citando uma exceção)

Contexto B: Interlocutores estão avaliando qual o melhor *look* dos desfiles do mês.

(152)

- (a) #Bonita ontem a sua roupa!
- (b) #Bonita ontem essa sua roupa!
- (c) #Bonita ontem aquela sua roupa!

(153)

- (a) Bonita a sua roupa ontem! (não necessariamente refere-se a uma peça específica)
- (b) Bonita essa sua roupa ontem! (pressuposto: a propriedade não se aplica à hoje!)
- (c) Bonita aquela sua roupa ontem!

Contexto A: Interlocutores conversam sobre a qualidade dos *podcast* produzidos no último ano em uma determinada plataforma.

(154)

- (a) Uma merda semana passada o/um *podcast* dessa influencer!
- (b) Uma merda semana passada esse *podcast*!
- (c) Uma merda semana passada aquele *podcast*!

(155)

- (a) #Uma merda o/um *podcast* dessa influencer semana passada!⁸⁶ (necessita de referência prévia no contexto)
- (b) #Uma merda esse *podcast* semana passada! (necessita de referência prévia no contexto)
- (c) #Uma merda aquele *podcast* semana passada! (necessita de referência prévia no contexto)

Contexto B: Interlocutores estão comparando e avaliando uma sequência de *podcasts* de determinada plataforma para identificar os pontos fortes e fracos de cada um.

(156)

- (a) #Uma merda semana passada o/um *podcast* dessa influencer! (precisa ter menção explícita anterior à influencer)
- (b) #Uma merda semana passada esse *podcast*!
- (c) #Uma merda semana passada aquele *podcast*!

(157)

- (a) Uma merda o/um *podcast* dessa influencer semana passada!
- (b) Uma merda esse *podcast* semana passada!
- (c) Uma merda aquele *podcast* semana passada!

Assim, vemos que o contexto A favorece as sentenças apresentadas nos exemplos pares (com o modificador entre predicado e sujeito), enquanto o contexto B favorece as sentenças em que o modificador temporal está ao final da SCL. Contextos A favorecem a leitura do sujeito como uma espécie. A modificação entre predicado e sujeito parece funcionar como um identificador do sujeito ao ser predicado. Já o contexto B enfatiza uma localização temporal da situação referenciada.

Não entraremos nessa questão por fugir do foco essencial de nossa discussão, mas é possível que, lançando mão de uma abordagem cartográfica, se tenha uma melhor visualização da altura dos elementos. Nesse ponto, traremos para a discussão uma proposta de Marques e Basso (2017) sobre a distinção entre leituras ser

⁸⁶ As sentenças desse exemplo são boas, mas não como apontamento e sim como uma anáfora contextual. Em outros termos, o *podcast* precisa já ter sido mencionado. Contraste-se com os exemplos anteriores (sentenças em (150)), em que o referente pode ser introduzido na própria exclamativa.

e *estar* em sentenças de gosto pessoal no que toca à escolha da cópula realizada pelos falantes com base na máxima griceniana da quantidade que prevê o máximo de informatividade nas falas de forma a contribuir com a conversação.

Os autores apresentam assim um paralelo da opção das cópulas com o uso dos quantificadores *alguns* e *todos*. Traçando um paralelo⁸⁷ com a proposta de Pires de Oliveira e Basso (2014), Marques e Basso (2017) propõem que as sentenças (158) abaixo, todas com a leitura de subespécie (bolos de laranja feitos pela mãe do falante), possam ter as denotações dos sujeitos apresentadas nas Figura 3 e e Figura 4 a seguir.

⁸⁷ Em nossa visão, não haveria exatamente um paralelo, mas uma inspiração gráfica. Enquanto no trabalho de Pires de Oliveira e Basso (2014), o argumento para a especialização do uso especificado de *alguns*, estaria na representação de um conjunto diferencial (isto é, há exemplares não selecionados), dada a representação subconjuntiva de *todos*. Na representação proposta por Marques e Basso (2017) para a leitura exclusiva de *estar* como subconjunto especificado em um tempo X, a representação do conjunto “coisas atuais” seria a de um superconjunto, no qual estaria inclusa a representação intersectiva de “bolos de laranja” e “feitos pela minha mãe”, conforme proposta na representação abaixo.



Figura 3

(158)

(a) Esse bolo de laranja da minha mãe é gostoso

(b) Esse bolo de laranja da minha mãe está gostoso

Figura 3- Representação alargada de bolos de laranja feitos pela minha mãe

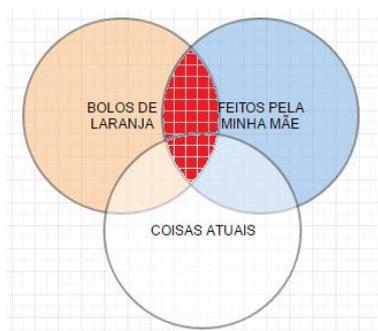
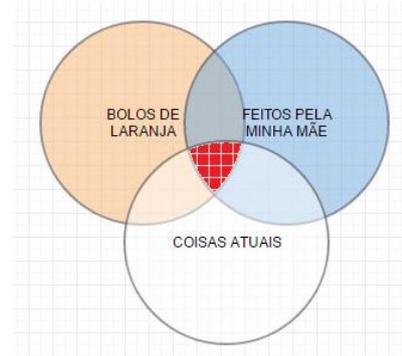


Figura 4- Representação estreita de bolos de laranja feitos pela minha mãe



(Marques; Basso, 2017, p. 148)

Enquanto o gráfico da figura 3 apresenta as denotações possíveis tanto para as sentenças (158)(a) e (158)(b), a Figura 4 apresenta a leitura mais estrita só possível para uma sentença como (158)(b), isto é, com a cópula *estar*. O campo relacionado às “coisas atuais” aparece nos gráficos como forma de selecionar subconjuntos relacionados ao tempo. Se, conforme proposto pelos autores, os gráficos representam situações possíveis a serem proferidas em sentenças quer pela cópula *ser*, quer pela *estar*, o falante tenderia a reservar a escolha do uso da cópula *estar* para a situação apresentada na Figura 4, isto é, a seleção de espécies específicas no tempo.

Proporemos, contudo, adequarmos as representações para as possíveis denotações dos sujeitos das sentenças, considerando a representação do conjunto coisas atuais como uma representação de tempo. Dentro dessa representação de tempo, estariam denotadas as ocorrências.

Com essa reanálise, teríamos, no primeiro gráfico denominado “*Representação alargada da denotação de bolos de laranja da minha mãe*”, um leque maior de denotações considerando todas as possibilidades de denotação de *os bolos de laranja da minha mãe* tanto as genéricas (*kind* ou espécies e *subkinds*) como as

individualizadas, especialmente àquelas que denotariam indivíduos. Essa representação traria o universo de denotações possíveis com o uso da cópula *estar*.

O segundo gráfico, denominado “*Representação estreita de bolos de laranja feitos pela minha mãe*”, realça a leitura exclusiva de espécie, correspondendo à leitura indisponível para a cópula *ser* e exclusiva para a cópula *estar* na análise apresentada por Marques e Basso (2017).

Ao adaptarmos o gráfico aos sujeitos das nossas SCLs, a fim de identificar quando a propriedade seria atribuída a espécie e quando seria atribuída aos indivíduos (ou ocorrência, nos termos dos autores), teríamos um cenário um tanto distinto. Além de considerarmos os diferentes apontamentos, ainda precisaríamos considerar os diferentes momentos que perpassam essas definições.

Usando os exemplos do paradigma (159) - (160), encontraríamos, no gráfico, um facilitador da visualização das diferentes leituras e formas de predicar sobre o sujeito nas SCLs:

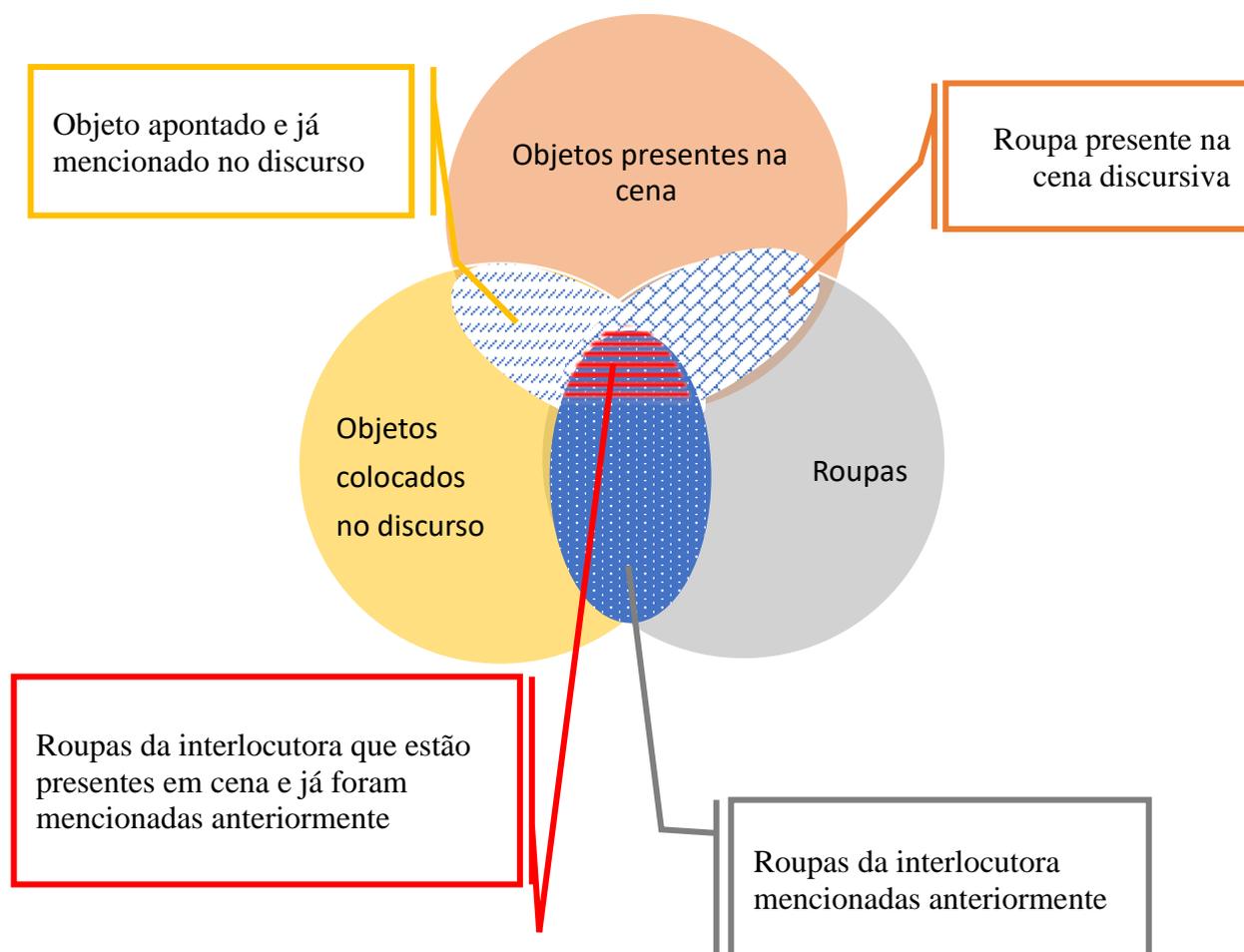
(159)

- (a) Bonita ontem a sua roupa!
- (b) Bonita ontem essa sua roupa!
- (c) Bonita ontem aquela sua roupa!

(160)

- (a) Bonita a sua roupa ontem!
- (b) Bonita essa sua roupa ontem!
- (c) Bonita aquela sua roupa ontem!

Figura 5 - Denotação alargada



(Elaboração própria)

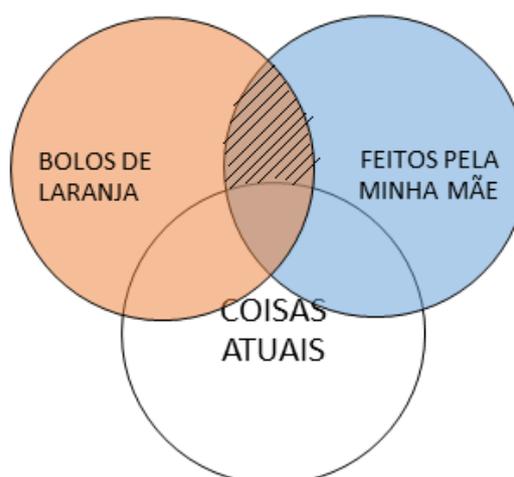
Na figura acima, temos a intersecção entre os objetos que estão tanto no discurso (representado pelo conjunto em amarelo) como em cena (representado pelo círculo em laranja) indicada pela intersecção hachurada com barras transversais. Já as roupas que podem ser apontadas foram identificadas como os objetos cuja denotação encontra-se na intersecção hachurada em forma de blocos. A intersecção entre o conjunto de objetos apresentados discursivamente (indicado no círculo amarelo) e as roupas (cujo conjunto está representando em cinza) foi destacada com a hachura em forma de poá (fundo azul e bolinhas brancas). Dentro dessa hachura, temos também o elemento destacado com barras horizontais vermelhas que indicam a intersecção desses 3 conjuntos.

Como tínhamos dito anteriormente, há tanto uma leitura em que esse elemento pronominal toma como referente a denotação de uma entidade apontada como

a denotação em que se toma uma subespécie, um gênero dentro de um grupo pré-definido (“esse *podcast*” como o *podcast X* que contém inúmeros episódios que não estão sendo especificados). Em outros termos, a versão mais especificada identificada como uma entidade e a versão menos especificada identificada como espécie, da qual se escolhe um tipo.

No caso da leitura contemplar a referência a uma espécie ou subespécie faremos um paralelo ao que denominamos como representação alargada Figura 3 apresentada por Marques e Basso (2017). A denotação do sujeito nesses casos seria a apresentada na área hachurada do gráfico.

Figura 6 - Representação da denotação de ocorrência.

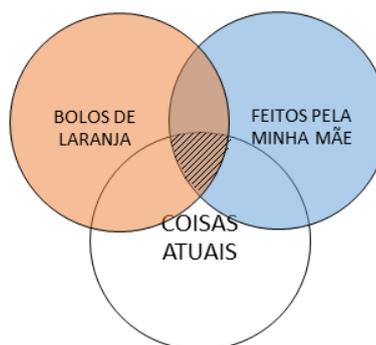


(Elaboração própria⁸⁸)

Tal denotação seria comum tanto ao uso da cópula *ser* quanto da cópula *estar*. Já a denotação exclusiva da cópula *estar*, a saber, a leitura de ocorrência seria representada, na nossa adaptação do modelo de Marques e Basso (2017) como a área hachurada na representação abaixo.

⁸⁸ Elaborado com base em Marques e Basso (2017).

Figura 7 - Representação da denotação de ocorrência



(Elaboração própria⁸⁹)

Com isso, teríamos o seguinte painel de possibilidades:

Figura 8 - Denotações possíveis com a cópula estar

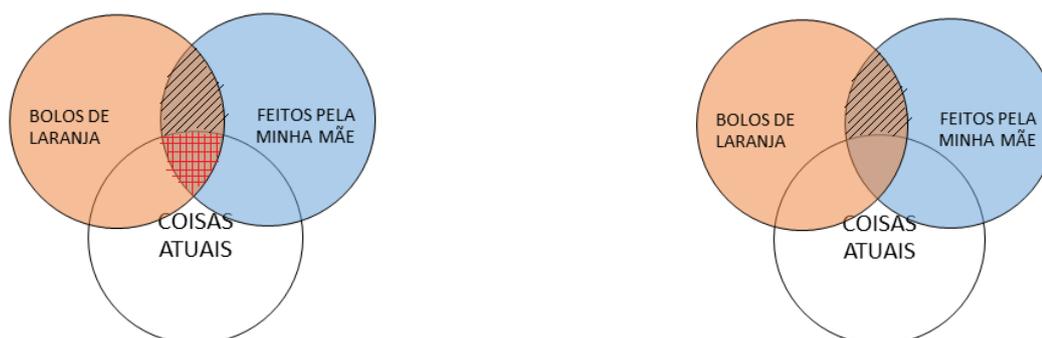


Figura 9 - Denotações possíveis com cópula ser

(Elaboração própria⁹⁰)

A área hachurada de preto diagonalmente em ambos os gráficos representa a denotação em que se encontra as espécies e subespécies, isto é, as ocorrências que não dependem da localização temporal. Já a área marcada com a hachura quadriculada em vermelho na Figura 8 apresenta a denotação de ocorrência.

Em SCLs, tal representação poderia ser estendida para os sujeitos de SCLs na forma como se vê abaixo⁹¹ A situação é análoga a que temos com as SCLs e vimos

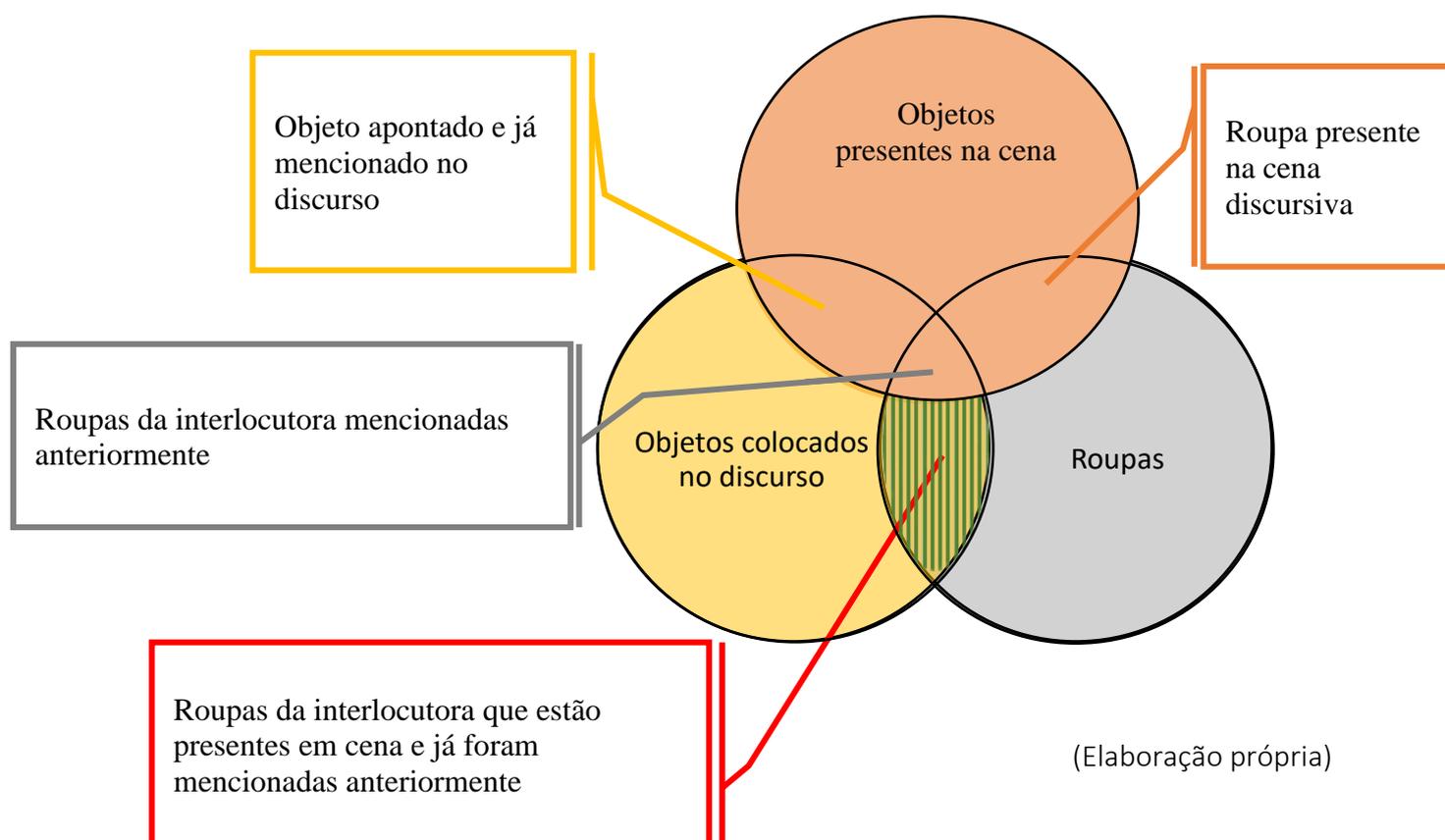
⁸⁹ Elaborado com base em Marques e Basso (2017).

⁹⁰ Elaborado com base em Marques e Basso (2017).

⁹¹ Notar que a representação do conjunto “coisas atuais”, que aparecia na parte inferior da representação corresponde ao conjunto “objetos presentes na cena” acrescentado na parte superior.

discutindo. Poderíamos representar a denotação genérica como apresentado na área hachurada da Figura 10 abaixo.

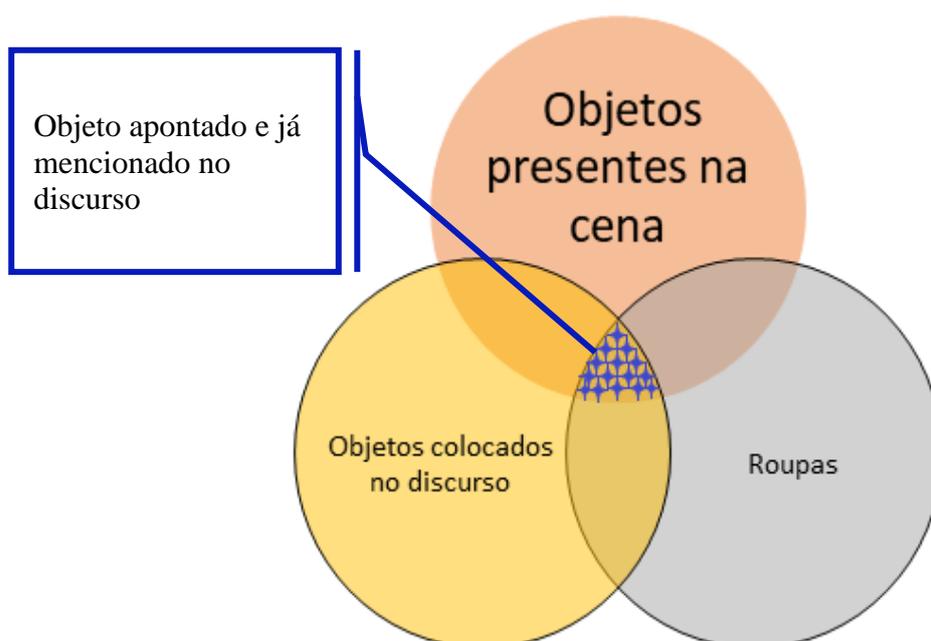
Figura 10 - Representação com destaque à leitura genérica de "essa" e "aquela"



Nessa representação, “coisas atuais” foram substituídas pela “presença em cena”, como sendo o principal diferenciador entre um *esse* genérico, que não comporta especificidade e um *esse* de ocorrência, que se conforma como um pronome de ostensividade tradicional, um típico pronome demonstrativo, trazendo a especificidade. A exclusividade da leitura genérica estaria condicionada à exclusão de uma leitura de ostensiva em que ocorre o apontamento. Dessa forma, teríamos a seleção do espaço destacado em barras verticais verdes, Figura 10, como o local de denotação do sujeito. A denotação que se encontra na seção destacada seria a responsável pela leitura em que *essa* ou *aquela* assumem um caráter genérico, i.e., em que *essa roupa* ou *aquela roupa* indicam um tipo de roupa determinado no discurso.

Em oposição temos a leitura de ostensividade (encontrada na área destacada indicada através da legenda do quadro textual azul) que está apontada abaixo no destaque estrelado em azul na Figura 11, no espaço da intersecção dos três conjuntos.

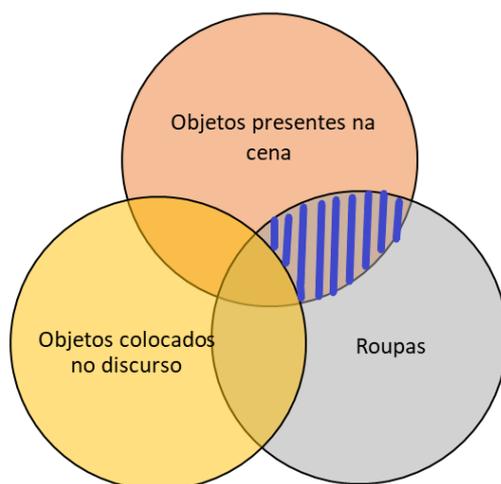
Figura 11 - Leitura de apontamento (ocorrência) de "essa" e "aquela"



(Elaboração própria)

Não podemos ainda descartar a possibilidade de, na presença de ostensividade, haver uma denotação como a apontada na hachura transversal em azul demarcada na Figura 12, isto é, aquela que não necessariamente tem uma referência prévia no discurso.

Figura 12 - Denotação de referência com exclusão da denotação de apontamento

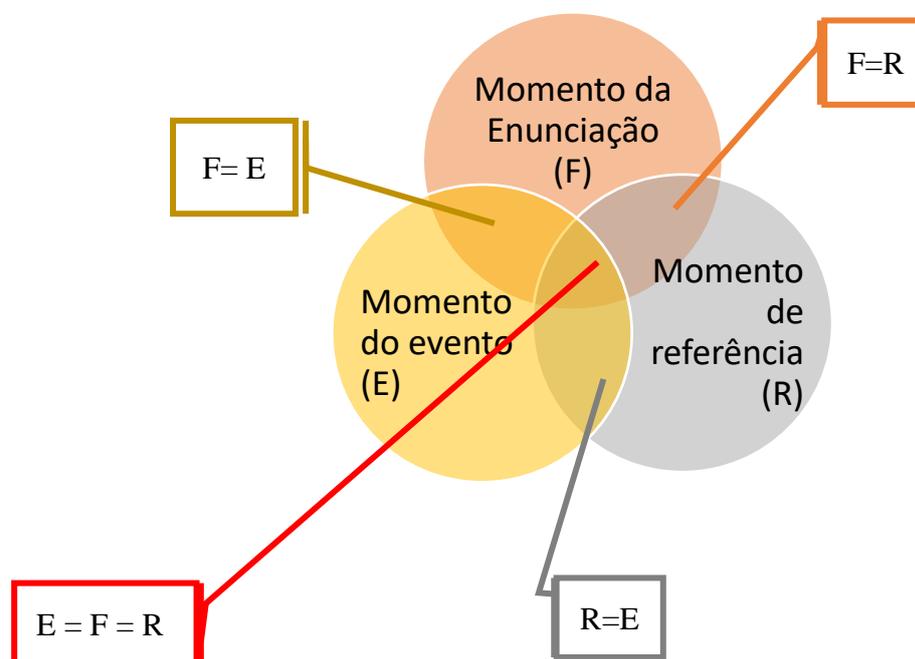


(Elaboração própria)

Vemos, no gráfico acima que, na intersecção entre o conjunto dos objetos presentes na cena e roupas, temos o espaço em que encontramos também a denotação do sujeito de apontamento (ostensiva). A diferença entre esse espaço destacado e o espaço destacado na figura anterior (Figura 11) está na existência de uma referência prévia no anterior, mas não nesse último (Figura 12).

A principal distinção aqui, sobretudo quando pensamos das denotações apontadas na Figura 11 *versus* Figura 12 está na diferença temporal, ressaltadas nos testes de modificação temporal realizados anteriormente. Devemos analisar, que não apenas a questão da não visibilidade de cópula, mas também a das distintas dimensões de tempo precisa ser pensada nas sentenças em análise. Essas dimensões também têm possibilidade de serem coocorrentes como representado na Figura 13, abaixo.

Figura 13 - Três dimensões de tempo (E, F e R)



(Elaboração própria)

Tal composição dimensional/temporal traz alteração no escopo tanto do advérbio (e, por conseguinte, uma melhora/piora na aceitabilidade em algumas posições⁹²) como coerção a alguns contextos específicos, tal qual ilustrado

⁹² Não abordaremos o tema aqui, mas um ponto de vista cartográfico pode ser profícuo em demonstrar se tratar de advérbios que não apenas tem escopo diferente, mas também natureza diferenciada, por isso, a inserção (ou a checagem em dois pontos) em diferentes posições na derivação causaria distintos níveis de gramaticalidade a depender da “leitura” desse sujeito. Há assim, uma distinção de ponto de focalização do evento que parece possível de ser investigada com proveito em uma ótica cartográfica. Deixaremos, no entanto, a questão para trabalhos futuros. Para as diferentes posições de advérbios temporais, remetemos o leitor especialmente a Bergamini-Perez e Tescari Neto (2020) que trazem uma discussão da explicação cartográfica dessa diferença aspectual em um advérbio temporal como “em x tempo” comparada à posição linear *default* e defendem uma hipótese de dupla valoração dos traços de medida (a que denominam hipótese B). No caso das sentenças e dos modificadores temporais que estamos tratando, a diferença não está apenas na posição linear do modificador na sentença, mas na própria natureza da categoria. Há assim, um advérbio que funciona como um “localizador” temporal quer do evento (E), quer da referência (R) ou da enunciação (F), assim como o que Larson (1985) nomeia como *bare-adverbials* (advérbios nus). Isto é, temos um advérbio que funciona mais no seu caráter dêitico com um NP que modifica o nome. Adotando a proposta de Teixeira (2015), esses advérbios teriam o traço dêitico e de pessoa, mas não o de número. Tal distinção poderia ser interpretada, com isso, de diferentes formas, quer adotemos uma perspectiva cartográfica *a lá* Cinque (1999, 2004), em que teríamos distintas categorias funcionais envolvidas na derivação ou numa perspectiva não-cartográfica como a de Ernst (2007) em que teríamos diferenças de escopo direcionadas por propriedades sintático-semânticas. Dessa forma, embora não tratemos dela com profundidade, nesse

anteriormente. Quando a modificação temporal está ao final da sentença, há um favorecimento à leitura de ocorrência. Em contraposição, a presença do modificador temporal em uma posição pré-sujeito, facilita uma leitura genérica desse sujeito.

Tal distinção possivelmente está correlacionada à natureza desses modificadores. Os advérbios que se apresentam linearmente ao final da sentença participam da denotação do sujeito dessas sentenças, com um forte caráter dêitico que marca, nem tanto a temporalidade do evento, mas um componente da referencialidade do sujeito da sentença em que aparece. Adotando Teixeira (2015), poderíamos assumir que tais itens possuem o traço de 3ª pessoa e dêitico ([+dêitico]; [+pessoa]).

A existência do traço de pessoa, conforme a autora, seria o responsável por permitir que um advérbio locativo como “*aqui*” ou “*lá*” pudessem valorar os traços de pessoa em T e realizar checagem de traço nominativo. Se considerarmos, como Gruber(2013), que um pronome de 3ª pessoa precisa ser apresentado ou por um antecedente discursivo ou por apontamento ostensivo, restaria explicada a agramaticalidade existente em construções em que há uma referência no passado e não há a possibilidade de apontamento.(Gruber, 2013, p. 171)⁹³

Não nos aprofundaremos mais nesse tema por estar fora do cerne desse trabalho. O que importa notar é que não temos apenas uma leitura nem apenas a leitura presente como *default*. Mais do que isso, vemos que há distinções nos espaços destinados às leituras de tipo (espécie) e também de ocorrência tanto na versão de atribuição de propriedades como na versão de situação.

1.2.3. Zendron da Cunha

Nesta seção iremos apresentar apenas alguns pontos abordados nos trabalhos de Zendron da Cunha. O foco dos trabalhos da autora, quer publicados como única autora, quer publicados com coautoria, estão na prosódia das SCLs e de outras exclamativas, apontando similaridades e diferenças entre essas construções, assim como

trabalho, a proposta cartográfica pode representar uma visão profícua da distinção entre esses dois “advérbios” ao mostrarem como os distintos traços envolvidos representam posições arbóreas distintas. Para um aprofundamento do tema remetemos os leitores à Cinque (1999, 2004), Tescari Neto (2003), entre outros.

⁹³ Tal formulação não considera a possibilidade de 3ª pessoa ter referência arbitrária tal qual apontado por diversos trabalhos (Carvalho, 2017b, 2008, 2010, 2015; Cerqueira, 2019, 2020 Duarte, 2007; Souza, 2013 entre outros;).

traçando paralelos com interrogativas e sentenças clivadas (Zendron da Cunha, 2011, 2016a, 2016b; Zendron da Cunha; Carpes, 2015).

Em sua dissertação de Mestrado (Zendron da Cunha, 2011), assim como em sua tese de Doutorado (Zendron da Cunha, 2016a), a autora analisa as sentenças exclamativas. Ao fazê-lo percebeu que SCLs, apesar de alguma similaridade, apresentam comportamentos entonacionais distintos a depender do predicado envolvido.

Lançando mão da distinção entre força sentencial e força ilocucionária, a autora defende que SCLs seriam tipos sentenciais declarativos com estrutura de focalização e força ilocucionária exclamativa. Notamos, porém que SCLs apreciadas pela autora, nesse contexto, diferem das *que*-SCLs, exemplificada em (161) consideradas apenas como exclamativas *wh*. Em Zendron da Cunha (2016a), foram testadas como SCLs sentenças contendo DPs (exemplificado em (162)(a)), adjetivos (exemplificado em (162)(b)) ou *muito* + adjetivos (exemplificado em (162)(a)).

(161)

Que inteligente esse menino!

(Zendron da Cunha, 2016a, p. 429)

(162)

(a) Uma merda as novelas da Globo!

(b) Inteligente esse menino!

(c) Muito boa essa coxinha!

(Zendron da Cunha, 2016a, p. 432–439)

SCLs com DPs comportam-se diferentemente daquelas com adjetivo (independentemente de serem precedidas por *muito*). SCLs com DPs ou com *muito* + adjetivo apresentaram um contorno entonacional distinto daquelas formadas apenas por adjetivos. A autora aponta que, em teste de percepção de fala, o primeiro grupo (DPs e *muito* + adjetivos) foi mais facilmente percebido como sentenças exclamativas, do que as sentenças compostas por predicados contendo somente adjetivos.

Já no teste de produção, a autora também percebeu que as SCLs com predicados exclusivamente adjetivais eram especialmente distintas das sentenças com *wh*- (*qu*-), subsidiando a proposição de que teriam estruturas diferentes. Conclusão semelhante foi obtida no outro trabalho da autora Zendron da Cunha (2016b)

Em nosso estudo, SCLs “sem concordância”, a depender da variedade, têm melhor aceitabilidade no formato que-SCLs. Como nosso objetivo está em contrapor sentenças “com” e “sem concordância” e analisar a estrutura de uma em contraposição a outra, faremos um alinhamento às propostas de Zendron da Cunha (2011) e Zendron da Cunha e Carpes (2015) que atribuem as diferenças entonacionais e de percepção notadas à distinção entre exclamativas *e-only* e *non-e-only*. Entendemos que tal distinção apenas afetaria a altura do predicado, porém, afetaria igualmente SCLs “com” e “sem concordância” não invalidando as generalizações apresentadas para os comportamentos distintos entre as SCLs “com” e “sem concordância”, posto estarmos comparando o mesmo tipo (*e-only* com *e-only* ou *non-e-only* com *non-e-only*)

A seguir abordaremos outro trabalho de SCLs no PB que igualmente defende o status exclamativo de tais sentenças.

1.2.4. Pinheiro

Conforme já apresentamos brevemente no decorrer da revisão da literatura de SCLs apresentada, o trabalho de Pinheiro (2019) apresenta uma revisão da literatura de SCLs, refinando algumas propriedades e generalizações apresentadas para essas construções e tendo como foco principal apresentar a distinção entre as SCLs e as sentenças exclamativas copulares que apresentam o predicado “deslocado” para a esquerda, construção denominada pela autora como Small Clauses Invertidas com Cópula (SCics).

A autora defende não só a existência de força ilocucionária e força sentencial exclamativas em SCLs, como, dessa relação de continência (SCLs seriam um tipo de sentença exclamativa) demonstra decorrerem algumas propriedades como a avaliatividade e a exigência de grau.

Ao contrário do proposto por Sibaldo (2011, 2013, 2016), a autora defende a existência de movimento do predicado para uma posição mais à esquerda da sentença. Adotaremos neste trabalho, uma visão similar à apresentada pela autora.

1.3. Resumo e assunções teóricas dessa tese

SCLs, tal como originariamente definidas, não contemplavam as sentenças precedidas pelo *Que* (Kato, 1998, 2007a). Tais sentenças foram abordadas como um grupo a parte de exclamativas, chamado de (que)-SCLs por Sibaldo (2009, 2016).

Na análise do referido autor em ambos os trabalhos citados, sentenças SCLs precedidas por *Que* – as chamadas que-SCLs – difeririam das SCLs, pois enquanto SCLs estariam em uma posição A da derivação, as que-SCLs estariam em uma posição A-barra. Em Zendron da Cunha (2016a, 2016b) a diferença entonacional entre SCLs e exclamativas foi um dos argumentos usados para defender que SCLs não teriam força entonacional exclamativa, apenas força ilocucionária exclamativa. Porém, os dados das chamadas que-SCLs foram excluídos da análise.

Nesse sentido, que-SCLs teriam caráter exclamativo. Considerando que os dados de intuição analisados podem ou não ter a presença desse *que* tanto na versão “com concordância” como na versão “sem concordância”⁹⁴, assumiremos a forma que-SCL como a forma *default*. Apresentaremos a possibilidade de termos o despojo desse *que*, focando a análise apresentada no contraste entre SCLs “com” e “sem concordância”, considerando essencialmente o uso do *que* para facilitação e, deixando-se, para trabalhos futuros, as possíveis adequações para as SCLs sem *que* quanto à altura do predicado.

Cabe observar que, neste trabalho, não consideraremos tal diferença relevante não só por estarmos assumindo uma estrutura em que o predicado já seja movido para a periferia esquerda da sentença, como por mostrarmos, na seção destinada à análise de Sibaldo (cf 1.2.2), que alguns argumentos de que a modificação adverbial não seria suficiente para sustentar a posição de base postulada pelo autor. Mais do que isso, apresentamos argumentos advindos da elipse em coordenação que indicam que uma proposta com movimento seria mais adequada.

Sobre o *status* de *que*, consideraremos tal elemento como um operador de grau que pode ser opcional em algumas construções, mas não em todas seguindo a proposta de Pinheiro (2019). Tal fato será importante, pois a presença desse operador parece ser relevante para a gramaticalidade de algumas variedades. Essa falta de opcionalidade mais generalizada do operador para algumas gramáticas poderia interferir

⁹⁴ Conforme manifestado pelos participantes e debatedores, em versões parciais deste trabalho apresentado em congressos (Pinheiro 2017, 2019, 2021, 2022a, 2022b), há uma preferência dos falantes pelo uso da chamada que-SCL.

negativamente no juízo de gramaticalidade dos dados aqui apresentados. Por tal motivo, optou-se pela apresentação dos exemplos precedidos por *que* entendendo que, muito do que está discutido aqui será extensível àquelas sentenças sem o *que*.

Quanto ao relator e os locais de “base” aonde são gerados predicado e sujeito das construções, Sibaldo (2009, 2013, 2016) adota a não direcionalidade do relator proposta por Den Dikken (2006) para assumir uma estrutura como a apresentada em (163).

(163)

[TP T [RP Predicado [relator [Sujeito]]]

(Sibaldo, 2013, p. 333)

A proposta a ser adotada nessa tese irá explorar essa não direcionalidade, considerando que, enquanto sentenças “sem concordância” trazem uma relação de especificidade entre o pronome neutro elidido e o sujeito e, portanto, poderiam ser geradas ao modo proposto por Sibaldo, sentenças “com concordância” são geradas de forma canônica ([RP Sujeito[R´ Relator \emptyset DegP]]).

Considerações finais

Neste capítulo apresentamos inicialmente as propriedades das SCLs, com foco nas sentenças “com concordância”. Vimos que há restrições quanto ao tipo de predicado aceito nessas sentenças. Mostramos que o que geralmente se captura como necessidade de avaliatividade e/ou grau nas construções pode ser reanalisado como sendo um requerimento sobre a propriedade qualificacional dos predicados. Dito de outro modo, haveria uma exclusão de predicados relacionais e, adotando McNally e Boleda (2004), a motivação para tanto poderia estar na função de predicados de espécie que relacionais assumem.

Assim, propomos que, na base da restrição sobre a predicação, estaria, na realidade, uma “indigestão” a espécies, restrição registrada na literatura como uma exigência de especificidade ou de definitude em sujeitos (cf. Sibaldo, 2009, 2011, 2013, 2016; Pinheiro, 2019 entre outros). Essa mesma restrição explicaria o aparente paradoxo da aceitabilidade de alguns predicados mediante modificadores como *bem* ou *muito*,

entre outros: nesses casos, a versão do adjetivo selecionada não seria a relacional, mas a qualificativa.

Revisamos a questão temporal, apontando que o que se têm assumido como a existência de um sentido de tempo presente (Sibaldo, 2009, 2011, 2013, 2016), deveria ser apontado como uma exclusão a aspectos continuativos do predicado. Para além disso, a presentificação deveria ser analisada com base em uma noção de divisão da sentença em três “tempos” como proposto por Oliveira (2003), a saber, ponto de fala ou “F” referente ao momento de enunciação, ponto do evento ou “E” e ponto de referência ou “R”, indicando o ponto de referência a partir do qual o fenômeno é apreciado. Tais pontos nem sempre se localizam no presente.

Apontamos também as restrições quanto à necessidade de especificidade do sujeito, mostrando que sujeitos contendo *uma(s)*, *qualquer*, *certas* ou nomes nus são excluídos de tais construções. Continuamos apresentando as propriedades, mostrando que há uma restrição de ordem direta para SCLs mesmo em contextos em que a construção cópula + adjetivo + sujeito é gramatical como apresentado por Pinheiro (2019). Indicamos que esse fenômeno poderia ser contemplado como um fenômeno de *copula dropping* tal qual proposto por Pusest (2003).

Seguimos para uma revisão das principais propostas da literatura enfatizando o que ainda não tinha sido tratado ao abordarmos as propriedades das SCLs. No tocante à restrição de temporalidade, enfatizamos a distinção entre os três tempos envolvidos nessa construção e avançamos com a proposta de Marques e Basso (2017), que apresenta a distinção entre argumentos de espécie e de ocorrência assim como uma impossibilidade da presença da cópula *ser* com argumentos de ocorrência.

Propusemos que esses argumentos estariam também correlacionados com os tempos de evento podendo não apenas direcionar as possibilidades temporais, como impossibilitar algumas leituras. Finalizamos o capítulo com um pequeno resumo das propostas discutidas nas literaturas, as assunções teóricas a serem adotadas neste trabalho, incluindo alguns avanços que propusemos no decorrer da discussão realizada no capítulo.

2. SCLs “sem concordância”: mais do que apenas ausência de marcação redundante do feminino

Considerações iniciais

Neste capítulo, apresentaremos algumas das diferenças que podemos observar no comportamento de SCLs “com” e “sem” concordância. Montaremos, assim, um paradigma que evidencia a importância de não considerarmos SCLs sem concordância morfológica visível de gênero apenas como uma versão de SCLs em que a relação de concordância não ocorre por uma subespecificação lexical do traço do sujeito ou alguma outra idiosincrasia do item lexical. Contrariamente a isso, os dados empíricos indicam que há um elemento interveniente na sentença e uma estrutura diferenciada, o que pode ser identificado sobretudo, por questões de ligação.

Sendo assim, na primeira seção, apresentaremos algumas propriedades que diferenciam as SCLs, passando, em seguida, a apresentar os contrastes existentes entre sentenças com e sem manifestação morfológica de concordância do predicado quando testados quanto à elipse, retomada pronominal/anafórica, possibilidade de redobro do sujeito com estratégia de uso de pronome resumptivo, entre outros.

2.1. Diferenças marcantes entre SCLs “com” e “sem concordância”: como funcionam as “não concordâncias” visíveis em SCLs.

Nesta seção, enfatizaremos alguns aspectos das construções “sem concordância” que as diferenciam das construções em que há marcação visível da concordância de gênero. Para tanto, abordaremos, nas subseções seguintes, as restrições dividindo-as por temas (predicado, aspecto, tempo, sujeito).

2.1.1. Restrições sobre predicado: o que muda

Explorando a possibilidade de termos uma variação livre entre as formas “com” e “sem” concordância marcada não seria esperado haver mudança no tipo de predicado aceito em SCLs sem concordância visível das demais, porém, temos o paradigma abaixo:

- (1)
- (a) Que alta, essa menina/ essa girafa!
 - (b) Italianíssma, essa massa!

- (2)
- (a) * Que alto, essa menina/ essa girafa!
 - (b) * Italianíssmo, essa massa!

Vemos que adjetivos como *alto* ((a)) e *italianíssimo* ((b)) geram sentenças agramaticais sem a concordância visível (cf. (2)). A restrição não é limitada a predicados envolvendo adjetivos, sendo possível encontrá-las também com outras categorias como nomes, como vemos abaixo ((3) *versus* (4)).

- (3)
- (a) QUE MÉDICA (fantástica), essa mocinha/ essa Luiza!
 - (b) Que amiga incrível, essa chefe!
 - (c) Que boneca, essa garotinha!

- (4)
- (a) *QUE MÉDICO (fantástica(o)), essa mocinha/ essa Luiza!
 - (b) * Que amigo incrível, essa chefe!
 - (c) * Que boneco, essa garotinha!

Vemos que predicados identificacionais são excluídos de SCLs “sem concordância” mesmo quando apresentam algum tipo de avaliatividade implícita (4), caso em que são gramaticais na versão “com concordância” (3). Tal fato indica, primeiramente que não se trata de uma falta de avaliatividade ou miratividade e, em segundo, que a predicação excluída das sentenças é aquela que estabelece relações mais diretas entre a predicação e o sujeito, atribuindo-lhes características transitórias ou permanentes que não poderiam ser atribuídas exclusivamente a situações.

A princípio poderíamos considerar que apenas predicados situacionais seriam aceitos em sentenças “sem concordância” marcada. Como veremos na seção seguinte, nem toda sentença “sem concordância” parece ter necessariamente uma leitura situacional. Em resumo, descritivamente temos a agramaticalidade de predicados identificacionais e adjetivos exclusivamente subsectivos. Adjetivos que poderiam variar

entre uma leitura intersectiva ou subsectiva como *pequeno*, na versão “sem concordância”, excluem totalmente a leitura classificatória oriunda da subsectividade.

As sentenças abaixo mostram que, enquanto podemos ter um PP “com concordância” em uma SCL ((5) (b)), a versão “sem concordância” é agramatical ((6)). Na sentença (5) o uso do PP salienta a leitura classificatória do predicado, isto é, de tipo de borboleta pequena e não do tamanho real da borboleta.

O uso do PP *das pequenas* com o adjetivo em posição de modificação pré-nominal — cuja leitura é classificatória — gera agramaticalidade como vemos em (5). Portanto, confirmamos que o teste adequadamente seleciona apenas a leitura classificatória das sentenças.

(5)

- (a) *Das pequenas, essa grande borboleta!⁹⁵
- (b) Das pequenas, essa borboleta!

(6)

- (a) *Do(s) pequeno(s), essa grande borboleta!⁹⁶
- (b) *Do(s) pequeno(s), essa borboleta!

Outra distinção diz respeito ao uso de negativas em sentenças “sem concordância”. Abaixo apresentamos, em (7), algumas sentenças “com concordância” (conforme abordamos em 1.1.1.1.2, porém com as necessárias adaptações) e as sentenças paralelas “sem” concordância em (8).

(7)

- (a) Nada fantástica, essa série!
- (b) Nada abafada, essa cidade!

(8)

⁹⁵ Contraste-se com (i), em que a versão da sentença é gramatical. A leitura, contudo, seria qualificativa com o sentido exemplar pequeno da borboleta tipo grande, o oposto do que se tem em (5)(a) acima.

i. DAS PEQUENAS, essa borboleta grande!

⁹⁶ Com o uso da opcionalidade de plural indicada por (s) vemos que independentemente de termos ou não a versão masculino singular (que é o usual nas sentenças “sem concordância”) a sentença é agramatical.

- (a) Nada fantástico, essa série!
 (b) Nada abafado, essa cidade!

Embora tenhamos dois grupos de sentenças gramaticais, podemos ver uma distinção entre o escopo da predicação (discussão que será novamente retomada nas seções seguintes). Enquanto, em (7), é possível atribuímos o predicado como uma condição inerente respectivamente da série ((7)(a)), e da cidade (7)(b)); em (8) essa atribuição é condicionada a um evento/situação. Como veremos nas próximas seções, nem todo predicado, porém, sofre essa restrição a situações em SCL “sem concordância”.

Retomando a discussão apresentada em 1.2.2.1, e considerando que estamos frente a um PGP, a impossibilidade estaria na seleção de argumentos de ocorrência com predicados acompanhados da cópula *ser*. Não haveria, portanto, previsão de impossibilidade diante de predicados que selecionassem argumentos de espécie como vemos pela 3ª linha da tabela abaixo reproduzida.

Tabela 2 - Tipos de argumentos conforme Marques e Basso (2017)

Tipo de argumento	Estrutura	
	ser + PGP	estar + PGP
espécie	sim	sim
ocorrência	não	sim

(Marques; Basso, 2017, p. 146)

Essa leitura situacional e, portanto, relacionada não a uma propriedade atribuída a uma espécie, mas a uma ocorrência, estaria presente com cópulas estativas como *estar* (linha 4). Esse dado, reforça nossa defesa e de Pinheiro (2019) de que não teríamos apenas predicados *stage levels*, nem restrições exclusivas a predicados com cópulas *estar*.

Podemos ser conduzidos imediatamente a seguinte questão: SCLs “sem concordância” teriam apenas leituras de ocorrência? Como mencionamos anteriormente, nem toda SCL “sem concordância” parece manifestar o mesmo comportamento, o que nos encaminha para uma resposta negativa à questão. Os exemplos abaixo auxiliam a identificar a diversidade de leituras.

- (9)
 (a) Nada fantástica, essa série!

- (b) Nada abafada, essa cidade!
 (10)

- (a) Nada fantástico, essa série!
 (b) Nada abafado, essa cidade!

Sentenças (10) podem ter tanto uma leitura relacionada a espécie, quanto à ocorrência. Na leitura relacionada à espécie, atribui-se uma propriedade (*decepcionante*) para a série (em (a)), assim como uma quebra de expectativa (ou uma ironia) sobre a ventilação costumeira da cidade (em (10)(b)). Há a possibilidade, menos saliente, de termos a leitura de ocorrência. A inserção de uma temporalidade definida presentifica essa leitura como vemos abaixo em (11)

(11)

- (a) Nada fantástico, essa série ontem!
 (b) Nada abafado, essa cidade hoje!

Sentenças sem itens de polaridade negativa (NPI), por outro lado, mantêm as versões sem a necessidade da inserção do modificador. Em (12), abaixo, vemos uma diversidade de predicados e podemos perceber que nem todos apresentam a mesma saliência de leituras, conforme discorreremos a seguir.

(12)

- (a) Que fantástico, essa série!
 (b) Que lindo, essa bolsa!
 (c) Que gelado, essa piscina!
 (d) Que abafado, essa cidade!

Em (12)(a) temos algumas possibilidades de leitura. Uma diz respeito a um sujeito *série* que se refere a um tipo de produção audiovisual, sobre o qual recai a propriedade de ser fantástica. Uma segunda leitura emergiria ao considerarmos esse sujeito como uma ocorrência limitada no tempo e espaço. Nesse caso, duas seriam as possibilidades: (i) a predicação recai sobre essa série entendida como um episódio ou (ii) a predicação recai sobre um evento envolvendo séries (algo como que fantástico (ter/assistir/etc essa série)).

Em (12)(b) também poderíamos pensar em diferentes leituras, porém uma leitura de espécie parece mais difícil de ser alcançada. A noção de espécie viria com um

sujeito já referenciado discursivamente. Nesse caso, essa bolsa seria não uma bolsa modelo XPTO em uma prateleira, por exemplo, mas um modelo de bolsa (por exemplo, bolsa baguete). Já no caso da ocorrência limitada a uma referência específica no tempo/espço, ambas as leituras parecem igualmente salientes, isto é tanto teríamos: (i) a predicação da beleza recai sobre uma bolsa específica referenciada ou (ii) a predicação recai sobre um evento envolvendo a bolsa (algo como que lindo usar/ montar o *look* com essa bolsa).

Em (12)((c)) a situação seria similar a (12)((b)) com a possibilidade de referência a espécie ainda menos destacada (algo como piscina olímpica de alvenaria). Na ocorrência limitada, teríamos (i) a piscina relatada está com uma temperatura baixa, mas dificilmente teríamos (ii) um evento envolvendo a piscina (nadar) ou estar próximo à piscina é gelado⁹⁷.

A sentença (12)((d)) também demonstra a dificuldade em atribuir uma espécie à cidade. Não podemos deixar de nos perguntarmos se tal fato seria uma indisponibilidade do item lexical ou apenas uma restrição pragmática. Já para ocorrência limitada, conseguimos capturar a leitura (i) a propriedade do “abafamento” é aplicada a cidade do falante, porém (ii) a propriedade é aplicada a um evento que envolve a cidade não parece uma leitura disponível.

Os exemplos, mostram que as leituras disponíveis não estão necessariamente associadas ao tipo de cópula possivelmente associada a esses predicados. Todos os predicados podem ser associados tanto com a cópula *ser* como com a *estar*.

Considerando que só teríamos leitura com ocorrência na presença da cópula *estar* esperaríamos ter todas as leituras indicadas em (i) e (ii) igualmente. Também não esperaríamos que leituras com *ser* pudessem ter dificuldade em adquirir a leitura de espécie.

⁹⁷ Dois contextos poderiam ajudar o leitor a alcançar esse sentido: (a) Em uma piscina com desnível, ao entrar ou ao usar uma boia tipo rio lento, a pessoa acha a temperatura boa, mas, ao chegar ao fundo da piscina, exclama a sentença apresentada ou (b) A pessoa está na área de lazer da piscina e ao bater um vento exclama a sentença. No caso em (a) seria nadar na parte funda da piscina está gelado e, em (b), seria algo como ficar na piscina está gelado. A necessidade excessiva de contexto nos faz questionar inclusive a disponibilidade dessa leitura pela sintaxe ou por uma questão de performance. Deixaremos, porém, uma análise mais detalhada desse ponto para trabalhos futuros.

Isso nos mostra que a correlação pode não necessariamente estar exclusivamente associada aos predicados. Antes de explorarmos as diferenças temporais, observemos, porém, a já citada correlação entre predicado e sujeito, observando a distinção entre as sentenças acima e as sentenças abaixo em que os sujeitos são plurais.

(13)

- (a) Que fantástico, essas séries!
- (b) Que lindo, essas bolsas!
- (c) Que gelado, essas piscinas!
- (d) Que abafado, essas cidades!

Podemos observar, acima, que a leitura de espécies fica facilitada com o uso dos sujeitos plurais. Interessante notar que (13)((c)) – ((d)), agora, tem a situação invertida: mais dificilmente referem-se a ocorrências, isto é, a piscina 1 e piscina 2 ou a cidade de Atibaia e Campinas. Mais facilmente elas se referem a um grupo genérico como piscinas de alvenaria ou piscinas do hotel X, assim como cidades litorâneas ou cidades muito edificadas.

Fica nítido, como já mencionamos nas propriedades das SCLs, no capítulo anterior, que não basta analisar a propriedade dos predicados isoladamente. É necessário também considerar o sujeito que é selecionado (ou em termos derivacionais, a depender da seleção do item lexical que comporá o predicado, isto é, se seleciona indivíduos ou espécies, teremos comportamentos diferentes). A distinção entre as SCLs “com” e “sem concordância”, nesse ponto, fica tanto por conta da leitura de espécie como, quando a leitura é de ocorrência, há restrição para a interpretação de situação que envolva o sujeito.

(14)

- (a) Que fantástica, essa série!
- (b) Que linda, essa bolsa!
- (c) Que gelada, essa piscina!
- (d) Que abafada, essa cidade!

Vemos, em (14), que o uso do demonstrativo *essa* nas sentenças “com concordância” toma, como leitura principal, a atribuição da propriedade à denotação de uma ocorrência definida no espaço/tempo. Uma leitura de espécie não parece disponível

para tais exemplos. Mesmo a versão de ocorrência com leitura de evento envolvendo os sujeitos é dificultada. O mesmo não ocorre quando o sujeito é plural, conforme constatamos em (15).

(15)

- (a) Que fantásticas, essas séries!
- (b) Que lindas, essas bolsas!
- (c) Que geladas, essas piscinas!
- (d) Que abafadas, essas cidades!

Na presença do sujeito pluralizado, temos tanto a possibilidade de espécie como de ocorrências. A leitura preferencial ainda é a de ocorrência, mas é possível atribuímos a propriedade ao conjunto de séries, bolsas, piscinas ou cidades como espécies. Contudo, a leitura de ocorrência, identificada nos itens (ii) da explicação das leituras de (12) e (13) também é possível.

Certo é que vemos clara distinção entre as SCLs “com” e “sem concordância” e a distinção entre elas, embora envolva o predicado, não pode ser tratada com olhar exclusivo sobre ele. Passaremos, na seção seguinte, a tratar das diferenças temporais e aspectuais (seguindo a ordem usada anteriormente quando abordamos as propriedades das SCLs “com concordância”) para, em seguida, apresentarmos as distinções que envolvem os sujeitos de SCLs em construções “sem concordância”.

2.1.2. Restrições temporais e aspectuais: diferenças

Quanto à questão temporal, vemos que SCLs “sem concordância” apresentam uma restrição mais radical do que as versões “com concordância” em relação ao tempo do evento. Há diferenças não só entre o local de inserção de modificador temporal como também da interpretação espaço-temporal da predicação.

Abaixo, o contraste entre a sentença em (16)(a) e (16)(b), mostra que diferenças no uso do pronome possessivo. Em (16)(a), o pronome *esse* traz um contraste entre momento presente (enunciado) no qual se encontra a roupa e um momento passado (por meio do advérbio *ontem*). Tal contraste não está presente na sentença (16)(b) em que se usa o demonstrativo *aquela*.

(16)

- (a) Bonita, essa sua roupa ontem!
- (b) Bonita, aquela sua roupa ontem!

A primeira indicação que temos é que há uma interação entre os indexicais presentes na sentença e os tempos do evento e da referência. Há, em (16)(a), um implícito de que a predicação possa não se aplicar a roupa no momento da enunciação que não encontramos em (16)(b). Curiosamente, tal contraste não só não se faz presente nas sentenças “sem concordância” (vide (17)) como também gera sentenças agramaticais.

(17)

- (a) *Bonito, essa sua roupa ontem!
- (b) *Bonito, aquela sua roupa ontem!

Modificadores temporais como *logo mais*, *frequentemente* e *sucessivamente* também não apresentam o mesmo comportamento nas sentenças “com” e “sem” concordância (vide exemplos apresentados abaixo em (a) versus (b)). Enquanto um modificador como a locução adverbial *logo mais*, responsável por projetar a predicação para o futuro, é agramatical em sentenças “sem concordância” ((18)(b)), o mesmo modificador é aceitável e gera sentenças gramaticais em SCLs “com concordância” ((18)(a)).

(18)

- (a) Bonita, essa sua roupa logo mais!
- (b) *Bonito, essa sua roupa logo mais!

A ocorrência de determinados advérbios em *-mente* (*frequentemente*, *sucessivamente*, *extremamente*, *esteticamente*, entre outros) também tem uma distribuição diferenciada entre as sentenças “com” e “sem” concordância. Advérbios frequentativos como *frequentemente* e *sucessivamente* na posição final da sentença são bastante degradados em sentenças “com concordância” (cf. sentenças das alíneas (a) de (19) - (20)), mas gramaticais nas sentenças “sem concordância” (cf. sentenças das alíneas (b) de (19) - (20)). O mesmo efeito pode ser encontrado com a posposição desses modificadores ao predicado (veja-se (21) - (22)).

(19)

- (a) ??Bonita, essa sua roupa frequentemente!
- (b) Bonito, essa sua roupa frequentemente!

(20)

- (a) ??Bonita, essa sua roupa sucessivamente!
- (b) Bonito, essa sua roupa sucessivamente!

(21)

- (a) ?Bonita frequentemente, essa sua roupa!
- (b) Bonito frequentemente, essa sua roupa!

(22)

- (a) ??Bonita sucessivamente, essa sua roupa!
- (b) Bonito sucessivamente, essa sua roupa!

Inicialmente, poderíamos supor que esse paradigma estaria relacionado (apenas) a um aspecto temporal das predicções, contudo encontramos distinções também com outros tipos de advérbios. Advérbios intensificadores como *altamente* e *extremamente* são degradados quanto antepostos juntamente com o adjetivo (vide (24)). Isso, porém não ocorre na versão “com concordância” (vide (23)).

(23)

- (a) Altamente bonita, essa sua roupa!
- (b) Extremamente bonita, essa sua roupa!

(24)

- (a) ??Altamente bonito, essa sua roupa!
- (b) ?Extremamente bonito, essa sua roupa!

Poderíamos hipotetizar estarmos diante de alguma restrição relacionada aos adjetivos em *-mente*, contudo nem todos os adjetivos em *-mente* apresentam a mesma restrição. Vemos que um adjetivo como *esteticamente* resulta gramatical quando preposto tanto na versão “com concordância” ((25)) quanto na “sem” ((25)(b)) ou mesmo na posição do pós-adjetival (cf. alíneas (a) *versus* alíneas (b)).

(25)

- (a) Esteticamente bonita, essa sua roupa!
- (b) Bonita esteticamente, essa sua roupa!

(26)

- (a) Esteticamente bonito, essa sua roupa!
- (b) Bonito esteticamente, essa sua roupa!

Assim, enquanto os chamados advérbios de domínio como denominados por Foltran e Souza (2019) inspirado na proposta de Ernst (2002) — exemplificado acima com *esteticamente* — são plenamente aceitáveis tanto na versão “com concordância” ((25)) quanto na “sem” ((26)). Já os advérbios intensificadores sofrem restrições ((25) X (24)). Curiosamente, essa mesma restrição é encontrada em outros advérbios que a cartografia costuma a classificar como baixos (por exemplo, *com frequência*, *de novo*, *do nada*) e que, como Tescari Neto (2012) salienta, sofrem *pied pieping* obrigatório com o predicado.

(27)

- (a) Bonita de novo, essa sua roupa!
- (b) Bonita do nada, essa sua roupa!

(28)

- (a) Bonito de novo, essa sua roupa!
- (b) ??Bonito do nada, essa sua roupa!

Embora não tenhamos considerado a sentença (27)(b) como agramatical, há dúvidas sobre o *status* real desse modificador e seu escopo. A repetição que torna a sentença gramatical não parece propriamente atrelada a predicação da beleza da roupa, mas ao ato de considerar algo belo, seja qual for o sujeito da predicação.

Dessa forma, enquanto, em (27)(a), teríamos uma roupa que repetidamente poderia ser considerada como bela, em (27)(b) a interpretação que poderia ser alcançada e tornaria a sentença gramatical seria a de que, em mais de uma situação – que poderia ou não envolver a roupa em questão –, houve uma roupa com a qual a pessoa se enquadrou na concepção de bela. A dupla de (28) apresenta o mesmo comportamento. Observemos, porém, que a presença dos advérbios na posição inicial causa agramaticalidade (ou ao menos uma grande degradação no caso das SCLs “com concordância” em (29)).

(29)

- (a) ??De novo bonita, essa sua roupa!
- (b) ??Do nada bonita, essa sua roupa!

(30)

- (a) *De novo bonito, essa sua roupa!
- (b) *Do nada bonito, essa sua roupa!

A inaceitabilidade desses advérbios baixos em posição inicial e o contraste entre as SCLs “com” e “sem” concordância em (28) – e possivelmente em (27) se tomarmos a explicação anterior sobre leituras como procedente – parecem indicar que, enquanto em sentenças “com concordância” há essa subida mais alta do predicado, em sentenças “sem concordância” possivelmente não há.

Diante disso, podemos considerar pouco provável o ordenamento PREDICADO> CÓPULA> SUJEITO, pois, seguindo Tescari Neto (2019a, 2019b entre outros), a ordem advérbio> verbo> objeto seria agramatical no PB quer com verbo finito, quer com verbo infinito quando se tem advérbios como *de novo* e *do nada*. Se tivéssemos um predicado gerado à esquerda da cópula, permanecendo na posição de base, as sentenças com os advérbios em posição inicial deveriam ser aceitáveis. Por outro lado, mesmo considerando a existência de movimento há agramaticalidade em (28)(b) (e, na leitura relevante em (28)(a)), mas não em (27). Vemos, assim, mais um indício de que tais predicados realizam movimentos diversos em SCLs “com” e “sem” concordância.

Observando as possibilidades de diferentes posicionamentos do advérbio, ao testarmos um advérbio considerado mais alto na hierarquia de Cinque (1995, 1999), observamos que apenas na ordem ADJETIVO> AINDA> SUJEITO temos igual gramaticalidade entre as SCLs “com” e “sem” concordância, como podemos ver no teste de posições do advérbio apresentado em (31) - (33)

(31)

- (a) Ainda bonita, essa sua roupa!
- (b) ??Ainda bonito, essa sua roupa!

(32)

- (a) Bonita ainda, essa sua roupa!
- (b) Bonito ainda, essa sua roupa!

(33)

- (a) ?Bonita, essa sua roupa ainda!

(b) ??Bonito, essa sua roupa ainda!

Usando os exemplos em (a) para as SCLs “com concordância” e, (b) para as SCLs “sem concordância”, testamos, acima: a precedência linear do advérbio em (31), a precedência linear do adjetivo com “ensadúchamento” do advérbio em (32) e o abandono do advérbio em (33). Como pudemos observar acima, as sentenças com abandono do advérbio (33) são agramaticais ou, ao menos degradadas, tanto na versão “com concordância” ((33)(a)) quanto sem ((33)(b)).

Também vemos que a versão com preposição do advérbio *ainda* e “sem concordância” no predicado ((31)(b)) é agramatical, contudo, a “versão” “com concordância” é gramatical ((31)(a)). O que tal exemplo tende a nos indicar é que, em uma ótica cartográfica, o adjetivo de SCLs “sem concordância” não poderia “estacionar” em uma posição intermediária como aconteceria na “versão com concordância”. O teste indica que a posição de pouso desse adjetivo em SCLs “sem concordância” seria acima daquela encontrada nas SCLs “com concordância”.

Outro ponto que apresentamos quando demonstramos as restrições de predicados encontradas em SCLs, diz respeito à noção de temporalidade assim como a de duratividade. Vimos que, além da noção de tempo envolver três “tempos” (vide 1.2.2.1), envolve uma restrição de duratividade (vide 1.1.2). Observemos abaixo o contraste de leituras possíveis entre (34) e (35).

(34)

- (a) Que gostosa, essa torta de amêndoa!
- (b) Que linda, essa unha!
- (c) Que estreita, essa porta!
- (d) Que vermelha, essa roupa!
- (e) Que apertada/velha, essa roupa!
- (f) Que rápida, essa van!

(35)

- (a) Que gostoso, essa torta de amêndoa!
- (b) Que lindo, essa unha!
- (c) Que estreito, essa porta!
- (d) Que vermelho, essa roupa!

(e) Que apertado/velho, essa roupa!

(f) Que rápido, essa van!

Lançando mão da distinção do tipo de argumento presente nas SCLs, conforme discutido na seção anterior, observemos a temporalidade presente quando a sentença é atribuída à espécie e quando é atribuída à ocorrência. Como já mencionamos anteriormente, SCLs “com concordância” ao comportarem um argumento de ocorrência dificilmente alcançam uma leitura de situação envolvendo o argumento. Por outro lado, SCLs “sem concordância” tendem a não comportar a leitura de espécie⁹⁸ e, na leitura com argumento de ocorrência, primam pela leitura situacional, ainda que possam ter a leitura atributiva.

Conforme Marques e Basso (2017) sustentam, em PGPs, espécies teriam tanto a cópula *ser* quanto a cópula *estar*. Já ocorrências se restringiriam às cópulas *estar*. A questão é: na ausência de cópulas, isso poderia ser imediatamente traduzido respectivamente pela propriedade de permanência ou transitoriedade dos relatores ou da cópula sem conteúdo fonético (a depender da construção teórica adotada)?

Para conseguirmos alcançar a resposta à questão, analisemos a duratividade dos predicados. Na leitura de espécie, as propriedades são entendidas como tendo a duratividade atribuída a “vida” dos entes, quer de forma contínua ou de forma iterativa. Generalizando, tal contexto corresponderia à noção de genericidade por espécie em uma noção krifikaniana. Já para a leitura de ocorrência, poderíamos ter tanto propriedades durativas como pontuais (quando atribuídas como propriedade do ser). Em tal caso, incluiríamos uma noção próxima da habitualidade. Contudo, se essa ocorrência não recebe a atribuição direta da propriedade predicada, mas tem sua propriedade atribuída indiretamente, como é o caso dos predicados situacionais, a leitura será de uma propriedade transitória.

Nos casos de (35) repetidos abaixo para conveniência do leitor como (36). Vemos que a leitura de duratividade em qualquer leitura de sujeito fica prejudicada.

(36)

⁹⁸ No caso de sujeitos pluralizados, o quadro não se mantém, estando disponível também a leitura de espécie. Contudo, conforme veremos a seguir a leitura de espécie pode tomar tanto a versão de atribuição de propriedade à espécie na forma de uma generalização sobre os espécimes como a atribuição de uma propriedade sobre a situação envolvendo a espécime. A leitura de situação envolvendo a espécie não está disponível para SCLs “com concordância”.

- (a) Que gostoso, essa torta de amêndoa!
- (b) Que lindo, essa unha!
- (c) Que estreito, essa porta!
- (d) Que vermelho, essa roupa!
- (e) Que apertado/velho, essa roupa!
- (f) Que rápido, essa van!

Mesmo em casos de sujeitos pluralizados, a leitura de propriedade caracterizadora do sujeito só é obtida na leitura de espécie, que não era acessível quando tínhamos sujeitos não pluralizados. Em sujeitos que são ocorrências, a propriedade atribuída aos sujeitos também não contempla duratividade, mas faz referência a um recorte temporal identificado como pertencente ao momento da fala.

(37)

- (a) Que gostoso, essas tortas!
- (b) Que lindo, essas unhas!
- (c) Que estreito, essas portas!
- (d) Que vermelho, essas roupas!
- (e) Que apertado/velho, essas roupas!
- (f) Que rápido, essas vans!

Nos exemplos acima vemos que as sentenças podem tomar como argumentos, respectivamente, espécies de tortas, unhas, portas, roupas e vans. Nesse caso, formam-se sentenças caracterizadoras, uma das formas de genericidade como apontado por Krifka et al. (1995). Essa interpretação estava ausente nas SCLs “com concordância” e dificultada nas SCLs com nomes singulares.

Outro ponto importante quanto às SCLs “sem concordância” está no fato de que, em SCLs “sem concordância”, até mesmo predicados que tenderiam a serem interpretados como características permanentes dos seres, adquiriram uma conotação de propriedade senão transitória, ao menos, pontual. É o que vemos abaixo em (38) *versus* (39).

(38)

- (a) Que alta(s) essa(s) ponte(s)!

(b) Que estreita(s), essa(s) porta(s)!

(39)

(a) Que alto, essa(s) ponte(s)!

(b) Que estreito, essa(s) porta(s)!

Predicados que se referem a dimensões de objetos são tidos como estáveis, portanto, esperaríamos um sentido de permanência como, de fato, encontramos em (38). Quer no sentido de espécie (salientada quando temos os sujeitos pluralizados), quer no sentido da ocorrência os predicados são interpretados preferencialmente como uma propriedade atribuída à espécie do sujeito indicada pelo demonstrativo (no caso da leitura de espécie) ou uma propriedade atribuída à denotação do sujeito, que nos exemplos, seriam uma ponte ou porta específica apontada (quando tomado o sentido de ocorrência).

Já (39), traz um sentido diferente para essa propriedade. Na leitura de ocorrência, a atribuição da propriedade ao sujeito não parece relevante/disponível. Há uma atribuição mediada por uma situação. Exemplificando: em (39)(b), a estreiteza da porta mesmo não sendo uma característica mutável, é exclamada como sendo relativizada pelo ponto de vista emitido na opinião pessoal veiculada pela exclamação. Em outros termos, (39)(b) exclama sobre a condição de estreiteza da porta relativizada para uma situação (por exemplo, passar um móvel).

Nessa condição a estreiteza ou a altura só são propriedades relevantes para o ponto narrado e, a depender, da situação podem ser alteradas. Não haveria contradição, portanto, em, na sequência de se considerar uma porta balcão grande, ao identificar a necessidade de passar um piano de cauda ou transformar o imóvel em uma casa de show ou escola, o falante exclamar (39)(b) para uma porta considerada grande. Estaríamos, portanto, diante de uma propriedade transitória da porta mesmo que a propriedade inerente dessa porta seja ser larga.

São propriedades que não se estendem no tempo. Observe-se que, na presença de sujeitos que não habilitam essa leitura de transitoriedade de predicado, as sentenças se tornam agramaticais ou, ao menos, muito degradadas “sem concordância”.

(40)

(a) *Que alto, essa(s) garota(s))!

(b) ??Que brasileiro, essa(s) alteta(s)!

Não encontramos facilmente a possibilidade de predicar sobre altura de garotas como algo situacional ou momentâneo, assim como a nacionalidade também não parece passível de ser analisada como condicionada a uma situação ou momento quando atribuída a um sujeito [+humano]⁹⁹.

Vemos que, mais uma vez, as propriedades dos sujeitos parecem ser fundamentais para a nossa análise, pois conjuntamente com o predicado, selecionam inclusive diferentes tipos de temporalidade. Por tal motivo, seguiremos na seção seguinte, assim como fizemos com as SCLs “com concordância” identificando as alterações encontradas nas SCLs “sem concordância” quanto ao sujeito que comportam.

2.1.3. Distinções relacionadas ao sujeito das sentenças

Como já vimos vendo nas seções anteriores, o sujeito tem um papel fundamental na gramaticalidade das SCLs. Resta entender se temos alguma restrição nova quanto a eles em SCLs “sem concordância”.

Vimos que nem todo sujeito é bem aceito em SCLs. Em sentenças “concordantes” sujeitos indefinidos como “*uma(s)*”, “*qualquer*” ou “*certas*” apresentados nas sentenças (41) são excluídos como identificamos pela agramaticalidade dos exemplos abaixo. A impossibilidade de identificação do referente, mais do que uma indefinidade quantificacional, é uma inespecificação.

(41)

(a) *(Que) Linda, uma/ qualquer/ novela!

(b) *(Que) Gostosas, certas/umas panquecas!¹⁰⁰

Essa inespecificação será também a responsável por excluir, dessas construções, sujeitos nus como visto na agramaticalidade de (42), em que figuram

⁹⁹ Quanto à (40)(b), observe-se a diferença se a propriedade puder ser atribuída a um [-humano] ou com um deverbal como *dança*, encontramos sentenças que apresentam, ao menos, uma melhora na gramaticalidade.

(a) ?Que brasileiro, essa caipirinhas!

(b) ^{ok}Que brasileiro, essa dança!

¹⁰⁰ Não se está considerando aqui o uso de *certa* como definido e já previamente mencionado/conhecido no discurso (similar à expressão irônica de “*certas pessoas*” em *certas pessoas não mudam nunca mesmo*).

respectivamente um sujeito singular nu (*bare singular*), a saber, *novela* em (42)(a), uma subespécie (*subkind*), a saber, *cerveja artesanal* em (42)(b) e um sujeito nu plural (*bare plural*) *panquecas* em (42)(c).¹⁰¹

(42)

- (a) *Que linda(s), novela!
- (b) *Que cheirosa, cerveja artesanal (da Baden Baden)!
- (c) *Que gostosas, panquecas!

Em SCLs “sem concordância” — como as apresentadas em (43) - (44) — tais restrições ficam confinadas aos nomes nus singulares (cf. (44)(a)) e desde que tais nomes não estejam modificados, representando subespécies.

(43)

- (a) Que lindo, uma/ qualquer/ novela!
- (b) Que gostoso, ?certas/umas panquecas!¹⁰²

(44)

- (a) *Que lindo, novela!
- (b) Que cheiroso, cerveja artesanal (da Baden Baden)!
- (c) Que gostoso, panquecas!

Vemos que, diferentemente das SCLs “com concordância”, SCLs “sem concordância” só são agramaticais com nomes nus singulares. Uma possível explicação para a maior aceitação de sujeitos, poderia ser a subespecificação de traços D ou não projeção do nó determinante, não havendo, portanto, a projeção dos traços de gênero que agiriam como sonda em tais sentenças.

Tal proposição, contudo, além de não explicar a gramaticalidade das sentenças que contém os sujeitos *default* das SCLs, apresentaria duas questões adicionais: (i) por que uma SCLs com nome nu singular é excluída (cf. (44)(a)), já que portaria o mesmo tipo de subespecificação e (ii) por qual motivo essa subespecificação,

¹⁰¹ Não faremos aqui uma discussão sobre a motivação dessa exclusão por estar fora do escopo de interesse. Para um detalhamento maior, remetemos o leitor a Pinheiro (2019), Lima (2020a) entre outros.

¹⁰² Parece haver uma piora no uso de *certa* que não detalharemos aqui, contudo, ainda assim a sentença é melhor formada do que sua contraparte “com concordância”.

por si só, tornaria aceitáveis sujeitos que não são aceitos em versões de SCLs “com concordância”.

“SCLs com concordância” mostravam a possibilidade da predicação da propriedade ser relacionada diretamente com o sujeito tanto na leitura de espécie como na leitura de ocorrência. Já SCLs “sem concordância” teriam tanto a leitura de espécie como as duas leituras de ocorrência¹⁰³. A principal distinção entre as SCLs “com” e “sem” concordância estaria na possibilidade de termos a leitura de ocorrência relacionada a uma situação. Contudo, resta explicar a possibilidade de termos nomes nus plurais, subespécies e sujeitos indefinidos/indeterminados em SCLs “sem concordância”

Antes de analisarmos, essas propriedades, observemos a relação da predicação na existência de elipse. Atenemos como o escopo da predicação varia entre SCLs “com” (cf. (45)) e “sem concordância” (cf.(46)), observando as sentenças abaixo.

(45)

- (a) Que bonitas, essa blusa e essa saia!
- (b) Que organizadas, essa palestra e essa convenção!
- (c) Que linda e divertida, essa atriz e essa comediante/cantora!

(46)

- (a) Que bonito, essa blusa e essa saia!
- (b) Que organizado, essa palestra e essa convenção!
- (c) Que lindo e divertido, essa atriz e essa comediante/cantora!

Podemos identificar no paradigma construído acima que, enquanto SCLs “com concordância” ((45)) apresentam uma distribuição dos predicados para cada sujeito, SCLs “sem concordância” ((46)) parecem predicar sobre o conjunto formado pela coordenação de sujeitos. De forma mais concreta, enquanto, em uma sentença como (45)((a)), a beleza é atribuída tanto à blusa quanto à saia, na sentença “sem concordância” paralela a essa ((46)((a))), a beleza não necessariamente alcança cada uma das peças, podendo ser atribuída ao conjunto formado pela blusa e pela saia.

Intrigante também é a possibilidade de interpretação — ainda que não preferencial — de um referente único para *essa atriz e essa comediante/cantora* em

¹⁰³ A disponibilidade das três leituras dependeria do predicado existente na construção.

(45)((c)), mas não em (46)((c)). Em termos de análise teórica dessas sentenças, vai se tornando claro que os fenômenos mencionados estão diretamente relacionados a uma diferente configuração sintática das sentenças e não meramente à distinção de traços.

Uma leitura distributiva sobre os sujeitos pressupõe que haja, na realidade, duas predicções: uma para cada membro do sujeito conjunto. Nesse tipo de leitura, haveria uma conjunção de duas predicções, ao passo que, em uma leitura de conjunto, haveria a conjunção de dois DPs/NPs.

Embora ambas as construções sejam simétricas, uma leitura parece envolver *Gapping*, enquanto a outra, não, mesmo com certa variação na implementação técnica. Um fato interessante que corrobora essa diferença tanto estrutural como de leitura está na gramaticalidade distinta encontrada nas sentenças (47)((a)) *versus* (47)(b) e (48)((a)) *versus* (48)((b)).

Contexto: Suponha que a Joana está vendo fotos da Maria em uma viagem.

(47)

(a) Que bonitas, essa blusa e essa saia!

(b) ?? Que bonito, essa blusa do almoço e essa saia da festa de ontem!

Contexto: Suponha que alguém está relatando sobre um longo evento composto por tipos diversificados de atividades: palestras, minicursos, conferências não simultâneas.

(48)

(a) Que Organizadas, essa palestra da manhã e essa conferência da semana passada!

(b) ? Que Organizado, essa palestra e essa conferência da semana passada!

As sentenças “sem concordância” só conseguem ter uma melhor gramaticalidade se forem consideradas em um contexto capaz de sumarizar os itens sujeitos (tal contexto foi desconsiderado no juízo de gramaticalidade apontado em (47)((b)) e (48)((b)). Isto é, (47)((b)) seria boa ou menos “desviante” se o contexto fosse um carrossel de fotos do Instagram, por exemplo ou uma “exposição” da mala de

viagem. Contexto similar seria necessário para “salvar” a sentença (48)((b))¹⁰⁴, em que a sentença precisaria contemplar a avaliação de todo o evento em seu momento final ou posterior, tendo desvio de gramaticalidade, por exemplo, se proferida durante o evento.

Fazendo um breve parênteses nessa caracterização de sujeitos, cabe ressaltar que a mesma propriedade pode ser encontrada na conjunção de predicados. Abaixo, vemos, em (49), exemplos de conjunções de predicados “com concordância” e, em (50), exemplos paralelos “sem” a concordância. SCLs “sem concordância” parecem também não permitir a conjunção de predicados e, mais uma vez, encontramos indícios de que há alguma estrutura elidida que impeça o *gapping*.

(49)

(a) ^{ok} Que gostosa e cheirosa, essa empadinha!

(b) ^{ok} Que linda e divertida, essa atriz!

(50)

(a) *Que gostoso e cheiroso, essa empadinha!

(b) *Que lindo e divertido, essa atriz!

Retornando às propriedades relacionadas ao sujeito, à partitividade e à pseudopartitividade também são outro ponto relevante em que vemos uma distinção entre SCLs “com” (exemplos pares) e “sem concordância” (exemplos ímpares), como podemos identificar a partir do paradigma apresentado abaixo.

(51)

(a) * Que tranquilas, parte de meninas!

(b) ??Que tranquilas, parte das meninas!

(52)

(a) Que tranquilo, parte de meninas!

(b) Que tranquilo, parte das meninas!

(53)

(a) Que fantástica, essa travessa de torta!

(b) Que fantástica, essa travessa da torta!

¹⁰⁴ Compare a sentença apresentada com a sentença abaixo:

i. Que organizado, essa palestra e aquela conferência da semana passada!

(54)

- (a) Que fantástico, essa travessa de torta!
- (b) Que fantástico, essa travessa da torta!

(55)

- (a) Que gostosa, essa xícara de café!
- (b) ?? Que gostosa, essa xícara do café!

(56)

- (a) Que gostoso, essa xícara de café!
- (b) Que gostoso, essa xícara do café!

Nos exemplos acima, trouxemos exemplos de sujeitos animados ((51) - (52)) e não animados ((53) - (56)) . Além disso, usamos dois tipos de adjetivos: os aplicáveis a ambos nos nomes dos sujeitos compostos (caso de *fantástico(a)* em (53) - (54)) como àqueles que são anômalos quando aplicados ao primeiro nome do partitivo (a saber, *gostoso(a)* em (55) - (56) e *tranquilo(a)* em (51) - (52)). Como podemos identificar, entre as sentenças pares, isto é, aquelas “com concordância”, só não há agramaticalidade quer com partitivos (sentenças (b)), quer com pseudopartitivos (sentenças em (a)) quando as sentenças possuem sujeitos que permitem a predicação por ambos os núcleos do composto nominal, tal qual temos em (53).

Já nas SCLs “sem concordância” não temos tal resultado ainda que tenhamos a possibilidade de diferentes interpretações. Chama a atenção a inexistência de leitura anômala (*comer a xícara*) para (56)(b) (em contraste com (55) (b)). De forma paralela, também não temos a “versão estripadora” (*pedaço de meninas*) que causa a agramaticalidade de (51)(a) quando temos uma SCL “sem concordância” (cf. (52)(a)). Nessa sentença, a leitura saliente é de uma parcela de meninas considerada em um contexto *x* e não de pedaços. Difere, assim, do pseudopartitivo de (51)(a). Naturalmente essa incompatibilidade com nomes pseudopartitivos poderia ser atribuída a já notada agramaticalidade dessas SCLs com nomes nus, mas restaria explicar por que tal mudança não estaria disponível para as SCLs “sem concordância”.

Uma boa explicação estaria na leitura situacional existente em SCLs “sem concordâncias”, mas indisponível para SCLs “com concordância”. Leituras situacionais

não habilitariam o sujeito de espécie, leitura que se salienta no caso da existência dos nomes nus.

Em termos interpretativos, chama-nos atenção a aparente inabilidade de SCLs “sem concordância” aplicarem seu predicado diretamente ao segundo nome do composto. Em outros termos, a leitura típica partitiva parece desaparecer nessas sentenças sendo predominante a leitura de espécie.

Com isso, tanto (52)(a) quanto (52)(b) atribuem o predicado sobre um tanto de meninas havendo uma variação entre o escopo da parte ser contabilizada externamente ((52)(a)) ou a um grupo já pré-selecionados (as meninas que estão em *x*), em (52)(b). Porém, há uma importante distinção quanto ao argumento de cada uma delas. Enquanto em (52)(a) a leitura é exclusivamente situacional, em (52)(b) podemos ter tanto a leitura situacional como a leitura de ocorrência em que a predicação incide sobre um sujeito coletivo entendido como um grupo em que parte dos participantes é menina.

Essa indisponibilidade de uma leitura de espécie ou de uma leitura de ocorrência em que o predicado incida diretamente sobre o sujeito, explica, em parte, o motivo pelo qual se observa a agramaticalidade de (51)(a). SCLs “com concordância” não dispõem de leitura de situação. Passemos agora à análise dos demais exemplos.

Em (53)(b) - (54)(b), vemos uma distinção de leitura. Se na SCL “com concordância” temos uma leitura de ocorrência que predica sobre a beleza da travessa que contém a torta, tal leitura, não é possível para (54)(b). Na referida SCL “sem concordância” contendo um pseudopartitivo (vide (54)(b) em contraste com (53)(b)), embora seja possível uma leitura em que o núcleo do sujeito seja a travessa¹⁰⁵, essa leitura não é uma atribuição direta do predicado sobre o sujeito, mas a uma situação envolvendo o sujeito. Ainda que a leitura de recipiente/medida da torta seja possível tanto para (53)(b) como para (54)(b), a leitura de situação está presente apenas em (54)(b).

Quanto à distinção de leituras em SCLs “com” e “sem” concordância, vejamos, abaixo, o que ocorre se temos um termo de medida sobre o qual o predicado

¹⁰⁵ Nesse ponto contraste-se a distinção com um demonstrativo ou mesmo um possessivo no composto.

I.(Que) fantástico, essa travessa da torta!

II.?(Que) fantástico, essa travessa dessa torta!

III.?(Que) fantástico, essa travessa da minha/sua torta!

não consegue incidir. Em (57) temos as SCLs “com concordância”, contendo (57)(a), um pseudopartitivo e, (57)(b), um partitivo. Veremos, abaixo, portanto, a distinção sobretudo de leituras quando, ao invés do recipiente de louça, têm-se um termo tipicamente partitivo como *tonelada*.

(57)

- (a) #Que fantástica, essa tonelada de torta!
- (b) Que fantástica, essa tonelada da torta!

(58)

- (a) Que fantástico, essa tonelada de torta!
- (b) Que fantástico, essa tonelada da torta!

Em (57) há certa anomalia na leitura. O sujeito seria o peso de uma tonelada ou uma quantidade imensa de torta no caso de uma leitura figurativa/metafórica. Para ela esperaríamos poder ter tanto uma leitura de espécie como uma leitura de ocorrência, porém, como visto anteriormente, em ambas predominaria a leitura de uma predicação atribuída diretamente aos sujeitos.

O predicado *fantástica* não parece selecionar um sujeito quantitativo, resultando na anomalia percebida. Veja-se que na presença de um adjetivo passível de ser predicado sobre *tonelada* o resultado é distinto como podemos constatar em (59).

(59)

- (a) (Que) absurda, essa tonelada de torta!
- (b) (Que) absurda, essa tonelada da torta!

Retomando abaixo as SCLs sem concordância apresentadas em (58), podemos observar que há um contraste entre (58)(a) e (58)(b) repetido abaixo como (60).

(60)

- (a) (Que) fantástico, essa tonelada de torta!
- (b) (Que) fantástico, essa tonelada da torta!

No contraste podemos identificar que, enquanto (60)(a) pode ter apenas a leitura atribuída à situação, (60)(b) pode ter tanto a leitura atribuída à situação como a

leitura de atribuição de propriedade à grande quantidade de torta. A leitura não situacional parece só ser possível na presença do determinante no núcleo. Tal fato não é surpreendente, posto termos identificado que SCLs mesmo as “sem concordância” excluem nomes nus singulares

Apresentadas algumas das propriedades distintivas entre SCLs “com” e “sem concordância”, passaremos a analisar, no capítulo seguinte, como capturar tais fatos e o que eles representam.

Considerações finais

Neste capítulo retomamos as propriedades apresentadas no capítulo anterior e apontamos aquilo que diferia quando estávamos diante de SCLs “sem concordância”. Vimos que SCLs “sem concordância” têm possibilidades extras de leituras não disponíveis para SCLs “com concordância”.

Ao observarmos os predicados das SCLs “sem concordância” constatamos que há uma restrição maior do que a encontrada nas sentenças “com concordância”: adjetivos referentes às propriedades consideradas permanentes, como *alto*, *italianíssimo* tendem a ser agramaticais com SCLs “sem concordância” mesmo sendo aceitos em SCLs “com concordância”.

Mais do que isso, entendemos que a restrição está condicionada à relação entre o predicado e o sujeito selecionado. Em casos em que o predicado envolvido não pode ser atribuído a uma situação e não estamos diante da possibilidade de construir uma sentença caracterizadora por não podermos constituir o sujeito como uma subespécie, a agramaticalidade emerge. Nos demais, apenas a leitura situacional fica inviabilizada.

Ao explorarmos os sujeitos e as temporalidades/aspectualidades envolvidas conjuntamente com o predicado, conseguimos realizar a descrição sumarizada no quadro abaixo. Para fins de facilitação, usamos como identificador das chamadas SCLs “com concordância”, a sigla SCLconc e, para as SCLs “sem concordância”, a sigla SCLdisc, além disso, adotamos o “não se aplica” (NSA) para não a intersecção entre PGP e a compatibilidade com situação, posto que esse item só é relevante para

SCLs que envolvam outros predicados que não os PGPs.

Generalizações das leituras encontradas em SCLs						
Tipo de sujeito	Sujeito singular			Sujeito Plural		
Tipo de Predicado	Predicado de Gosto Pessoal (PGP)	Outros Predicados (propriedades durativas)		Predicado de Gosto Pessoal (PGP)	Outros Predicados (propriedades durativas)	
Compatibilidade do predicado com situação	NSA	Sim	Não	NSA	Sim	Não
Espécie (<i>Subkind</i>)	SCLconc	-----	-----	SCLconc SCLdisc	SCLconc	-----
Ocorrência (Predicação sobre sujeito)	SCLconc SCLdisc	SCLconc	CLconc	SCLconc SCLdisc	SCLconc	SCLconc
Ocorrência (Predicação sobre situação)	SCLconc SCLdisc	SCLdisc	-----	SCLdisc	SCLdisc	-----

(Elaboração própria)

Vimos que as condições da tabela acima podem interferir na temporalidade envolvida nos predicados. De forma similar, o tipo de sujeito selecionado é crucial para a obtenção de determinadas leituras, como podemos identificar mais facilmente pelo quadro acima.

Além da relação de pluralidade apresentada na tabela, vimos, quanto aos sujeitos, que há mais possibilidades de aceitação de sujeitos não determinados em SCLs “sem concordância”. Nessas construções são aceitos: sujeitos indefinidos, nomes nos plurais, subespécies (*subkind*). Apenas nomes nos singulares manteriam a agramaticalidade registrada em SCLs “com concordância”.

Identificamos também distinções nas leituras em que predicados ou sujeitos são coordenados. SCLs “sem concordância” quando apresentam sujeitos coordenados, tendem a predicar sobre o conjunto e não sobre os elementos em separado. Nesse

sentido, identificamos que a impossibilidade de formação de um conjunto com alguma coesão causa algum tipo de degradação da gramaticalidade das sentenças.

Notamos também que conjunção de predicados são agramaticais em SCLs “sem concordância”. Tal fato pode ser entendido como um indício forte da existência de uma estrutura elidida que impeça o *gapping*.

Outra construção que leva exclusivamente SCLs “sem concordância” a terem decréscimo de gramaticalidade é a pseudopartitividade. Enquanto a partitividade resulta, via de regra, em SCLs “sem concordância” gramaticais, a pseudopartitividade, não. Interessante notar que, enquanto partitivos, trazem nomes sem camada DP, pseudopartitivos comportam essa camada. Logo, a existência de decréscimo de gramaticalidade na presença de nomes com maior determinação é digno de maiores investigações.

O paradigma formado entre SCLs “sem” e “com concordância” não se exaure com os contrastes de gramaticalidade. Há distinção entre as leituras possíveis em cada uma delas.

Para finalizar, cabe observar que esse capítulo foi destinado a apresentar propriedades e restrições de SCLs “sem concordância”. Agora, precisamos analisar e apresentar uma propriedade que possa explicar as distintas propriedades apresentadas, assim como algumas outras distinções que encontramos nas construções sintáticas e que apresentaremos no capítulo que se segue.

3. SCLs “sem concordância”: uma proposta

Considerações iniciais

Neste capítulo apresentaremos a proposta para tratar SCLs “sem concordância”. Antes de abordarmos a proposta, apresentaremos alguns indícios da distinção de estrutura de SCLs “com” e “sem concordância” como já mencionamos na introdução desta tese. Em seguida, mostraremos como tais fenômenos corroboram a proposta a ser defendida já que revelam efeitos de ligação e interveniência inexistentes em SCLs “sem concordância”.

Os comportamentos, ao mesmo tempo em que indicam a distinção das SCLs “com” e “sem concordância”, servem como evidência de que há uma estrutura interveniente entre o predicado — que vemos à esquerda — e o sujeito (à direita). Entre esses indícios temos: (i) retomada anafórica (pronominal ou nula); (ii) quantificação, partitividade e pseudopartitividade; (iii) coordenações e (iv) distributividade/coletividade das leituras.

Abordaremos cada um deles neste capítulo, mostrando que o comportamento seria inesperado se considerássemos que SCLs “com” e “sem concordância” tivessem a mesma estrutura. Vemos, além disso, que há efeitos de ligação importantes relacionados ao uso pronominal e as retomadas. Tais fatos, como observaremos, evidenciam a existência de uma forma intermediária entre o predicado e o sujeito.

3.1. Evidências do comportamento distinto e de interveniência na estrutura de SCLs “sem concordância”

Nesta seção, apresentaremos as evidências de que temos, não apenas um comportamento distinto, como também de que há um efeito de interveniência entre o predicado localizado à esquerda e o sujeito encontrado à direita. Tais dados serão fundamentais para nossa proposta para a estrutura das SCLs sem concordância.

Dividiremos as evidências por seções, cada uma destinada a abordar um dos fenômenos enumerados nas considerações iniciais deste capítulo.

3.1.1. Retomada Anafórica

Para iniciar, vejamos o comportamento de retomadas anafórica em objetos de sentenças encaixadas em SCLs. Para facilitar a análise agrupamos em dois grandes grupos: SCLs “sem concordância explícita” (Grupo A) e SCLs “com concordância explícita” (Grupo B), sempre lembrando que esse termo está sendo usado para facilitação da referência ao fenômeno como já explicado na introdução desta tese.

Além desse agrupamento, apresentamos, para cada fenômeno, sujeitos [-animados] (*bota e reunião*) e [+animados], este com um [+humano] (*moça da recepção*) e outro [-humano] (*doguinha*). As sentenças foram organizadas em dois grupos: “sem concordância” ((1) (a)-(h)) e “com concordância” ((2) (a)-(h)).

Em (1) (a) - (d) e (2) (a) - (d) foram apresentadas as sentenças com retomada por pronome pleno. Já em (1)(e) – (h) e (2) (e)-(h) temos as retomadas com nulo, representadas com \emptyset .

Grupo A: Sem concordância explícita

(1)

- (a) Que lindo, essa *bota*_i, mas eu não consigo usar ela_{?i/j}¹⁰⁶!
- (b) Que rápido/Chato, essa *reunião*_i, mas não posso deixar ela_{??i/j}!
- (c) Que fofinho, essa *doguinha*_i, mas ninguém quer adotar ela_{i/j}!
- (d) Que delicado, essa *moça da recepção*_i, mas não consegui falar com ela_{i/j}!
- (e) Que lindo, essa *bota*_i, mas eu não consigo usar \emptyset _{i/*j}¹⁰⁷!
- (f) Que rápido/Chato, essa *reunião*_i, mas não posso *deixar/sair \emptyset _{?i/*j}!
- (g) ? Que fofinho, essa *doguinha*_i, mas ninguém quer adotar \emptyset _{??i/j}!
- (h) * Que delicado, essa *moça da recepção*_i, mas não consegui conhecer/encontrar \emptyset _{*i/*j}!

Grupo B: Com concordância explícita

(2)

- (a) Que linda, essa *bota*_i, mas eu não consigo usar ela_{i/j}!
- (b) Que rápida/Chata, essa *reunião*_i, mas não posso deixar ela_{i/j}!

¹⁰⁶ O índice “j” estaria indicando um referente externo apenas pragmática ou discursivamente indicado. Isto é um referente indicado por uma estratégia como apontamento, por exemplo ou apresentado contextualmente no encadeamento do discurso.

¹⁰⁷ O índice “j” estaria indicando um referente externo apenas pragmática ou discursivamente indicado. Isto é um referente indicado por uma estratégia como apontamento, por exemplo ou apresentado contextualmente no encadeamento do discurso.

- (c) Que fofinha, essa doguinha_i, mas ninguém quer adotar ela _{i/?j}!
- (d) Que delicada, essa moça da recepção_i, mas não consegui encontrar ela _{i/j}!
- (e) Que linda, essa bota_i, mas eu não consigo usar \emptyset _{i/*j}¹⁰⁸!
- (f) Que rápida/Chata, essa reunião_i, mas não posso *deixar/sair \emptyset _{*i/?j}!
- (g) Que fofinha, essa doguinha_i, mas ninguém quer adotar \emptyset _{i/*j}!
- (h) *Que delicada, essa moça da recepção_i, mas não consegui encontrar \emptyset _{*i/*j}!

Identificamos, acima, que as chamadas sentenças “com concordância” parecem preferir a manifestação de pronomes plenos como objeto (vide (2), sendo agramaticais em metade das ocorrências com nulo apresentadas (cf. 2(g) - (h)). Na outra metade, composta pelas sentenças 2(e) - (f), percebemos uma opcionalidade no uso do pronome pleno ou do nulo. Interessante notar que os grupos não são compostos de maneira uniforme pelos traços característicos na literatura por (des)favorecem a elisão.

Enquanto o primeiro grupo, isto é, aquele que “prefere” a retomada pronominal é formado por um antecedente [-animado] e outro [-humano], o segundo, isto é, o que aparenta ter opcionalidade no uso da retomada por pronome ou nulo é composto tanto por um [+humano] como por um [-animado]. Tal fato parece indicar que o traço de animacidade poderia não ter tanta relevância nessas construções, já que aparece em ambos os contextos, ora preferindo a retomada pronominal e ora permitindo o nulo.

O traço [-humano], que, pelos dados, categoricamente favoreceria o surgimento de objetos nulos, aparece gramaticalmente com essa ocorrência no caso de sentenças “com concordância” ((2)(c) e (2)(g)), só sendo agramatical em uma sentença com forte caráter situacional como (2)(g). Observe-se que não necessariamente a predicação traz uma propriedade da cachorrinha, mas pode ser atribuída a uma situação envolvendo a cachorra¹⁰⁹.

Por fim, identificamos também diferenças com relação a uma anáfora como *ela mesma/ isso mesmo* focalizadas (representadas nas sentenças em maiúsculas).

¹⁰⁸ O índice “j” estaria indicando um referente externo apenas pragmática ou discursivamente indicado. Isto é um referente indicado por uma estratégia como apontamento, por exemplo ou apresentado contextualmente no encadeamento do discurso.

¹⁰⁹ Observe-se ainda a polissemia de *fofinha(o)* que tanto pode ser atribuída a uma sensação sobre o material (em oposição a *duro*), como ser sinônimo de *encantador*.

Vemos que, enquanto SCLs “com concordância” (Grupo B) aceitam, nessa posição, tanto a versão com marca de gênero feminina (*ELA MESMA*) em (5) como a com neutro (*ISSO MESMO*) (6); SCLs “sem concordância” (Grupo A) são gramaticais apenas com a versão neutra (vide gramaticalidade de (4) *versus* agramaticalidade (3))

Grupo A: Sem concordância explícita

(3)

- (a) *Que lindo, ELA MESMA, essa bota!
- (b) *Que rápido/Chato, ELA MESMA, essa reunião!
- (c) *Que fofinho, ELA MESMA, essa doguinha!
- (d) *Que delicado, ELA MESMA, essa moça da recepção!

(4)

- (a) Que lindo, ISSO MESMO, essa bota!
- (b) Que rápido/chato, ISSO MESMO, essa reunião!
- (c) Que fofinho, ISSO MESMO, essa doguinha!
- (d) ?? Que delicado, ISSO MESMO, essa/ a moça da recepção!

Grupo B: Com concordância explícita

(5)

- (a) Que linda, ELA MESMA, essa bota!
- (b) Que rápida/Chata, ELA MESMA, essa reunião!
- (c) Que fofinha, ELA MESMA, essa doguinha!
- (d) Que delicada, ELA MESMA, essa moça da recepção!

(6)

- (a) Que linda, ISSO MESMO, essa bota!
- (b) Que rápida/chata, ISSO MESMO, essa reunião!
- (c) Que fofinha, ISSO MESMO, essa doguinha!
- (d) Que delicada, ISSO MESMO, essa/ a moça da recepção!

A primeira explicação que seria natural para a agramaticalidade de (3) estaria na impossibilidade de a anáfora encontrar seu correferente. Essa posição, porém, seria a mesma encontrada em SCLs “com concordância” (vide (5)) caso desconsiderássemos a existência de diferentes estruturas. Até mesmo dentro das SCLs “com concordância” vemos gramaticalidade com anáforas neutras (vide 4). Assim como identificamos um caso de agramaticalidade com *isso mesmo* em SCLs “sem concordância”, quando o sujeito é [+humano] (vide (4)(d))

Se há gramaticalidade com neutro, a pergunta que permanece é: qual o antecedente dessa anáfora? Seria, de fato, o sujeito feminino? Se fosse, qual a relação de ambos com o predicado?

3.1.2. Quantificação, Partitividade e Pseudopartitividade

Nesta seção, retomaremos alguns dados apresentados em 2.1.3 que apontam para existência de distinção em leitura tanto de conteúdo como de partitividade¹¹⁰. Vimos exemplos de sentenças em que há modificadores que podem indicar uma porção de algo, como por exemplo, *xícara de/do* ou *travessa de/do* ou ainda partitivos tradicionais como *parte de/do* ou *tonela de/do*. Essas formas de quantificação ou porcionamento de substantivos que aparentam ser não contáveis como volumes de líquido, porções de comida ou mesmo o particionamento de elementos contáveis como *meninas* ou *computador*.

Construções partitivas, como as apresentadas nas sentenças (b) dos exemplos abaixo¹¹¹ são definidas por Espinal e Cyrino (2022) como uma relação derivada da operação de *merge* de um sintagma quantificador (QP) na posição de especificador de um relator (o “*de*”) que seleciona um DP. “*De*”, na proposta das autoras, seria uma expressão realizada de um núcleo funcional abstrato bi-relacional.

Já para pseudopartitivos, como apresentado nas sentenças (a) abaixo, de é uma realização aberta de um operador abstrato que torna definidos, em indefinidos. As autoras mostram que canonicamente partitivos introduzem relação de parte com todo, enquanto pseudopartitivos trariam diversas formas de medir entidades ou quantidades (nessa proposição, apenas exemplos de (7) e (12) seriam partitivos).

Além disso, complementos de partitivos denotam um conjunto máximo ou específico, enquanto pseudopartitivos denotam um conjunto ou quantidade não específica. Essa propriedade faz com que tenhamos a previsão de que SCLs rejeitem pseudopartitivos, posto serem intolerantes à inespecificidade.

¹¹⁰ Para uma classificação mais detalhada de partitividade, remetemos o leitor a (Falco; Zamparelli, 2019)

¹¹¹ Abaixo reproduzimos e reorganizamos os exemplos apresentados em (51) - (56) na seção 2.1.3 desta tese.

Vejamos, abaixo em (7) - (16), o comportamento das sentenças mais uma vez lançando mão dos agrupamentos A e B, respectivamente, para SCLs com predicados “sem concordância” e SCLs com predicados “com concordância”.

Grupo A: Sem concordância explícita

(7)

- (a) Que tranquilo, parte de meninas!
- (b) Que tranquilo, parte das meninas!

(8)

- (a) Que fantástico, essa travessa de torta!
- (b) Que fantástico, essa travessa da torta!

(9)

- (a) Que gostoso, essa xícara de café!
- (b) Que gostoso, essa xícara do café!

(10)

- (a) Que fantástico, essa tonelada de torta!
- (b) Que fantástico, essa tonelada da torta!

(11)

- (a) Que absurdo, essa tonelada de torta!
- (b) Que absurdo, essa tonelada da torta!

Grupo B: Com concordância explícita

(12)

- (a) * Que tranquilas, parte de meninas!
- (b) ?? Que tranquilas, parte das meninas!

(13)

- (a) Que fantástica, essa travessa de torta!
- (b) Que fantástica, essa travessa da torta!

(14)

- (a) Que gostosa, essa xícara de café!
- (b) ?? Que gostosa, essa xícara do café!

(15)

- (a) # Que fantástica, essa tonelada de torta!
 (b) Que fantástica, essa tonelada da torta!
- (16)

- (a) Que absurda, essa tonelada de torta!
 (b) Que absurda, essa tonelada da torta!

Observamos que os resultados das sentenças “com concordância” são piores do que SCLs “sem concordância”. Curiosamente, mesmo pseudopartitivos têm algumas restrições em SCLs. Por outro lado, não vemos qualquer decréscimo de gramaticalidade em SCLs “sem concordância”.

Porém, um ponto nos chama a atenção: apenas partitivos permitem a extraposição havendo agramaticalidade na extraposição com pseudopartitivos. Observamos curiosamente que os verdadeiros partitivos são agramaticais com SCLs “com concordância”, sendo um possível indício de que o sujeito poderia não estar *in loco*. Porém, sentenças com pseudopartitivos também resultam degradadas¹¹².

Surpreende, contudo, que SCLs “sem concordância” sejam gramaticais nos dois casos. Tal fato pode indicar que o sujeito não é movido de sua posição original. A aceitabilidade de pseudopartitivos também é reveladora.

Se SCLs rejeitam sujeitos não especificados por qual motivo seriam gramaticais com pseudopartitivos que, a princípio, não teriam a projeção da camada D? Como a alegada inespecificidade — restrição também presente em SCLs “sem concordância” — não geraria agramaticalidade? A resposta a essas perguntas está no quadro que apresentamos no capítulo anterior e que indicava a diversidade de leituras.

Observemos que a leitura disponível para as SCLs “sem concordância” com pseudopartitivos é predominantemente a leitura situacional e o sujeito é tomado como uma espécie. Lembramos, como já apresentado em 2.1.3, que SCLs “sem concordância” aceitam espécies especialmente *subkind*.

¹¹² Observar que mesmo que não se use o modificador *parte*, outros modificadores como *uma grande maioria* não têm resultado muito diferentes (cf. i e ii). Porém, a versão com o predicado no singular apresenta uma melhora (vide iii e iv). Deixaremos esse ponto para discussão futura, mas a melhora pode estar relacionada a especificidade.

- (i) *(Que) tranquilas, uma grande maioria de meninas!
 (ii) ??(Que) tranquilas, uma grande maioria das meninas!
 (iii) *(Que) tranquila, uma grande maioria de meninas!
 (iv) ?(Que) tranquila, uma grande maioria das meninas!

Quanto à partitividade, tenhamos em mente que, segundo Demonte e Pérez-Jiménez (2015), a relação entre grupo e átomos ou pluralidades, no caso das partitivas, e entre grupo e unidade de partição, no caso das pseudopartitivas, são associadas aos traços *index*. Traços *index* das partitivas deveriam, portanto, ou serem subespecificados ou, de alguma forma, terem/habilitarem concordância com a forma do masculino singular como *default*.

Enquanto para situações podemos lançar mão de uma espécie, como faríamos para as leituras em que há uma ocorrência determinada? Nossa proposta será, como veremos ainda neste capítulo, de que há um elemento interveniente genérico, a exemplo do que mostramos ser possível existir em (4) na seção anterior.

3.1.3. Coordenações

Nesta seção, voltaremos nosso olhar para as coordenações observando sobretudo as elipses existentes em tais circunstâncias (e, assim, já adiantando seção 3.2). Interessante notarmos que elipses trazem à tona o questionamento da recuperabilidade da informação silenciada. Se olharmos para a distinção ente as elipses de VP e o *stripping* teremos indícios importantes sobre o comportamento das SCLs “sem concordância”.

Antes de passarmos à análise propriamente, vejamos o comportamento de SCLs “com” e “sem concordância”. Como vimos na seção 3.1.3, contextos de contrastividade, a princípio, não favoreceriam as SCLs “sem concordância”, ainda que não tenham efeito sobre SCLs “com concordância”. Repetimos os exemplos apresentados em (45) - (46), na oportunidade, como (17) - (18) para melhor visualização.

Grupo A: Sem concordância explícita

(17)

- (a) Que bonito, essa blusa e essa saia!
- (b) Que organizado, essa palestra e essa convenção!
- (c) Que lindo e divertido, essa atriz e essa comediante/cantora!

Grupo B: Com concordância explícita

(18)

- (a) Que bonitas, essa blusa e essa saia!
- (b) Que organizadas, essa palestra e essa convenção!
- (c) Que linda e divertida, essa atriz e essa comediante/cantora!

Vemos que, embora haja gramaticalidade em ambas, as sentenças em que temos predicado com marca morfológica de masculino singular adquirem a possibilidade de predicar sobre o conjunto assim como sobre uma situação envolvendo o conjunto. Algo que não é saliente e já adianta o tema da próxima seção.

Vimos ainda que, com contexto especificado, caso os sujeitos não possam ser entendidos como um grupo sobre o qual a SCL “sem concordância” predica, a sentença torna-se degradada. Retomaremos o tema com o exemplo abaixo.

Grupo A: Sem concordância explícita

(19)

Contexto: Suponha que a Joana está vendo fotos da Maria em uma viagem do mês passado.

- (a) ?? Que bonito, essa blusa do almoço de ontem e essa saia da foto!

Contexto: Suponha que a Joana está comentando com a Maria sobre as férias.

- (b) ?? Que gostoso, essa cerveja IPA da viagem e aquela redinha na sombra

Grupo B: Com concordância explícita

(20)

Contexto: Suponha que a Joana está vendo fotos da Maria em uma viagem do mês passado.

- (a) ^{OK} Que bonitas, essa blusa do almoço de ontem e essa saia da foto!

Contexto: Suponha que a Joana está comentando com a Maria sobre as férias.

- (b) ^{OK} Que gostosas, essa cerveja IPA da viagem e aquela redinha na sombra!

Vemos que, em (20), a predicação incide mesmo que os sujeitos sejam desconectados entre si, pois a leitura de predicado opera atribuindo distributivamente a predicação sobre ambos. Em outros termos, *a blusa do almoço é bonita e a saia da foto*

é bonita para (20)(a) e *a cerveja é gostosa e a redinha na sombra é gostosa* para (20)(b). Observe-se que a sentença é boa mesmo com *gostosa*, em (20)(b), tomando restrições semânticas diferentes quando incide sobre *cerveja* e sobre *rede*.

Já nas SCLS “sem concordância” expressa, esse mecanismo não parece “funcionar” como esperado. Mais curioso é que, na presença de dois sujeitos femininos, temos a menor restrição¹¹³ sobre as formas de predicado encontradas até então, conforme verificamos em (21) abaixo.

Grupo A: Sem concordância explícita

(21)

- (a) Que lindo, essa bolsa e essa sapatilha também!
- (b) Que lindos, essa bolsa e essa sapatilha também!

Grupo B: Com concordância explícita

(22)

- (a) Que linda, essa bolsa e essa sapatilha também!
- (b) Que lindas, essa bolsa e essa sapatilha também!

Não esperaríamos encontrar a gramaticalidade das SCLs “sem concordância” tanto quando o predicado é singular quanto quando o predicado apresenta marca de plural. Outro ponto de destaque está no comportamento de uma SCL em conjunção com uma copular tipo SCIC, conforme podemos identificar abaixo.

¹¹³ Compare-se ainda as SCLs com as copulares a que Pinheiro (2019) denomina de *small clauses invertidas copulares* (SCICs), isto é, sentenças com cópula e que apresentam a inversão das posições consideradas canônicas de sujeito e predicado, apresentando-se na ordem CÓPULA > PREDICADO > SUJEITO. Interessante notar que, enquanto os dados que apresentam marca de concordância de gênero não apresentam diferença significativa de gramaticalidade no comportamento de SCLs e SCICs (cf. ii *versus* vi e iv *versus* viii), as “sem concordância” apresentam-na (i *versus* v e iii *versus* vii). Vemos que a versão com cópula não tem a mesma gramaticalidade encontrada nas versões sem cópulas e isso pode estar relacionada com a estrutura de SCLs “sem concordância” diferirem das sentenças copulares com predicado preposto denominadas de SCICs pela autora.

- i. (Que) lindo, essa bolsa e essa sapatilha também!
- ii. (Que) linda, essa bolsa e essa sapatilha também!
- iii. (Que) lindos, essa bolsa e essa sapatilha também!
- iv. (Que) lindas, essa bolsa e essa sapatilha também!
- v. ?É lindo, essa bolsa e essa sapatilha também!
- vi. É linda, essa bolsa e essa sapatilha também!
- vii. ??São lindos, essa bolsa e essa sapatilha também!
- viii. São lindas, essa bolsa e essa sapatilha também!

Grupo A: Sem concordância explícita

(23)

- (a) *Que gostoso, essa(s) criança(s), mas essa menina não é!
- (b) * Que rápido, essa inscrição, mas essa palestra não é/está!
- (c) ??Que tranquilo, essas duzentas mães, mas *(vinte) coordenadoras não são!

(24)

- (a) ? Que gostoso, essa(s) criança(s) e essa(s) viagem(s) também é!¹¹⁴
- (b) ^{ok} Que rápido, essa inscrição e essa palestra também é!
- (c) * Que tranquilo, essas/umas duzentas mães e essas/umas *(vinte) coordenadoras também são!

Grupo B: Com concordância explícita

(25)

¹¹⁴ Veja-se que “gostosa” pode ser polissêmica (ter gosto bom ou ser agradável), o que pode interferir na gramaticalidade das sentenças. Ainda que *criança* não pareça poder ser s-selecionado pelo predicado *gostosa* com o sentido de sabor, a “versão canibalista” não pode ser totalmente extraída e pode corroborar para a percepção de leve agramaticalidade/estranheza em (28) ou da anomalia registrada com “#” em (27). Além da polissemia, temos a possibilidade desse predicado alcançar tanto uma leitura de atribuição direta, qualificando o sujeito como uma situação que envolva o sujeito. Veja-se que, se não há a possibilidade de interpretação relacionada a sabor e há um sujeito relacionado a uma eventividade como ocorre com “viagem” e “experiência” e não a um objeto físico, as sentenças passam a ser gramaticais como vemos em (i) e (ii). O mesmo efeito se dá se tivermos o oposto, isto é, ambos sujeitos animados e passíveis de s-seleção pelo item lexical predicativo que comporta o traço de sabor (iii) e (iv):

- (i) (Que) Gostosa, essa viagem, mas essa experiência não é!
- (ii) (Que) Gostosa, essa viagem e essa experiência também é!
- (iii) (Que) Gostosa, essa salada, mas essa torta não é!
- (iv) (Que) Gostosa, essa salada e essa torta também é!

Mesmo na presença de dois inanimados, se não há um paralelismo entre as seleções permitidas por ambos, temos um resquício de degradação quando o contexto é conjuntivo (contexto idêntico àquele em que registramos a agramaticalidade em sentenças “panqueca” com stripping).

- (v) (Que) Gostosa, essa cerveja, mas essa experiência não é!
- (vi) (Que) Gostosa, essa cerveja e essa experiência também é!

Esse ponto merece uma melhor investigação, mas não será abordado nesse trabalho por questões de escopo, posto termos deixado a comparação entre sentenças “panqueca” e SCLs “com concordância” fora do âmbito dessa investigação para nos concentrarmos exclusivamente na relação das sentenças com aparente “falta de concordância”, isto é, sentenças “panqueca” e SCLs chamadas de “sem concordância”.

- (a) # Que gostosa, essa(s) criança(s), mas essa menina não é!
- (b) Que rápida, essa inscrição, mas essa palestra não é!
- (c) Que tranquilas, essas duzentas mães, mas *(vinte) coordenadoras não são!

(26)

- (a) ? Que gostosa, essa(s) criança(s) e essa(s) viagem(s) também é!¹¹⁵
- (b) Que rápida, essa inscrição e essa palestra também é!
- (c) Que tranquila, essas/umas duzentas mães e essas/umas *(vinte) coordenadoras também são!

Ao analisarmos o Grupo A ((23) - (24)), vemos que há uma forte agramaticalidade nas SCLs “sem concordância” sobretudo se forem conjunções adversativas. Não vemos, contudo, o evento se repetir no Grupo B ((25) - (26)). Para melhor analisar as sentenças, lancemos mão de algum referencial teórico das elipses.

¹¹⁵ Veja-se que “gostosa” pode ser polissêmica (ter gosto bom ou ser agradável), o que pode interferir na gramaticalidade das sentenças. Ainda que *criança* não pareça poder ser s-selecionado pelo predicado *gostosa* com o sentido de sabor, a “versão canibalista” não pode ser totalmente extraída e pode corroborar para a percepção de leve agramaticalidade/estranheza em (28) ou da anomalia registrada com “#” em (27). Além da polissemia, temos a possibilidade desse predicado alcançar tanto uma leitura de atribuição direta, qualificando o sujeito como uma situação que envolva o sujeito. Veja-se que, se não há a possibilidade de interpretação relacionada a sabor e há um sujeito relacionado a uma eventividade como ocorre com “viagem” e “experiência” e não a um objeto físico, as sentenças passam a ser gramaticais como vemos em (i) e (ii). O mesmo efeito se tivermos o oposto, isto é, ambos sujeitos -animado e passíveis de s-seleção pelo item lexical predicativo que comporta o traço de sabor (iii) e (iv):

- (vii) (Que) Gostosa, essa viagem, mas essa experiência não é!
- (viii) (Que) Gostosa, essa viagem e essa experiência também é!
- (ix) (Que) Gostosa, essa salada, mas essa torta não é!
- (x) (Que) Gostosa, essa salada e essa torta também é!

Mesmo na presença de dois inanimados, se não há um paralelismo entre as seleções permitidas por ambos, temos um resquício de degradação quando o contexto é conjuntivo (mesmo contexto em que registramos a agramaticalidade em sentenças “panqueca” com *stripping*).

- (xi) (Que) Gostosa, essa cerveja, mas essa experiência não é!
- (xii) (Que) Gostosa, essa cerveja e essa experiência também é!

Esse ponto merece uma melhor investigação, mas não será abordado nesse trabalho por questões de escopo, posto termos deixado a comparação entre sentenças “panqueca” e SCLs “com concordância” fora do âmbito dessa investigação para nos concentrarmos exclusivamente na relação das sentenças com aparente “falta de concordância”, isto é, sentenças “panqueca” e SCLs chamadas de “sem concordância”.

Entre os tipos de elipse, dois particularmente nos interessam: o *VP stripping* e o que se tem denominado de *VP-stranding*. Habitualmente se denomina como *stripping* aquelas sentenças para as quais há elisão do verbo adjacente ao constituinte elidido, (Cyrino; Matos, 2002; Sousa, 2020)¹¹⁶. Já no *VP-stranding* (ou encalhe de VP), temos a presença de uma cópula na segunda sentença.

Sousa (2020) resume bem as distinções entre diferentes tipos de elipse. Para a autora, enquanto a elipse de VP pode ser considerada uma elipse de predicado, *stripping* é uma elipse sentencial. Para além dessa distinção, como apontam Cyrino e Matos (2002), há condições distintas de aceitabilidade e recuperabilidade entre esses tipos de elipses o que, segundo as autoras, inclusive sustenta a diferenciação dos tipos.

Elipses de VP, conforme apresentado pelas autoras, implicam na presença de um sujeito DP aberto ou coberto, ao passo que as elipses por *stripping* permitem a outras categorias “escaparem” da elisão. Para além: *stripping* não é possível em contextos de ilhas, enquanto a elipse de VP admite essa possibilidade.

Casos de elipse de VP, exigiriam a presença de um DP. Se as sentenças que apresentamos em (17), (19), (21) apresentam um DP expresso na segunda sentença por qual motivo as sentenças seriam agramaticais? Tal fato nos coloca diante de algumas possibilidades: (a) inexistência de paralelismo com a cópula da sentença inicial, (b) altura do predicado elidido, (c) indício de que o sujeito da segunda sentença possa não ser apropriadamente um sujeito sintático adequado à construção do paralelismo ou até mesmo (d) inexistência de uma relação verdadeira de predicação.

Retomemos, porém, o comportamento das chamadas SCLs “com concordância” na presença de uma coordenação entre uma SCL e uma sentença copular (o que poderia, a princípio, ser associado a um *VP-stranding*¹¹⁷) abaixo.

(27)

(a) # Que Gostosa, essa(s) criança(s), mas essa menina não é!

¹¹⁶ Cyrino e Matos (2002) apontam que há outros fatores mais importantes que justificam a diferenciação entre as construções, conforme discutiremos posteriormente. Para uma análise crítica dessa divisão em PB, veja-se Matos (2019), que mostra que a tradicional distinção entre a presença ou não da cópula na sentença com elisão não é suficiente para a distinção e questiona qual a extensão exata da elisão sobretudo em PB, discordando da proposta de Sato (2014) e alinhando-se à proposta de Nunes e Zocca (2009)

¹¹⁷ Não entraremos em detalhe por não ser o foco neste trabalho, mas há autores que defendem que não existiria o *VP-stranding*, remetemos o leitor a (Landau, 2020)

- (b) Que rápida, essa inscrição, mas essa palestra não é!
- (c) Que tranquilas, essas duzentas mães, mas *(vinte) coordenadoras não são!

(28)

- (a) ? Que gostosa, essa(s) criança(s) e essa(s) viagem(s) também é!¹¹⁸
- (b) Que rápida, essa inscrição e essa palestra também é!
- (c) Que tranquila, essas/umas duzentas mães e essas/umas *(vinte) coordenadoras também são!

Vimos que as chamadas elipses de VP sejam em contexto contrastivo (vide (27)) ou contexto conjuntivo (vide (28)) não são agramaticais com as chamadas SCLs “com concordância”. Nesse ponto, como veremos no capítulo seguinte, comportam-se como as sentenças “panquecas”.

A proposta apresentada em (a) sobre o paralelismo não parece ser crucial, posto sabermos que as SCLs não apresentam a cópula expressa na primeira predicação independentemente da presença ou não da marca de concordância. Todas as demais

¹¹⁸ Veja-se que “gostosa” pode ser polissêmica (ter gosto bom ou ser agradável), o que pode interferir na gramaticalidade das sentenças. Ainda que *criança* não pareça poder ser s-selecionado pelo predicado *gostosa* com o sentido de sabor, a “versão canibalista” não pode ser totalmente extraída e pode corroborar para a percepção de leve agramaticalidade/estranheza em (28) ou da anomalia registrada com “#” em (27). Além da polissemia, temos a possibilidade desse predicado alcançar tanto uma leitura de atribuição direta, qualificando o sujeito como uma situação que envolva o sujeito. Veja-se que, se não há a possibilidade de interpretação relacionada a sabor e há um sujeito relacionado a uma eventividade como ocorre com “viagem” e “experiência” e não a um objeto físico, as sentenças passam a ser gramaticais como vemos em (i) e (ii). O mesmo efeito se tivermos o oposto, isto é, ambos sujeitos -animado e passíveis de s-seleção pelo item lexical predicativo que comporta o traço de sabor (iii) e (iv):

- (xiii) (Que) Gostosa, essa viagem, mas essa experiência não é!
- (xiv) (Que) Gostosa, essa viagem e essa experiência também é!
- (xv) (Que) Gostosa, essa salada, mas essa torta não é!
- (xvi) (Que) Gostosa, essa salada e essa torta também é!

Mesmo na presença de dois inanimados, se não há um paralelismo entre as seleções permitidas por ambos, temos um resquício de degradação quando o contexto é conjuntivo (mesmo contexto em que registramos a agramaticalidade em sentenças “panqueca” com stripping).

- (xvii) (Que) Gostosa, essa cerveja, mas essa experiência não é!
- (xviii) (Que) Gostosa, essa cerveja e essa experiência também é!

Esse ponto merece uma melhor investigação, mas não será abordado nesse trabalho por questões de escopo, posto termos deixado a comparação entre sentenças “panqueca” e SCLs “com concordância” fora do âmbito dessa investigação para nos concentrarmos exclusivamente na relação das sentenças com aparente “falta de concordância”, isto é, sentenças “panqueca” e SCLs chamadas de “sem concordância”.

incidem sobre nosso principal ponto de discussão: a (in)existência de identidade estrutural entre SCLs “com” e “sem concordância”.

Essa observação sobre a estrutura parece ser ainda mais forte se observamos a distinção dos fragmentos passíveis de elisão em SCLs “com” e “sem concordância”. Abaixo a elisão do núcleo do que seria o sujeito da segunda predicação “*rápido/rápida*”.

Grupo A: Sem concordância explícita

- (29) ??Que demorado essa viagem da HURB, mas bem rápido essa da Decolar¹¹⁹

Grupo B: Com concordância explícita

- (30) Que demorada essa viagem da HURB, mas bem rápida essa da Decolar!

Vemos que, enquanto na SCL “com concordância” (vide (30)), há a possibilidade de elidir *viagem* e a sentença é gramatical; na SCL “sem concordância” (vide (29)) essa elisão torna a sentença bastante degradada. É possível verificarmos um resultado similar se estivermos em ambiente de coordenação em que haja a elipse do sujeito (subentendido como sendo o mesmo da primeira sentença, isto é, *essa viagem da HURB*), tal como apresentado em (30) - (31)

- (31) okQue demorada essa viagem da HURB e complicada!
 (32) *Que demorado essa viagem da HURB e complicado!

Vemos que a sentença em que a segunda predicação apresenta a marca de concordância é gramatical. Curiosamente o *mismatch* na segunda predicação não apresenta o mesmo resultado, como vemos em (33) e (34)abaixo.

Grupo A: Sem concordância explícita

- (33) ^{ok}Que demorado essa viagem da HURB e complicada!

Grupo B: Com concordância explícita

¹¹⁹ Perceba que, se a segunda predicação mantém o traço de concordância, a sentença é gramatical:
 (i)^{ok} Que demorado essa viagem da HURB, mas bem rápida essa da Decolar

(34) ^{ok}Que demorada essa viagem da HURB e complicado!

A princípio nada explicaria a agramaticalidade de (32) sobretudo frente a (33) e (34). Tais resultados são alguns dos muitos que parecem indicar que a predicação das SCLs “sem concordância” pode ser realizada em um desenho em que não há necessariamente uma incidência direta sobre o sujeito, tal qual se defende, em geral, para as sentenças “panqueca” e que apresentaremos no capítulo seguinte.

Os dados que acompanhamos também não sustentam uma hipótese somente relacionada à necessidade de paralelismo entre a SCL e a sentença conjunta a ela, visto que, quando há concordância, tal construção é possível (cf. (35) *versus* (37); (36) *versus* (38)).

Grupo A: Sem concordância explícita

(35)

- (a) *Que lindo, essa bolsa e essa/a bota também!
- (b) *Que rápido, essa inscrição, mas a submissão não!

(36)

- (a) ^{ok}Que demorado essa viagem da HURB e complicada
- (b) *Que demorado essa viagem da HURB e complicado!

Grupo B: Com concordância explícita

(37)

- (a) ^{ok}Que linda, essa bolsa e essa/a bota também!
- (b) ^{ok}Que rápida, essa inscrição, mas a submissão não!

(38)

- (a) ^{ok}Que demorada essa viagem da HURB e complicada!
- (b) ^{ok}Que demorada essa viagem da HURB e complicado!

Veremos, no capítulo seguinte, que há uma interessante correlação entre o comportamento de SCLs e sentenças “panquecas”. Antes, seguiremos, neste capítulo com outros indícios da distinção entre SCLs “com” e “sem concordância” e da

existência de um elemento interveniente, em SCLs “sem concordância”, entre o predicado à esquerda e o sujeito à direita.

3.1.4. Distributividade/coletividade das leituras

Como já tratamos ao longo das seções, vemos, em SCLs “sem concordância”, quer em construções coordenadas quer no contexto de partitividade, a existência de uma leitura coletiva do sujeito sobre o qual o predicado incide que não encontramos em SCLs “com concordância”. Somemos a esses exemplos o uso de *toda* e *cada*.

Grupo A: Sem concordância explícita

(39)

- (a) ?Que lindo, toda menina!
- (b) Que rápido, toda maratona!
- (c) *Que lindo, toda essa menina!
- (d) Que rápido, toda essa maratona!

(40)

- (a) *Que lindo, cada menina!
- (b) *Que rápido, cada maratona!
- (c) Que lindo, cada uma das meninas!
- (d) Que rápido, cada uma das maratonas!

Grupo B: Com concordância explícita

(41)

- (a) *Que linda, toda menina!
- (b) *Que rápida, toda maratona!
- (c) #Que linda, toda essa menina!
- (d) *Que rápida, toda essa maratona!

(42)

- (a) *Que linda, cada menina!
- (b) *Que rápida, cada maratona!

- (c) Que linda, cada uma das meninas!
- (d) Que rápida, cada uma das maratonas!

Enquanto *toda* + *N* (*nome*) é um quantificador que testa leitura coletivas, *cada N* (*nome*) testa as leituras distributivas. Observando os exemplos acima, percebemos que, enquanto as SCLs categoricamente rejeitam o quantificador *toda* (*vide* (41)), aceitam o quantificador *cada* desde que selecione um DP e não um NP (cf. gramaticalidade de (42)(c) - (42)(d) - *versus* agramaticalidade de (42)(a) - (42)(b)). A agramaticalidade pela ausência de uma especificação já era esperada considerando as propriedades de SCLs.

Já em SCLs “sem concordância”, apesar de certa degradação de (39)(a) que atribuiríamos a presença de um sujeito [+humano], o quantificador *toda* é aceitável confirmando a possibilidade de leitura coletiva em SCLs “sem concordância”.

Mas o que poderíamos dizer sobre a agramaticalidade de (39)(c)? Mais uma vez, estamos diante de um sujeito [+humano]. Vimos anteriormente que nomes humanos dificilmente podem ter a leitura de subespécie (subkind). Sem essa leitura não conseguiríamos ter a leitura coletiva.

Resta ainda explicar sobre a gramaticalidade de (40)(c) - (40)(d). Lembramos, nesse contexto, que, em argumentos de ocorrência, temos a possibilidade de predicarmos situacionalmente como aparenta ser o caso de tais exemplos.

Por fim, observemos como ficaria o paradigma quando o quantificador testado for o neutro *tudo*

Grupo A: Sem concordância explícita

- (43)
- (a) ^{ok}Que lindo, tudo!
 - (b) ^{ok}Que rápido, tudo!

Grupo B: Com concordância explícita

- (44)
- (a) *Que linda, tudo!
 - (b) *Que rápida, tudo!

Vemos que apenas SCLs “sem concordância” são aceitas. Apesar da manifestação morfológica do neutro ser não marcada, a concordância com um predicado

feminino é possível sobretudo quando faz referência a um animado ao qual se atribui um traço *index*, como podemos constatar abaixo.

(45)

- (a) Tudo lindas essas meninas!
- (b) Tudo amareladas (referindo-se, por exemplo, a roupas brancas)

Considerando todos os comportamentos acima realçados, passemos, na seção seguinte, à nossa proposta de estrutura para as SCLs “sem concordância”.

3.2. Propondo estrutura para SCLs “sem concordância”

Vimos que SCLs teriam a possibilidade de apresentarem 3 possibilidades de leitura, conforme segue:

- 1 Com argumento de espécie (sujeito plural) – Leitura de subespécie
- 2 Com argumento de ocorrência – Leitura que atribui propriedades para o sujeito.
- 3 Com argumento de ocorrência – Leitura que atribui as propriedades a uma situação.

Para o caso em 3, proporemos que seja tratado de forma similar a outro caso do PB que apresentaremos no Capítulo 4, seção 4.1: as sentenças “panqueca”.

Para as leituras em 1 e 2, tendo em vista as restrições apontadas até aqui, vamos propor que:

- I. Há um elemento interveniente nas SCLs “sem concordância” (independentemente de terem ou não leitura eventiva);
- II. Esse elemento interveniente concorda com o predicado das SCLs “sem concordância”.

O contraste que mostraremos nos exemplos a seguir, justificará nossa proposta. O contraste encontrado na explicitação de elemento pronominal interveniente entre o predicado e o sujeito, sustenta a distinção proposta para a estrutura de SCL “com” e “sem concordância”.

De fato, temos, em (46), SCLs “sem concordância” enquanto, (47) SCLs “com concordância”. Notamos que, enquanto SCLs “com concordância” excluem a

possibilidade de qualquer demonstrativo interveniente, SCLs “sem concordância” permitem apenas a forma “neutra” *isso*.

Grupo A: Sem concordância explícita

(46)

- (a) Que lindo, *isso/*esse/*essa*, essa novela!
- (b) Que gostoso, *isso/*esse/*essa*, essa panqueca!
- (c) Que divertido, *essas* crianças da família!

Grupo B: Com concordância explícita

(47)

- (a) Que linda, * *isso/*esse/*essa*, essa novela!
- (b) Que gostosa, * *isso/*esse/*essa*, essa panqueca!
- (c) Que divertidas, * *isso/*esse/*essa*, *essas* crianças da família!

Note-se que, a despeito do que se poderia pensar, a existência de um elemento hiperônimo¹²⁰ interveniente é possível em SCLs “com concordância” como já discutido *em passant* no capítulo anterior, apresentado sob nova perspectiva¹²¹ em (48) a (49) abaixo.

Grupo A: Sem concordância explícita

(48)

- (a) Que lindo, *esse trem /essa* historinha, essa novela!
- (b) Que gostoso, *esse trem /essa* comidinha, essa panqueca!

¹²⁰ Hiperônimo é um conceito semântico bastante recorrente na área da linguística textual. Caçado (2005) define como sendo uma relação linguística de estruturação do léxico em classes. As classes mais gerais são denominadas de hiperônimos, enquanto as mais específicas de hipônimos. A noção se assemelharia à noção de nomes gerais como apontam Amaral e Ramos (2014). São conceitos bastantes frequentes na linguística textual já que compõem uma das fontes básicas da paráfrase, elemento importante de progressão textual. Juntamente com nomes genéricos, descrições nominais, sinônimos e quase sinônimos formam elementos anafóricos. (*vide* Koch (2005)).

¹²¹ Nos exemplos deste capítulo, estamos concentrando a retomada no uso de formas genéricas coletivas, o que não havia ainda sido feito sistematicamente no capítulo anterior.

- (c) Que divertido, esses bebês /essa turminha/ a(s) patotinha(s) toda(s),
essas crianças (da família)!

Grupo B: Com concordância explícita

(49)

- (a) Que linda, *esse trem /essa historinha, essa novela!
(b) Que gostosa, *esse trem /essa comidinha, essa panqueca!
(c) Que divertidas, *esses bebês /*essa turminha/ a patotinha toda,
essas crianças (da família)!

Nas SCLs “com concordância” em (48), identificamos ser possível a presença dos hiperônimos¹²² *historinha*, *comidinha* e *patotinha* desde que eles tenham os mesmos traços-*phi* do sujeito. Nomes gerais, como conceituado por Amaral e Ramos (2014), são uma espécie de hiperônimo com um “sabor” de genericidade,

Adotando a concepção de Halliday e Hasan (2014), os autores defendem que nomes gerais são frequentemente substantivos semanticamente genéricos e contáveis. Trazem um nível de generalização mais alto do que os hiperônimos tradicionais e tem maior dependência do contexto para referência. São exemplos desses nomes: *trem*, *coisa*, *treco*, *lance*, *sujeito*, *elemento*, *indivíduo*, *negócio*, *entre outros*¹²³.

Além disso, consideram que, estruturalmente, esses nomes: podem ter determinantes ou não e, mesmo quando definidos, não apresentam marcação morfológica típica de gênero e número. Quando definidos também são dêiticos ou anafóricos podendo ser retomados por pronomes (Amaral; Ramos, 2014, p. 22–23). Os autores observam que os nomes gerais, assim como pronomes, contêm subespécies.

¹²² Hiperônimos, nesta tese, estão sendo usados

¹²³ Os autores apresentam a seguinte tabela exemplificativa, alertando que o grupo “pode ser ampliado por um grupo de gírias, que diferem de um grupo social a outro e de uma geração a outra:”

Português	<i>povo, pessoa, pessoal, homem, mulher, criança, menino, menina, criatura, coisa, objeto, negócio, problema, lugar, questão, ideia, indivíduo, gente, idiota, tolo, demônio, caso, âmbito, área, aspecto, base, campo, caráter, componente, trem, troço, treco, lance, sujeito, elemento, indivíduo, fulano, sicrano, beltrano, cara, parada, caso</i>
------------------	---

Dentro de uma lógica de traços pronominais como a de Déchaine e Wiltschko (2002) seriam um pro-NP (maiores detalhes, vide seção 3.3.1)

Nomes gerais, como *esse trem* e *essa turminha*, diferentemente de hiperônimos (cf. gramaticalidade, por exemplo, *essa historinha* de (49)(a) ou *essa comidinha* de (49)(b)) são excluídos como vemos em (49)(a) e (49)(b). Já nas SCLs “sem concordância” (48) vemos que tanto os hiperônimos como os nomes gerais são aceitos sem restrições com relação a traços.

Logo, SCLs “sem concordância” parecem aceitar melhor elementos de retomada anafórica quando comparados às SCLs “com concordância”.

Por fim, identificamos também diferenças com relação a uma anáfora como *ela mesma/ isso mesmo* focalizadas (representadas nas sentenças em maiúsculas) já apresentadas na seção 3.1.1. e repetidas abaixo.

Grupo A: Sem concordância explícita

(50)

- (a) * Que lindo, ELA MESMA, essa bota!
- (b) * Que rápido/chato, ELA MESMA, essa reunião!
- (c) * Que fofinho, ELA MESMA, essa doguinha!
- (d) * Que delicado, ELA MESMA, essa moça da recepção!

(51)

- (a) Que lindo, ISSO MESMO, essa bota!
- (b) Que rápido/chato, ISSO MESMO, essa reunião!
- (c) Que fofinho, ISSO MESMO, essa doguinha!
- (d) ?? Que delicado, ISSO MESMO, essa/ a moça da recepção!

Grupo B: Com concordância explícita

(52)

- (a) (Que) Linda, ELA MESMA, essa bota!
- (b) (Que) Rápida/Chata, ELA MESMA, essa reunião!
- (c) (Que) Fofinha, ELA MESMA, essa doguinha!
- (d) (Que) Delicada, ELA MESMA, essa moça da recepção!

(53)

- (a) Que linda, ISSO MESMO, essa bota!

- (b) Que rápida/chata, ISSO MESMO, essa reunião!
- (c) Que fofinha, ISSO MESMO, essa doguinha!
- (d) Que delicada, ISSO MESMO, essa/ a moça da recepção!

A primeira explicação que seria natural para a agramaticalidade de (50) estaria na impossibilidade de a anáfora encontrar seu correferente, porém, essa seria a mesma posição encontrada em SCLs “com concordância” caso desconsiderássemos a existência de diferentes estruturas. Até mesmo dentro das SCLs “sem concordância”, vemos gramaticalidade com anáforas neutras.

Se há gramaticalidade com neutro, a pergunta que permanece é: qual o antecedente dessa anáfora? Seria, de fato, o sujeito feminino? Se fosse, qual a relação de ambos com o predicado?

Vimos que elementos pronominais que tenham um caráter fórico são bem aceitos de forma explícita em SCLs “sem concordância”. Observamos também quatro situações com coordenações em 3.1.3 que nos interessam: coordenações de sujeitos (54)(a), coordenações de predicado e seu potencial elíptico (54)(b) - (c), coordenações de predicado e elipse do núcleo nominal (54)(d), elipses em coordenações com a presença de sujeito + “também” na segunda sentença (54)(e), elipses que contém cópula na segunda sentença (54)(f).

(54)

- (a) ^{ok}Que bonito, essa blusa e essa saia!
- (b) *Que demorado essa viagem da HURB e complicado!
- (c) ^{ok}Que demorado essa viagem da HURB e complicada!
- (d) ?? Que demorado essa viagem da HURB, mas bem rápido, essa da Decolar!
- (e) ^{ok}Que lindo, essa bolsa e essa sapatilha também!
- (f) ? Que gostoso, essa(s) criança(s) e essa(s) viagem(s) também é!

Para as coordenações de sujeito seria possível inferir a existência também de uma elipse de predicado. Nesse caso, a sentença seria equivalente a (55). Porém, como já mencionamos em 3.1.3, nesse caso, a leitura não seria coletiva.

(55)

- (a) Que bonito, essa blusa e que bonita essa saia bonita!

Vimos, porém, que leituras distributivas não são boas em SCLs “sem concordância”. Observamos ainda que duas predicções que incidam sobre o mesmo sujeito (cf. (54)(b)) e que poderiam ter uma estrutura como (56) abaixo não são boas.

(56)

- (a) *Que demorado essa viagem da HURB e complicado essa viagem da HURB!

Porém, se o segundo predicado apresenta marca de concordância de gênero, a sentença é boa¹²⁴ (cf. (54)(c)). Tal fato pode indicar que, seja qual for o mecanismo que leva ao não aparecimento de marca de concordância de gênero no predicado frente à sujeitos femininos, ele não está disponível para outro predicado. Uma proposta para a agramaticalidade de (54)(b) seria termos (57)(b).

(57)

- (a) ^{ok}Que demorado essa viagem da HURB e ~~(que) complicada essa viagem da HURB!~~
- (b) *Que demorado essa viagem da HURB e (que) complicado e ~~demorado essa viagem da HURB!~~

Outro tipo de elisão que não é gramatical em SCLs “sem concordância” está na elipse apenas do sujeito da sentença coordenada (cf. (54)(d)). De forma similar, temos agramaticalidade na elisão apenas do predicado da sentença coordenada (cf. (54)(f)). Observemos que, em ambos os casos citados, temos a elisão de um pequeno fragmento que dificilmente envolve a elisão da cópula no caso de (54)(f) ou de dois segmentos que podem não ser contínuos ((54)(d)).

Sentenças (54)(b) e (54)(c) em contraste nos apontam algo importante para estrutura. Vemos que o apagamento de sujeito + cópula não é possível quando o predicado da sentença conjunta não apresenta marca expressa de concordância, mas é possível na sentença em que o predicado da sentença conjunta apresenta marca expressa

¹²⁴ Observe-se que o predicado, a princípio, não teria restrições quanto ao uso na forma sem marca de concordância. Não só o predicado seria aplicável a situações, como a sentença abaixo é boa.

(i) Que complicado, essa viagem da HURB!

de concordância. Se o predicado da primeira sentença apresenta marca de concordância de gênero, apenas a opção “com concordância” está disponível, como vemos em (58).

(58)

(a) ?? Que demorada essa viagem da HURB e complicado!

(b) ^{ok} Que demorada essa viagem da HURB e complicada!

A impossibilidade de elipse tipo *stripping* na presença de um predicado sem marca de concordância de gênero, indica que não se trata de um caso de falta de paralelismo, posto ser agramatical mesmo na presença de dois predicados “sem concordância expressa”. Por outro lado, pode indicar que a elisão de parte da estrutura que envolve sujeito + cópula — ou não necessariamente apenas isso — pode se constituir como uma ilha. É possível também que haja um problema para licenciamento dessa elipse.

Outro fato importante a observarmos para caminhar em nossa análise é a agramaticalidade de uma catáfora focal com “*ela mesmo*”, ao lado da gramaticalidade com “ISSO MESMO”. Tal fato indica não apenas a possibilidade de termos um elemento interveniente como a impossibilidade dessa catáfora focal formar cadeia com o sujeito que permanece à direita.

Nossa proposta, portanto, diante de inúmeros exemplos de comportamentos distintos entre SCLs “com” e “sem concordância” seria a de que teríamos duas estruturas diferentes para SCLs “com” e “sem concordância”.

Sugerimos que o sujeito das chamadas SCLs “sem concordância” não possuam o sujeito visível como sujeito gramatical, mas um elemento pronominal nulo com característica dêitica. Tal elemento funcionaria como um hiperônimo ou um nome geral ligado ao sujeito visível.

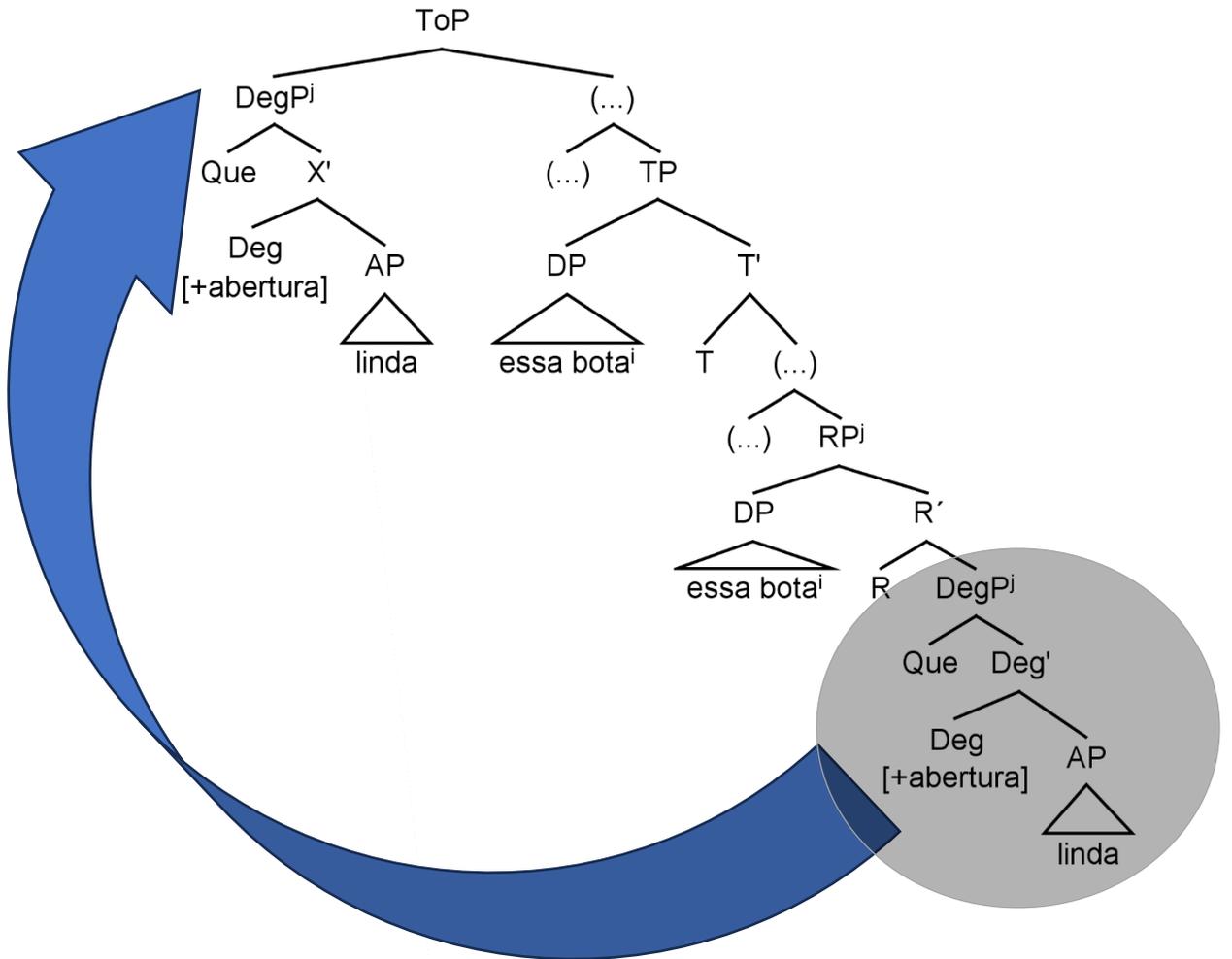
Com isso, explicaríamos não apenas porque esses elementos são aceitos de forma visível como por qual motivo predicados “sem concordância” presentes na segunda predicação de sentenças conjuntas são agramaticais (cf. (54)(b) e (54)(d)), a saber, o pronome *isso* não consegue formar uma cadeia com o elemento que se localiza na primeira sentença coordenada.

A gramaticalidade visualizada em (54)(c), decorreria da sentença não possuir esse elemento pronominal e, por tal motivo, resultar em uma sentença gramatical. Lembramos que, no caso de coordenações de sujeitos como as apresentadas

em (54)(a) e (54)(e), há um referente para ancorar deiticamente o pronome. Destacamos ainda a possibilidade de termos uma leitura coletiva em que a retomada não é feita individualmente, mas para a denotação do conjunto do sujeito.

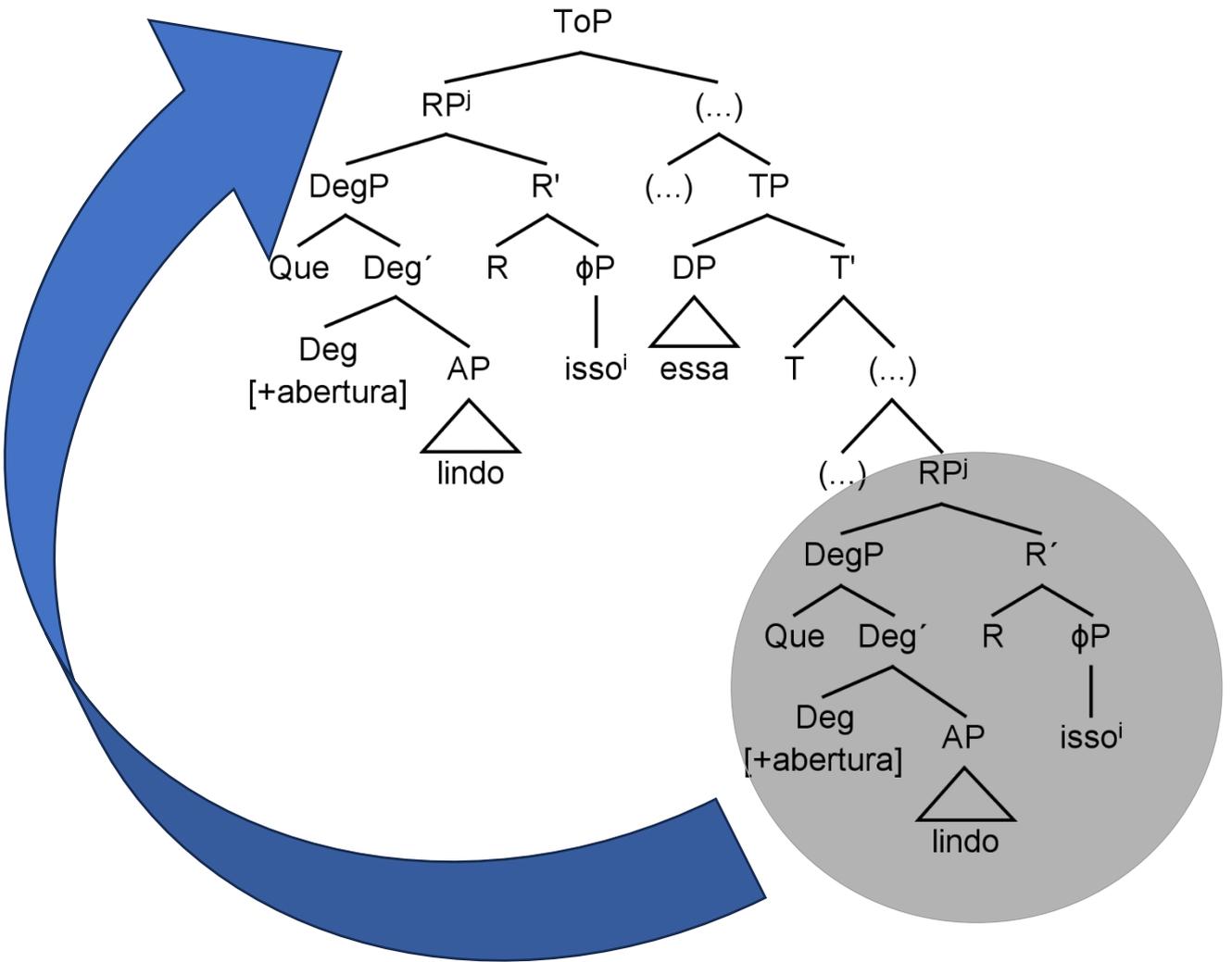
Passemos, agora, a apresentar a estrutura proposta para as SCLs. Se, para uma SCL “com concordância”, propomos, simplificadaamente, uma estrutura como a apresentada em (59), em SCLs “sem concordância” teríamos uma estrutura com a de (60).

(59)



Elaboração da autora

(60)



Na SCL “com concordância” exemplificada por “Que linda, essa bota!”, temos uma estrutura básica apresentada em (59)¹²⁵. Nela, o predicado “*Que linda*” seleciona o relator e, como argumento externo, o sujeito *essa bota*.

Uma SCL “sem concordância”, exemplificada com “Que lindo, essa bota!”, por outro lado, teria a estrutura apresentada em (60). Nesse caso, proporíamos assumir a inversão de predicado proposta por Sibaldo (2009) com base em den Diken (2006)¹²⁶. Haveria a inserção de um sujeito nominal que funcionaria como expletivo, no caso em tela, *essa bota*. Teríamos ainda o “movimento” de todo o DegP (indicado pelo círculo na figura) para uma posição de Tópico à esquerda.

Em todas as estruturas propostas, o (...) indica a não explicitação de projeções funcionais intermediárias que não sejam essenciais para nossa análise do contraste entre SCLs “com” e “sem concordância”¹²⁷

3.3. Uma incursão nos pronomes: Explicando o “isso”

Essa seção será destinada a compreendermos melhor como os pronomes são tratados na literatura, a fim de podermos estabelecer qual o feixe de traços relevantes propostos para esse elemento nulo “tipo” isso com o qual propomos haver o pareamento (matching) e a checagem dos traços.

Esse elemento nulo proposto seria subespecificado para o traço [SPECIFIC], diferentemente do que visualizamos no sujeito dessas sentenças. Nessas condições, teríamos uma habilitação do traço [GROUP] proposta por Kratzer (1998) e

¹²⁵ Como apontado por Aquiles Tescari Neto (comunicação pessoal) é possível que a inserção do “que” feita tardiamente tivesse um ganho em termos de economia e mereceria uma análise mais cuidadosa sobre “ganhos” e “perdas” de adotar essa proposta. Embora tenhamos assumido a presença de “que” nos predicados das sentenças analisadas neste trabalho para fins de simplicidade, temos casos em que sua inserção é obrigatória para a gramaticalidade da sentença. Sem um estudo adicional sobre essa questão não temos certeza se apenas a presença do traço é suficiente para garantir a correta derivação das sentenças, posto que nem todo elemento *qu-* poderia figurar nessa posição.

¹²⁶ Observe-se que a proposta da direcionalidade com a “inversão” dos tradicionais lugares dos argumentos internos e externo apenas nas SCLs “sem concordância” justifica-se pelo fato da existência de foco para essas sentenças, mas principalmente por propormos um elemento que funcionará como uma espécie (*kind*), cuja função será funcionar como selecionador de exemplares (leitura de ocorrência) ou subespécie (leitura genérica) ou situações (leitura de ocorrência).

¹²⁷ Embora uma explicitação das categorias de modo e tempo fossem importantes para abordar algumas características dessas construções abordadas nos Capítulos 1 e 2 desta tese, estas não representam categorias essenciais na distinção entre as sentenças “com” e “sem concordância” e, por questões de escopo, um maior detalhamento dessas categorias foi reservado para trabalhos futuros.

presente também na geometria de Harley e Ritter (2002). Nessa conjuntura, teríamos a imersão de uma não marcação que, em PB corresponderia ao masculino, singular. Para melhor compreensão, sigamos, abaixo, uma pequena revisão da literatura dos pronomes que facilitará, ao leitor, acompanhar a formulação proposta.

3.3.1. Pronomes: definições

Nesta seção, trataremos os pronomes. Uma vez que a manifestação visível desses pronomes é uma possibilidade nas estruturas “sem concordância” que analisamos e que assumiremos, como hipótese, a existência de um pronome sem conteúdo fonético nas SCLs “sem concordância”, olharemos para a literatura relevante sobre os pronomes explícitos.

Sendo assim, passaremos a analisar essa categoria gramatical. Tal categoria seria uma generalização de uma “classe” de átomo computacional (segundo (Berwick; Chomsky, 2016)). Cada átomo, que será externalizado como um item lexical, apresentaria um conjunto de traços que direcionaria as operações básicas da computação. Dessa forma, o tratamento de um tipo de átomo que conteria um feixe de traços específicos, nesse caso, os pronomes, seria uma mera abstração com fins de generalização descritiva.

Os átomos da “classe” pronominal conteriam, assim, um feixe de traços que seriam externalizados na forma pronominal adequada (como, por exemplo, “ele”, “nós”, “mim”, etc). Nessa linha, pronomes seriam caracterizados pela inexistência de um conceito a ser denotado, funcionando como uma variável lógica (Panagiotidis, 2002). Em outros termos, pronomes, por serem dêíticos, trazem um importe semântico cuja referência é muito mais intensional do que extensional. Há um conjunto de traços que direcionam para um referente que pode ser encontrado discursivamente em um mundo possível.

A essa propriedade de referenciar, mas não denotar ou, em outros termos, a essa indexicalidade referencial, Panagiotidis (2002) denomina pronominalidade (*pronominality*). Para o autor, essa denominação não se restringe a apenas um tipo de pronome, mas a todas as formas pronominais. Ainda que adote o conceito de pronomes com sintagmas determinantes (DPs) desenvolvidos por Postal (1966) e Abney (1987), não assume, destes autores, a não projeção de sintagmas nominais.

Para Panagiotidis (2002), independentemente do tipo de pronome, todos teriam uma projeção lexical nominal ainda que não realizada foneticamente. O autor defende que não há a quebra da projeção nominal, pois, sendo categorias funcionais referenciais, necessitariam de uma categoria lexical com quem dariam “*matching*”. Com essa operação de *match*, além de checarem os traços não-interpretáveis, as categorias lexicais trariam o conteúdo descritivo necessário para a referencialidade pronominal.

Em outros termos, os pronomes seriam um feixe de traços como [+feminino], [+plural], [1ª pessoa], etc. que, dentro de um contexto, encontrariam a denotação do seu referente. Nesse sentido, a função desse item seria buscar o referente contextualmente a partir dos traços semânticos relevantes. Considerando essa função de indexicalidade referencial, é cabível não só a ideia de que há uma variável, mas de que essa variável busca uma categoria denotacional padrão como um NP, ainda que possa não ter conteúdo fonológico.

Assim sendo, assume-se que os pronomes não são um primitivo teórico. Como frequentemente sustentado na literatura (Carvalho, 2008; Déchaine; Wiltschko, 2002; Ritter, 1995), há uma variação de comportamentos sintático-semânticos que apenas a descrição de traços-*phi* não abarca. Nesse ponto, uma proposta desenvolvida na literatura parece fundamental: a hierarquização e interdependência dos traços.

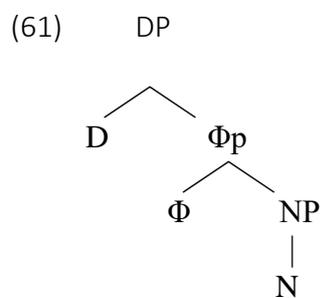
Será a interdependência de traços ajudará a compreender a relatada ausência de concordância notada no paradigma.

3.3.1.1. Diferenças pronominais

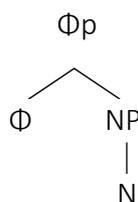
O trabalho de Postal (1966) é um marco na discussão dos pronomes não só por trazer a noção de que pronomes são paralelos a determinantes, mas também por propor o apagamento tanto do nome quanto da forma pronominal, gerando as variações pronominais encontradas. Uma questão subjacente ao trabalho são os variados tipos de pronomes encontrados e a dificuldade em uniformizá-los.

Assim, Déchaine e Wiltschko (2002) defendem a existência de três tipos de pronomes: pro-DP, pro- ϕ P, and pro-NP. Pro-DPs equivaleriam a DP completos, apresentando uma estrutura que seleciona um NP. Sua estrutura seria como apresentada em (61). Já ϕ P não projetariam a camada DP, apenas a camada *phi* (reproduzimos a estrutura em abaixo (62)). Por outro lado, pro-NPs, como o próprio nome sugere,

projetariam apenas a camada NP como podemos conferir na estrutura apresentada pelos autores e reproduzida abaixo como (63).



(62)



(63)



(Déchaine; Wiltschko, 2002, p. 410)

Para Déchaine e Wiltschko (2002) essa diferença categorial tem efeitos não só na sintaxe (incluindo a estrutura argumental desses sintagmas¹²⁸), mas também na semântica e seu status para teoria de ligação¹²⁹. As autoras defendem que os pronomes que têm estrutura como a de (61) funcionam como expressões-R, assemelhando-se a determinantes definidos. Já, para os pro- Φ P, não há a camada DP, apenas uma camada funcional que comporta os traços-phi (gênero, número e, em alguns casos, pessoa). Eles seriam o “meio do caminho” entre um nome e o determinante. Como variáveis, obedeceriam ao Princípio B (dos pronomes) na Teoria de Ligação. Os pro-NPs, por seu turno, comportar-se-iam sintaticamente como predicados e semanticamente como constantes. Além disso, não haveria definição para a Teoria de Ligação; seu comportamento seria regido pela semântica. Esquemáticamente, as autoras apresentam as relações apresentadas na tabela abaixo.

Tabela 3 - Tipologia dos pronomes segundo Déchaine e Wiltschko (2002)

Pro-DP	Pro- Φ p	Pro-NP
--------	---------------	--------

¹²⁸ Os autores denominam a estrutura argumental como sintaxe externa ou distribuição.

¹²⁹ Déchaine e Wiltschko (2002) destacam alguns efeitos da estrutura interna diferenciadas desses pronomes que refletem em propriedades outras característica que diferenciam os pronomes dessa tipologia, especialmente efeitos sintáticos como a estrutura argumental e a teoria de ligação e os efeitos semânticos.

Sintaxe Interna	Sintaxe D Morfologicamente complexo	Nem sintaxe D nem Sintaxe N	Sintaxe N
Distribuição	argumento	argumento ou predicado	predicado
Semântica	definido	-	constante
Status para a Teoria de Ligação	expressão-R	variável	-

(Déchaine; Wiltschko, 2002, p. 410)

Considerando o inventário pronominal do inglês, as autoras enxergam que a notada diferença entre os pronomes de 1ª pessoa (*I, we*) e 2ª pessoa (*you*) de um lado e 3ª pessoa (*he/she/it/they*) de outro como resultado de diferentes categorias pronominais. Enquanto o primeiro grupo (1ª e 2ª pessoa) seria pro-DPs, o segundo seria um pro- ϕ P. Pronomes como “one” seriam NPs.

As autoras argumentam que tal classificação é consistente com o fato de 1ª e 2ª pessoa serem compatíveis com a seleção e NP expresso (ex. nós linguistas¹³⁰) enquanto, com pronomes de 3ª pessoa, a expressão de tais NPs é agramatical (*eles linguistas¹³¹). Ao considerar pronomes de 3ª pessoa como pro- ϕ P, haveria a previsão de que eles funcionassem como variáveis e não estivessem semanticamente definidos nem como constantes nem como definidos. Isso explicaria o motivo de poderem participar como anáfora ligada em uma sentença como (64). Assim como poderem ser ligados em domínio local como apresentado no exemplo (65).

(64) [Every candidate]_i thinks that [he]_i will win.

[Todo candidato]_i pensa que ele_i irá vencer.

$\forall x$, candidate(x), x thinks that x will win.

$\forall x$, candidato(x), x pensa que x irá ganhar.

(Déchaine; Wiltschko, 2002, p. 423 tradução nossa.)

(65) [John]_i thinks that [he]_i will win.

John_i pensa que ele_i irá vencer.

(Déchaine; Wiltschko, 2002, p. 423 tradução nossa.)

¹³⁰ No original “*we linguistics, us linguistics, you linguistics*”. As autoras apontam em nota de rodapé que não têm uma proposta para explicar a agramaticalidade irrestrita no caso de pronomes singulares como *eu linguista*,

¹³¹ No original “**they linguistics*”

As línguas variariam nessa distribuição e poderiam, inclusive, possuir em uma mesma “pessoa” mais de um tipo de item (como pro-DP e pro- ϕ P). O que importaria seria o fato de a estrutura interna definir a possibilidade ou não de determinadas ocorrências. Outra correlação importante seria a inviabilidade de pro-DP como predicados enquanto pro- ϕ P poderiam funcionar tanto como predicado como argumento.

Para além disso, as autoras defendem que a diferença entre os pronomes que têm camada D e os que têm camada ϕ — que se vê refletida nas relações de ligação — estaria relacionada a propriedades formais do sistema de referência. D seria obviativo (*obviative*) e, com relação ao sistema de referência, estaria relacionado à distinção entre o referente e o sujeito. Já a camada phi (ϕ) é próxima (*proximate*) e a referência inclui o sujeito, ou seja, é inclusiva.

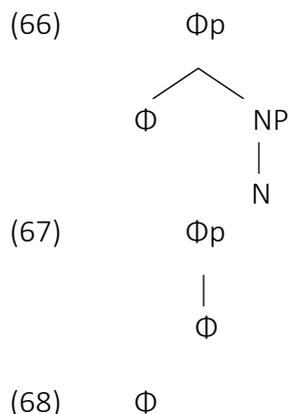
A distinção entre as camadas também seria útil para abarcar a diferença relativa à correferencialidade do pronome com o sujeito da matriz encontrada em algumas línguas no fenômeno denominado mudanças de referente (*switch-reference*). Isto é, em algumas línguas há a marcação morfológica do referente que apresenta correlação disjunta, a saber o pronome da encaixada não é correferente com o sujeito da sentença matriz. Na proposta das autoras, a diferença entre concordância estaria relacionada ao fato de que, por exemplo, os pronomes sem correferência obrigatória do sujeito da matriz seriam pro-DPs contendo essa camada D, o que os tornaria uma expressão R e, conseqüentemente, pela Teoria de Ligação, os obrigaria a serem livres. Já os pronomes com correferência seriam pro- ϕ P. Por não terem a camada D, não violariam a Condição C e ficaria explicada a motivação dessa correferência ser possível.

Em síntese, Déchaine e Wiltschko (2002), nas próprias palavras das autoras, propõem a adoção de uma sintaxe mais fina que permita diferenciar melhor as formas pronominais buscando especialmente capturar as diferenças e similaridades notadas empiricamente quanto à obviação e mudança de referente (Déchaine; Wiltschko, 2002, p. 438). No fundo, seria uma proposta para distinguir o comportamento pronominal com base em sua estrutura¹³² em uma proposta alternativa a da distinção entre pronomes fortes, fracos e clíticos de Cardinaletti e Starke (1999), como as próprias autoras asseveram.

Pronomes fortes seriam o equivalente aos pro- ϕ Ps em que o NP traria uma escala (*range*); pronomes fracos seriam sintagmas ϕ Ps sem estrutura interna e clíticos seriam apenas ϕ . As autoras exemplificam essa tipologia estruturalmente da seguinte

¹³² Nos termos das autoras, de acordo com sua sintaxe externa

forma: o exemplo (66) seria a estrutura proposta para os pronomes fortes; (67) para os pronomes fracos e (68) para os clíticos.



(Déchaine; Wiltschko, 2002, p. 439)

Resumindo, as autoras propõem lidar com a Teoria de Ligação como diferença dessa projeção oriunda de propriedades morfossintáticas. A concordância dos itens seria também derivada das camadas que são projetadas D, apenas *phi* (Φ) ou N. Pronomes poderiam ser anaforizados ou até mesmo funcionarem como constantes nominais quando tem a camada DP. A projeção dessas camadas viria da existência dos traços no item.

Retomando a análise de Déchaine e Wiltschko (2002), Rullman (2004) propõe que os pronomes de 1ª e 2ª pessoa não sejam atômicos, mas decompostos nas noções de falante e destinatário. Além disso, o autor utiliza a noção de índices (*index*) para contemplar a distinção entre singular e plural. Os pronomes singulares teriam um índice “solo” (*singleton*), denotando indivíduos. Por outro lado, pronomes plurais seriam um conjunto de traços índices.

Desse modo, enquanto os pronomes singulares são definidos em função de identidade, os pronomes plurais são fundamentados na pertença a um grupo. Plurais teriam ainda a característica de serem puramente dêiticos, totalmente não-dêiticos ou parcialmente dêiticos, podendo, nesses casos, ser parcialmente ligados a um antecedente.

Alguns usos são mais facilmente associados. Por exemplo, usos de primeira e segundas pessoas singular — *eu* (*I*) e *tu* (*you*)¹³³ — como puramente dêiticos, por terem

¹³³ Uso dos pronomes deve ser considerado em inglês. Em português brasileiro padrão como apresentaremos a seguir conforme Nunes (2020), o paradigma foi modificado pelo empobrecimento da concordância morfológica que só distingue as primeiras pessoas (“eu” e “nós”). As formas de 3ª pessoa

a inclusão da *dêixis*, respectivamente do falante e do destinatário. Primeiras e segundas pessoas plurais — *nós* (*we*) e *vós* (*you*) — a pronomes parcialmente dêíticos, visto que incluiriam também respectivamente o falante e o destinatário. Já as terceiras pessoas, sejam singulares ou plurais — *ele, ela* (*he, she, it*) e *eles* (*they*) — relacionam-se mais diretamente aos não-dêíticos.

Posto que Rullman (2004; 2003) destaca a importância da inclusão da noção de falante e destinatário na definição dos pronomes, a denotação desses pronomes deverá ser aplicada referencialmente como um índice, portanto, deiticamente. Por conseguinte, “*I*” identifica o falante; “*you*”, na versão singular, o destinatário e, na versão plural, o destinatário + uma 3ª pessoa e “*we*” identifica o falante + uma 3ª pessoa. Nos termos do autor, no caso dos pronomes plurais, quando puramente dêíticos, “*we*” pode ser usado para referir a qualquer pluralidade que inclua o falante. “*You*” referir-se-à a qualquer pluralidade que inclua o destinatário e “*they*” a qualquer pluralidade que exclua tanto o falante quanto o destinatário.

Contudo, como o autor aponta, há usos singulares desses pronomes quando são ligados a operadores. Como exemplo, temos o caso do pronome “*their*” na sentença abaixo ((69)). Esse pronome está ligado a variável “*someone*” e deve se referir a uma única pessoa. O referente de “*their*” será o resultado da variável “*someone*”, que, por sua vez, denotará um único referente.

- (69) Someone_i left their_i coat on the table.¹³⁴
 Alguém_i deixou seu- 3-p.pl_i casaco em a mesa.
 ‘Alguém deixou seu casaco na mesa’

(Rullmann, 2003, p. 10 tradução nossa)

Rullman argumenta que esse possessivo não pode referir-se a um singular como a agramaticalidade dos exemplos abaixo aponta.

poderiam incluir o falante ou o destinatário seriam, respectivamente, “*you*” (singular) e “*you*” (plural), de um lado e a “*people*” de outro. Cabe destacar que é possível o uso de outras formas pronominais como *she* ligadas em que o referente é o destinatário. A construção abaixo apresenta um exemplo dessa situação.

- (1) Na reunião você_{destinatário} disse que ninguém (destinatário, 1, 2, 3,...) tinha novos resultados, então eu pensei “Bom, ela_{destinatário} não conclui a análise dos dados ainda”.

Não entraremos, nesse momento, em maiores detalhes sobre esses usos por não ser o foco da discussão que queremos apresentar. Para maior detalhamento sobre o paradigma pronominal brasileiro ((Nunes, 2015) e para a discussão mais aprofundada sobre interpretação semântica dos pronomes (Rullman, 2004; Rullmann, 2003) entre outros

¹³⁴ No original, exemplo (31). (Rullmann, 2003, p. 10)

(70) * John_i left their_i coat on the table.

John_i deixou seu-3-p.pl_i casaco em a mesa.

*João_i deixou o casaco deles_i na mesa

(71) * They_{8} are sick. (referring deictically to a single person)¹³⁵

Eles estão doentes (referindo deiticamente a uma única pessoa)

*Eles estão doente (com um referente único, por exemplo, João)

(Rullmann, 2003, p. 10 tradução nossa)

A discussão passa pelo fato de que, a princípio, nada impediria de os conjuntos dos pronomes plurais serem formados por um conjunto único. O autor argumenta que, nas línguas em que se registra a gramaticalidade de (69) *versus* (70) e (71), a exclusão dos dois últimos exemplos viria de uma restrição desse pronome nessas línguas. Seriam línguas em que os pronomes plurais só poderiam ter conjuntos solo quando fossem ligados a uma variável e não para os pronomes estritamente referenciais.

Outro dado clássico trazido para a discussão dos pronomes diz respeito aos traços de primeira pessoa que podem ser interpretados como uma variável. Estamos tratando do caso originalmente publicado por Kratzer (1998) e atribuído a Irene Heim pela autora, apresentado, abaixo, como (72).

(72) Only I got a question that I understood.

Apenas eu-1^ap.s. tenho uma questão que eu-1^ap.s. entendi.

Apenas eu tenho uma questão que eu entendi.

(Kratzer, 1998, p. 92)

Segundo Kratzer (1998), a sentença acima tem duas leituras denominadas leitura estrita (*the strict reading*) e leitura imprecisa (*the sloppy reading*). A leitura estrita tem as duas ocorrências do pronome *eu* (“*I*”) com referência dêitica. Já a leitura imprecisa não traz essa segunda ocorrência do pronome como dêitico, mas como ligado ao primeiro e dependente de uma relação com o operador *apenas* (*only*). Assim, enquanto a sentença em (72) tem, na leitura restrita, o significado de que ninguém tem uma questão que o falante/enunciador dessa frase entendeu, a leitura imprecisa traz o sentido de que ninguém, além do falante, tem uma questão que a própria pessoa (selecionada desse grupo de variáveis do “*ninguém*”) entendeu.

¹³⁵ No original os exemplos (155) e (156) são os exemplos (32) e (33) do autor. (Rullmann, 2003, p. 10)

A interpretação de 1ª e 2ª pessoa (especialmente singular) como ligada é, como salienta a própria autora, mais rara, se comparada às 3ª pessoas, além de serem também mais desafiadoras. Para acomodar todas as tipologias pronominais e incluir a leitura discutida acima, Kratzer (1998) propõe que se possa tratar a existência de duas categorias de traços para os pronomes: lexicais e indexicais. Itens com traços indexicais terão interpretação referencial e índices com traços lexicais poderão ser variáveis ligadas ou não. Já àquelas que têm traços lexicais poderão ser ou pronomes zero (*zero pronoun*) ou variáveis.

No caso de pronomes zero, essa denominação não está relacionada ao caráter não pronunciável dos pronomes. O termo “zero” refere-se à ausência de traços-*phi* no início da sintaxe. Esse fato não os impede de serem pronunciáveis na Forma Fonética (doravante, PF). A relação de ligação com seu antecedente pode ser a responsável, segundo a autora, por permitir que o pronome zero (*zero pronoun*) adquira seus traços e ganhe conteúdo fonético em PF.

Esse pronome zero explicaria o caso do pronome *eu* (“I”) do exemplo (72). Na leitura estrita teria os traços indexicais e denotaria o falante (*speaker*). Já na imprecisa (*the sloppy reading*), não haveria traços índices e seriam pronomes zero. Dessa forma, a autora contempla os casos dos pronomes que deveriam denotar o falante ou o destinatário, mas, como no caso¹³⁶ das leituras imprecisas (*the sloppy reading*), denotam um antecedente. Para exemplificar, a autora apresenta o que seria o inventário pronominal do inglês (apresentado abaixo em (73)), representado o *input* pronominal e a forma como o pronome exemplificado — *eu* (I) — seria interpretado (*vide* exemplo reproduzido em (74)), deixando clara a função cíclica dos pronomes zero que remetem a outro pronome com traço lexical.

(73) Inventários de pronomes:

Pronomes indexicais: Eu, você, nós
 Pronomes variáveis: ele_n , ela_n , $eles_n/elas_n$
 Pronomes zero: \emptyset_n

(Kratzer, 1998, p. 95 tradução nossa)

(74) Interpretação dos pronomes selecionados:

$[[Eu]]^{g,c} = \text{falante}(c)$.
 $[[ele_n]]^{g,c}$ só é definido se $g(n)$ é um indivíduo singular masculino.
 Se definido, $[[ele]]^{g,c} = g(n)$.

¹³⁶ Não só essas leituras imprecisas - mas também essas - nos casos de coordenadas e outros de elipse de VP.

$$[[\emptyset_n]]^{g,c} = g(n).^{137}$$

(Kratzer, 1998, p. 95 tradução nossa)

Em (74) a variável g representa todas as possíveis variáveis e a c , o contexto. Dessa forma, a primeira linha pode ser traduzida como a variável indicada como Eu no contexto é igual a existência de um falante na situação c . Já as segundas e terceiras linhas apresentam uma função que indicam que as variáveis passíveis de atribuição para ele , no contexto c , serão iguais à mesma variável do pronome. Já na última linha, temos uma função das variáveis passíveis para pronome zero em uma situação c , que se igualam à própria variável a que ele está ligado.

Resumidamente, temos, na primeira linha, a definição das interpretações dos pronomes índices; nas segundas e terceiras linhas — que representam uma única função — temos a interpretação de pronome referencial e, na última linha, há a função que apresenta a interpretação do pronome zero. Essa representação foi aprimorada no trabalho subsequente (Kratzer, 2009), que trataremos a seguir.

Enquanto Kratzer (1998) trata, sem entrar em muito detalhamento, essas ocorrências como um pronome zero, que semanticamente estaria relacionado a outro, podendo inclusive herdar dele seus traços, Rullman (2004; 2003) detalha a formação desses traços índices e a distinção das 1^{as}, 2^{as} e 3^{as} pessoas (singular e plural) em termos de funções que prevejam a inclusão ou não de falante e destinatário. Para ilustração, reproduzimos abaixo a definição dos traços índices singular e plural definidos pelo autor.

(75) pro é um pronome com conjunto de traços índices i e pro é singular:

pro é 1^a pessoa (eu) sse $i = S^{138}$;
 pro é 2^a pessoa ($tu/você$)¹³⁹ sse $i = A^{140}$;
 pro é 3^a pessoa (ele/ela)¹⁴¹ sse $i \in \{ 1, 2, 3, \dots \}$.

(76) pro é um pronome com conjunto de traços e pro é plural:

¹³⁷ Sabendo-se que a autora define das interpretações da seguinte forma:

$[[Eu]]^{g,c} = \text{falante}(c)$. -> Interpretação Indexical

$[[ele]]^{g,c} = g(n)$ -> Interpretação Referente

(Kratzer, 1998, p. 93)

¹³⁸ S inicial de falante. Traduzido do original S (*Speaker*)

¹³⁹ A segunda pessoa, aqui, deve ser interpretada com relação à referência, desconsiderando a discussão da existência de uma distinção entre ela 2^a e 3^a pessoa morfológica e o uso de pronomes de terceira pessoa que dêiticamente funcionam como indicando o destinatário.

¹⁴⁰ A inicial de destinatário. Traduzido do original A (*Adresse*)

¹⁴¹ No original, há apenas uma forma pronome de terceira pessoa “*they*”, uma vez que, em inglês, não há a distinção morfológica de gênero, para esse pronome.

pro é 1ª pessoa (*nós*) sse $S^{142} \in i$;
 pro é 2ª pessoa (*vós/vocês*¹⁴³) sse $S^{144} \notin i \text{ e } i \in A^{145}$;
 pro é 3ª pessoa (*eles/elas*¹⁴⁶) sse $S^{147} \notin i \text{ e } i \notin A^{148}$.
 (Rullman, 2004, p. 165 tradução nossa)

Nessa formulação, os traços índices são determinados pela relação que estabelecem com as figuras do falante (S) e destinatário (A). Define-se assim, que a primeira pessoa se refere à igualdade entre o referente e o falante no caso da primeira pessoa singular ou a sua inclusão nos conjuntos de referentes no caso da primeira pessoa plural. De forma paralela, a identificação de uma segunda pessoa seria a correlação entre o referente e o destinatário no singular, enquanto a forma plural exigiria a inclusão do destinatário e a exclusão do falante. A terceira pessoa singular é definida como uma referência externa, indicada no conjunto entre chaves formado por “1”, “2”, “3” e cuja ausência de limite no conjunto de referentes é indicado pela presença das reticências.

Apesar de apresentar um avanço em relação à proposta dos traços índices de Kratzer (1998), alguns pontos dessa análise permanecem pouco explicitados. Fica clara, na definição, a necessidade de garantir a inclusão do falante na definição do pronome de 1ª pessoa plural para abarcar tanto o chamado nós inclusivo (que inclui o destinatário) como o nós exclusivo (que exclui o destinatário) e que em português, assim como no inglês, não tem distinção morfológica¹⁴⁹. Contudo, há dúvidas sobre a exclusão do destinatário da 3ª pessoa plural.

No caso da 3ª pessoa singular, a proposta apresenta uma assimetria tratando-se não mais da inclusão ou exclusão de falante e destinatário, mas relacionando os possíveis conjuntos de referentes possíveis identificáveis discursivamente. Ainda mais paradoxal, a definição do plural dessa mesma pessoa retoma ao cerne da proposta: identificar os pronomes em termos dos traços relacionados a falante e destinatário.

¹⁴² Vide nota de rodapé nº 138

¹⁴³ A segunda pessoa, aqui, deve ser interpretada com relação à referência, desconsiderando a discussão da existência de uma distinção entre ela 2ª e 3ª pessoa morfológica e o uso de pronomes de terceira pessoa que detitivamente funcionam como indicadore so(s) destinatário(s) e, possivelmente, de outro referente.

¹⁴⁴ Vide nota de rodapé nº 138

¹⁴⁵ Vide nota de rodapé nº 140

¹⁴⁶ No original, há a inclusão do pronome de terceira pessoa neutro *it*.

¹⁴⁷ Vide nota de rodapé nº 138

¹⁴⁸ Vide nota de rodapé nº 140

¹⁴⁹ Há línguas em que há um item lexical distinto para cada caso.

Analisando-se a proposta, podemos ver que a diferença entre a 3ª pessoa singular e a 3ª pessoa plural residiria na proibição de conjuntos unitário de referentes no segundo caso. De modo similar, a segunda pessoa singular é definida como a igualdade entre referente e destinatário, enquanto a segunda pessoa plural prevê a inclusão do destinatário, mas não do falante no conjunto. Essa exclusão é importante, pois a inclusão do falante definiria esse índice como sendo primeira pessoa plural inclusiva. Nesse ponto, caberia uma reestruturação da proposta a fim de garantir a uniformidade do tratamento para todas as pessoas.

(77) MODIFICADO: pro é um pronome com conjunto de traços índices i e pro é singular:

pro é 1ª pessoa (*eu*) sse $i = F^{150}$;
 pro é 2ª pessoa (*tu/você*¹⁵¹) sse $i = D^{152}$;
 pro é 3ª pessoa (*ele/ela*¹⁵³) sse $F^{154} \notin i$ e $i \notin D \wedge \iota i = \{x\} \wedge x \in \{1, 2, 3, \dots\}$.

(78) MODIFICADO: pro é um pronome com conjunto de traços e pro é plural:

pro é 1ª pessoa (*nós*) sse $F^{155} \in i$;
 pro é 2ª pessoa (*vós/vocês*¹⁵⁶) sse $F^{157} \notin i \wedge i \in D^{158}$;
 pro é 3ª pessoa (*eles/elas*¹⁵⁹) sse $F^{160} \notin i \wedge i \notin D^{161} \wedge i > \iota i \vee i = \sim \iota i$.

¹⁵⁰ F inicial de falante. Traduzido do original S (*Speaker*). Na reelaboração da proposta que estamos apresentando optamos por utilizar o termo e sua respectiva abreviação em português.

¹⁵¹ A segunda pessoa aqui deve ser interpretada com relação a referência, desconsiderando a discussão da existência de uma distinção entre ela 2ª e 3ª pessoa morfológica e o uso de pronomes de terceira pessoa que detitivamente funcionam indicando o destinatário.

¹⁵² D inicial de destinatário. Traduzido do original A (*Adresse*)

¹⁵³ No original, há apenas uma forma pronome de terceira pessoa “*they*”, uma vez que, em inglês, não há a distinção morfológica de gênero, para esse pronome.

¹⁵⁴ F inicial de falante. Traduzido do original S (*Speaker*)

¹⁵⁵ Vide nota de rodapé nº 154

¹⁵⁶ A segunda pessoa aqui deve ser interpretada com relação a referência, desconsiderando a discussão da existência de uma distinção entre ela 2ª e 3ª pessoa morfológica e o uso de pronomes de terceira pessoa que detitivamente funcionam como indicando o(s) destinatário(s) e, possivelmente, outro referente.

¹⁵⁷ Vide nota de rodapé nº 154

¹⁵⁸ D inicial de destinatário. Traduzido do original A (*Adresse*)

¹⁵⁹ No original, há a inclusão do pronome de terceira pessoa neutro “*it*”.

¹⁶⁰ Vide nota de rodapé nº 154

¹⁶¹ Vide nota de rodapé nº 158

Com essa alteração, os pronomes de 1ª pessoa singular e plural e segunda pessoa plural foram mantidos inalterados. Já para a segunda pessoa do plural, houve apenas a alteração para incorporar o símbolo do conectivo lógico de conjunção: \wedge . Para as terceiras pessoas, além da inclusão do conectivo, foi proposta a definição da limitação de conjunto em termos de singletos.

Singletos são conjuntos unitários, definidos lógica-matematicamente¹⁶² e que são representados por “ ι ”. Foram usados para identificar a necessidade de a 3ª pessoa singular conter apenas um elemento, pois, do contrário, seria 3ª pessoa plural e não singular como desejado. O símbolo foi utilizado também para a definição da 3ª pessoa plural que, ao contrário, do singular deve conter ou denotações com mais de um elemento (por exemplo: *João, Maria e Pedro*) ou mais de um conjunto de referente (*livros* ou *trupe*¹⁶³). Desse modo, redefinimos a 3ª pessoa plural para, além de apresentar a distinção tanto do falante quanto do destinatário, incorporar a vedação a um conjunto unitário apenas, indicando que deve ser maior do que isso ($i > \iota i$) ou, no caso de um único elemento, que esse não fosse um conjunto unitário ($i = \sim \iota i$), o que poderia acontecer no caso em que o pronome tomasse, por referente, um coletivo.

Mesmo com essa reelaboração, essa seria apenas uma generalização e não uma proposta bem estruturada para o funcionamento do sistema. A indicação de uma referencialidade expressa como não dêitica estaria realmente contraposta a inexistência de traços lexicais? Na proposta de Kratzer (1998) pronomes como *ele* seriam portadores de traços lexicais e teriam um referente guiado a partir daí.

Questiona-se, portanto, o peso do papel dêitico de uma terceira pessoa como possuidor somente de traços índice, posto inclusive que tais elementos trariam traços-phi de gênero expresso morfológicamente em diversas línguas (*he/she* em inglês *ele(s)/ela(as)* em português). Como o próprio autor (Rullman, 2004, p. 160) assume - ao discutir, em nota de rodapé, o exemplo das palavras formadas por pronome + nome (“*he-man, me-page, me-journalists, me-quilt, we-society, we-generation, you-factor e you-section*”¹⁶⁴) como contraexemplo ao fato de que existiriam apenas formações envolvendo 3^{as} pessoas

¹⁶² Para a definição de singleto cf. (Whitehead; Russell, 1910, p. 356; 364). Para uma visão organizada de forma mais didática incluindo um paralelismo com os conceitos mais modernos, consulte Stanford Encyclopedia of Philosophy. Principia [...].

¹⁶³ Para coletivos poderia ser argumentado se realmente a denotação seria a indicação dos vários referentes que o compõem ou se é tratado denotativamente como conjunto único.

¹⁶⁴ TRADUÇÃO CERTA

– essas pessoas não teriam força dêitica convencional, mas apenas uma contribuição semântica de natureza metafórica, entre elas gênero (como no caso do *he-man*).

Pronomes de terceira pessoa são mais referenciais do que dêíticos na concepção referente a Kratzer (1998) e adotada parcialmente pelo autor. Esses pronomes trazem uma informação de contribuição semântica e sintática maior do que as demais pessoas. O tratamento e sobretudo a “atribuição¹⁶⁵” dos traços aos pronomes mínimos é melhor explorada no trabalho de (Kratzer, 2009), ainda que o foco do trabalho não esteja nos pronomes indexicais, mas no que fica conhecido na literatura como *fake indexical* (índices falsos), que coincidem com a leitura imprecisa (*the sloppy Reading*) e o irrompimento do pronome zero.

O referido trabalho traz uma nova denominação para os traços índice, denominados de traços nominais numéricos quando não comportam os traços de falante e destinatário, denominados de traços de participantes (*participant features*). Esses traços, considerados variáveis, seriam interpretados via atribuição de variáveis no modelo apresentado em (79).

(79) Traços numéricos nominais: $[1]_N, [2]_N, [3]_N, \dots$

$$[[n]_N]^{g,c} = g(n)$$

(Kratzer, 2009, p. 220)

Nesse modelo, os números entre parênteses indicam referentes distintos encontrados discursivamente. Conforme a autora pondera, pronomes referenciais seriam entendidos como variáveis livres na tradição semântica. A representação traria, portanto, a restrição necessária para comportar o importe semântico da 3ª pessoa. Para as primeiras e segundas pessoas, a autora propõe um paradigma de participantes na forma reproduzida em (80).

(80) Traços de participantes:

- a. $[[1^0]_N]^{g,c} = \text{o falante(s) em } c$
- b. $[[2^0]_N]^{g,c} = \text{o destinatário(s) em } c$
- c. $[[1^0+2^0]_N]^{g,c} = \text{a soma do falante(s) + destinatário(s) em } c.$

(Kratzer, 2009, p. 220)

O pronome poderia, portanto, conter apenas o falante, sendo (a) a representação da primeira pessoa singular e, se houver mais de um falante, o que está

¹⁶⁵ O termo atribuição, aqui, foi usado com aspas para indicar não o conceito tradicional de atribuição de traços desenvolvido na literatura gerativista, mas apenas o surgimento dos traços nos pronomes zero que, pela definição, teriam que se ligar a um pronome variável para obter esses traços e conteúdo semântico.

representado na definição pelo “(s)” entre parênteses, representará um plural exclusivo. A alínea (b) apresenta as possibilidades de segundas pessoas contendo o destinatário. Mais uma vez, a opção de plural entre parênteses indica o plural. Já em (c), teríamos a opção de uma primeira pessoa inclusiva, que conteria tanto os traços de F como D.

Nesse paradigma, surge a proposta da soma (“*sum*”) para representar uma categoria gramatical única, mas que pega conjuntos de traços artificiais e atribui uma ou mais denotações de forma composicional. Uma outra forma de considerar os traços em conjunto proposto pela autora é o traço de nominado “grupo” (“*group*”). Esse traço é definido na forma de (81).

$$(81) \quad \llbracket [\text{grupo}] \rrbracket^{g,c} = \lambda x. grupo(x)(c)$$

Essa função permite selecionar diversos indivíduos ou conjunto de indivíduos que foram associados em um contexto *c*. Com os dois postulados (grupo e soma), a autora descarta a noção de plural como primitivo, considerando que a noção está contemplada nas definições. Com essas definições em mente e a noção de que as terceiras pessoas têm como fundamento a marca de gênero, a autora desenvolve, para os pronomes referenciais, o paradigma abaixo.

Figura 14 - Possibilidade semântica de pronomes referenciais.

Combinação de traços	Interpretação	Rótulo tipológico
[singular] [1º]	Refere-se a um único falante	1
[singular] [2º]	Refere-se a um único destinatário	2
[singular] ([def] [female])	Refere-se a um único feminino	3
[1º]	Refere-se à falantes	1+1
[2º]	Refere-se à destinatários	2+2
[1º + 2º]	Refere-se a soma de falante + destinatário	1+2
[grupo] [1º + 2º]	Refere-se ao grupo incluindo o falante + destinatário e, possivelmente, incluindo não-participantes	1+2 (+3)
[grupo] [1º]	Refere-se ao grupo incluindo o falante e, possivelmente, incluindo não-participantes	1 (+3)
[grupo] [2º]	Refere-se ao grupo incluindo destinatário e, possivelmente, incluindo não-participantes	2 (+3)
[def] [feminino]	Refere-se a um ou mais femininos	3 (+3)

(Kratzer, 2009, p. 227 tradução nossa)

Nessa tabela, a autora mostra que apenas o traço feminino poderia ser suficiente para identificar o gênero. Além disso, explica que as pluralidades de falantes e destinatários são comuns em audiências. O traço [SUM] está codificado nas formas [1º e

2º] presente nas 6ª e 7ª linha da tabela. Esse traço, para os pronomes indexicais e o traço [grupo] para os referenciais.

O cerne do trabalho de Kratzer (2009) está em diferir diferentes mecanismos de “atribuição” de traços procurando comportar também os casos dos índices falsos que compartilhariam localmente traços com seu ligador por essa relação transmissão. Essa fonte não estaria disponível para os traços indexicais, que já nasceriam com suas formas. Para indexicais, só haveria a predicação enquanto, para os pronomes referenciais, especialmente os índices falsos, estaria disponível também a operação de transmissão, através da qual compartilhariam traços com seu ligador. Essa operação seria crucial para que o falso índice pudesse ser tratado semanticamente como seu antecedente.

Não entraremos em detalhes sobre esses mecanismos, dado não ser o cerne da discussão desenhada nesse trabalho. Já quanto à classificação, vemos que essa proposta compartilha traços importantes com as propostas da geometria de traços como: falante, destinatário, feminino, e até a noção de grupo. Dedicaremos a seção seguinte a uma melhor discussão dessas propostas.

Sumarizando o que vimos anteriormente, a proposta de Rullman (2004) apresenta-se como uma proposta concorrente em que há um maior detalhamento de traços se comparada a Kratzer (1998). A proposta de Kratzer (2009) traz uma reelaboração da proposta anterior da autora, incorporando as noções dos participantes como traço e buscando, no interior, de sua proposta, alcançar as interpretações imprecisas e os pronomes zero apontados, entre outros, por Rullman (2004, 2003). Incorpora-se a noção de traço de grupo, de marcação apenas de gênero feminino e mantém-se a importância da identificação de falante e destinatário como traço distintivo. Contudo, ela diferencia-se da proposta da geometria de traços nos pronomes pessoais elaborada por Harley e Ritter (2002).

Importa notar nesse momento que, para além da projeção da camada D e a seleção de um NP, nota-se uma insuficiência na representação dos traços *phi* de maneira tradicional apenas como um feixe de traços de pessoa e número (e, por vezes, gênero).

3.3.1.2. Geometria de traços pronominais

Conforme mencionamos na seção anterior, nesta seção vamos explorar algumas das principais propostas feitas na literatura para tratar os traços pronominais de forma organizada. Começaremos pelo trabalho que é referência na área: Harley e Ritter

(2002). Destacam-se principalmente a inserção de categorias cognitivas fundamentais — nos termos dos autores— como referência, pluralidade e taxonomia. Outra importante contribuição é a postulação da organização desses traços de forma hierarquizada.

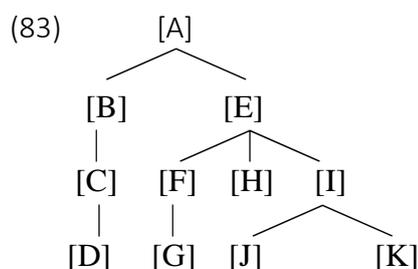
Para iniciar a discussão, argumentam que, apesar do uso bastante amplo dos termos de pessoa, gênero e número, pouca atenção é dada às relações estabelecidas entre essas classes e, por vezes, até mesmo ao seu adequado tratamento teórico. Defendem que a adoção de uma organização entre os traços é fundamental para prevenir combinações indesejadas

Com a intenção de conseguir capturar algumas generalizações, já previstas pelos Universais de Greenberg, os autores revisitam a hierarquia universal proposta no trabalho de Noyer (1992) tentando adequá-la a um modelo em que os traços sejam internamente hierarquizados. No modelo de Noyer há apenas uma ordem de preferência, em que os feixes de traço prescindem de organização interna. O modelo proposto está apresentado abaixo, em (82) em que “p” representa pessoa, “n” representa número, “g” representa gênero e “c” representa classe.

$$(82) \quad p > n > g > c$$

(Noyer, 1992, p. 271)

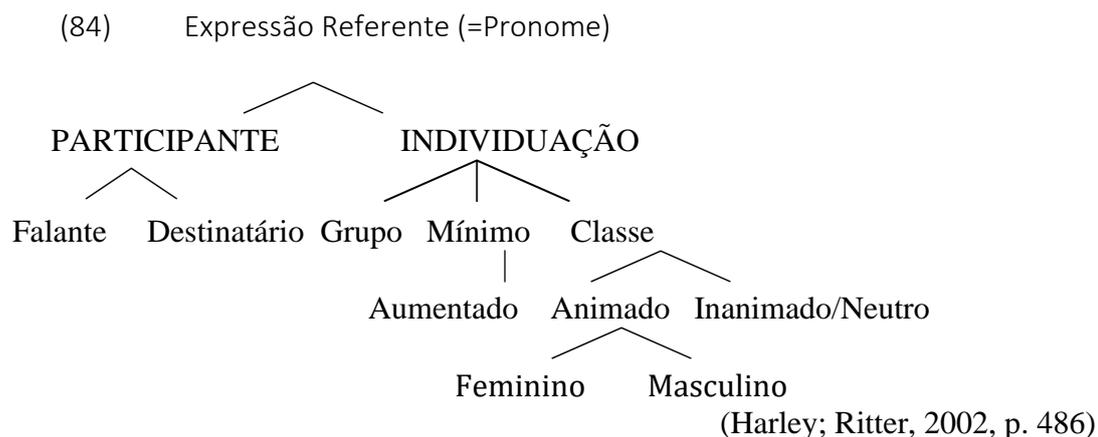
Motivando a proposição de uma geometria para esses traços paralela a encontrada na fonologia, Harley e Ritter (2002) assumem que os traços são monovalentes e aparecem na estrutura apenas se estiverem ativos. Além disso, defendem que a estrutura permitirá configurar as relações de dependência para alguns traços. Nesse sentido, a ausência de um nó dominante implicará na inativação de todos os nós dependentes (dominados)¹⁶⁶. Devemos ressaltar, contudo, que, no modelo genérico proposto pelos autores e reproduzido em (83), diferentemente do modelo sintático, na configuração proposta por Harley e Ritter (2002), não está prevista a endocentricidade, havendo inclusive uma divisão tripartite, como vemos na 4ª linha abaixo.



¹⁶⁶ Nesse sentido trata-se de um modelo top-down. É o oposto do que vemos na sintaxe estrita em que a construção segue um modelo bottom-up. Lembramos, porém, que a proposta é de um modelo de interpretação de traços.

(Harley; Ritter, 2002, p. 485)

Nesse modelo, as autoras alertam que a existência de nós filhos indica a subespecificação daquele traço. Propõem, dessa forma, a geometria do que chamam de expressões referentes (pronomes). Os dois principais grupos decompostos, a saber, participante e individuação, estão indicados, na reprodução abaixo ((84)), com letras maiúsculas, tal qual o original.



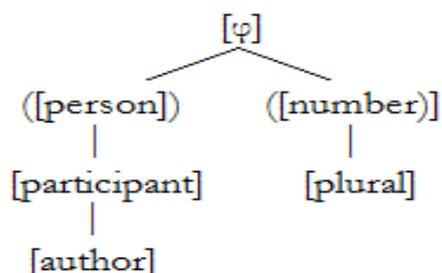
Nessa representação, temos o nó à esquerda denominado PARTICIPANTE, que poderá comportar (individualmente ou simultaneamente) os traços de falante e destinatário (indicados nas ramificações secundárias). Como as autoras sugerem, esse nó será responsável por representar a pessoa. Considera-se que a terceira pessoa seja não marcada, logo 1^{as} pessoas comportam necessariamente o traço [+ Falante], ao passo que 2^{as} pessoas apresentam a marcação do traço de destinatário ([+Destinatário]), já 3^{as} pessoas inativariam o nó participante e, por conseguinte, todas as subespecificações (falante e destinatário).

O nó à direita, INDIVIDUAÇÃO, por sua vez, será responsável por abrigar os traços de número e, conforme as autoras, especificações de classe, entre as quais inclui-se gênero. O nó Classe trará as noções de gênero como uma subespecificação dos traços de animacidade, atestada pela dependência estrutural.

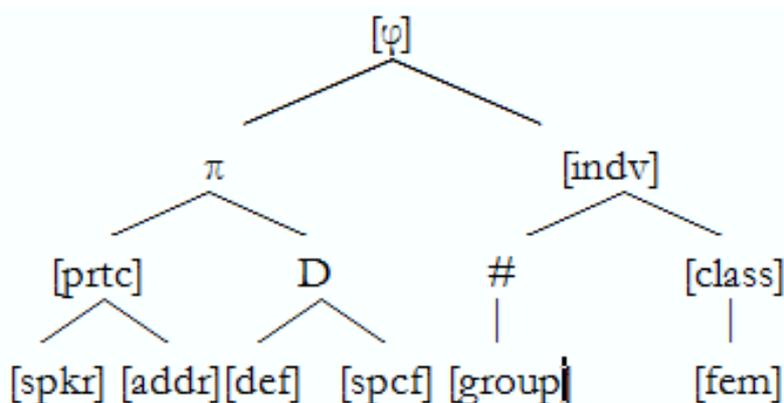
O nó demarcado como grupo será o indicador de plural. Já o nó mínimo indicaria o singular. Esse singular estaria subespecificado para o traço [+aumentado], a fim de comportar as línguas que apresentam marcação *paucal*, isto é, distinções morfofonológicas para pequenos grupos.

Carvalho (2008) discute o trabalho de Foltran e Rodrigues (2013) sobretudo quanto à implementação do mecanismo de concordância proposto em termos de traços. O autor revisa a proposta de geometria de traços, usando a proposta de Preminger (2014 (inicialmente proposta por Harley e Ritter (2002) e adaptada por Béjar (2003) vide (85)). Dessa forma, o autor adota uma geometria de traços-*phi* como em (85) abaixo.

(85)



(86)



(Carvalho, 2016, p. 123-124)

A “discordância” visualizada é resultado de subespecificação dos traços do nome que, por não projetar o nó do determinante, não teria especificado o traço [SPECIFIC]. Tal traço seria o responsável pela noção de “um indivíduo que é conhecido pelo falante” e permitiria habilitar o traço [class], que codificaria, não só a noção de gênero, como a de classe.

Considerações finais

Neste capítulo, elencamos algumas diferenças no comportamento de SCLs “com” e “sem concordância” indicando como tais fatos são indícios de estruturas diferenciadas (vide 3.2). Com base nos achados, propomos, em 3.2, a existência de duas estruturas para análise das SCLs. Em SCLs “com concordância”, as predicções seriam geradas de forma “padrão” sem a inversão. Já em SCLs “sem concordância”, haveria um elemento nulo similar a um pronome *isso* inserido à direita, enquanto o sujeito visualizado seria inserido diretamente na posição de [SPEC, TP].

Tal pronome estabeleceria uma função capaz de selecionar exemplares, subespécies ou eventos na denotação a depender da leitura existente na derivação. Para o melhor entendimento, apresentamos em 3.3 e seções seguintes as propostas da literatura sobre os pronomes. Com isso, conseguimos compreender como seria o feixe de traços portado por esse pronome nulo que equivaleria ao “isso”.

Explicamos também como esse pronome funcionaria como um agrupamento com certo caráter genérico assemelhando-se a um hiperônimo tipo nome geral, cuja função fórica poderia se referir a ocorrências ou subespécies. No caso de ocorrências, poderíamos ter as referências a entes ou a situações.

No capítulo seguinte, abordaremos a relação dessas SCLs com o outro fenômeno bem estabelecido de “ausência” de concordância no PB: as sentenças “panqueca”. O objetivo é mostrar como essa construção “sem concordância” se relaciona com outro fenômeno já bem estabelecido na literatura.

4. Relação das SCLs com os casos de “ausência de concordância” encontrados na língua

Considerações iniciais

Entre as perguntas que nos propomos a responder com este estudo está a relação da nossa sentença de interesse dentro do panorama das discordâncias do PB. Como já apontado na Introdução, um dos fenômenos mais estudados na literatura diz respeito às sentenças “panquecas”.

Para podermos discutir a questão com mais propriedade, apresentaremos, na seção 4.2.1, as sentenças “panquecas” e os principais trabalhos da literatura sobre o tema. Tais sentenças são sobretudo reconhecidas pelo caráter genérico que possuem. Até mesmo trabalhos como o de Siqueira (2017) que considera a genericidade não ser preponderante pela existência de sentenças “panquecas” com sujeitos não genéricos como *Maria*, na realidade, mantêm alguma estratégia de genericidade¹⁶⁷. Como Conto (2018) aponta, muitas sentenças “panquecas” mantêm uma leitura situacional em que a estratégia de genericidade existente é a habitualidade (vide exemplo da autora “*Criança é divertido*” ou mesmo de Siqueira (2017) “*Maria é complicado*” (De Conto, 2018, p. 92; Siqueira, 2017, p. 144).

SCLs, porém, não comportam, a princípio, nomes nus e não é para todas as sentenças que se parece poder atribuir uma leitura de habitualidade (vide *Que estreito, essa porta!* ou *Que tortinho, essa torre!*). Em outros termos, diante desse fato, cabe nos perguntar se há alguma estratégia de genericidade nas SCLs “sem concordância”.

Vemos, na literatura, que sentenças “panquecas” são geralmente consideradas como tendo, em todo ou em parte, uma leitura situacional. Para alguns autores como De Conto (2016; 2015, 2018) sentenças “panquecas” (“sem concordância”) seriam precipuamente situacionais em oposição às copulares que têm concordância, para as quais se garantiria uma leitura atributiva.

Nos capítulos anteriores identificamos que SCLs podem ter importantes distinções entre SCLs “com” e “sem concordância”, porém, mais do que isso: SCLs “sem concordância” têm potencialmente múltiplas leituras, comportando tanto leituras de

¹⁶⁷ De Conto e Carvalho (2022) questionam a classificação de dados com artigos definidos dentro do grupo de sentenças “panqueca”, indicado que o fenômeno que produz tais sentenças não é o mesmo das panquecas (leitura situacional), mas a elipse de VP por meio de uma anáfora superficial que recupera as informações de forma contextual, sofrendo forte influência do contexto.

espécie (caso em que têm leitura de habitualidade) como leituras de ocorrência. Nesta última, podemos ter tanto uma leitura atributiva como uma leitura de situação

Nas seções seguintes detalharemos melhor as diferenças entre SCLs tanto relativas ao sujeito como às leituras e a interação destas com o sujeito.

4.1. Sentenças “panquecas”: quais ingredientes a compõem?

Como apresentamos na introdução, encontramos, no PB, outro caso de “discordância” não atrelado à variação dialetal registrado nas sentenças denominadas de sentenças “panquecas”. São sentenças copulares em que a omissão da cópula não é possível (vide agramaticalidade das construções (1)) e nem há a preposição do predicado, como atestamos pela agramaticalidade dos exemplos (2)¹⁶⁸ em que há a inversão.

(1)

(a) *Panqueca(s) gostoso!

(b) *Cem pessoas chato!

(2)

(a) ??Gostoso é panqueca!

(b) ??Complicado é criança!

A característica de maior destaque, contudo, está no tipo de sujeito presente. Apenas sujeitos genéricos e indeterminados, especialmente os nomes nus, são aceitos. Sujeitos determinados (vide exemplos com demonstrativos ou possessivos (3)a e com determinantes (3)b) ou cardinalizados específicos (cf. (3)c) geram sentenças agramaticais em construções “sem concordância” aparente do predicado.

(3)

a. *Essa(s)/ Aquela(s)/ Minha(s)/Sua(s) Panqueca(s) é gostoso!

b. *A(s) criança(s) é complicado!

c. *As/ Aquelas cem pessoas é chato!¹⁶⁹

As propostas da literatura para tais construções poderiam ser distribuídas em quatro grupos: (i) propostas relacionadas ao aspecto frásico dessas construções; (ii)

¹⁶⁸ As sentenças são gramaticais com foco. Sua leitura, nesse caso, será similar a “*Gostoso mesmo, é panqueca (não caldeirada/ não isso)!*” ou *Complicado mesmo, é criança (não aluno no ensino superior/ não isso)!* Porém se trata de outro tipo de sentença, em que até o caráter exclamativo é questionável.

¹⁶⁹ Há uma possibilidade de leitura gramatical com “*Aquelas cem pessoas é chato*”. Nela, há um conceito de grupo genérico e, portanto, sem especificidade. Tal leitura deve ser desconsiderada no exemplo apresentado.

propostas centradas na não projeção da camada determinante, responsável pelo desencadeamento da concordância; (iii) propostas relacionadas a concordâncias semânticas ou neutras e (iv) propostas relacionadas ao caráter genérico da construção.

No primeiro grupo, encontramos parcialmente propostas como as Josefsson (2009b, 2014b). Para a autora, as sentenças “panquecas” seriam de dois tipos: construções nominais (*Construction Nom*) e construções proposicionais (*Construction Prop*). As construções proposicionais seriam do tipo sentenciais e incorporariam a noção de um verbo nulo, sendo esperada a concordância neutra por se estar diante de um sujeito clausal. Já as construções nominais comportariam uma concordância com um pronome nulo em uma posição mais alta do que o sujeito, formando o que denomina “sintagma semântico (*SemP*)” no trabalho de (2009) e um classificador no trabalho de (2014). Abaixo, dois exemplos clássicos da autora para as construções nominais (4) e construções proposicionais (5).

(4) Senap ar̄ gul-t. = Construction NOM

Mostarda.COMUM é amarelo-NEUT

‘Mostarda é amarelo.’

(5) Tva° alskarē ar̄ omoralisk-t. = Construction PROP

[dois amantes]COMUM.PL ser.PRES imoral-NEUT

‘Ter dois amantes é imoral.’

(Josefsson, 2009b, p. 36 adaptado e traduzido dos exemplos originais 2 a e b)

Outra proposta alinhada a essa, seria a de Wechsler (2013). O autor também advoga por uma estrutura frasal, mas com uma implementação diferente: propõe a existência de uma metonímia lógica. Desloca, assim, essa interpretação frasal para um ambiente semântico condicionando sua existência à entidade que o NP denota. Ela seria a responsável por desencadear uma concordância semântica (e, novamente, tal proposta também se enquadra no grupo iii).

Será essa noção de denotação também a responsável pela primeira proposta do grupo ii, isto é, daquelas centradas na projeção (ou não projeção) de camadas do sujeito. Nesse grupo, temos as propostas que incluem explicitamente o PB como as de Foltran e Rodrigues (2013) e Rodrigues e Foltan (2014, 2015b). Em todos os trabalhos citados, as autoras rejeitam a proposta de infinitivo para as sentenças “panquecas”.

Entre os argumentos citados pela autora, há evidências empíricas do PB dentre as quais: (a) a agramaticalidade de construções com definidos (cf. (6)a) quando a

paráfrase com infinito é gramatical (vide (6)b); (b) a agramaticalidade na preposição do predicado (vide (7)); (c) a inadequação da paráfrase com infinito (veja-se (8)) quando a predicação tem uma modificação (por exemplo, “pra limpar a pele do rosto”); (d) a não ocorrência do estativo *estar* nas sentenças estilo panqueca do PB (cf. (6)a)), enquanto infinitivas podem tê-lo (9)(b)¹⁷⁰ e, por fim, como evidência adicional inspiradas no trabalho de Danon (2012), (e) sentenças classificatórias sem adjetivos como exemplificadas em (10) também não teriam nem concordância, nem uma paráfrase infinitiva adequada.

(6)

- a. *Essa/ Minha criança é complicado.
- b. ^{ok}Estar/ brincar/criar com essa/ minha criança é complicado.

(7) *Gostoso, criança.

(8) *Ter/Usar/Passar¹⁷¹ Água micelar é bom pra limpar a pele do rosto

(9)

- (a) *Crianças está divertido.
- (b) Comprar uma casa neste bairro está impossível

(Foltran; Rodrigues, 2013, p. 287 exemplos (25) e (26), respectivamente 28b e 29 adaptados)

(10)

- (a) Caixas de leite é da Tetra-Pak.
- (b) Reclamações é no formulário vermelho.

¹⁷⁰ Deve-se notar, porém, que uma sentença como *brincar com crianças está divertido*, isto é, com o infinitivo explícito comporta também algum grau de desvio, mas *Com crianças está divertido* é certamente melhor que o exemplo apresentado. Por fim, deve-se observar que a infinitiva que permite o estativo, construiria outro tipo de sentença, um existencial, bem distante das panquecas (*Uma casa nesse bairro/Esse bairro está impossível*). Conto (2018) também discute com maiores detalhes algumas inadequações dos exemplos apresentados como argumento nesse ponto. O argumento em questão, assim como a evidência adicional apresentada em (e), a seguir, não aparecem mencionados no trabalho das autoras de 2014 (Rodrigues; Foltran, 2014, p. 280).

¹⁷¹ O sombreado foi usado para indicar essa presença apagada do infinitivo e permitir a visualização tanto da sentença sem o infinitivo *Água micelar é bom pra limpar a pele do rosto* quanto para a possível versão com infinitivo.

(Foltran; Rodrigues, 2013, p. 286 exemplos 27 a e 27 b)

Excluída a hipótese do infinitivo oculto, as autoras concentram-se no sujeito das sentenças “panquecas”. Ao analisá-los, recusam tanto a hipótese proposta por Enger (2004a)¹⁷² de concordância semântica por baixo grau de individuação do sujeito na escala da animacidade como a proposta do sujeito em posição A-barrada defendida por Danon (2012), além das propostas que agrupamos como pertencentes ao grupo (iii), isto é, aquelas que defendem a existência de outro conjunto de traços nos nomes para além dos traços-*phi*, os traços *concord*.

Sentenças estilo panqueca do PB apresentam sujeitos animados e sujeitos humanos, como ambos ocupam os graus superiores da escala de animacidade, tal proposta é automaticamente descartada pelas autoras. Quanto às propostas do sujeito em posição de tópico, a rejeição das autoras decorre do comportamento dos nomes nus em sentenças com sintagmas *qu*. Os interrogativos precedem o nome nu (vide (11)(a)) e, quando esse nome está deslocado à esquerda em posição de tópico (vide(11)(b)), é retomado por *isso* e precede o interrogativo como podemos constatar no contraste de (11).

(11)

(a) Quando_i que criança é divertido t_i?

(b) Criança, quando_i que isso é divertido t_i?

(Foltran; Rodrigues, 2013, p. 138 exemplos (22) a e b)

Além desses argumentos, as autoras alertam que as panquecas brasileiras podem ser complemento de verbos como *considerar*. Essa possibilidade seria um argumento contrário a uma hipótese de posição de tópico para sujeitos nus, dado que as análises propostas, em geral, para o verbo não asseguram uma posição de tópico na posição de complemento do verbo. Vemos, nos exemplos da autora abaixo, que um complemento com tópico pendente como (12)(b) é agramatical, mas SCs são aceitas¹⁷³.

(12)

¹⁷² A proposta de 2004 no tocante a existência dessa baixa individuação é mantida nos trabalhos posteriores do autor e no seu trabalho em colaboração (Enger, 2009, 2013; Haugen; Enger, 2014).

¹⁷³ É questionável o fato das autoras assumirem o paralelismo entre as sentenças “panqueca” brasileiras (mulher é complicado) e a SC *mulher complicado*. A manifestação visível da cópula é um requerimento dessas construções. Além disso, complementos de verbo considerar aceitam a inversão de predicado (algo que as próprias autoras listam como agramatical nas construções estudadas (*Pedro considera complicado, mulher*)).

- (a) Pedro considera mulher complicado.
- (b) *Pedro considera a Maria, ela inteligente.

(Foltran; Rodrigues, 2013, p. 138 exemplos 23 a e b)

Por fim, as autoras rejeitam análises centradas na atribuição de gênero arbitrário (*versus* gênero natural) como fonte da distinção entre concordância predicativa. Tal análise leva a conclusões equivocadas e prediria que as sentenças “panquecas” com singulares nus portadores de gênero natural como *menina* ou *atriz* apenas tivessem a opção de predicação “com concordância”.

As autoras propõem alternativamente centrar a análise nos sujeitos nus e na forma como tais sujeitos (não) projetam a camada D. Enquanto as construções “discordantes” seriam *small nominals* como propõe Pereltsvaig (2006), os sujeitos das sentenças “concordantes” não o seriam. Como *small nominals*, os nomes nus sujeitos de tais sentenças ocupariam posição argumental, mas não entrariam em relações de controle, ligação e concordância. Não projetariam também a camada Determinante (D), na qual se localizam os traços *index* (traços *phi* especiais responsáveis pela concordância externa). A concordância interna¹⁷⁴ ocorreria pela especificação, em N, de traços *concord*. Nessa configuração, veríamos a não concordância do predicativo, mas a concordância, por exemplo, de um modificador como um adjetivo atributivo no interior do sintagma nominal seria mantida.

Partindo da proposta acima apresentada, encontramos a proposta de Carvalho (2016b, 2017a). O autor discute o trabalho de Foltran e Rodrigues (2013) sobretudo quanto à implementação do mecanismo de concordância propondo-a em termos de traços. Partindo de uma adaptação da proposta de Preminger (2014), o autor vê a “discordância” presente nas sentenças “panquecas” brasileiras como resultado de subespecificação dos traços do nome, que, por não projetar o nó do determinante, não teria, especificado, o traço [*specific*]. Tal traço seria o responsável pela noção de “um indivíduo que é conhecido pelo falante” e permitiria habilitar o traço [*class*], que codificaria, não só a noção de gênero, como a de classe.

Saindo das propostas que agrupamos como (ii), encontramos o quarto tipo de proposta, a saber, aquelas relacionadas ao caráter genérico das sentenças. No trabalho de

¹⁷⁴ As autoras observam que a concordância denominada externa seria aquela realizada entre sujeito e predicado. Já a chamada concordância interna seria a responsável pela relação interna ao sintagma.

Conto (2018) encontramos uma análise alternativa as já apresentadas que considera, além da leitura situacional, a existência de uma correlação entre essa leitura e a genericidade.

Sentenças “panquecas” “sem concordância” marcada teriam uma leitura situacional, enquanto as “com concordância” teriam uma predicação¹⁷⁵ que incidiria diretamente sobre seres denotados pelo sujeito. Leituras “sem concordância” seriam, portanto, genéricas. A genericidade por trás das leituras situacionais seria a responsável pela não marcação de concordância.

A interpretação genérica seria possível pela presença de nomes nus e sintagmas cardinalizados não especificados nessas construções ou pela leitura coletiva no caso de sintagmas cardinalizados. Em todos os casos, isso tornaria o conjunto de indivíduos opacos para a predicação, permitindo a leitura situacional. A presença de sujeitos específicos, por outro lado, desabilitaria a leitura situacional sendo, por tal motivo, agramatical em contextos de não marcação de concordância.

Por fim, temos o trabalho de Martin, Carvalho e Alexiadou (2020). As autoras, ainda que analisem outras línguas, se detêm, na comparação entre as sentenças “panquecas” do francês e PB. Martin e colegas observam, na linha de Conto (2018) que, diferentemente do francês em que as leituras episódicas são permitidas não recebendo interpretação genérica, no português, as sentenças são obrigatoriamente episódicas.

O francês teria dois tipos de discordâncias (*mismatch*): uma com elemento focalizado, em que há um pronome demonstrativo neutro *ce*, com o qual o predicativo concordaria emergindo a forma padrão masculina e singular e outra quando há sujeitos contendo numerais, para os quais é habilitada a discordância mesmo na ausência do pronome demonstrativo ou do deslocamento à esquerda. Nesse último caso, há uma interpretação típica de sentenças “panquecas”, a leitura de espécie.

As autoras associam a condição de “panquecas” à existência de uma leitura eventiva e a um predicado de segunda ordem. Propõem que, em todas as línguas contendo sentenças “panquecas”, a visualização da “discordância” é efeito de uma concordância com um *ce* não elíptico que desencadeia o tipo de marca morfológica encontrada no predicado. Esse elemento coberto será também o responsável pela leitura “indireta” atribuída ao sujeito, forçando a uma reinterpretação do tipo de evento ou reinterpretação de espécie.

¹⁷⁵ Não detalharemos aqui, mas a autora também defende nesse trabalho e anterior (De Conto, 2015) que há uma restrição a predicados avaliativos. Esse caráter avaliativo é um parâmetro licenciador da construção não marcada.

No PB, para as autoras, a interpretação é sempre panqueca. Os nomes nus do PB teriam a mesma função do pronome francês *cê*, porém enquanto o francês faria essa mudança de tipo cobertamente, o PB a faria abertamente, já que, seguindo Müller (2002), tanto os nomes nus singulares quanto os nomes nus plurais representariam espécies.

Segundo Martin e colaboradores, em francês, o pronome *cê* é necessário para funcionar como operador-panqueca e desencadear a reinterpretação do tipo de evento. Esse operador é essencial para garantir que uma sentença (13) possa ser interpretada como genérica, diferentemente da versão “concordante” (14), cuja única interpretação possível é a específica (Martin; Carvalho; Alexiadou, 2020, p. 174).

- (13) Les crêpes, c’est délicieux/savoureux
 As.pl panqueca.f.pl dem=ser.3sg.prs delicioso.m.sg (genérico/específico)
 ‘(As) panquecas, isso é delicioso/saboroso’

- (14) Les crêpes, sont délicieuses/savoureuses
 As.pl panqueca.f.pl ser.3pl.prs delicioso. f.pl
 ‘As panquecas estão (nesse momento) gostosas.’ não: ‘Panquecas são normalmente gostosas.’

(Martin; Carvalho; Alexiadou, 2020, p. 174 exemplo 87)

Outro argumento suscitado no trabalho diz respeito à possibilidade de, no PB, existir concordância, mas ainda assim haver a manutenção de genericidade mesmo quando os predicados envolvem situações e/ou estados de coisas. Nessas situações, considera-se, agramatical, a ausência de marcação de concordância (vide gramaticalidade de (15) versus agramaticalidade das versões “discordantes” (16).

- (15)
 (a) Maçã é vermelha
 (b) Criança é barulhenta

- (16)
 (a) *Maçã é vermelho
 (b) *Criança é barulhento

(Martin; Carvalho; Alexiadou, 2020, p. 177–178)

Questionamo-nos se PB não poderia ter, ao invés de um operador-panqueca, um operador SCL “discordante”. Como propusemos em 3.2, o pronome *isso* nulo seria um operador nulo similar ao *ce (isso)*¹⁷⁶ do francês capaz de permitir uma leitura situacional como uma leitura em que há uma relação entre genérico e específico (todo-parte).

Na presença de tal elemento, além de disparar a concordância neutra, haveria a predominância de uma leitura genérica quer relativa a um contexto ou situação, quer por uma estratégia generalizantes em que a atribuição de propriedade a um sujeito seria mediada pela inserção de uma espécie (*kind*) como *isso*.

4.2.SCLs e Sentenças “Panquecas”: resultados da retomada anafórica

Iniciaremos essa seção recuperando o exemplo de retomada anafórica apresentado em 3.1.1 e abaixo reproduzido.

Grupo A: Sem concordância explícita

(17)

- (a) Que lindo, essa botai_i, mas eu não consigo usar ela?_{i/j}¹⁷⁷!
- (b) Que rápido/Chato, essa reunião_i, mas não posso deixar ela?_{i/j}!
- (c) Que fofinho, essa doguinha_i, mas ninguém quer adotar ela_{i/j}!
- (d) Que delicado, essa moça da recepção_i, mas não consegui falar com ela_{i/j}!

(18)

- (a) Que lindo, essa botai_i, mas eu não consigo usar \emptyset _{i/*j}¹⁷⁸!
- (b) Que rápido/Chato, essa reunião_i, mas não posso *deixar/sair \emptyset _{?i/*j}!
- (c) ? Que fofinho, essa doguinha_i, mas ninguém quer adotar \emptyset _{?i/j}!
- (d) *Que delicado, essa moça da recepção_i, mas não consegui conhecer/encontrar \emptyset _{*i/*j}!

Grupo B: Com concordância explícita

(19)

- (a) Que linda, essa botai_i, mas eu não consigo usar ela_{i/j}!

¹⁷⁶ Possivelmente equivalente ao *ça* do Francês, mas aplicável a animados não humanos.

¹⁷⁷ O índice “j” estaria indicando um referente externo apenas pragmática ou discursivamente indicado. Isto é um referente indicado por uma estratégia como apontamento, por exemplo ou apresentado contextualmente no encadeamento do discurso.

¹⁷⁸ O índice “j” estaria indicando um referente externo apenas pragmática ou discursivamente indicado. Isto é um referente indicado por uma estratégia como apontamento, por exemplo ou apresentado contextualmente no encadeamento do discurso.

- (b) Que rápida/Chata, essa reunião_i, mas não posso deixar ela _{i/j}!
- (c) Que fofinha, essa doguinha_i, mas ninguém quer adotar ela _{i/?j}!
- (d) Que delicada, essa moça da recepção_i, mas não consegui encontrar ela _{i/j}!

(20)

- (a) Que linda, essa bota_i, mas eu não consigo usar \emptyset _{i/*j}¹⁷⁹!
- (b) Que rápida/Chata, essa reunião_i, mas não posso *deixar/sair \emptyset _{*i/?j}!
- (c) Que fofinha, essa doguinha_i, mas ninguém quer adotar \emptyset _{i/*j}!
- (d) *Que delicada, essa moça da recepção_i, mas não consegui encontrar \emptyset _{*i/*j}!

É interessante que o paradigma encontrado em SCLs “sem concordância” para os objetos nulos parece ser o mesmo visualizado em nomes nus (*bare singular*), como vemos no teste abaixo (vide sentenças (17) e (22)). Reproduzimos o teste com sentenças “panquecas”, uma vez que SCLs, como já visto, *via de regra*, excluem esse tipo de sujeito. Sentenças apresentadas em (21) apresentam a retomada com nomes plenos enquanto (22) mostra o teste de gramaticalidade com objetos nulos.

(21)

- (a) *Bota_i é lindo, mas eu não consigo usar ela_{i/j}!
- (b) *Reunião_i é rápido/chato, mas eu não posso deixar ela_{i/j}!
- (c) *Doguinha_i é fofinho, mas ninguém quer adotar ela_{i/j}!
- (d) *Moça_i é delicado, mas eu não consegui falar com ela_{i/j}!

(22)

- (a) Bota_i é lindo, mas eu não consigo usar \emptyset _{i/*j}!
- (b) Reunião_i é rápido/chato, mas não posso *deixar/sair \emptyset _{?i/*j}!
- (c) *Doguinha_i é fofinho, mas ninguém quer adotar \emptyset _{??i/j}!
- (d) *Essa moça da recepção_i é delicado, mas não consegui conhecer/encontrar \emptyset _{*i/*j}!

O resultado encontrado é o mesmo já apresentado por Carvalho (2016b, 2018), ainda que não tenhamos usado a forma clítica. Não estamos também considerando o resultado do teste produzido por Siqueira (2017) que contradiz o argumento de retomada pronominal Carvalho (2016b, 2018), uma vez que restam algumas dúvidas sobre os resultados do teste. Ainda que a autora use o exemplo com modificação adjetival aplicado pelo autor, a ausência de um contraste entre a forma com retomada por um

¹⁷⁹ O índice “j” estaria indicando um referente externo apenas pragmática ou discursivamente indicado. Isto é, um referente indicado por uma estratégia como apontamento, por exemplo, ou apresentado contextualmente no encadeamento do discurso.

pronome pleno e nulo, pode ter levado a uma anomalia nos testes, havendo inclusive a interferência de uma gramática periférica, no sentido de Kato (2005, 2013) típica da escolarização¹⁸⁰.

Tal dado reforça, conforme Carvalho (2016b, 2018), a presença de leitura de genericidade em ambas as construções, posto não permitir a retomada por um pronome definido. A questão que permanece é como operacionalizamos essa genericidade, se a genericidade de sentenças “panquecas” está centrada na presença dos nomes nus que são excluídos em SCLs. Dedicaremos a seção seguinte para realizar essa discussão.

4.3. Oposição quanto ao tipo do sujeito: É apenas essa a diferença entre SCLs e sentenças “panquecas”?

O cerne das discussões de melhor cobertura empírica está na existência de sujeitos nus nas sentenças “panquecas”. Eles serão os responsáveis, em última análise, por desencadear, quer o caráter genérico que comportam, quer a leitura de espécie ou até a subespecificação de traços. Ocorre, porém, que SCLs discordantes são agramaticais justamente com esse tipo de sujeito. Como visto na seção 1.1.3 tais sentenças requerem sujeitos específicos, ainda que aceitem subespécies.

Outro diferencial importante a ser explorado está na leitura das SCLs. Enquanto sentenças “panquecas” são entendidas como genéricas e episódicas na ausência de marca de concordância de gênero no predicado - mas também na presença, nos casos de predicados que envolvem situações ou estados de coisas – SCLs parecem permitir uma variação maior.

Recuperando a discussão que temos apresentado desde o Capítulo 3 desta tese, identificamos, em (23), múltiplas leituras. Ainda que se possa ter, no exemplo citado, a leitura de que há uma situação em que comer panqueca é gostoso, a leitura do gosto bom da panqueca específica também não pode ser descartada.

(23) Que gostoso, essa panqueca!

¹⁸⁰ O teste apresentado, além de fazer uso dos clíticos *lo, la*; clíticos acusativos de terceira pessoa que, conforme Nunes (2003) estariam inclusive passíveis de extinção, utiliza-se, na mesma sentença, o sujeito nulo (“*mas não posso..*”). Sujeitos nulos são típicos da gramática do letrado e, não raras vezes, aprendidos na escola (cf. Magalhães (2003)). A conjunção dos fatores pode nos fazer questionar por qual gramática os informantes julgaram as sentenças testadas.

A coordenação de sujeitos é outro ambiente em que verificamos duplicidade de leituras. SCLs têm leituras diferentes “com concordância” completa (gênero e número) veja-se (24)(a), concordância parcial (somente gênero) vide (24)(b) e discordante (24)(c), como conferimos abaixo.

(24)

(a) Que bonitas essa blusa e essa saia! (leitura individual e do conjunto (blusa +saia))

(b) Que bonita essa blusa e essa saia! (leitura individual)

(c) Que bonito, essa blusa e essa saia (leitura de conjunto)

Além da variação de leitura, as SCLs discordantes permitem predicados de situações e estados, como vemos pela gramaticalidade das sentenças (25). Para predicados relacionados exclusivamente a indivíduos, a única restrição é que haja um contexto contrastivo.

(25)

(a) Que vermelho, essa maçã (verde)!

(b) Que barulhento, essa(s) crianças.

Sentenças com conteúdo similar na forma copular são levantadas no trabalho de Martin (2020) como exemplos em que, diferentemente do francês, há agramaticalidade no PB (vide (16), repetidos como (26) abaixo).

(26)

(a) *Maçã é vermelho!

(b) *Criança é barulhento!

Observemos, porém, que, mesmo na presença de concordância, há margem para uma leitura de espécie (vide discussão apresentada em 2.1.3 e quadro sinótico presente na página 144). É o que vemos em um exemplo como (27) abaixo.

(27)

(a) Que vermelhas, essas maçãs Red!

(b) Que gostosas, aquelas tortas da cozinha mineira!

Nas sentenças que envolvem predicados de gosto pessoal, sobretudo na presença de sujeitos plurais não é difícil termos uma leitura de espécie, na realidade, *subkind*. No campo da SCL “sem concordância”, casos como o apresentado em (25) também contribuem para mostrar como SCLs causam assimetria quando analisadas dentro do paradigma construído para as sentenças “panquecas”. SCLs podem habilitar interpretação genérica mesmo na presença de concordância. Além disso, a ausência de

concordância, embora habilite a genericidade, mantém uma leitura de atribuição de predicado a entidades específicas.

Essas múltiplas possibilidades encontradas nas SCLs criam uma assimetria e uma incoerência na proposta pensadas para as sentenças “panquecas” quando aplicada ao paradigma completo da discordância do PB, que passaria a incluir, não apenas sentenças “panquecas”, mas SCLs.

Em primeiro lugar, não é possível atribuímos exclusivamente aos nomes nus a mudança de tipo. Em segundo lugar, como visto no Capítulo 2, a presença de predicados de gosto pessoal joga com uma importante distinção na identificação das possibilidades de genericidade. Logo, a atribuição da mudança exclusivamente ao tipo de sujeito não é uma possibilidade viável considerando esse alargamento do paradigma, provocado pela inclusão das SCLs. Seria falha, portanto, a noção inicial da suficiência da presença de nomes nus no PB para o desencadeamento da leitura genérica, sendo necessária uma explicação adicional da motivação da relação estreita entre a predicação e os sujeitos.

A “inversão” do predicado em PB parece abrir a possibilidade de termos uma mudança de tipo no sentido inverso ao do francês, reinserindo a dupla leitura e criando uma leitura genérica mesmo na presença de sujeitos específicos. Há, inclusive, a possibilidade de termos a inserção de um sujeito demonstrativo neutro (mas nunca uma forma marcada para gênero) como sujeito dessas construções, tal como apontamos no Capítulo 3. Para facilidade do leitor, rememoramos sinteticamente, no exemplo abaixo, a gramaticalidade do exemplo (28)(a) contendo o neutro e agramaticalidade de (28)(b) contendo as formas pronominais com gênero marcado.

(28)

- (a) Que gostoso, isso, essa panqueca!
- (b) *Que gostoso, essa/ela/esse/ele, essa panqueca!

Vemos que há, assim, certa similaridade entre as SCLs “sem concordância” e as construções-*ce* do francês como visto na proposta de Martin e colegas (Martin; Carvalho; Alexiadou, 2020). Se as construções-*ce* eram sentenças contendo sujeitos específicos, mas deslocados à esquerda em posição de tópico e eram responsáveis pela mudança de tipo que habilitaria o caráter genérico, SCLs “sem concordância” também possuiriam tópico, elementos movidos à esquerda e imersão de pronome não marcado, embora contem com algumas diferenças.

SCLs “sem concordância” não teriam sujeitos movidos à esquerda, mas teriam predicados movidos para essa posição. Como visto no exemplo anterior, tais sujeitos poderiam inclusive vir acompanhados do demonstrativo, assim como terem reduplicação com a presença de um pronome. Embora não abordemos aqui, há fortes indícios dessa posição topicalizada para além da entonação (textualmente indicada pela vírgula) como a possibilidade de inserção de outros elementos topicalizados (vide a inserção do pronome visível), assim como elementos adverbiais.

Embora seja necessário maiores estudos tanto relativamente a essa relação de hiperonímia/nome geral existente na cadeia formada entre demonstrativo e sujeito à direita, quanto a um maior detalhamento entre os tipos de predicados deslocados à esquerda (que, certamente são menos restritos do que em sentenças “panquecas”), parece promissor assumir, para o PB, um operador *isso* aberto ou nulo como operador de mudança de tipo presente nas SCLs “sem concordância”.

A concordância (*matching*) do predicado, nesses casos, ocorreria com o demonstrativo, pronunciado ou não, e, por tal motivo, estaríamos visualizando a forma masculina singular usada para nomes não marcados em PB. Ficaríamos, assim, com um sistema similar ao proposto para o francês em que, na presença de sujeitos outros que não o nome nu, a leitura de genericidade é permitida em SCLs por meio do operador *isso*.

Tal operador, seria capaz de recuperar tanto eventos/situações como apontar para um *subkind*. No segundo caso, teríamos uma operação de tipo que poderia especificar uma ocorrência particular. Recuperando o exemplo de Marques e Basso (2017) tratado no 2.1.3, em uma sentença com PGP sobre o “bolo de laranja da minha mãe” tanto poderíamos ter uma predicação que seleciona o tipo de bolo de laranja que a mãe do falante habitualmente produz como uma ocorrência específica do bolo produzido pela mãe do falante.

Na seção seguinte realçaremos alguns aspectos de nossa proposta mostrando o diálogo existente com as sentenças “panquecas”.

4.4. Leitura de evento e ambiguidade de leituras

Nesta seção, trataremos a ambiguidade de leituras encontradas em SCLs. Assim como sentenças “panquecas”, SCLs podem ter uma ou mais leituras, porém não com todos os tipos de predicado. Como já adiantamos, temos, nos predicados, dois grandes grupos: aqueles que são aplicáveis tanto a eventos/situações como os que são aplicáveis diretamente a indivíduos. Nessa última categoria, estão os adjetivos descritivos relacionados a cor, forma, tamanho, nacionalidade, etc.

Como podemos ver, abaixo, temos diferentes níveis de gramaticalidade nas SCLs “sem concordância” em contexto *out of the blue*. Sentenças apresentadas em (31) a (32) apresentam predicados típicos de indivíduo (*peludo(a)*, *vermelho(a)*, *italianíssimo(a)*, *alto(a)*, *velho(a)*). São também as sentenças com pior juízo de gramaticalidade – sendo agramatical no caso de *italianíssimo* em (31)(c) – o que poderia nos conduzir a considerar que SCLs são predominantemente ou preferencialmente situacionais. Porém observando melhor os exemplos dos predicados aplicáveis tanto a eventos como a indivíduos apresentados em (29) a (30) e aqueles aplicados somente a indivíduos apresentados em (31) e (32), podemos identificar um panorama diferente.

Grupo A: Sem concordância explícita

(29)

- (a) Que gostoso, essa torta!
- (b) Que gostoso, essa cachorrinha/ princesinha!
- (c) Que chato, essa internet!
- (d) Que chato, essa Júlia/ essa criança!

Grupo B: Com concordância explícita

(30)

- (a) Que gostosa, essa torta!
- (b) Que gostosa, essa cachorrinha/ princesinha!
- (c) Que chata, essa internet!
- (d) Que chata, essa Júlia/ essa criança!

Grupo A: Sem concordância explícita

(31)

- (a) ? Que peludo, essa ovelha!
- (b) ? Que mega vermelho, essa rosa!
- (c) *Italianíssimo, essa torta!
- (d) ?? Que alto/velho, essa cachorrinha/ princesinha!
- (e) ?? Que alto/velho, essa Júlia/ essa criança!

Grupo B: Com concordância explícita

(32)

- (a) Que peluda, essa ovelha!
- (b) Que mega vermelha, essa rosa!
- (c) Italianíssima, essa torta!
- (d) Que alta/velha, essa cachorrinha/ princesinha!
- (e) Que alta/velha, essa Júlia/ essa criança!

Em primeiro lugar, para o que chamarei de primeiro grupo, isto é, as (29) e (30) podemos ter ambiguidade de leituras no caso de SCLs “sem concordância”, com uma exceção: (d).

A sentença contendo um sujeito com traço [+humano] têm apenas a leitura de situacional (diferente da sentença (d) “com concordância”). Uma sentença como (c) pode significar tanto que a chatice é uma característica/propriedade da internet como algo/alguma situação envolvendo internet é chata, algo que não ocorre com a versão “com concordância” (c). Porém se tivermos, no sujeito, um traço [+humano], a leitura de característica ou propriedade é aplicável à versão “sem concordância” ((d)), inexistindo tal leitura na versão “com concordância” em (d).

Já em uma sentença contendo predicados tipicamente individuais como os presentes nos testes de (31)(d) - (31)(e) e (32)(d) - (32)(e), há uma forte tendência à agramaticalidade de predicados animados sobretudo em contexto *out-of-the-blue*.

Veja-se que uma sentença como (d) ou (e) dificilmente atribuem, ao sujeito, a propriedade. Em tais sentenças, há uma busca por um contexto em que a adjetivo possa ser atribuído a ele. Assim, quanto mais definido o contexto, menor o desvio notado. Suponha que um turista esteja contemplando edifícios altos à beira mar. Em tal contexto, ao avistar um animal ou até uma pessoa específica (a filha Júlia que subiu em um dos edifícios altos sem ser notada) exclamar uma sentença como (d) ou (e) não seria antinatural e certamente a sentença seria boa ou com grau leve de desvio.

Raciocínio similar pode ser empregado em um contexto do predicado *velho* como sinônimo de antigo. Nessas condições, as sentenças tomam um valor existencial. Porém, para uma sentença em que haja uma leitura totalmente identificacional, as sentenças são completamente agramaticais “sem concordância” (vide (c)).

Nesse ponto identificamos que a principal diferença entre SCLs e sentenças “panquecas” diz respeito a essas restrições nos traços de animacidade, humanidade e a exclusão de relações identificacionais. Abaixo, vemos que as panquecas paralelas às SCLs não apresentam a agramaticalidade nem as restrições de leitura notadas com SCLs “sem concordância”.

Grupo A: Sem concordância explícita

(33)

- (a) Torta é gostoso!
- (b) Cachorrinha/ Princesinha é gostoso!
- (c) Internet é chato!
- (d) Júlia/ criança é chato!

(34)

- (a) Ovelha é peludo!
- (b) Rosa é (mega) vermelho!
- (c) Torta é italianíssimo!
- (d) *Cachorrinha/ Princesinha é alto/velho!
- (e) *Júlia/ Criança é alto/velho!

Grupo B: Com concordância explícita

(35)

- (a) Torta(s) é/são gostosa(s)!
- (b) *Cachorrinha(s)/ Princesinha(s) é gostosa!
- (c) Internet é chata!
- (d) Júlia/ criança é chata!

(36)

- (a) Ovelha é peluda!
- (b) Rosa é (mega) vermelha!
- (c) ??Torta é italianíssima!
- (d) ??Cachorrinha/ Princesinha é alta/velha!
- (e) Júlia/ Criança é alta/velha!

Há, em sentenças “panquecas”, como pudemos ver, uma restrição com relação aos predicados tipicamente atributivos e nomes animados, porém ela não é da mesma

natureza da encontrada em SCLs “sem concordância”, nem parece poder ser atenuada contextualmente.

Vimos, assim, que SCLs contemplam também o tipo de genericidade encontrado em sentenças “panquecas”, a saber, argumentos de ocorrência relacionado a situações, ainda que não se esgotem nela. Diferentemente das sentenças copulares que, em versões com expressão morfológica de concordância em predicados típicos de indivíduo, apresentam massivamente resultado agramatical (vide (36)), SCLs conseguem manter uma leitura de espécie.

Quando tais predicados estão relacionados a sujeitos animados e, especialmente humanos, em que a leitura situacional é dificultada, tanto SCLs como sentenças “panquecas” mostram, se não agramaticalidade, pelo menos, um alto grau desvio (vide SCLs de (31)(d) - (31)(e) *versus* (32)(d) - (32)(e)).

Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos outro tipo de discordância presente no PB: as sentenças “panquecas”. Diferentemente das SCLs, sentenças “panquecas” são sentenças copulares que aparecem na forma SUJEITO >CÓPULA> PREDICADO, exibem sujeitos nomes nus, comportam genericidade e podem ter leitura situacional. Em alguns casos, são agramaticais se o predicado apresentar marca de concordância.

SCL, por outro lado, geralmente, rejeitam esse tipo de sujeito que tem sido tomado como elemento fundamental na construção da genericidade. Vimos, em 4.2, a similaridade entre SCLs e sentenças “panquecas” nos casos de retomada pronominal, indicando que ambas mantêm uma relação de genericidade, já que não permitem retomada específica.

Na seção seguinte (4.3), nos questionamos como manter a genericidade para SCLs se o elemento central apresentado para as propostas das sentenças “panquecas”, a saber, os sujeitos nus, não estão disponíveis para as SCLs. Além de mostrarmos como a nossa proposta de SCL pode dialogar com o paradigma das “discordâncias” do PB, comportando, paralelamente com o *ce* do Francês, um operador coberto de generalidade: o pronome hiperônimo/nome geral nulo *isso*.

Finalizamos mostrando que as diversas leituras possíveis em SCLs, mas não em sentenças “panquecas”, permitem que visualizemos um maior número de sentenças

gramaticais nas SCLs comparativamente às sentenças “panquecas” que dispõem exclusivamente de leituras situacionais. Nessa direção, indicamos que predicados típicos de indivíduos se mostram como bons indicadores dessa dinâmica de leituras.

5. Conclusão

Esta tese abordou as SCLs “sem concordância” do PB. Mostrou que, embora elas mantenham uma similaridade com as sentenças “panquecas”, possuem algumas diferenças especialmente com relação à restrição relacionada aos sujeitos [+humanos]. Tais construções desabilitam a leitura atributiva individual, o que não ocorre no caso de sentenças “panquecas”.

Atribuímos tal restrição à presença do item elidido o pronome neutro *isso*. Tal pronome sem conteúdo fonético seria um pronome anafórico que não teria capacidade de retomar nomes [+humanos]. Seria um *pro- ϕ* na proposta de Déchaine e Wiltschko (2002), porém com um sentido semântico de [group] conforme Kratzer (1998).

Esse pronome, por encontrar um referente ligado NP, não apresentaria conteúdo fonético, já que pronomes teriam um feixe de traços abstratos funcionando como uma variável cuja necessidade de expressão fonológica seria a de encontrar um referente conforme Panagiotidis (2002), vide Capítulo 4. Logo, estando ligado a um *pro-DP* ou um DP completo não haveria necessidade de expressão fonológica.

Quanto aos traços *phi* desse pronome, adotamos a proposta de Carvalho (2011, 2016a, 2017b, 2018) de que há apenas um traço [Group] para esse elemento, havendo subespecificação para gênero. Tal traço desencadeará a concordância com a forma não marcada, isto é, masculino singular visualizada no predicado dessas SCLs “sem concordância”.

No tocante às distintas leituras encontradas, consideramos que o elemento proposto é capaz de funcionar como sujeito quer em leituras situacionais, quer em leituras individuais. Nesse último caso, é um hiperônimo com redobro de sujeito. No caso de leituras situacionais, ele será um operador de genericidade, ao modo do que ocorre com o operador *cê* do francês proposto por Martin, Carvalho e Alexiadou (2020), capaz de selecionar leituras situacionais e introduzir uma habitualidade mesmo na ausência de um *bare noun* (nome nu) como sujeito.

Retomando as questões que nortearam esse trabalho como apresentado na introdução, respondemos à questão I (“I. SCLs “com” e “sem concordância” estão em uma variação livre e/ou diferenciam-se apenas quanto a um traço morfológico mais ou menos especificado presente no predicado?”) confirmando nossa hipótese de negativa da questão. Testes como interpretação de coletividade/distributividade em coordenadas, teste de

anáforas e ligações pronominais mostraram-se bastante diversos nas duas sentenças indicando a existência de uma estrutura sintática distinta entre os dois tipos de SCLs.

Tais fatos também nos conduziram às respostas das terceiras e quartas questões apresentadas, a saber, respectivamente “há uniformidade naquilo que chamamos de SCLs “sem concordância” especialmente quanto às leituras?” e “Qual a generalização que podemos fazer com relação ao comportamento da “discordância” em SCLs?”.

Essas questões foram desenvolvidas, a partir do Capítulo 2, ao identificarmos que podemos ter até 3 leituras distintas: uma relacionada a argumento de espécie e duas relacionadas às ocorrências, a depender do tipo de predicado e sujeito envolvidos.

Os dados e a literatura prévia sobre as sentenças “panquecas” mostraram que SCLs podem ser tão ambíguas quanto Siqueira (2017) propõe serem as sentenças “panquecas”. Nesse ponto, seguimos para a resposta à questão 2, que localiza as SCLs dentro do paradigma de discordâncias do PB. Vemos que nossa hipótese de identidade parcial foi confirmada, posto que, além das distinções próprias da natureza de SCLs (restrições a *bare singulars*, por exemplo), identificamos a restrição e coesão a situacionais quando há predicados típicos de indivíduos e sujeitos [animados]. Já no caso de traços [+humano], a ausência de concordância só é capaz de alcançar a leitura situacional.

Essa restrição de traços de animação é coerente com a proposição do pronome neutro *isso* que, ainda que possa retomar seres animados, é mais apropriado a situações e inanimados. Já no caso de [+ humanos] ainda que o predicado seja individual, a dificuldade em redobro com hiperônimo parece ser acentuada a ponto de inviabilizar tal leitura possivelmente por uma restrição de seleção que necessitaria ser estudada com maior profundidade a partir da proposta que aqui apresentamos.

Com isso, o trabalho desenvolvido não só desvelou uma nova construção “discordante” no PB, a saber, SCLs “sem concordância”, apresentando suas propriedades e relacionando-as com as sentenças “panquecas”, como indicou de que forma tal construção poderia compor o paradigma da discordância do PB: contemplando um operador nulo coberto, formado por um pronome tipo *isso*, a par do que se têm no francês.

Apresentou ainda uma proposta de estrutura para as chamadas SCLs “sem concordância” mostrando que as posições de predicado e sujeito são distintas das sentenças “com concordância”, gerando efeitos sintáticos em anáforas, partitividade, coordenações, entre outros. Trabalhos adicionais serão necessários para detalhar melhor a relação entre os tipos de predicados envolvidos e as leituras apresentadas, especialmente quando a sentença

não envolve um predicado de gosto pessoal (PGP). Além disso, um melhor detalhamento da relação entre hiperônimos/nomes gerais e a cadeia formada com o sujeito também se faz necessário.

Referências:

- ABNEY, Stephen Paul. The English Noun Phrase in its Sentential Aspect. **RLE Progress report**, n. 130, p. 234 p., 1987. ISSN: 0163-9218. ISBN: 0376404. Disponível em: <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=11923795>.
- AGOSTINHO, Ana Livia; LAMBERTI, Luana; SANTOS, Eduardo Ferreira Dos. Concordância de gênero variável em Português: aproximações entre variedades africanas e afro-brasileira. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, p. 40–69, 2021. ISSN: 1984-591X. DOI: 10.21165/GEL.V18I3.3276. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3276>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- ALEXIADOU, Artemis; STAVROU, Melita. Ethnic adjectives as pseudo-adjectives: A case study on syntax-morphology interaction and the structure of DP. **Studia Linguistica**, v. 65, n. 2, p. 117–146, 2011. ISSN: 00393193. DOI: 10.1111/J.1467-9582.2011.01179.X.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; RAMOS, Jânia Martins. **NOMES GERAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO NOMES GERAIS NO PORTUGUÊS**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014. ISBN: 978-85-7758-247-1. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Amaral_e_Ramos_2014_Nomes_gerais_no_português_brasileiro.pdf. Acesso em: 1 out. 2023.
- ANTONINO, VÍVIAN. **A CONCORDÂNCIA NOMINAL EM PREDICATIVOS DO SUJEITO E EM ESTRUTURAS PASSIVAS NO PORTUGUÊS POPULAR DO INTERIOR DO ESTADO DA BAHIA**. 2007. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12040>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- BASILICO, David. The Topic of Small Clauses. **Linguistic Inquiry**, v. 34, n. 1, p. 1–35, 2003. ISSN: 0024-3892. DOI: 10.1162/002438903763255913. Disponível em: <https://direct.mit.edu/ling/article/34/1/1/175/The-Topic-of-Small-Clauses>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed., Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kA5LywXfV-kC&oi=fnd&pg=PT6&dq=gramatica+portuguesa+bechara+37&ots=E6o8f9FduD&sig=H8jLu8oi26BceWhoJETMdFx07_E#v=onepage&q=gramatica+portuguesa+bechara+37&f=false. Acesso em: 26 jan. 2019.
- BÉJAR, Susana; REZAC, Milan. Person licensing and the derivation of PCC effects. **Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science series 4**, p. 49-62, 2003.
- BELLETTI, Adriana. «Inversion» as focalization and related questions. **Catalan Working Papers in Linguistics (CatWPL)**, n. 7, p. 9–45, 1999. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/CatalanWP/article/download/18136/17977>. Acesso em: 4 maio. 2022.
- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile (org.). **Problemas de linguística geral**. 4ª EDIÇÃO ed. Campinas: Pontes, 1995. v. 1p. 277–283. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=BENVENISTE%2C+Émile.+A+natureza+dos+pronomes.+In%3A+BENVENISTE%2C+E+.,+Problemas+de+linguística+geral+I.+4a+ed.+Campinas%2C+SP%3A+Pontes%2C+1956%2F1995.&btnG=. Acesso em: 27 mar. 2023.
- BERGAMINI-PEREZ, JF; ESTUDOS, AT Neto-Cadernos De; 2020, Undefined. Os adjuntos temporais na perspectiva da Cartografia Sintática e da Semântica de Eventos. **periodicos.sbu.unicamp.br**, v. 62, p. 200, 2020. DOI: 10.20396/cel.v62i0.8658752. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8658752>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- BERWICK, RC; CHOMSKY, N. Why only us: Language and evolution. MIT press, 2016.
- BOSQUE, Ignacio. Sobre las diferencias entre los adjetivos relacionales y los calificativos. **Revista Argentina de Lingüística**, p. 9–48, 1993. Disponível em: https://www.academia.edu/download/44362629/BOSQUE_Adjetivo_de_relacion.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BOSQUE, Ignacio; PICALLO, Carme. Postnominal adjectives in Spanish DPs. **Journal of Linguistics**, v. 32, n. 2, p. 349–385, 1996. ISSN: 14697742. DOI: 10.1017/S0022226700015929.
- CANÇADO, Márcia. **MANUAL DE SEMÂNTICA NOÇÕES BÁSICAS E EXERCÍCIOS**. 2ª. Edicçã ed., Belo Horizonte - MG: Editora UFMG, 2005. ISBN: 9788570416803. Disponível em: https://www.academia.edu/download/60662799/Manual_de_semantica20190921-20261-dip8y0.pdf. Acesso em: 1 out. 2023.
- CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michal. The typology of Structural Deficiency: A Case Study of three Classes of Pronouns. In: **Clitics in the languages of Europe**. Blackwell Publishing 1999.
- CARLSON, Greg N. **Reference to Kinds in English**. 1977. University of Massachusetts, 1977. Disponível em: <https://ci.nii.ac.jp/naid/10020651358/>. Acesso em: 11 fev. 2019.

- CARVALHO, Danniell. Sincretismo, subespecificação de traços e a sintaxe de gênero no português afro-brasileiro. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato**, p. 83–97, 2011. ISSN: 0103-9415. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/download/1721/1532>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- CARVALHO, Danniell. Concordância fracassada é, na verdade, relativização de traços. In: PILATI, Eloisa N. S. (org.). **Temas em teoria gerativa: homenagem a Lucia Lobato**. Curitiba PR: Blanche, 2016 a. p. 103–129. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301780099>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- CARVALHO, Danniell. Concordância fracassada é, na verdade, relativização de traços. In: PILATI, Eloisa N. S. (org.). **Temas em teoria gerativa: homenagem a Lucia Lobato**. Curitiba PR: Blanche, 2016 b. p. 103–129.
- CARVALHO, Danniell. Canonical and non-canonical gender agreement in Brazilian Portuguese. In: (St John's College/University of Cambridge/UK, Org.)CAMCOS 6 2017a, UK. **Anais [...]**. UK DOI: 10.13140/RG.2.2.16431.33447. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316693310_Canonical_and_non-canonical_gender_agreement_in_Brazilian_Portuguese. Acesso em: 4 jul. 2017.
- CARVALHO, Danniell. Uma proposta de estrutura interna para os pronomes pessoais no português brasileiro. **Signótica**, v. 29, n. 2, p. 455, 2017 b. DOI: 10.5216/SIG.V29I2.41134.
- CARVALHO, Danniell. O traço de gênero na morfossintaxe do português. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 2, p. 635–660, 2018. ISSN: 0102-4450. DOI: 10.1590/0102-445008104720040323. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/delta/a/FNHwsvr63RcGs5Rvr6X5k4y/?format=html>. Acesso em: 1 mar. 2022.
- CARVALHO, Danniell da Silva. A estrutura interna dos pronomes pessoais em Português Brasileiro. 151f. 2008.
- CARVALHO, Danniell da Silva. Geometria de traços e a sintaxe de pronomes no português brasileiro. **Textos Selecionados do XXV Encontro Nacional**, 2010. Disponível em: http://www.academia.edu/download/58844502/Carvalho_2010.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.
- CARVALHO, Danniell da Silva. Sobre pessoa e referencialidade no português. **Revista Letras**, v. 91, n. 0, p. 2236–0999, 2015. ISSN: 0100-0888. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/39836>. Acesso em: 26 mar. 2023.
- CEGALLA, DP. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48^a. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. Disponível em: <https://cdnstatic8.com/fundacaomatiasmachline.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Lista-dos-Livros-Ensino-Médio-Técnico-1-ANO.pdf>. Acesso em: 5 maio. 2021.
- CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira. **O pronome pleno de terceira pessoa: estrutura interna e relações referenciais**. 2019. Instituto de Letras, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29875>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- CERQUEIRA, Fernanda De Oliveira. A CONFIGURAÇÃO DE REFERÊNCIA NOS PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA EM PORTUGUÊS * THE CONFIGURATION OF REFERENCE IN THIRD PERSON. v. 22, p. 331–345, 2020. DOI: 10.21680/1517-7874.2020v22n2ID23278.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. MIT Press, 1965. (Special technical report (Massachusetts Institute of Technology. Research Laboratory of Electronics)).v. 119. (Special technical report (Massachusetts Institute of Technology. Research Laboratory of Electronics)). ISSN: 0732118X. ISBN: 0262530074. DOI: 10.1016/0732-118X(86)90008-5.
- CINQUE, G. Italian syntax and universal grammar. 1995.
- CINQUE, G. Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective. 1999. Disponível em:
- CINQUE, Guglielmo. Issues in adverbial syntax. **Lingua**, v. 114, n. 6, p. 683–710, 2004. ISSN: 0024-3841. DOI: 10.1016/S0024-3841(03)00048-2.
- CONTO, Luana De. INTERPRETAÇÃO DE SENTENÇAS COPULARES COM APARENTE FALTA DE CONCORDÂNCIA: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DE CONCORDÂNCIA DE GÊNERO SEMÂNTICO. **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 1, 2016. ISSN: 0102-7158. DOI: 10.25189/RABL.V15I1.46142. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/46142>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- CONTO, Luana De. **Tese é complicado : a leitura de situação em sentenças copulares com concordância não marcada**. 2018. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/58936>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/5051s>. Acesso em: 11 fev. 2019.
- CYRINO, Sonia M. L.; MATOS, Gabriela. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese: a comparative analysis. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 1, n. 2, p. 177, 2002. ISSN: 1645-4537. DOI: 10.5334/JPL.41.
- DANON, Gabi. Nothing to agree on: Non-agreeing subjects of copular clauses in Hebrew. **Acta Linguistica Hungarica**, v. 59, n. 1–2, p. 85–108, 2012. ISSN: 1216-8076. DOI: 10.1556/ALing.59.2012.1-2.4.

- Disponível em: <http://www.akademai.com/doi/abs/10.1556/ALing.59.2012.1-2.4>. Acesso em: 5 jul. 2017.
- DE CONTO, Luana. **The situation reading in copular sentences with agreement mismatch: a derivational problem**. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2015. v. 2 ISSN: 2447-1372. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/7648>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- DE CONTO, Luana. INTERPRETAÇÃO DE SENTENÇAS COPULARES COM APARENTE FALTA DE CONCORDÂNCIA: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DE CONCORDÂNCIA DE GÊNERO SEMÂNTICO. **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 1, 2016. ISSN: 0102-7158. DOI: 10.5380/rabl.v15i1.46142. Disponível em: <http://revistas.ufrpr.br/abralin/article/view/46142>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- DE CONTO, Luana. **TESE É COMPLICADO: A LEITURA DE SITUAÇÃO EM SENTENÇAS COPULARES COM CONCORDÂNCIA NÃO MARCADA**. 2018. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/58936>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- DE CONTO, Luana; CARVALHO, Janayna Maria da Rocha. Sentenças panquecas não têm artigos definidos em português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 64, p. e022013, 2022. ISSN: 2447-0686. DOI: 10.20396/cel.v64i00.8665010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665010>.
- DÉCHAINÉ, Rose-Marie; WILTSCHKO, Martina. Decomposing Pronouns. **Linguistic Inquiry**, v. 33, n. 3, p. 409–442, 2002. ISSN: 0024-3892. DOI: 10.1162/002438902760168554.
- DEMONTE, V.; PÉREZ-JIMÉNEZ, I. **Construcciones partitivas y pseudopartitivas en español: concordancia híbrida y variación en la interfície sintaxis-semántica**. *lineas.cchs.csic.es*. [s.l.: s.n.]. Disponível em: http://www.lineas.cchs.csic.es/lycc/sites/lineas.cchs.csic.es.lycc/files/construcciones_partitivas_y_pseudopartitivas_en_espanol.pdf. Acesso em: 29 set. 2023.
- DEN DIKKEN, Marcel. **Relators and Linkers**. The MIT Press, 2006. ISBN: 9780262271486. DOI: 10.7551/mitpress/5873.001.0001. Disponível em: <https://direct.mit.edu/books/book/1951/relators-and-linkerthe-syntax-of-predication>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- DEN DIKKEN, Marcel. Copular constructions, Move & Agree. 2021. Disponível em: https://easychair.org/publications/preprint_download/k7Zt. Acesso em: 23 nov. 2021.
- DETTONI, R. do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da Baixada Cuiabana-Mato Grosso**. 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_fe95e6b13c2665365e24ee0a53e3f692. Acesso em: 24 fev. 2022.
- DIKKEN, M. Den. Relators and linkers. 2006. Disponível em: <https://www.linguistlist.org/pubs/books/get-book.cfm?BookID=18814>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- DOBROVIE-SORIN, Carmen; BLEAM, Tonia; ESPINAL, M. Teresa. Bare nouns, number and types of incorporation. In: TASMOWSKI, Svetlana Vogeleer; Liliâne (org.). **Non-definiteness and Plurality**. John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 51–80. ISBN: 90 272 3359 4. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/books/9789027293176-la.95.04dob>. Acesso em: 19 maio. 2022.
- DUARTE, MEL. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. **Revista Linguística**, v. 3, n. 1, p. 89–115, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/download/4396/3168>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- ENGER, Hans-Olav. Scandinavian pancake sentences as semantic agreement. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 27, n. 1, p. 5–34, 2004 a. ISSN: 0332-5865. ISBN: 0332-5865. DOI: 10.1017/S0332586504001131.
- ENGER, Hans-Olav. Scandinavian pancake sentences as semantic agreement. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 27, n. 1, p. 5–34, 2004 b. ISSN: 0332-5865. DOI: 10.1017/S0332586504001131. Disponível em: http://www.journals.cambridge.org/abstract_S0332586504001131. Acesso em: 3 jul. 2017.
- ENGER, Hans Olav. The role of core and non-core semantic rules in gender assignment. **Lingua**, v. 119, n. 9, p. 1281–1299, 2009. DOI: 10.1016/J.LINGUA.2009.02.004.
- ENGER, Hans Olav. Scandinavian pancake sentences revisited. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 36, n. 3, p. 275–301, 2013. DOI: 10.1017/S0332586513000280.
- ERNST, Thomas. **The Syntax of Adjuncts**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002. ISBN: 052177134X. Disponível em: www.cambridge.org. Acesso em: 3 nov. 2021.
- ERNST, Thomas. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. **Lingua**, v. 117, n. 6, p. 1008–1033, 2007. ISSN: 00243841. DOI: 10.1016/j.lingua.2005.03.015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384106001276>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- ESPINAL, M. Teresa; CYRINO, Sonia. The Status of De in Romance Indefinites, Partitives and Pseudopartitives*. **Studia Linguistica**, v. 76, n. 1, p. 167–211, 2022. ISSN: 14679582. DOI: 10.1111/STUL.12184.

- FAARLUND, Jan Terje; DE SUTTER, Gert. Embedded clause reduction and Scandinavian gender agreement. **Journal of Linguistics**, v. 13, n. 02, p. 239, 1977. ISSN: 0022-2267. DOI: 10.1017/S0022226700005417. Disponível em: http://www.journals.cambridge.org/abstract_S0022226700005417. Acesso em: 3 jul. 2017.
- FÁBREGAS, Antonio. The internal syntactic structure of relational adjectives. **Probus**, v. 19, n. 1, p. 1–36, 2007. ISSN: 09214771. DOI: 10.1515/PROBUS.2007.001.
- FALCO, Michelangelo; ZAMPARELLI, Roberto. Partitives and Partitivity. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 4, n. 1, 2019. ISSN: 2397-1835. DOI: 10.5334/gjgl.642.
- FOLTRAN, Maria José; RODRIGUES, Patrícia. On denoting abstract entities. **Revista da ABRALIN**, 2013. ISSN: 0102-7158. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1163>. Acesso em: 15 set. 2021.
- FOLTRAN, Maria José; SOUZA, Débora Gandra De. ADVÉRBIOS DE DOMÍNIO: ESCOPO E CONSTITUÊNCIA. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, Brasília, p. 26–33, 2019.
- GRUBER, Bettina. **The Spatiotemporal Dimensions of Person. A Morphosyntactic Account of Indexical Pronouns**. Utrecht University. ISBN: 9789460931239.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Kuqaiya. Cohesion in English. **Cohesion in English**, p. 1–374, 2014. ISBN: 9781317869603. DOI: 10.4324/9781315836010/COHESION-ENGLISH-RUQAIYA-HASAN-HALLIDAY.
- HANKAMER, Jorge; SAG, Ivan. Deep and surface anaphora. **Linguistic Inquiry**, v. 7, n. 3, p. 391–428, 1976. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4177933?casa_token=4L9xROFzZIOAAAAA:o1ntgI0_eRBOtm1M_MVxEwyuES9-iDJZ6Zy7VSBIFv0pssUOua5X16Zs2VtbWmgjfbxetFX5ZVzWgONgxjqXtLF_K4bYMo4XZZh1SgJ2DGoZyQOE2u0E. Acesso em: 16 set. 2023.
- HARLEY, Heidi. The morphology of nominalizations and the syntax of vP. In: RATHERT, MONIKA.; GIANNANKIDOU, Anastasia (org.). **Quantification, Definiteness and Nominalization**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2009. p. 320–342. ISBN: 9780199541089. Disponível em: <https://pure.ulster.ac.uk/en/publications/the-morphology-of-nominalizations-and-the-syntax-of-vp-3>. Acesso em: 9 jan. 2023.
- HARLEY, Heidi; RITTER, Elizabeth. Person and number in pronouns: A feature-geometric analysis. **Language**, v. 78, n. 3, p. 482–526, 2002. ISSN: 00978507. DOI: 10.1353/lan.2002.0158.
- HAUGEN, Tor Arne; ENGER, Hans-Olav. Scandinavian pancake constructions as a family of constructions. **Cognitive Linguistic Studies**, v. 1, n. 2, p. 171–196, 2014. ISSN: 2213-8722. DOI: 10.1075/cogls.1.2.01hau. Disponível em: <http://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/cogls.1.2.01hau>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- HORN, Laurence R. **ON THE SEMANTIC PROPERTIES OF LOGICAL OPERATORS IN ENGLISH**. 1972. University of California, Los Angeles, 1972.
- JOSEFSSON, Gunlög. Peas and pancakes: On apparent disagreement and (null) light verbs in Swedish. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 32, n. 1, p. 35–72, 2009 a. DOI: 10.1017/S0332586509002030.
- JOSEFSSON, Gunlög. Peas and pancakes: On apparent disagreement and (null) light verbs in Swedish. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 32, n. 01, p. 35, 2009 b. ISSN: 0332-5865. DOI: 10.1017/S0332586509002030. Disponível em: http://www.journals.cambridge.org/abstract_S0332586509002030. Acesso em: 3 jul. 2017.
- JOSEFSSON, Gunlög. Pancake sentences and the semanticization of formal gender in Mainland Scandinavian. **Language Sciences**, v. 43, p. 62–76, 2014 a. DOI: 10.1016/J.LANGSCI.2013.10.009.
- JOSEFSSON, Gunlög. Scandinavian gender and pancake sentences: A reply to Hans-Olav Enger. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 37, n. 03, p. 431–449, 2014 b. ISSN: 0332-5865. DOI: 10.1017/S0332586514000286. Disponível em: http://www.journals.cambridge.org/abstract_S0332586514000286. Acesso em: 3 jul. 2017.
- JUDITH N. LEVI. **The syntax and semantics of complex nominals**. [s.l.: s.n.].
- KARIM, JOCINEIDE MACEDO. **A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NO FALAR DA COMUNIDADE DE CÁCERES-MT**. 2004. JOCINEIDE MACEDO KARIM A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NO FALAR DA COMUNIDADE DE CÁCERES-MT Universidade Estadual Paulista - UNESP, Araraquara, 2004.
- Kato, Mary A. **No mundo da escrita-uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo, Ática, 1986.
- KATO, Mary Aizawa. A terceira cópula no português. In: COMUNICAÇÃO NO WORKSHOP DE SINTAXE E SEMÂNTICA 1998, **Anais [...]**. : não publicado, 1998
- KATO, Mary Aizawa. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. **DELTA: Documentação de**

- Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 23, n. spe, p. 85–111, 2007 a. ISSN: 0102-4450. DOI: 10.1590/S0102-44502007000300007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502007000300007&lng=en&tlng=en. Acesso em: 18 jan. 2019.
- KATO, Mary Aizawa. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 2007 b. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502007000300007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 17 jan. 2019.
- KESTER, Ellen-Petra. Adjectival Inflection and the Licensing of Empty Categories in DP. **Source: Journal of Linguistics**, v. 32, n. 1, p. 57–78, 1996. Disponível em: <https://about.jstor.org/terms>. Acesso em: 20 maio. 2022.
- KOCH, Ingedroe G. Villaça. Léxico e progressão referencial. **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**, v. 1, p. 236–276, 2005.
- KRATZER, Angelika. **More Structural Analogies Between Pronouns and Tenses**. In *Semantics and linguistic theory*. 1998. p. 92-110.
- KRATZER, Angelika. Making a pronoun: Fake indexicals as windows into the properties of pronouns. **Linguistic Inquiry**, v. 40, n. 2, p. 187–237, 2009. ISSN: 00243892. DOI: 10.1162/ling.2009.40.2.187. Disponível em: <https://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/ling.2009.40.2.187>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- KREPS, Christian. Another look at small clauses. **Working Papers**, 1994. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.407.4472&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 4 fev. 2019.
- KRIFKA, M.; PELLETIER, FJ; CARLSON, G.; MEULEN, A. Ter. Genericity: an introduction. 1995. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/KRIGAI>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- KURODA, S. Y. The categorial and the thetic judgment: Evidence from Japanese syntax. **JSTOR**, 1972. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/25000656.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2019.
- LANDAU, Idan. On the nonexistence of verb-stranding VP-ellipsis. **Linguistic Inquiry**, v. 51, n. 2, p. 341–365, 2020. DOI: 10.1162/ling_a_00346. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/9052786/>. Acesso em: 28 set. 2023.
- LARSON, Richard K. Bare-NP Adverbs. v. 16, n. 4, p. 595–621, 1985. Disponível em: <https://about.jstor.org/terms>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- LEE, Chungmin. Contrastive topic and proposition structure. *In: Asymmetry in Grammar: Volume 1: Syntax and semantics*. John Benjamins. Amsterdã p. 345–372.
- LEE, Chungmin. Contrastive topic/focus and polarity in discourse. **Where semantics meets pragmatics**, v. 16, n. Current Research in the Semantics/Pragmatics Interface, p. 381–420, 2006 a. Disponível em: https://brill.com/view/book/edcoll/9780080462608/B9780080462608_s019.xml. Acesso em: 27 jun. 2022.
- LEE, Chungmin. CONTRASTIVE (PREDICATE) TOPIC, INTONATION, AND SCALAR MEANINGS. *In: Topic and Focus: Cross-linguistic Perspectives on Meaning and Intonation*. [s.l.] : Springer Netherlands, 2006 b. p. 151–175. DOI: 10.1007/978-1-4020-4796-1_9. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Chungmin-Lee-5/publication/227067985_Contrastive_Predicate_Topic_Intonation_and_Scalar_Meanings/links/59a3518dac2726b90285a42/Contrastive-Predicate-Topic-Intonation-and-Scalar-Meanings.pdf. Acesso em: 27 jun. 2022.
- LIMA, Bruno Ferreira De. **A CARTOGRAFIA DAS EXCLAMATIVAS-WH EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: CATEGORIAS E HIERARQUIAS**. 2020a. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2020. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-1116-5914>. Acesso em: 29 set. 2020.
- LIMA, Bruno Ferreira De. Uma nota sobre o traço de gradatividade: dois tipos de grau em exclamativas-wh do português brasileiro. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 5, n. 1, p. 74–83, 2020 b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/31568>. Acesso em: 27 set. 2020.
- LIMA, Rafael Bezerra De. **ADVÉRBIOS FOCALIZADORES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**. 2006. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.
- LIMA, José Leonildo. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. **Sínteses**, 2008. ISSN: 1981-1314. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/829>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- LOPES, Ícaro de Carvalho Bismarck. **TRAÇO E CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NA CONSTITUIÇÃO DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS**. 2014. UFBA, Salvador, 2014.
- LOPES, Ícaro de Carvalho Bismarck. **TRAÇOS E CONCORDÂNCIA DE GÊNERO EM PORTUGUÊS**.

- Revista Inventário**, v. 0, n. 19, 2016. ISSN: 1679-1347. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/inventario/article/view/18113>. Acesso em: 9 jul. 2018.
- LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., AND RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 295–318. ISBN: 9788523208752. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/p5/pdf/lucchesi-9788523208752.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- MAGALHÃES, TMV. Aprendendo o sujeito nulo na escola. **Letras de Hoje**, 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/NãfO>
<https://www.scimagojr.com/index.php/fale/article/download/14118/9366>. Acesso em: 1 mar. 2022.
- MARQUES, Marina Nishimoto; BASSO, Renato Miguel. Predicados de gosto pessoal em português brasileiro: individual ou stage level predicates? **Revista Letras**, v. 96, n. 0, 2017. ISSN: 2236-0999. DOI: 10.5380/REL.V96I0.51035. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/51035>. Acesso em: 14 jan. 2023.
- MARTIN, Fabienne; CARVALHO, Janayna; ALEXIADOU, Artemis. Predicates of Personal Taste and Pancake Sentences in Brazilian Portuguese and French. In: BRILL (org.). **Disentangling Bare Nouns and Nominals Introduced by a Partitive Article**. 1. ed. Leiden -Boston: BRILL, 2020. p. 140–186. DOI: 10.1163/9789004437500_006. Disponível em: <https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/48299/9789004437500.pdf?sequence=1#page=151>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- MATOS, Francisco Iokleyton Araujo. EXPLORANDO O DOMÍNIO DE ELISÃO EM ELIPSES DE SINTAGMAS PREDICATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 64, p. 5–34, 2019. ISSN: 2176-4794. DOI: 10.9771/ELL.V0I64.33343. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33343>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- MCNALLY, Louise; BOLEDA, Gemma. Relational adjectives as properties of kinds. p. 179–196, 2004. Disponível em: <http://www.cssp.cnrs.fr/eiss5>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- MORENO, Mihaela Marchis. **Relational adjectives in Romance and English: Mismatches at interfaces**. [Cambridge University Press, 2018.. ISBN: 9781108290401. DOI: 10.1017/9781108290401.
- MORO, A.; ANDREA, M. The raising of predicates: Predicative noun phrases and the theory of clause structure. Cambridge University, Cambridge, 1997.
- MÜLLER, Ana. The semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. **Probus: International Journal of Latin & Romance Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 279–299, 2002. Disponível em: [http://www.linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/u87/The Semantics of Generic Quantification in Brazilian Portuguese.pdf](http://www.linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/u87/The%20Semantics%20of%20Generic%20Quantification%20in%20Brazilian%20Portuguese.pdf). Acesso em: 19 jan. 2019.
- MUNARO, Nicola. **Verbless exclamatives across Romance: standard expectations and tentative evaluations**. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics. v.16. DOI: 10.1.1.10.8126. Disponível em: http://arcaold.unive.it/bitstream/10278/202/1/Working_papers_Linguistics_16_2006_fullvolume.pdf#page=183. Acesso em: 18 jan. 2019.
- MUNARO, NICOLA. Verbless predicative structures across Romance. **Journal of Linguistics**, v. 52, n. 03, p. 609–637, 2016. ISSN: 0022-2267. DOI: 10.1017/S0022226715000201. Disponível em: http://www.journals.cambridge.org/abstract_S0022226715000201. Acesso em: 31 jan. 2019.
- NAVARRO, Ana Maria Mattos. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NO DIALETO RURAL PARANA ENSE. In: ANAIS DO 6º ENCONTRO CELSUL - CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL 2004, **Anais [...]**. [s.l: s.n.]
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo, 2000
- NOYER, RR. Features, positions and affixes in autonomous morphological structure. 1992. Disponível em: <https://dspace.mit.edu/bitstream/handle/1721.1/12895/27832072-MIT.pdf?sequence=2>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- NUNES, J. Subespecificação de Traços- ϕ e Hiperlçamento em Português Brasileiro. In: **Diálogos com Ribeiro: Sobre gramática e história da língua portuguesa**. Salvador: Edufba, p. 121–148. Disponível em: https://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/inline-files/08_2.pdf. Acesso em: 8 out. 2023.
- NUNES, Jairo. Direção de Cliticização, Objeto Nulo e Pronome Tônico na Posição de Objeto em Português Brasileiro. 2003.
- NUNES, Jairo; ZOCCA, Cinthia. Lack of morphological identity and ellipsis resolution in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo (org.). **Minimalist essays on Brazilian Portuguese**. Amsterdam / Philadelphia: Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax Edited by Jairo Nunes Universidade de São Paulo John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 215–236. ISBN: 978 90 272 5525 9. Disponível em: <https://www.torrossa.com/gs/resourceProxy?an=5001242&publisher=FZ4850#page=222>. Acesso em: 4 jun. 2023.
- PANAGIOTIDIS, E. Phoevos. **Pronouns, Clitics and Empty Nouns**. Amsterdam: John Benjamins

- Publishing Company, 2002. (Linguistik Aktuell/Linguistics Today).v. 46. (Linguistik Aktuell/Linguistics Today). ISBN: 978 90 272 2767 6. DOI: 10.1075/la.46. Disponível em: <http://www.jbe-platform.com/content/books/9789027297594>. Acesso em: 24 out. 2020.
- PEREIRA, Bruna Karla. Gênero em sentenças copulares no PB: da “discordância” entre sujeito e predicativo para a concordância entre adjetivo e silent noun. **periodicos.unb.br**, 2020 a. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/33957>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- PEREIRA, Bruna Karla. CHECAGEM DE TRAÇOS DE GÊNERO NO INTERIOR DO DP PÓS-CÓPULA. In: ANAIS DO XXXV ENANPOLL 2020b, **Anais [...]**. [s.l: s.n.] p. online. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0553-1.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- PERELTSVAIG, Asya. Small Nominals. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 24, n. 2, p. 433–500, 2006. ISSN: 0167-806X. DOI: 10.1007/s11049-005-3820-z. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11049-005-3820-z>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- PINHEIRO, C. DA S AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA EM SCLS OU CONCORDÂNCIA COM ELEMENTO FONETICAMENTE NÃO REALIZADO? In: III Encontro de Gramática Gerativa, 2021, Salvador. III Encontro de Gramática Gerativa: homenagem a Sônia Cyrino e Eugênia Duarte (Resumo das Comunicações), 2021. p. 17-18. Disponível em < https://drive.google.com/file/d/1OD_pGaFM1QxEv5gOF84twQsrKcewNJfe/view?usp=sharing > Acesso em 07 de novembro de 2022.
- PINHEIRO, C. DA S Visualizando (ou não) a marca de concordância de gênero no predicado de sentenças copulares SCLs: o que a ausência do morfema de gênero no predicado pode representar nas sentenças copulares. In XXVI Seminário de Teses em Andamento (SETA), (Comunicações Oraís) IEL, UNICAMP, 2022
- PINHEIRO, Christine da Silva. **SMALL CLAUSES LIVRES: BEM DIFERENTES, ESSAS SENTENÇAS!** 2019. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2019. DOI: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/334288>. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/334288>. Acesso em: 29 set. 2020.
- PINHEIRO, C. DA S **Miniorações livres com gênero discordante no Português Brasileiro: similaridades e heterogeneidades com o Hebraico e o Escandinavo.** In 65º Seminários do Gel, Assis, 2017.
- POSTAL, Paul. **On So-Called “Pronouns” in English** Paul Postal. 1966. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/On-So-Called-“-Pronouns-”-in-English-Paul-Postal-1-Postal/5f5500dad4c7fdf122cbe30039d6cc7786194f1b>. Acesso em: 1 out. 2020.
- PREMINGER, Omer. **Agreement and its failures.** Cambridge, MA: MIT Press, 2014. ISBN: 9780262027403.
- PUSTET, R. Copulas: Universals in the Categorization of the Lexicon. OUP Oxford 2003.
- RAPOSO, Eduardo; URIAGEREKA, Juan. Two Types of Small Clauses: (Towards a Syntax of Them/Rheme relations). In: **Syntax and semantics**. Brill. v. 28p. 179–206.
- REICHENBACH, HANS. The tenses of verbs. In: **Elements of Symbolic Logic**. [s.l: s.n.]. p. 287–298. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110227185/pdf#page=23>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- RITTER, Elizabeth. On the syntactic category of pronouns and agreement. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 13, n. 3, p. 405–443, 1995. ISSN: 0167-806X. DOI: 10.1007/BF00992737. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/BF00992737>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- RODRIGUES, Patrícia;; FOLTRAN, Maria José. Concordância em construções copulares do português brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 477–488, 2014. Disponível em: <http://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/453>. Acesso em: 11 fev. 2019.
- RODRIGUES, Patrícia; FOLTRAN, Maria José. Small nominals in Brazilian Portuguese copular constructions. **Journal of portuguese linguistics**, v. 2, n. 1, p. 129–147, 2015 a. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.60>. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/5636/galley/10865/download/>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- RODRIGUES, Patrícia; FOLTRAN, Maria José. Construções de small clauses complexas em português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, v. 42, n. 1, p. 497–511, 2013. ISSN: 1413-0939. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1124>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- RODRIGUES, Patrícia; FOLTRAN, Maria José. Small Nominals in Brazilian Portuguese Copular Constructions. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 14, n. 1, p. 129, 2015 b. ISSN: 2397-5563. DOI: 10.5334/jpl.60. Disponível em: <http://jpl.letras.ulisboa.pt/article/10.5334/jpl.60/>.
- RULLMAN, Hotze. First and Second Person Pronouns as Bound Variables. **Linguistic Inquiry**, v. 35, n. 1, p. 159–168, 2004. ISSN: 0024-3892. DOI: 10.1162/ling.2004.35.1.159. Disponível em: <https://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/ling.2004.35.1.159>. Acesso em: 9 nov. 2020.

- RULLMANN, Hotze. **Bound-Variable Pronouns and the Semantics of Number**. [s.l.: s.n.].
- SATO, Yosuke. Argument ellipsis in Colloquial Singapore English and the Anti-Agreement Hypothesis1. *Journal of Linguistics*, v. 50, n. 2, p. 365-401, 2014.
- SCHLENKER, P. **Indexicality and De Se Reports** v. 2, p. 1561-1604,. Disponível em: http://schlenke.free.fr/Indexicality_and_De_Se.pdf. Acesso em: 22 jan. 2021.
- SIBALDO, Marcelo Amorim. **A SINTAXE DAS SMALL CLAUSES LIVRES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**. 2009. Universidade Federal de Alagoas, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/532>.
- SIBALDO, Marcelo Amorim. Sobre a Estrutura Interna das Small Clauses Livres do Português Brasileiro. v. 40, n. 1988, p. 231–240, 2011.
- SIBALDO, Marcelo Amorim. Free Small Clauses of Brazilian Portuguese as a TP-Phase. *In:* (ed. Jennifer Cabrelli Amaro et al, Org.)SELECTED PROCEEDINGS OF THE 16TH HISPANIC LINGUISTICS SYMPOSIUM, 2013, Somerville, MA: **Anais [...]**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2013 p. 324–337.
- SIBALDO, Marcelo Amorim. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DUAS SENTENÇAS EXCLAMATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO. *Gragoatá*, v. 21, n. 40, 2016. ISSN: 23584114. Disponível em: <http://gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/381>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- SIQUEIRA, ALANE LUMA SANTANA. **A CONCORDÂNCIA DE GÊNERO EM CONSTRUÇÕES PREDICATIVAS ADJETIVAS COM O VERBO SER NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**. 2017. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. ISBN: 2013206534.
- SLEEMAN, Petra. **Licensing Empty Nouns in French**. 1996. Netherlands, 1996.
- SOUSA, LÍLIAN TEIXEIRA DE. ELIPSE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO ELLIPSES IN BRAZILIAN PORTUGUESE. *CUADERNOS DE LA ALFAL*, v. 12, n. 2, p. 430–447, 2020. ISSN: 2218-0761.
- SOUZA, Elizete Maria De. **Sujeitos de Referência Arbitrária: uma classe homogênea?** 2013. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9C2LHG>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- TAVEIRA DA CRUZ, Ronald. Small clauses como IPS. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 49, n. 1, p. 65–78, 2007. ISSN: 2447-0686. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637247/4969>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- TEIXEIRA, Zenaide Dias. **Propriedades sintáticas e semânticas dos advérbios no Português brasileiro**. 2015. Universidade de Brasília, 2015. DOI: 10.26512/2015.03.T.18679. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18679>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- TESCARI NETO, Aquiles. **On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study**. 2012. Università Ca' Foscari, Venezia, 2012. Disponível em: http://dspace.unive.it/bitstream/handle/10579/3078/Aquiles_Tescari_Neto_PhD_Dissertation_Università_Ca%27_Foscari_di_Venezia.pdf?sequence=3. Acesso em: 3 nov. 2021.
- TESCARI NETO, Aquiles. Da posição do verbo temático em cinco variedades ibéricas. **Revista de Estudos dah.ebscohost.com**, v. 27, n. 2, 2019 a. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&profile=ehost&scope=site&authtype=crawler&jrnl=101040588&AN=135318230&h=b1ctBxNYevJqQgypeXIYJ2fIISNHkVtMXSj7oUyx2ELFzgfA7Q83aNtg0W3hG3srEDIJKiLb9XWt1GxSRtw%3D%3D&url=c>. Acesso em: 8 out. 2023.
- TESCARI NETO, Aquiles. Advérbios e o movimento do verbo. **Fórum Linguístico**, v. 16, n. 1, p. 3563–3578, 2019 b. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n1p3563>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/59295>. Acesso em: 8 out. 2023.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. [s.l.] : EDUFU, 2016. ISBN: 9786558240143. DOI: 10.7476/9786558240143. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/jm3g9>. Acesso em: 27 out. 2021.
- URIAGEREKA, Juan. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance. *Linguistic inquiry*, v. 26, n. 1, p. 79-123, 1995.
- WECHSLER, Stephen. The Structure of Swedish Pancakes. *In:* HOFMEISTER, PHILIP AND NORCLIFFE, Elisabeth (org.). **The Core and the Periphery: Data-Driven Perspectives on Syntax Inspired by Ivan A. Sag**. Stanford, CA: CSLI Lecture Notes . Centre for the Study of Language and Information, 2013. p. 71–98. ISBN: 9781575867212. Disponível em: <https://sites.google.com/site/wechslerpublications/publication-downloads/Pancakes-Wechsler-CSSP-Slides.pdf?attredirects=0>.
- WHITEHEAD, Alfred North; RUSSELL, Bethrand-. **Principia mathematica**. 2ª ed., London. Disponível em: <http://www.metheor.ulg.ac.be/doc/atelierprincipia.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- ZANUTTINI, Raffaella; PORTNER, Paul. Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface. **Language**, v. 79, n. 1, p. 39–81, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/4489385.pdf?refreqid=excelsior%3A50d61fc9b64161a93597c0b750ec2c2e>.

Acesso em: 20 jan. 2019.

ZENDRON DA CUNHA, Karina. **Sentenças Exclamativas Em Português Brasileiro : Padrão Entoacional E Sintaxe**. 2011. Universidade Federal Do Paraná, 2011.

ZENDRON DA CUNHA, Karina. **Sentenças exclamativas em português brasileiro: um estudo experimental de interface**. 2016a. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172264>.

ZENDRON DA CUNHA, Karina. Sintaxe e Entoação das Small Clauses Livres e das Sentenças Exclamativas-wh: um estudo experimental. **Working Papers em Linguística**, v. 17, n. 1, p. 119–142, 2016 b. ISSN: 1984-8420. DOI: 10.5007/1984-8420.2016V17N1P119. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2016v17n1p119>. Acesso em: 18 set. 2023.

ZENDRON DA CUNHA, Karina; CARPES, Daise Ribeiro Pereira. Small clauses livres e sentenças clivadas: comportamento entoacional e sintaxe. **Diadorim**, v. 2, n. 17, p. 107–125, 2015. DOI: 10.17074/1980-2552.2016n17v2p(107).

ZOCCA, Cynthia Levart. **O que não está lá: Um estudo sobre morfologia flexional**. 2003. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em:

<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=494081>. Acesso em: 16 set. 2023.